



ANO 2008

VOL. 195

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS

JANEIRO A JUNHO DE 2008
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2008

Presidente: *Cícero Sandroni*

Secretário-Geral: *Ivan Junqueira*

Primeiro-Secretário: *Alberto da Costa e Silva*

Segundo-Secretário: *Nelson Pereira dos Santos*

Diretor-Tesoureiro: *Evanildo Cavalcante Bechara*

Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*

Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*

Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*

Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*

Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Produção editorial e Organização dos Anais da ABL: *Monique Cordeiro Figueiredo Mendes*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2.º semestre de 2009)

ISBN I677-7255

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas
opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa

Víctor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Revisão

Jane Rodrigues dos Santos

SUMÁRIO

- Sessão do dia 06 de março de 2008. 9
História da Literatura Brasileira, de Carlos Nejar – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 13 de março de 2008. 21
Biblioteca Indisciplinada – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 19 de março de 2008. 30
Carta da Universidade de Oxford
Dia da Justiça – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
José Manuel Durão Barroso – *Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça*
- Sessão do dia 27 de março de 2008. 49
Razões do acordo ou o destino do português – *Carlos Reis*
- Sessão do dia 3 de abril de 2008 64
Luís Viana Filho – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
Visita a Zélia Gattai Amado – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 10 de abril de 2008 81
Oliveira Viana – *Estudo do Acadêmico Antonio Olinto*
Concessão de Medalha João Ribeiro – *Proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho*

- Sessão do dia 17 de abril de 2008 92
Josué Montello – *Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho*
Nélida Ensaísta – *Antonio Olinto*
Nélida Piñon – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 24 de abril de 2008 109
Conferência Internacional – *Comunicado da Academia Brasileira de Letras na Conferência Internacional de Lisboa*
Sindicato de Jornalistas Profissionais – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 30 de abril de 2008 125
A brasilidade de José Veríssimo – *Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier*
Gibran Khalil Gibran – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*
- Sessão do dia 8 de maio de 2008 137
Álvares de Azevedo – *Estudo do Acadêmico Tarcísio Padilha*
Libertem a Língua – *Boaventura de Sousa Santos*
Jornalismo é história – *Moacyr Seliar*
História que a Cecília Contava, de Maria Selma, Ana Emília e José Murilo de Carvalho (orgs.) – *Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado*
- Sessão do dia 15 de maio de 2008 160
Manifesto contra o acordo ortográfico – *Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara*
A luta de um educador – *Antonio Olinto*
- Sessão do dia 21 de maio de 2008 175
Sessão de saudade dedicada à memória da acadêmica Zélia Gattai –
Sessão do dia 21 de maio de 2008
- Sessão do dia 29 de maio de 2008 207
Recordando Geraldo França de Lima – *Palavras do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho*
Os rios da vida – *Marcos Vinícios Vilaça*

80 anos de Cândido Mendes de Almeida – *Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo*
 Anarquista, graças a Deus – *Marco Maciel*

– Sessão do dia 5 de junho de 2008226

– Sessão do dia 12 de junho de 2008236

O senhor do mundo – *Estudo do Acadêmico Antonio Olinto*

Pesar no Senado Federal – *Palavras do Acadêmico José Sarney*

Academia Tocantinense de Letras – *Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho*

– Sessão do dia 19 de junho de 2008248

BOLETINS DE INFORMAÇÃO253

SESSÃO DO DIA 06 DE MARÇO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram *presentes* os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni iniciou a sessão com votos de boas-vindas a todos os Acadêmicos. Submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 13 de dezembro de 2007, aprovada por unanimidade. Solicitou uma salva de palmas para os Acadêmicos aniversariantes do mês de fevereiro: Lêdo Ivo, dia 18; Sergio Paulo Rouanet, dia 23; e Evanildo Bechara, dia 26.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara pediu uma salva de palmas para o Presidente Cícero Sandroni, que aniversariou no dia 26 de fevereiro.
- O Presidente agradeceu ao Plenário a confiança demonstrada na nova Diretoria, na sua capacidade de tocar os trabalhos do ano de 2008 e espera corresponder com muito empenho. Deu ciência ao Plenário do princípio de

incêndio que ocorreu no painel de controle dos elevadores do Palácio Austregésilo de Athayde, ocorrido no dia 12 de fevereiro, debelado rapidamente pela Brigada de Incêndio. Salientou que, nos dois meses de recesso, a Academia trabalhou intensamente no sentido de preparar o Ano Acadêmico de 2008, pleno de efemérides literárias e históricas, dando ênfase às comemorações do Centenário de Morte de Machado de Assis. Todas as atividades referentes a esta efeméride estão reunidas sob o título Machado Vive. Em relação aos problemas administrativos e financeiros da Casa, salientou que, no exame feito pela Diretoria, os prédios da herança de Francisco Alves, que este ano completa 160 anos de nascimento, estão em péssimas condições, necessitando de obras para que possam ser alugados. Atualmente, esses prédios rendem uma média de R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais) por mês. Sobre o corredor cultural, a ABL começou uma reforma de seus prédios, o que foi exigido pela senhora Maria Helena McLaren, por ser este corredor tombado pelo Patrimônio Histórico. Informou ao Plenário que a Engepred já tem clientes interessados em alugar os galpões da ABL, no valor mais ou menos de R\$ 12.000,00 (doze mil reais) cada um. Sobre o Solar da Baronesa, que é um problema crônico, informou que o Reitor da Universidade Norte Fluminense mostrou-se muito interessado em retomar o comodato que havia na época do Acadêmico Darcy Ribeiro, o que seria uma solução para o Solar. Registrou que o Mausoléu da Academia está com uma grande infiltração e que vai ser necessário construir um canaleta para o desvio das águas pluviais e a impermeabilização do mesmo. Em relação à reforma do Palácio *Petit Trianon*, cujo patrocínio foi obtido pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça, a Academia recebeu o aporte no Banco Itaú no valor de R\$ 421.000,00 (quatrocentos e vinte e um mil reais). A obra total é de 1.000.314,00 (um milhão, trezentos e quatorze mil reais). Registrou que a Academia só vai começar a obra quando tiver o valor total. No dia 20 de junho será inaugurada a exposição “Machado Vive”, que ocupará todos os locais livres, desde o pátio até o Espaço Machado de Assis e as Bibliotecas. Para tanto serão utilizadas verbas já aprovadas na CNIC, patrocinadas pelo BNDES e uma parte da dotação da Petrobras para a Biblioteca Rodolfo Garcia. A Academia não terá despesas orçamentárias. Deu ciência de que no

mês de fevereiro, por solicitação do Embaixador Jerônimo Moscardo, Presidente da Fundação Alexandre Gusmão, a Academia Brasileira de Letras destinou novecentos volumes da Coleção Acadêmica ao Itamaraty. Foram divididos em séries de trinta livros, cada um, compondo coleções que serão enviadas a trinta embaixadas brasileiras no exterior e estarão à disposição de pesquisadores e estudantes. Informou ainda que, atendendo a convite da Rede Globo de Televisão, visitou, no dia 9 de janeiro, as instalações dos estúdios da TV Globo. Comunicou que, em companhia do Assessor de Imprensa da ABL, Dr. Antônio Carlos Athayde, esteve em visita ao jornal *Folha de S. Paulo*, onde foi recebido num almoço pelo jornalista Octávio Frias Filho. Registrou que visitou também o Acadêmico João de Scantimburgo, que saiu de uma internação e passa bem. Informou que, até o fim de mês de março, estará instalado o Sistema Prosoft de Gestão Administrativa, que vem da administração do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Com este sistema, a administração terá condições de fazer por meio do computador uma gestão financeira, tratamento de informações gerenciais e o gerenciamento de todos os tributos. Sobre a Biblioteca Rodolfo Garcia disse que, de junho de 2006 a julho de 2007, esse setor foi financiado, em grande parte, (cerca de 90%), pela Petrobras. Na renovação do patrocínio, entretanto, vários fatores contribuíram para o atraso da aprovação na CNIC; mesmo assim, a Petrobras só aprovou uma parte do montante pedido, no valor de R\$ 643.151,20 (seiscentos e quarenta e três mil, cento e cinqüenta e um reais e vinte centavos), que ainda não foi liberado em virtude de problemas burocráticos, mas o processo está em fase de solução. Desde então, a Biblioteca tem sido financiada pelos juros dos investimentos, mas estes, com a atual política monetária, são cada vez menores e, diante da situação, a Academia foi obrigada a dispensar uma funcionária e repensar o quadro de pessoas e despesas com o objetivo de manter a Biblioteca em atividade. Sobre as publicações da ABL, registrou que a impressão dos *Anais da Academia Brasileira de Letras* está prevista para setembro deste ano. Deu ciência à Casa de que a Academia conseguiu uma verba da Caixa Econômica Federal para a confecção da *Revista Brasileira e Discursos Acadêmicos*, Tomo IV, e o *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado. Informou ainda que sairá este ano, no dia 29 de setembro,

o *Epistolário de Machado de Assis*, volume I, por ocasião do centenário de sua morte. Informou ao Plenário que o *Índice Analítico do Léxico de Machado de Assis* também sairá este ano, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Bechara, além de *Curiosidades Verbais*, de João Ribeiro, e *Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Said Ali. Ainda na área da lexicografia, a Academia publicará o *Vocabulário da Língua Portuguesa*, na sua quinta edição, que está sendo revista e será apresentado de uma forma que atenderá aos ditames do acordo e continuará o projeto “ABL Responde”. Registrou o lançamento, ainda este ano, dos livros *Os Melhores Contos e Crônicas de Artur Azevedo*, em coedição com a Editora Global, *As Cartas ao Amigo Ausente*, de José da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco e *O Lar e Hóspede*, de Pardal Malet. Além disso, há uma idéia de se fazer uma edição fac-similar de *Esau e Jacó*, baseado nos originais que estão na Casa. Esclareceu que a Casa recebeu o valor de 1.000.000,00 (um milhão de reais), que ajudarão nas comemorações do centenário de Machado de Assis, a serem realizadas no Teatro R. Magalhães Jr., como os ciclos de conferências. Sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, a Academia vai comemorar os 400 anos de nascimento do Padre Antônio Vieira com duas mesas-redondas, das quais participarão especialistas como Alcir Pécora, João Adolfo Hansen, Marco Lucchesi e Luiz Felipe Baeta Neves na primeira, e, na segunda, Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar. Os 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil terão um ciclo coordenado pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Alberto da Costa e Silva. Haverá quatro conferências sobre o Centenário de Guimarães Rosa; quatro conferências com Efemérides Acadêmicas, isto é, Acadêmicos que completam cem anos de nascimento, como Octavio de Faria, Luiz Viana Filho e de falecimento como Artur Azevedo, e sobre a Imprensa Régia, que completa 200 anos, haverá duas conferências. Na parte que cabe a Machado de Assis, haverá uma programação de cinema na Academia Brasileira de Letras, organizada pelo Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, ocasião em que serão exibidos onze filmes baseados nas obras de Machado de Assis; o primeiro, no dia 7 de maio, quarta-feira, às 18h30min, “Um Apólogo – Machado de Assis”, com comentário de Lúcia Miguel-Pereira, narração de Roquete Pinto e direção de Humberto Mauro, abrirá este ciclo. Na parte de

teatro, a Academia programou dez apresentações, no Teatro R. Magalhães Jr. da peça “Carolina”, espetáculo sugerido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva e que já foi apresentada no Centro Cultural do Banco do Brasil. Há também a idéia de fazer junto com a atriz Fernanda Montenegro, interpretando Carolina, um monólogo baseado no livro do Acadêmico Domício Proença Filho. Sobre Machado, teremos Pedro Paulo Rangel, que vem fazer duas apresentações: uma lendo as crônicas de Machado, uma seleção feita pelo Acadêmico Ivan Junqueira, e outra no seminário sobre Vieira, quando lerá o Sermão da Quadragésima da Quarta-Feira de Cinzas. Os concertos na ABL, em número de dez, incluirão as músicas que Machado de Assis ouviu, tentando reproduzir, em alguns concertos, o programa do Clube Beethoven. A ABL fará um documentário sobre Machado de Assis, sob a orientação de Nelson Pereira dos Santos, que irá contar a vida de Machado de Assis, com narração de Otton Bastos e participação de alguns Acadêmicos, para explicar vários aspectos da vida de Machado. Este filme será exibido não apenas na Academia. Naquilo que chamamos do grande esplendor do Ano Machado de Assis, haverá a exposição que a Casa pretende fazer, ocupando todo o espaço livre, começando pela estátua do grande presidente, passando pelo pátio, onde haverá grandes painéis mostrando a figura de Machado, desde a juventude até a velhice. Para essa exposição, foi solicitado o orçamento de uma empresa especializada, que pediu R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais). A Diretoria resolveu então realizar o evento com o pessoal da Casa e os recursos já obtidos. Nada sairá do orçamento da Academia. Anunciou que esta exposição será inaugurada no dia 20 junho, uma sexta-feira, talvez com a presença do Ministro Gilberto Gil, que manifestou o desejo de aqui comparecer. O Presidente, prosseguindo, informou que todos os Acadêmicos receberam uma cópia da resposta do Ministério da Educação, datada de 25 de fevereiro de 2008, de um ofício enviado pela Academia, ainda na presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Esta resposta demorou cinco anos para ser dada. Indagou se o plenário tem alguma idéia a respeito do assunto. Continuando, o Presidente lembrou que neste ano comemoram-se os 160 anos do nascimento do benemérito da Academia, o livreiro Francisco Alves de Oliveira. Informou que a UERJ estará promovendo a celebração

desta efeméride com um congresso de pesquisadores da indústria editorial no Brasil, e vai preparar um livro sobre Francisco Alves, que já conta com algumas colaborações. Solicitou à Academia uma coedição para este livro, bem como a participação de acadêmicos que queiram escrever sobre esse homem que foi quem concedeu os primeiros recursos para que esta Casa pudesse funcionar. Foi informado de que o Prof. Mindlin será convidado, a participar, como paraninfo, deste congresso de pesquisadores de livro, de livreiros e editoras, que a UERJ promoverá no Rio de Janeiro, com a colaboração da Universidade de São Paulo e da EDUSP. Informou que as assessoras Miriam Jacobson e Miriam Gama, ainda na gestão do Presidente Marcos Vilaça, foram encarregadas de fazer um levantamento de brasilianistas em Universidades e Institutos, em mais de trinta países. Foram listados mais de seiscentos Centros, Cátedras e Leitorados de Português do Brasil, que estarão disponibilizados no Portal da Academia na Internet, não só para os Acadêmicos como também para os que acessam este site. Disse a seguir que, na visita recente que fez à *Folha de S. Paulo*, Otávio Frias Filho ofereceu o livro *Primeira Página – Uma Viagem pela História do Brasil e do Mundo nas 223 Mais Importantes Capas da Folha desde 1921*, que passou à Biblioteca Rodolfo Garcia.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, com relação às efemérides, lembrou três datas importantes que merecem ser assinaladas: o centenário de fundação da Associação Brasileira de Imprensa, a 7 de abril; o centenário de Josué de Castro, por considerar Geopolítica da Fome um tema sempre atual, e o centenário do escritor gaúcho Cyro Martins, um renovador do gauchismo.
- O Presidente assinalou que para celebrar o centenário de fundação da ABI será feita uma mesa-redonda, no dia 3 de abril, às 17h30min. Deteve-se sobre organização desta mesa. A programação já foi feita e os Acadêmicos terão conhecimento dela com antecedência.
- O Acadêmico Carlos Nejar sugeriu que fosse feita para cada Acadêmico uma cópia da relação dos brasilianistas.
- O Acadêmico Antonio Olinto, em nome da Comissão da Prefeitura, informou que, no próximo dia 12, Dia do Bibliotecário, estará lançando “O Ano

de Machado de Assis”, na Biblioteca Estadual da Presidente Vargas, ocasião em que falará sobre Machado de Assis, de Helena a Capitu. Em seguida, haverá, em trinta e cinco bibliotecas da cidade, conferências sobre Machado de Assis. Acrescentou que pensaram em coisas diferentes, como o cordel, e mandaram fazer um Cordel de Machado de Assis, com o conhecido cordelista Chico Sales, que será lançado em São Cristóvão. Informou, ainda, que estão preparando, com o Prefeito César Maia, um lançamento para a Biblioteca Popular Machado de Assis, que está passando por uma reforma e em julho será reaberta com uma conferência sua seguida por outra de Artur da Távola. Declarou que isso mostra que há toda uma faixa de trabalho, incluindo a leitura de poemas de Machado de Assis na Barca Rio-Niterói. A Prefeitura dispõe de 1.160 escolas municipais, com sala de leitura. Na oportunidade, convidou a todos para a sua conferência na próxima terça-feira na Biblioteca Estadual da Presidente Vargas.

- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se a reedição do livro de R. Magalhães Jr., *Vida e Obra de Machado de Assis*, figura no Ano Machado de Assis.
- O Presidente comunicou que *Vida e Obra de Machado de Assis*, de R. Magalhães Jr., em quatro volumes, vai ser lançado pela Civilização Brasileira, assim como *Machado Desconhecido* e *Ao Redor de Machado de Assis*, ambos do mesmo autor.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet solicitou ao Presidente que, por seu intermédio, fosse feito um pedido muito especial à Civilização Brasileira para, nessa edição especial, incluir um índice onomástico.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho declarou ter ouvido com toda a atenção o programa de conferências e mesas redondas. Elogiou o trabalho da Diretoria e da Presidência, mas, na série de conferências sobre Machado de Assis, a seu ver, ocorre uma falha, porque não há nenhuma conferência ligando Machado de Assis à Academia. Tem-se a impressão de que ele não foi um dos fundadores e o primeiro presidente desta Casa. Acrescentou, ainda, que segundo Joaquim Nabuco, se Machado de Assis não tivesse sido Presidente, a Academia teria acabado. A seu ver, isto precisa ser reparado.

- O Presidente Cícero Sandroni acentuou que a Diretoria se baseou no trabalho da Comissão Machado de Assis, que apresentou essas conferências. Considera que o Acadêmico Alberto Venancio Filho tem toda razão, pela importância que Machado de Assis tem como Presidente e como consolidador da Academia. Declarou que esse programa não está ainda totalmente definido e certamente a Diretoria encontrará um momento para incluir uma conferência sobre “Machado de Assis e a Academia”.
- O Acadêmico Moacyr Scliar sugeriu ainda “Machado de Assis na Escola”.
- O Presidente esclareceu que haverá uma palestra sobre “Machado de Assis e a Educação”.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida considera que há uma dimensão a ser analisada que é “Machado de Assis e a consciência nacional”, grande preocupação de Alceu Amoroso Lima. Acha que o estudo seminal dele dentro dessa linha e o que significa a reflexão de Machado de Assis sobre a própria realidade brasileira emergente. Gostaria de que esse tema fosse pensado também num conjunto tão esplêndido como a Comissão programou.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre o livro do Acadêmico Carlos Nejar, *História da Literatura Brasileira*, que começa com a Carta Fundadora de Pero Vaz de Caminha, As Arcádias, o primeiro e o segundo Romantismos brasileiros, passando por Machado de Assis, Lima Barreto, o Parnasianismo, os pré-simbolistas, o Realismo de Aluísio Azevedo e o Naturalismo de Júlio Ribeiro, a presença de Euclides da Cunha, Coelho Neto, Rui Barbosa, Raul Pompéia, os pré-modernistas, os poetas do Modernismo, até chegar a Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, o romance de 30 e o Realismo mágico da ficção. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Carlos Nejar agradeceu a análise fraterna do Acadêmico Murilo Melo Filho. Acrescentou que houve apenas um lapso no que tange a Ivan Junqueira, porque ele é da sua geração e constará de um segundo volume. Disse ainda que um livro desses, com um ou outro erro gráfico, será aperfeiçoado na segunda edição. Sensibilizado agradeceu, mais uma vez, a lembrança do seu confrade.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho indagou se já existe alguma decisão sobre o Concurso Machado de Assis.
- O Presidente Cícero Sandroni deu conhecimento ao plenário de que o Acadêmico José Murilo de Carvalho sugeriu a realização de um concurso para alunos de ensino médio em torno da figura de Machado de Assis. A sugestão foi muito bem acolhida pela Diretoria e formulou-se um pequeno regulamento que será distribuído aos Acadêmicos, que verão a necessidade e a oportunidade desse concurso. Em relação ao apoio, disse que já conversou com jornalistas da *Folha Dirigida*, jornal com grande circulação no âmbito de estudantes e que se propôs a apoiar a iniciativa. Comunicou, ainda, que existe uma verba para fazer o Concurso Machado de Assis. É uma idéia aprovada e tem certeza de que dará grande relevo às celebrações de Machado de Assis na Academia. Lembrou que a abertura do Ano Cultural Acadêmico será realizada na terça-feira, dia 11, com conferência do Prof. Leslie Bethell sobre “1808: o início do império informal britânico no Brasil”, no âmbito do I.º Ciclo de Conferências sobre os “200 anos da chegada da Família Real no Brasil”, coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho. A seguir, declarou que por sugestão, muito bem-vinda, da Acadêmica Ana Maria Machado, de anunciar logo na primeira sessão as Comissões dos Prêmios Literários de 2008, passou a palavra ao Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira para fazê-lo, assim como apresentar sugestões de nomes para compor a Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes.
- A Acadêmica Ana Maria Machado esclareceu que a sua sugestão era de que fossem apresentados nessa primeira sessão os membros do júri que iriam julgar os livros publicados em 2008 para serem premiados em 2009. A seu ver, ficou faltando um júri no meio, ou esse tem um mandato de dois anos.
- O Acadêmico Ivan Junqueira esclareceu que para proceder às nomeações com essa antecipação, o ideal seria que as Comissões fossem nomeadas pelo menos no fim do ano, a fim de que se fizesse o julgamento da produção daquele mesmo ano. Para que isso fosse feito, teria que se alterar o Regimento

Interno da ABL. E essa alteração regimental não pôde ser feita a tempo. De maneira que as comissões vão examinar as obras publicadas em 2007 e conferir o Prêmio em 2008. O Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, passou então a nomear as comissões dos Prêmios Literários de 2008, assim constituídas: PRÊMIO MACHADO DE ASSIS – Para conjunto de obras: Marcos Vinícios Vilaça, Nélide Piñon, Ana Maria Machado, Alfredo Bosi e Moacyr Scliar; PRÊMIO ABL – POESIA: Carlos Nejar, Alberto da Costa e Silva e Antonio Carlos Secchin; PRÊMIO ABL – FICÇÃO: Romance, Teatro e Conto: Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles e João Ubaldo Ribeiro; PRÊMIO ABL – ENSAIO: Candido Mendes de Almeida, Sergio Paulo Rouanet e Affonso Arinos de Mello Franco; PRÊMIO ABL – LITERATURA INFANTO-JUVENIL: Arnaldo Niskier, Antonio Olinto e Murilo Melo Filho; PRÊMIO ABL – TRADUÇÃO: Sábato Magaldi, Ivan Junqueira e Evanildo Cavalcante Bechara; PRÊMIO ABL – HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS: Alberto Venancio Filho, José Murilo de Carvalho e Celso Lafer; PRÊMIO ABL – CINEMA: Carlos Heitor Cony, Nelson Pereira dos Santos e Domício Proença Filho; PRÊMIO FRANCISCO ALVES – Monografia: a) sobre o ensino fundamental no Brasil; ou b) sobre a língua portuguesa: Arnaldo Niskier, Evanildo Cavalcante Bechara e Domício Proença Filho. Sugeriu, a seguir, os nomes para compor a Comissão do PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES: Eduardo Portella, João de Scantimburgo, Tarcísio Padilha, Hélio Jaguaribe e José Mindlin.

- O Presidente agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a sessão.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA,
DE CARLOS NEJAR

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Durante o nosso recesso, foi lançado nas livrarias o livro *História da Literatura Brasileira*, do nosso estimado colega Carlos Nejar.

Trata-se de uma obra de 550 páginas, que começa com a Carta Fundadora de Pero Vaz de Caminha, as Arcádias, o primeiro e o segundo Romantismo brasileiro, passando por Machado de Assis, Lima Barreto, o Parnasianismo, os pré-simbolistas, o Realismo de Aluísio Azevedo, o Naturalismo de Júlio Ribeiro, a presença de Euclides da Cunha, Coelho Neto, Rui Barbosa, Raul Pompéia, os pré-Modernistas, os poetas do Modernismo, até chegar a Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, o romance de 30 e os mágicos da ficção, os nossos confrades: João Cabral, Lêdo Ivo, Carlos Heitor Cony, Ivan Junqueira, Eduardo Portella, Arnaldo Niskier, Sergio Paulo Rouanet, Antonio Carlos Secchin, Alberto da Costa e Silva, entre outros.

* Proferidas na sessão do dia 6 de março de 2008.

Trata-se também de um exaustivo trabalho de pesquisas e de compilação, realizado durante vários anos, em que o Autor se debruçou sobre a obra dos principais intelectuais brasileiros. Ao longo destes cinco séculos da nossa arte poética, do nosso ensaio e do nosso romance.

Nesse trabalho, Carlos Nejar anuncia que “desaloja conceitos, desconstrói mitos, revisita escritores e preconiza rumos, corrigindo injustiças e reposicionando cânones, com destemor socrático e fidelidade à verdade crítica”.

Este livro *História da Literatura Brasileira*, do nosso confrade Carlos Nejar, bem merece ser lido.

E meditado.

SESSÃO DO DIA 13 DE MARÇO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 6 de março, que foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Carlos Heitor Cony, que aniversaria amanhã, dia 14, e também para o Pe. Fernando Bastos de Ávila, cujo aniversário se comemora no próximo dia 17. Aproveitou a ocasião para comunicar ao plenário que no dia 27, após a sessão plenária, se realizará, no Salão Nobre da Academia, uma mesa-redonda para celebrar os 90 anos do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, com a participação dos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Alberto Venancio Filho e Tarcísio Padilha. Convidou a todos para participar desta homenagem muito justa. Comunicou, também, que a sessão

da próxima semana será antecipada para o dia 19, quarta-feira, em virtude dos feriados da Semana Santa. Informou ao plenário que, finalmente, a Academia conseguiu o registro da marca Academia Brasileira de Letras Ad Immortalitatem no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Lembrou, para que fique na memória da Casa, que, no dia 11 de março de 1943, o Presidente da República, o Ditador Getúlio Vargas, pelo Decreto n.º 5316, transferiu para a Academia, juntamente com a construção ali existente, o domínio útil do terreno onde se acha edificado o prédio que serve de sede à Instituição, isto é, o *Petit Trianon*. O Presidente Getúlio Vargas tinha sido eleito em 7 de agosto de 1941 e recebido em 29 de dezembro de 1943. Comunicou, também, que o Acadêmico Antonio Carlos Secchin viaja esta noite a Paris, onde deverá participar das comemorações do centenário da morte de Machado de Assis, na Sorbonne, e, no dia 18 de março, fará uma conferência sobre o romance *Dom Casmurro*. Deu ciência à Casa do ofício que recebeu do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército, Diretoria de Assuntos Culturais, dirigido pelo General João Tranquilo Beraldo, sobre os documentos referentes à transferência da Família Real para o Brasil, que se encontram à disposição dos historiadores no Museu e no Acervo Bibliográfico do Exército Brasileiro. Informou que este ofício foi distribuído aos presentes. Discorreu, a seguir, sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que voltou à imprensa portuguesa em função da aprovação, pelo Conselho de Ministros de Portugal, do referido Acordo. Relatou que essa notícia saiu no jornal *A Folha de S. Paulo*, no dia 7 do corrente e, nesse mesmo dia, compareceu ao almoço oferecido ao Presidente Cavaco Silva, na Confeitaria Colombo. Na oportunidade mostrou ao Presidente Cavaco Silva esta notícia, que havia recortado do jornal, e o Presidente mostrou-se muito satisfeito pelo fato de a notícia coincidir com a sua visita ao Brasil, acrescentando que deu entrevista a um grupo de jornalistas portugueses na qual se mostrou inteiramente favorável ao Acordo. Na ocasião, pediu-lhe que fizesse uma declaração em nome da Academia. Informou que a notícia e as entrevistas foram transmitidas pelas televisões e jornais portugueses. Prosseguindo, adiantou ter recebido, também, um ofício do Presidente da Assembléia da República Portuguesa, convidando um representante da Academia Brasileira

de Letras para participar, no dia 7 de abril próximo, de uma audiência pública que vai promover na Sala do Senado da Assembléia da República. Essa audiência contará com a presença de especialistas e filólogos portugueses, representantes da Academia das Ciências de Lisboa, de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe, do Instituto Internacional da Língua Portuguesa e da Academia Brasileira de Letras. A Presidência da Academia indicou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para participar desse encontro a convite da Assembléia da República Portuguesa. Passou a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara descreveu ao plenário a situação em que se encontra o setor de Lexicologia e Lexicografia diante da recente adesão do Governo Português ao Segundo Protocolo do Acordo Ortográfico, enviado à Assembléia da República para aprovação. O fato acelerou no Brasil a decisão de como irão ser impressas as obras didáticas programadas para este ano, inclusive o *Dicionário Escolar da Academia*, já em fase final de publicação, entre março e abril. Agrava-se a perplexidade pelo fato de recente decisão do Ministério da Educação, saída no Diário Oficial da semana passada, pela qual os livros a serem comprados e distribuídos pelo Governo Federal em 2010 terão de estar adaptados ao novo sistema ortográfico, que até agora não entrou efetivamente em vigência nos países lusófonos.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara uma informação sobre o destino que se prevê para o livro do Acadêmico Antonio Houaiss, sobre o Acordo, publicado pela Editora Ática, em 1991, e que foi retirado de circulação.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara declarou que esse livro foi publicado pela Editora Ática do Rio de Janeiro e acredita que a editora, agora renovadas as perspectivas do Acordo, reapresente o livro do saudoso Acadêmico. Aproveitou também a oportunidade para dizer que os lingüistas de Lisboa, principalmente da Universidade de Lisboa, escreveram sobre o Acordo de 1986 um livro realmente científico, com muitas sugestões, para a melhoria desse Acordo, sob o título *A Demanda da Ortografia Portuguesa*. Esses

autores estão em ação e se movimentam no sentido de reclamar uma renegociação do Acordo Ortográfico.

- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou que esta Academia já se pronunciou favorável ao Acordo Ortográfico desde o início, pois foi co-partícipe de todas as gestões ligadas ao mesmo; portanto, tem uma posição firmada. Acentuou que o Acordo Ortográfico está tecnicamente aprovado desde 1997. Posteriormente, a partir das dissensões, houve uma mudança nos critérios, ficando estabelecido que o Acordo Ortográfico teria vigência, se aprovado no Segundo Protocolo firmado pelos países interessados, com três assinaturas. O que ocorreu: Cabo Verde, Moçambique e o Brasil assinaram o Acordo: portanto, ele estaria em vigor. Diante da hesitação portuguesa, no ano passado, foi anunciado que estaria em vigor a partir de janeiro de 2008. Houve uma retomada de posição e a Comissão decidiu aguardar o pronunciamento de Portugal. Por outro lado, disse que Portugal declarou precisar de seis anos para adaptação às novas normas. Sendo assim, resolve o problema do *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*, porque, se Portugal aprova condicionando a adaptação a seis anos, crê que, enquanto Portugal não se manifestar a respeito, temos ainda um grande número de anos pela frente.
- O Presidente Cícero Sandroni tem a informação de que o Governo Brasileiro aprovou o Acordo em 2001 e o Brasil o ratificou, segundo o Protocolo Modificativo em 2004; e em 2006, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe ratificaram aquele documento.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva declarou que nenhum dos presentes, com exceção do Acadêmico Antonio Carlos Secchin que está fora, verá ser aprovado o Acordo Ortográfico.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho indagou apenas como curiosidade de caráter histórico, como se enquadra a Reforma Ortográfica que Medeiros e Albuquerque apresentou em 1907 e foi aprovada pela Academia.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que nessa proposta, feita pelo Acadêmico Medeiros e Albuquerque, as diferenças eram tão

grandes, que a reforma não resistiu muito tempo. Era uma reforma puramente fonética.

- O Acadêmico Domício Proença Filho sugeriu um pronunciamento da Academia Brasileira de Letras no sentido de que o Governo Brasileiro reveja essa medida que aprova um Acordo que não está aprovado, até em defesa das próprias editoras.
- O Presidente disse que a sugestão do Acadêmico Domício Proença Filho foi registrada e será discutida numa próxima reunião do plenário. Pediu, a seguir, ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva para dar uma breve informação sobre a visita do Presidente da União Européia, Dr. José Manuel Durão Barroso, ao Brasil, e o que a Academia pretende fazer a respeito.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse que o Presidente da União Européia, Dr. José Manuel Durão Barroso manifestou o desejo de se encontrar com intelectuais brasileiros, a pretexto dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil e que o Presidente Cícero Sandroni sugeriu um jantar no Casarão Austregésilo de Athayde, do Cosme Velho. Nesse jantar, ele falará durante 15 minutos sobre D. João e a Família Real no Brasil estabelecendo um o diálogo entre o Brasil e a Europa. Este jantar será no dia 19 de março, próxima quarta-feira, após a Sessão, no Casarão Austregésilo de Athayde, na Rua Cosme Velho, 599, às 20h. O Dr. José Manuel Durão Barroso irá com a comitiva da União Européia e estão convidados todos os Acadêmicos e alguns intelectuais brasileiros. O Presidente da União Européia será saudado pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Presidente Cícero Sandroni ratificou o convite a todos os Acadêmicos para este jantar. Comunicou que às 17h30mim será lançado o livro *Toda Poesia de Machado de Assis*, organizado pelo poeta Cláudio Murilo Leal. Haverá antes uma pequena sessão, na Sala José de Alencar, na qual falarão o Acadêmico Ivan Junqueira e o autor da coletânea. Após este lançamento, às 19 horas, na Galeria Manuel Bandeira, realiza-se a abertura da Exposição “Alfonso Reyes, o caminho entre a vida e a ficção”. Será presidida pelo Acadêmico Ivan Junqueira e o Acadêmico Celso Lafer fará, também, uma exposição sobre a obra e a vida de Alfonso Reyes.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o recebimento do livro *Destakes da Biblioteca Indisciplinada de Guita e José Mindlin*, oferecida pelo Acadêmico José Mindlin. Trata-se de uma obra realmente importante, com uma bonita encadernação, sobre os milhares de livros de umas das mais importantes bibliotecas do País, que o Acadêmico José Mindlin começou a formar em 1927, quando tinha apenas 13 anos de idade e que continuou a enriquecer até hoje, tendo contado, a partir de 1938, com a ajuda de Guita, sua esposa. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a doação do Acadêmico José Mindlin à Biblioteca Rodolfo Garcia e falou da importância dos livros doados.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida comunicou estar abrindo um espaço na Universidade Candido Mendes para a venda dos livros da Academia Brasileira de Letras e acentuou a importância de ter estes livros nas lojas das Universidades.
- O Presidente relatou que a Academia não tem condições de vender os seus livros e, muito menos, de cobrar ingresso para os espetáculos de Teatro, pois os estatutos não o permitem. A distribuição dos livros é realizada gratuitamente, graças a uma seleção feita na gestão do Presidente Vilaça, após um levantamento de todos que recebiam as publicações. Pretende-se fazer agora uma distribuição por bibliotecas, incluindo as Universitárias.
- O Acadêmico Lêdo Ivo encaminhou à Biblioteca Lúcio de Mendonça o livro *E Agora Adeus – Correspondência para Lêdo Ivo*, editado pelo Instituto Moreira Sales. Constitui uma seleção de cartas do acervo literário daquele Instituto. Segundo ele, são cartas que lhe foram escritas por vários escritores, durante toda sua vida. Discorreu sobre essas cartas, lembrando que a primeira carta recolhida foi de Manuel Bandeira, quando tinha 16 anos e morava em Mació. Ele estendeu sua mão fraterna, estimulando-lhe a seguir o caminho da poesia; a última é de Antonio Candido, que foi o primeiro a se manifestar sobre seu trabalho poético, em 1943. Ao longo desses anos, conforta-lhe o fato, como integrante desta Casa, que tenha aqui angariado tantos amigos, de modo que não se considera um homem só: considera-se um homem rodeado

de amigos e, como Manuel Bandeira, pode dizer, diante deste livro, que “o meu dia foi bom. Pode a noite descer” (a noite com seus sortilégios).

- O Presidente agradeceu a doação deste livro à Biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Fez apenas um reparo ao Acadêmico Lêdo Ivo: o de que sua vida não é longa, e sim proveitosa. Acrescentou que certamente durará muito anos, com mais cartas e provavelmente outro livro.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe ofereceu à Biblioteca da Academia o livro *A Ditadura dos Generais – Estado Militar na América Latina o Calvário na Prisão*, de Agassiz Almeida, um estudo do período da ditadura militar.
- O Presidente agradeceu esta doação e encerrou a sessão.

BIBLIOTECA INDISCIPLINADA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Desejo acusar o recebimento dos dois Volumes de *Destaques da Biblioteca Indisciplinada de Guita e José Mindlin*, que o nosso querido Acadêmico ofereceu às Bibliotecas da Academia.

Trata-se de uma obra realmente importante sobre os milhares de livros de uma das mais importantes bibliotecas do país, que o Acadêmico José Mindlin começou a formar em 1927, quando tinha apenas 13 anos de idade e que continua a enriquecê-la até hoje, tendo contado a partir de 1938 com a ajuda de Guita, sua mulher e parceira incomparável.

Nestes dois livros, o Acadêmico José Mindlin serve de guia e pega o leitor pela mão, conduzindo-o num passeio entre 950 obras selecionadas dentre os 40 mil volumes e as centenas de obras raras do seu Acervo, que também mereciam ser incluídas.

A seleção dessas obras não foi uma tarefa muito fácil, porque os livros, apesar de sua aparente imobilidade, têm vida e linguagem próprias.

* Proferidas na sessão do dia 13 de março de 2008.

É um álbum indisciplinado, pois a Biblioteca, desde o seu começo, não foi planejada e cresceu ao sabor do principal objetivo que era a leitura e não a coleção, com assíduas visitas a sebos e antiquários, no Brasil e no exterior.

Só de *Os Lusíadas* e de as *Rytmas* de Camões, essa Biblioteca possui mais de cem exemplares diferentes.

Ao longo destes últimos 80 anos, Mindlin contou com a colaboração de muita gente, mas em especial de dois amigos: Rubem Borba de Moraes e Luiz Camilo de Oliveira Neto, que até hoje lhe fazem muita falta.

E ele mesmo, o Acadêmico José Mindlin conclui a apresentação desta sua obra com as seguintes palavras:

“Este livro comprova a minha... loucura... mansa.”

SESSÃO DO DIA 19 DE MARÇO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Nélide Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 13 de março de 2008, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Moacyr Scliar, que aniversaria no próximo dia 23 do corrente. A seguir, informou que os Senhores Acadêmicos acabam de receber uma cópia da carta da Sra. Jacqueline Penjon sobre a participação do Acadêmico Antonio Carlos Secchin no *Centre de Recherches sur les Pays Lusophones*, na *Sorbonne Nouvelle*. Declarou que ainda na sessão de hoje dará a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para que este possa falar sobre a sua participação no Salão do Livro de Paris. Fez um breve comentário sobre a presença de 28 acadêmicos à sessão passada, que corresponde a um recorde. Jamais uma sessão plenária teve presença tão expressiva. Acrescentou considerar isso muito bom, pois essas presenças enriquecem este plenário e esta

Casa. Informou, ainda, que na conferência de Lília Moritz Schwarcz, ontem, no Teatro R. Magalhães Jr., a presença foi de mais de 350 pessoas na platéia. Como faltou lugar no Teatro, a Academia pretende, na próxima conferência, colocar um telão na Sala José de Alencar. Esta participação do público às conferências da ABL se deve, em parte, ao trabalho realizado pela Assessoria de Imprensa, que, desde a conferência do Prof. Leslie Bethell, conseguiu um espaço nobre no jornal *O Globo*, com entrevista dos conferencistas e também com noticiário normal em outros jornais. Passou a palavra ao Acadêmico Ivan Junqueira para uma comunicação.

- O Acadêmico Ivan Junqueira pediu ao plenário a aprovação do nome do Acadêmico Domício Proença Filho, em substituição ao Acadêmico José Mindlin, que renunciou à condição de jurado na Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. A indicação do Acadêmico Domício Proença Filho foi aprovada por unanimidade.
- O Presidente comunicou que se realizará, hoje, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., uma mesa-redonda sobre a obra do Acadêmico Jorge Amado, seguida do lançamento de seis dos seus livros e da exibição do filme “Tenda dos Milagres”, do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Lembrou que na quinta-feira, dia 27, às 17h 30min, realizar-se-á, no Salão Nobre, uma mesa-redonda composta pelos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Alberto Venancio Filho e Tarcísio Padilha para comemorar os 90 anos do Pe. Acadêmico Fernando Bastos de Ávila. Ratificou o convite para o jantar que a Academia Brasileira de Letras oferece hoje, a partir das 20 horas, ao Presidente da União Européia, Dr. José Manuel Durão Barroso, no Instituto Austregésilo de Athayde, à Rua Cosme Velho, 599. A seguir, no expediente, apresentou ao plenário o Edital do Prêmio Machado de Assis da ABL para estudantes e do Prêmio Machado de Assis da ABL para professores. Observou que este prêmio surgiu de uma idéia do Acadêmico José Murilo de Carvalho numa das reuniões da Diretoria sobre as atividades no ano do centenário da morte de Machado de Assis, da qual ele participou. Informou que a apresentação da láurea deveria ter sido feita pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, que elaborou a minuta do edital para os dois

concursos, mas que hoje não pôde comparecer à sessão, que foi antecipada, e que às quartas-feiras, nesse horário, o Acadêmico encontra-se ministrando aulas na Universidade, razão pela qual está apresentando esta idéia e entregando aos acadêmicos presentes a minuta dos editais, para discussão. Submeteu ao plenário, em primeiro lugar, a aprovação da idéia. Esclareceu que este prêmio ficaria no lugar do Prêmio Afrânio Coutinho, do ano passado, e já existe uma verba de R\$ 32.000,00 (trinta e dois mil reais), dentro do projeto aprovado pela Petrobrás. Discorreu sobre a burocracia que envolve a liberação destas verbas.

- A Acadêmica Ana Maria Machado considera muito louvável e muito salutar que exista um prêmio para estudantes e para professores, mas tem sérias dúvidas se deveria ter o mesmo nome que o maior e mais importante prêmio da ABL, para conjunto de obra, de grande prestígio no Brasil. Como a idéia é homenagear Machado de Assis, sugeriu o Prêmio Bentinho, para os estudantes, e o Prêmio Brás Cubas, para os Professores. Considera que ter este prêmio o mesmo nome de um outro já existente vai causar uma certa confusão.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que, no ano passado, a Academia distribuiu o Prêmio Afrânio Coutinho, que foi atribuído ao melhor ensaio sobre Franklin de Oliveira. Acredita que nada impede que ele continue a ter o nome de Afrânio Coutinho e seja dado neste ano a um ensaio sobre Machado de Assis.
- O Acadêmico Domício Proença Filho mostrou-se preocupado com a operacionalização do prêmio que prevê um público alvo de estudantes da sétima e oitava séries do Ensino Fundamental, estudantes de Ensino Médio, estudantes do Ensino Superior e professores do Ensino Médio, que vão encaminhar à Academia seus trabalhos para apreciação e julgamento. Acredita que serão milhares de concorrentes. Disse não saber como foi pensada a operacionalização, mas está certo de que ela pode ser feita, talvez, em comum acordo com a Secretaria de Educação, que faria uma seleção prévia, antes de que os originais viessem para a Academia.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou, para tranquilizar o Acadêmico Domicílio Proença Filho, que essa operação foi pensada na reunião de Diretoria, da qual participaram os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Evanildo Cavalcante Bechara, Ivan Junqueira, Nelson Pereira dos Santos e o autor da idéia, Acadêmico José Murilo de Carvalho. Na ocasião, cogitou-se a idéia de que a primeira triagem seria feita nos locais de origem; em seguida, viria para a ABL, ainda, um grande número de concorrentes que passariam por uma outra triagem e, então, seriam encaminhados a uma comissão julgadora, que ainda não foi indicada. Para isso pediu a colaboração dos Acadêmicos.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony achou que o prêmio poderia ficar pulverizado, considerando o centenário de Machado de Assis muito mais importante. Disse que, embora ache muito simpática a criação destes prêmios para alunos e professores, na sua opinião é uma forma de diminuir as comemorações desta data. Lembrou que, quando do centenário de Puchkin, Dostoievski e Tolstoi lutaram para ganhar o prêmio. No centenário de Goethe, Thomas Mann foi o ganhador do Prêmio instituído para essa ocasião. Não foram os colégios nem os professores, foi um homem que, em certo sentido, era o substituto do Goethe. No centenário de Eça de Queirós ocorreu a mesma coisa. Fez considerações sobre a criação de um grande prêmio, com uma boa dotação, de alcance nacional e internacional. Discorreu sobre essa idéia que dignifica Machado de Assis e honra mais o seu centenário. Enfatizou que essa pulverização, além de ser de difícil operacionalização, vai amesquinhar o prêmio. Acredita que se deva abrir um concurso para a grandeza do que significa para esta Casa o Centenário de Machado de Assis.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lamentou que o Acadêmico José Murilo de Carvalho não tivesse podido comparecer a reunião de hoje, uma vez que a minuta ainda não está completa. A idéia do Acadêmico José Murilo de Carvalho era realmente despertar em alunos do segundo grau e professores o interesse sobre Machado de Assis, que, como todos sabem, é modesto. Disse ser uma pena que o Acadêmico José Murilo de Carvalho hoje não esteja aqui para defendê-la, mas o fez muito bem, na Reunião de Diretoria em que apresentou a idéia, e a Diretoria não só a encampou como está solidária com

a mesma. Diante de uma segunda sugestão, apresentada pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony, que é muito boa, a Academia poderá fazer dois concursos, este que o Acadêmico José Murilo de Carvalho está sugerindo e outro sugerido pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony, dependendo do plenário.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony voltou a falar sobre o assunto, e sugeriu que a própria Secretaria de Educação promova este concurso para estudantes e professores. Segundo ele, a Academia teria que ter um concurso condizente com a grandeza do centenário de Machado de Assis.
- O Presidente, com relação ao que foi dito pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony, declarou que a Academia é a Casa de Machado de Assis, e que qualquer manifestação em favor da divulgação do escritor deve ser apoiada pela Casa. Pediu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony a apresentação de minuta do prêmio que está sugerindo para o plenário apreciar na próxima sessão.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se a Academia tem o montante financeiro para esse prêmio tão ambicioso.
- O Presidente declarou que no Orçamento não tem, mas pode a quantia ser retirada do investimento.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou a idéia do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que considerou feliz, por ser uma forma de marcar este ano de uma maneira muito mais ampla, no âmbito nacional e internacional. A seguir, registrou com alegria a realização da Exposição Alfonso Reyes, na Galeria Manuel Bandeira, organizado pelo poeta Alexei Bueno e sem ônus para a Academia.
- O Presidente agradeceu a referência à Exposição Alfonso Reyes, mas esclareceu que não foi sem ônus para Academia. Alexei Bueno e todo o pessoal de apoio estão na Folha de Pagamento da Academia, além do próprio espaço que foi oferecido, de bom grado e com grande júbilo, por esta Casa para a realização desta Exposição sobre o Embaixador Afonso Reyes.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse estar inteiramente de acordo que se crie um grande prêmio para celebrar o centenário de Machado de Assis, mas só que este deveria ter sido anunciado há dois anos. É impossível que, no espaço de dois meses, alguém produza uma obra de grande valor capaz de merecer este prêmio. Observou que a Academia tem que aprender a programar um prêmio desta ordem com antecipação para que este tenha impacto. Lembrou que, ao assumir a coordenação da Comissão para a celebração dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil, foram criados dois prêmios: um livro, contendo uma monografia, e outro para estudantes da sexta e sétima série das escolas municipais. O concurso das escolas municipais foi um êxito absoluto e extraordinário, mas o do livro foi um desastre. Concorreram oito livros, dos quais apenas dois bons, mas nenhum maravilhoso, porque não houve tempo para ninguém escrever uma obra significativa.
- O Acadêmico Ivan Junqueira, ainda com relação à sugestão do Acadêmico Carlos Heitor Cony, esclareceu que o processo das comemorações do Centenário de Machado de Assis caminhou em outras direções dentro da dotação orçamentária da ABL: haverá uma grande exposição, que será aberta no dia 20 de junho; uma mostra de onze filmes, tendo Machado de Assis como tema, além das vinte e três conferências que foram programadas, e dos livros que serão publicados em convênio com a Biblioteca Nacional. São quatro títulos da maior importância. Quanto ao concurso sugerido pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony, comentou que a idéia era interessante, mas concorda com o Acadêmico da Costa e Silva no que diz respeito ao prazo. Além do mais, a Academia tem todos os anos o Prêmio Machado de Assis para Conjunto de Obra, com a mais alta dotação da Casa. A seu ver, este prêmio de grandes proporções para celebrar o centenário de Machado de Assis teria que ser pensado em outra oportunidade.
- O Acadêmico Domício Proença Filho enfatizou que o Prêmio Machado de Assis já existe: portanto, estes para alunos e professores não devem ter o mesmo nome, nem nesta circunstância nem na que foi sugerida pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony. Quanto ao prêmio idealizado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, colocou-se à disposição para colaborar na operação em si, pois já tem experiências anteriores em eventos do gênero.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que esse prêmio dado no ano passado, com o apoio da Petrobras, com o nome de Prêmio Afrânio Coutinho – uma tese sobre Franklin de Oliveira, poderá este ano ser Prêmio Afrânio Coutinho – com um trabalho sobre Machado de Assis.
- O Presidente submeteu ao plenário a sugestão do Acadêmico Alberto da Costa e Silva de que o prêmio continue a ser Afrânio Coutinho, mas com um trabalho sobre Machado de Assis.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que, ao falar da exposição, não excluiu a Academia. Sabia que o funcionário era da Academia, assim como os livros das Bibliotecas da Academia, além de ter contado com a boa-vontade da Diretoria da Casa e o apoio da Embaixada do México.
- O Acadêmico Ivan Junqueira esclareceu que a curadoria desta exposição foi da responsabilidade do Instituto Cervantes, com o apoio da Academia e da Embaixada do México.
- O Presidente observou apenas que a expressão “sem ônus”, usada pelo Acadêmico Carlos Nejar, não é particularmente adequada, porque o curador Alexei Bueno trabalhou muito e está na folha de pagamento desta Casa. Informou que a Galeria está aberta a este tipo de proposta, como a dessa Exposição de Alfonso Reyes, que foi Embaixador do México no Brasil e fez aqui muitos amigos. A Exposição foi muito bem recebida pela Diretoria e tornou-se um sucesso, não só de público, mas também de crítica.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara declarou ter escutado as ponderações do Acadêmico Carlos Heitor Cony e acha que a Academia poderia, neste ano que se celebra o centenário da morte de Machado de Assis, lançar este concurso, com prazo de dois anos, para premiar uma obra fundamental sobre o nosso maior escritor.
- Acadêmico Lêdo Ivo propôs que, no lugar de se pensar num grande prêmio sobre Machado de Assis para daqui a dois anos, a Academia agiria melhor se pensasse num Prêmio Euclides da Cunha para daqui a um ano, quando se comemora o centenário do autor de *Os Sertões*.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin indagou se já não haveria um Prêmio Internacional Machado de Assis, patrocinado pelo Itamaraty, em homenagem a Machado de Assis.
- O Acadêmico Ivan Junqueira declarou que foi o presidente do júri que conferiu este prêmio, e, neste sentido, o Itamaraty se antecipou à Academia Brasileira de Letras, pois este concurso se realizou em 2006, registrando um número enorme de trabalhos monográficos. Lembrou que este concurso foi um enorme sucesso, pois havia, pelo menos, vinte trabalhos excepcionais de pessoas que moram fora do Brasil, mas com o compromisso de apresentar seus originais em português.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin disse que, a seu ver, a maior homenagem que a Academia Brasileira de Letras poderia prestar a Machado de Assis seria a publicação das suas *Obras Completas*. Seria um investimento a longo prazo, só que a Academia ainda não produziu o texto definitivo, até onde se pode falar em termos do texto definitivo, de um autor. Esta, sim, seria uma grande contribuição, ficando a publicação a cargo de filólogos, pesquisadores e teóricos. Tratar-se-ia de um serviço excepcional que a Academia estaria prestando não a um escritor, mas a toda comunidade de leitores de Língua Portuguesa.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que, sobre as *Obras Completas*, a Comissão Machado de Assis, que não era da Academia, mas aqui se reunia, trabalhou durante muitos anos nesses textos, mas não chegou a terminá-los. O que ficou pronto foi editado pela Civilização Brasileira. O Ministério da Educação se comprometeu a financiar esta obra, o que não aconteceu, e no momento a ABL não tem condição de financiá-la. Valeria a pena talvez voltar a conversar com o Ministério da Educação, para tentar retomar o trabalho da Comissão Machado de Assis, que não era formada só por acadêmicos. Trata-se de uma idéia que a Diretoria vai encampar, porque esta é realmente uma grande homenagem ao nosso primeiro presidente.
- O Presidente Cícero Sandroni, considerando encerrada a discussão em torno do prêmio para estudantes e professores, indagou se o plenário aprova a designação

de Prêmio Afrânio Coutinho para um trabalho sobre Machado de Assis, como foi sugerido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Excetuando o Acadêmico Carlos Heitor Cony, os demais aprovaram a criação deste prêmio. Quanto ao prêmio sugerido pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony e pelo Acadêmico Evanildo Bechara, poderá ser pensado num edital para o próximo ano; isto, de maneira nenhuma, elimina a hipótese de se fazer o Prêmio Euclides da Cunha para 2009 e o Prêmio Joaquim Nabuco para 2010.

- O Presidente Cícero Sandroni comunicou que o Bradesco Seguro vai financiar o Portal da ABL e o setor de informática da ABL. Estão dispostos a dar R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais) por ano. Considera que essa dotação aliviará o Orçamento da ABL. Quanto à Universidade de Oxford, o Presidente leu texto da carta, que foi também distribuída aos acadêmicos. (O texto da carta será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). A seguir, o Presidente submeteu o assunto à discussão e aprovação do plenário.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou como seria a contribuição financeira da ABL neste convênio a cada ano e qual seria a média de frequência dos alunos.
- O Presidente respondeu que o custo será de US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares) e, quanto à frequência, a Acadêmica Ana Maria Machado poderá dizê-lo.
- A Acadêmica Ana Maria Machado destacou que na época que deu o curso a média era de vinte alunos, mas nem sempre todos compareciam.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou se valeria a pena a Academia investir um montante financeiro tão alto para uma clientela tão reduzida e quais os proventos intelectuais desta empreitada.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida mostrou-se preocupado com a indefinição do parágrafo terceiro desta comunicação da Universidade de Oxford, ou seja, a questão do alojamento. Depois de reler este parágrafo considerou que o eufemismo chega ao delírio.
- A Acadêmica Ana Maria Machado apoiou integralmente o que disse o Acadêmico Candido Mendes de Almeida com relação a este item, que é

fundamental, pois a única contrapartida solicitada pela Academia à Universidade foi a garantia do alojamento. Esclareceu-o que a Academia está pagando as passagens e os honorários. O que a Universidade pode fazer é dar o alojamento e possibilitar a frequência do refeitório universitário, para uma refeição mais barata.

- O Acadêmico Ivan Junqueira achou inacreditável que este item se inicie com a expressão “Na medida do possível”.
- O Acadêmico Carlos Nejar achou um absurdo a colocação deste item, porque a Academia já paga todas as outras obrigações.
- O Presidente indagou ao plenário sobre a conveniência em dar continuidade a essa correspondência com a Universidade de Oxford, ou se a Academia deve comunicar o seu desinteresse. Deixou essa pergunta ao plenário para ser discutida na próxima reunião.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho quis saber o que fica incluído nestes US\$ 20.000,00 (vinte mil dólares).
- O Presidente informou que a importância acima mencionada paga a passagem (classe executiva) e os honorários, cabendo o restante à Universidade de Oxford. Na realidade, é muito pouco o que compete à Universidade. Acredita ser por este motivo que o item do alojamento é tão evasivo.
- O Acadêmico Lêdo Ivo quis saber se Academia tem notícias dos frutos dos cursos anteriores.
- O Presidente informou que a Academia teve uma resposta muito positiva dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, Ana Maria Machado e do Acadêmico José Murilo de Carvalho. São três respostas que mostram que o empreendimento foi interessante.
- Acadêmica Ana Maria Machado acrescentou mais um dado. No concurso internacional sobre Machado de Assis, a que o Acadêmico Ivan Junqueira se referiu, realizado pelo Itamaraty, um dos premiados era uma aluna do Curso de Oxford que havia assistido às aulas ministradas pelo Acadêmico Paulo Sergio Rouanet. É um resultado concreto.

- O Acadêmico Sábato Magaldi comunicou que dispõe do Parecer do Prêmio de Tradução, assinado por toda a Comissão. Indagou se poderia proceder à leitura do mesmo neste momento.
- O Presidente Cícero Sandroni informou que pretende apresentar estes pareceres dos prêmios em bloco, no final do mês de maio.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a sessão solene do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em homenagem ao “Dia da Justiça”, quando teve a honra de representar a Academia, ainda por designação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Acadêmico Antonio Olinto declarou que passou a manhã de hoje na Escola Grécia, na Vila da Penha, onde proferiu conferência sobre a História da África, para trezentos professores ali reunidos. Depois da conferência referiu-se ao centenário de Machado de Assis, e uma das professoras lhe perguntou se este ano a Academia não iria criar um Prêmio Machado de Assis para os estudantes. Respondeu-lhe que talvez fosse criado um prêmio para estudantes, mas ainda não havia nada de concreto. Comunicou, ainda, ter recebido de uma editora de São Paulo pedido para que escrevesse dois livros sobre a História da África, que agora faz parte do currículo escolar, para alunos de doze e quinze anos.
- O Presidente agradeceu a comunicação do Acadêmico Antonio Olinto e declarou que a comunicação com os alunos da rede pública vai ser mais intensa este ano na ABL, pois contará com a presença de estudantes todas as segundas-feiras pela manhã, quando assistirão à dramatização de um conto machadiano para depois recontá-lo, como cada um o entendeu. Além disso, a Academia apresentará peças de Machado de Assis que terão como público alunos das Escolas Estaduais e Municipais.
- O Acadêmico Lêdo Ivo solicitou que a sua exposição sobre Menotti del Picchia ficasse para a próxima sessão, em virtude do adiantado da hora.
- O Presidente concordou com o adiamento. Em seu nome e da Diretoria, desejou a todos uma Feliz Páscoa e encerrou a sessão.

CARTA DA UNIVERSIDADE DE OXFORD

UNIVERSITY OF OXFORD

Department of Portuguese

Faculty of Medieval and Modern Languages

47 Wellington Square, Oxford, OX1 2JF

Oxford, 26 de fevereiro de 2008

Exmo. Sr. Cícero Sandroni

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Academia Brasileira de Letras

Av. Presidente Wilson, 203 Castelo

CEP 20030-021 Rio de Janeiro RJ

Brazil

Exmo. Presidente da Academia Brasileira de Letras, Sr. Cícero Sandroni,

Agradeço a sua comunicação de 10 de janeiro de 2008, na qual confirma a decisão da Academia de renovar o convênio com a Universidade de Oxford por um período de mais três anos, passando a responsabilidade do programa doravante para o Departamento de Português e Estudos Brasileiros. No que diz respeito às alterações ao convênio assinado com o antigo Centro de Estudos Brasileiros:

- I. Concordamos com o corte da taxa de administração e com a transferência para a própria Academia da responsabilidade pela compra das passagens e pagamento ao professor.

2. Apoiamos, a princípio, a ampliação do número de autores a serem dt pelo professor visitante. Entendemos, porém, que a lista de autores deverá ser definida previamente mediante consulta com este Departamento, para que não haja discrepância com o *curriculum* dos alunos de graduação/pós-graduação. Assim, o professor poderá lecionar também em áreas de cinema/cultura brasileira, que fazem parte do programa de estudos.
3. A Faculdade colocará uma sala com computador à disposição do professor visitante. Na medida do possível, o Departamento assegurará filiação a um College para facilitar alojamento e refeições. Na eventualidade de isso não ser possível, o Departamento Administrativo da Faculdade de Línguas Medievais e Modernas se encarregará de dar o devido suporte na procura de alojamento.
4. A Academia poderá indicar, mediante consulta a este Departamento, professor visitante que não pertença ao seu quadro.
5. O Departamento procurará assegurar maior frequência de estudantes às aulas, principalmente relacionando o programa oferecido pelo professor visitante aos ensaios obrigatórios a serem elaborados pelos alunos.

Esperamos que, dado o interesse mútuo em dar continuidade ao Convênio, seja possível fixarmos a vinda de um professor visitante para um dos períodos do ano letivo de 2008-9, sendo os períodos de maior interesse o primeiro e o segundo (outubro-dezembro de 2008; janeiro-março de 2009).

Coloco-me à disposição para ulteriores esclarecimentos e, no aguardo de um retomo seu, saúdo-o muito cordialmente,

Dr Sara Brandellero
Lecturer in Brazilian Literature and Culture
Tel: Direct Line + 44(0) 1865 270480 Fax + 44(0) 1865 270757
E-mail sara.brandellero@mod-langs.ox.ac.uk
Web: www.mod-langs.ox.ac.uk/portuguese

DIA DA JUSTIÇA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

No dia 8 de dezembro passado, tive a honra de representar V. Ex.^a e esta Casa nas comemorações do “Dia da Justiça”, quando o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, sob a presidência do Desembargador Murta Ribeiro, condecorou personalidades com a “Medalha da Ordem do Mérito Judiciário”.

Estavam presentes altas autoridades do Governo, da Assembléia Legislativa e do Poder Judiciário.

Desta vez, a nossa Academia foi homenageada na pessoa do Acadêmico Eduardo Portella.

Aquela foi uma agradável oportunidade de testemunhar o respeito devotado à Academia Brasileira de Letras e de comprovar mais uma vez as excelentes relações entre os magistrados e os acadêmicos.

* Proferidas na sessão do dia 19 de março de 2008.

JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO

*Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça**

Esta casa, ela própria, sugere compromisso humanitário e universal. Aqui viveu, espichado período de sua longuíssima vida, Mestre Austregésilo de Athayde, brasileiro que integrou com protagonismo a Comissão indicada pela ONU para redigir a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Este bairro é o Cosme Velho. Aqui viveu Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, cujo centenário de morte exatamente este ano estamos a celebrar, com zelo por honrar a memória do nosso maior escritor e com cuidados em acarinhar a portuguesa – Carolina – sua mulher, quem até pelo tom da voz o fascinava.

Eis o cenário adequado para o acolher, Presidente José Manuel Durão Barroso. Recebemo-lo em nome da Academia Brasileira e de outra parcela da inteligência nacional. Não lhe falo, por desnecessário, da transcendência do papel da Academia como instituição não apenas dedicada às letras literárias, mas comprometida com as humanidades. Seu estatuto fala em culto da língua e trato da cultura. A Academia tem consciência de que é o ativo cultural mais destacado do País.

* Proferidas no jantar oferecido ao Sr. José Manuel Durão, Presidente da União Européia, no Casarão Austregésilo de Athayde, em 19 de março de 2008.

O tempo também é festivo. Convencemo-nos, e prosseguimos empenhados na tarefa de convencer ainda mais, da reajustada imagem de D. João VI, com o registro dos duzentos anos da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro.

E me animo a mais uma vez recordar Gertrude Stein, indagando: “A que distância tem que estar uma data para que nos preocupemos com ela?”

Imaginemos se seria possível projetar, em 1808, o Brasil de hoje, a integrar o Grupo BRIC. É o Brasil, cuja formatação em verdadeiro Estado desponta com Tiradentes, na Vila Rica, aquela Ouro Preto que lhe causou espanto e emoção ainda hoje a repercutir nos seus olhos e no seu sentimento. É o Brasil espaço euro-atlântico, agrupamento que como Nação nascera em Guararapes – Pernambuco, num espetáculo multirracial, nativista, heróico, batizado em sangue, agregador, verdadeira diáspora ao contrário. É o Brasil que D. João VI principiou a integrar ao sistema do comércio internacional.

A globalização ocorrida também por esse meio, resultou, ao contrário do que se poderia supor, numa ardente valorização dos diversos contextos culturais em que nos abrigamos.

A globalização foi fator de difusão das culturas.

Há muito mais, na verdade, muito mais a proclamar neste momento do calendário luso-brasileiro. Tarefa que melhor caberia a esse tão admirável confrade, Acadêmico Alberto da Costa e Silva, inteligência a quem o País conferiu a tarefa de conduzir as comemorações bicentenárias.

Fico por aqui, pois quero dizer um pouquinho mais de algo um tanto diferente com igual importância.

Chesterton falou que “as coisas essenciais nos homens são as coisas que eles possuem em conjunto e não as que possuem separadamente” e Miguel Torga advertiu de que “é preciso ter pelo menos um palmo de ilusão”.

Qualquer dos conceitos poderia ser epígrafe para a União Européia. Não foi por inspiração desse tipo que se captou e levou adiante o interesse comum? Que se administram as desigualdades de poder? Que se dirimem controvérsias?

Celso Lafer, nosso confrade tão ilustre, sente se bem ao lado dos que se filiam ao pensamento de que a utopia mais concretizada na segunda metade do século XX não foi o socialismo, mas a construção de uma Europa em paz e prosperidade.

Vossa Excelência, promotor dos seminários Acordos de Bicesse, tem cuidado, em particular, de duas frentes de ação na U.E.: a do processo de incorporação e a do tenaz esforço de adensamento. Essa “força de liberdade e solidariedade”, para dizer melhor, por dizer com as suas próprias palavras, é o que significa a U.E., como qualificado bem público internacional.

O Espaço Schengen não deve impugnar os atores comprometidos na fraternidade entre os povos. Sem cavilações isolacionistas o Brasil se comporta em relação às gentes, aberto ao sincretismo da diversidade.

Pomos os olhos nessa construção toda vez que a tessitura do Mercosul avança. Amamos o compartilhamento da cena sul-americana. Por isso, um confrade nosso, decano da Casa, José Sarney, ao seu tempo de Presidente da República, fez obstinado esforço pela organização do Mercosul, tarefa que começou por logo excomungar o clima de tensão Brasil/Argentina.

Esphantamo-nos com as histórias que, em vez de zelar, tentam desandar o clima pacífico desta parte do mundo, inclusive a querer confundir terrorismo com insurgência.

E podemos bradar esse espanto, pois o nosso interesse nacional só tem sentido pelo tanto que luzimos o interesse regional.

Na esfera bi-regional, o modelo de integração européia é exemplo e fonte de inspiração para a conformação do processo de integração sul-americano.

Esperamos que o modelo se engrandeça o quanto possa, nomeadamente por ser este também o Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Mercosul e CPLP, aos quais pertencemos, anseiam por elastecer a compreensão da diversidade cultural e do diálogo intercultural, tal como consignados.

Aos olhos de um brasileiro que acompanha com interesse os principais temas da agenda europeia, essa escolha parece das mais acertadas. Afinal de contas, no meio de tanto clamor por especificidade, por separação e por diferenciação, é preciso que as pessoas parem e conversem. Que parem e façam um pequeno esforço para entender o outro, aquele que é diferente. Para que descubram que o que têm em comum é muito mais forte.

Gosto de dar razão à aula de Gomes Canotilho:

“O mundo não é uma ordem fixa, nem uma ordem derivada da simples natureza humana. O problema do conhecimento e instalação de uma ‘boa ordem’, embora seja um problema permanentemente aberto, não significa a impossibilidade de, numa determinada situação histórica, se terem idéias concretas sobre o que essa ordem deve ser e os meios de a realizar”.

Pensem juntos nisto que diz o mestre de Coimbra.

A Academia Brasileira de Letras, sob o comando competentemente astuto de Cícero Sandroni, dirigente diligente, apoia e pede iniciativas culturais que ampliem o acesso à cultura; que contribuam para o crescimento econômico e o desenvolvimento social sustentável; que se privilegie, por exemplo, a necessária inclusão digital dos menos afortunados.

Senhor Presidente:

Faz uns anos, familiares seus vieram encontrar neste chão abrigo para suportar dissensões em Portugal, na virada da Monarquia para a República.

Hoje, a sua vinda também se abriga na já antiga e eficiente ligação conosco, de que o impulso que concedeu à Parceria Estratégica entre Brasil e União Europeia dá boa medida de realidade.

Tudo sob o pálio da língua comum, orgulho dos nossos povos. Língua a ser tratada de forma estratégica, de modo a construir diálogos. Diálogos não se fazem com monólogos.

É importante que a União Européia, além de atender a sua vizinhança imediata e aos dossiês mais difíceis e problemáticos, não perca de vista que a relação positiva com o Brasil não é menos importante por estar menos angustiada de contenciosos e de complexidades. Ela também precisa ser cultivada e aproveitada.

Estamos certos de que poderemos continuar contando com seu empenho e com sua sensibilidade portuguesa e amizade pelo nosso país, para intensificar esses vínculos em benefício de brasileiros e europeus, na recolha do passado e na imaginação do futuro.

O Padre Vieira – como deixar de falar nele neste ano? –, sempre ele, o Padre Vieira ensinou que ao nascermos somos filhos dos nossos pais e mais adiante somos filhos das nossas obras.

Então, mãos à obra.

É com alegria que convido a todos que ergam um brinde à saúde do Presidente José Manuel Durão Barroso.

SESSÃO DO DIA 27 DE MARÇO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral; estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, no exercício da presidência, ao dar início à sessão do dia 27 de março, esclareceu que se encontra substituindo o Presidente da Casa, Acadêmico Cícero Sandroni, que viajou a São Paulo, para participar da cerimônia de posse da escritora Ruth Rocha, na Academia Paulista de Letras. A seguir submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 19 de março, que foi aprovada.
- No expediente, o Presidente em exercício, abordou o problema do convênio com a Universidade de Oxford, pois a carta enviada à Academia, lida pelo Presidente Cícero Sandroni, distribuída aos Acadêmicos presentes e comentada na sessão passada, é profundamente insatisfatória. Portanto, a tendência da Diretoria é responder que a assinatura do convênio, com as colocações

feitas pela Universidade de Oxford nesta carta, não interessa mais à Academia Brasileira de Letras. Acentuou que gostaria de submeter esta decisão ao plenário da Casa.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lamentou não ter comparecido à sessão passada, quando esta carta foi trazida ao plenário e o assunto discutido. Recordou-se apenas de uma outra carta em que o Prof. Leslie Bethell se queixava da falta de interesse e de financiamento por parte do Governo Brasileiro. Nessa carta não há nada de insatisfatório; ao contrário, incentiva a Academia a pressionar o Governo pelo reinício das atividades do Centro. Pediu que a decisão fosse adiada para a próxima semana.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, deixando de lado o exame da carta, declarou que desejava fazer uma observação de caráter mais geral. Lembrou que, quando o Acadêmico Alberto da Costa e Silva trouxe esse assunto em pauta, tinha várias restrições, mas esperou um período experimental para ver os resultados. A seu ver não é função da Academia subsidiar cátedras estrangeiras no exterior. Acredita que quem deve financiar cátedras no exterior é o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores. Se estes são omissos, não cabe à Academia suprir essa falta.
- O Acadêmico Ivan Junqueira lembrou ter julgado a carta um tanto evasiva, sobretudo no parágrafo terceiro, abordado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida na sessão passada e no qual há certos aspectos que contemplam, de uma maneira muito insatisfatória e inadequada, o acadêmico que fosse dar o curso em Oxford. Ficou acertado que a Academia daria para esse Curso US\$ 20.000 (vinte mil dólares), nos quais estariam incluídos o preço da passagem (classe executiva) e o alojamento. Ressaltou, ainda, o problema levantado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. Confessou-se um entusiasta dessa Cátedra quando a proposta veio a plenário pela primeira vez, há quatro anos, mas aos poucos foi mudando a sua opinião, porque realmente não é uma atribuição da ABL manter uma cátedra no exterior. Lembrou que o balanço dos resultados, comentado também aqui, foi muito pequeno para o investimento feito. Na sessão passada, foi pedido um adiamento. Declarou

não ter nada contra um novo adiamento dessa discussão para que a Academia chegue a um consenso justo sobre a pertinência ou não da ABL manter a Cátedra Machado de Assis em Oxford.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, que não estava presente à última sessão, só agora tomou conhecimento da resposta da Universidade de Oxford à carta da ABL. Declarou que pessoalmente não faz nenhuma questão da continuidade desse convênio, pois mudaram as circunstâncias. Disse que, pelo que se lembra, esta resposta de Oxford atende ponto a ponto as ponderações feitas na carta enviada pela Academia. Portanto, para a Academia dizer que o convênio não mais interessa, tem que ser feito com muito cuidado. Acredita que o melhor será aguardar até a próxima sessão para poder dar uma resposta.
- O Acadêmico Ivan Junqueira disse preferir que fosse assim para que se chegue a uma conclusão sensata e justa. Ficou, de comum acordo com o plenário, adiada para a próxima sessão a solução da Cátedra na Universidade de Oxford. Prosseguindo, comunicou aos presentes que no próximo dia 5 de abril viaja a Portugal o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para participar de uma Conferência Internacional/Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que terá lugar na Sala do Senado da Assembléia da República, no dia 7. Foi enviada pela Assembléia da República uma correspondência especial à Academia Brasileira de Letras encarecendo que, na impossibilidade do Presidente estar presente, fosse designado outro Acadêmico para representar a Academia, em função do papel relevante que, ao longo de todos estes anos, vem desempenhando com relação ao Acordo Ortográfico. Acrescentou que, como não poderia deixar de ser, o escolhido foi o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Até onde sabemos, o Acordo foi aprovado pelo Conselho de Ministros, mas tem de ser ratificado pelo Parlamento Português e ir à Sanção Presidencial. Considera esta reunião da maior importância e foi exatamente por isso que a Academia designou um filólogo e um gramático da estatura do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para discutir o assunto com os seus confrades de Portugal e países de Língua Portuguesa da África. Afirmou que sente a presença de aliados em

Portugal que têm escrito textos de enorme lucidez a respeito da pertinência e da oportunidade da entrada em vigência desse Acordo. Leu um pequeno trecho de um artigo excepcional publicado no último número do *Jornal de Letras*, de Lisboa, assinado por Carlos Reis. No último parágrafo deste artigo diz ele: “Em comparação com tudo isto, como fica a situação do Português? Tem Portugal a possibilidade ou até o direito de se manter agarrado a uma concepção conservadora da ortografia, como se ela fosse o inexpugnável baluarte da identidade portuguesa? Serão os interesses das editoras, por muita atenção que mereçam, absolutamente determinantes para condicionarem decisões de amplo alcance e alargado espectro cultural? E podem os portugueses (alguns portugueses) persistir em encarar o Brasil como um parceiro menor neste processo ou até como um inimigo a quem se não deve “fazer cedências”? É curial ou inteligente ignorar o muito que o Brasil faz, por outras vias que não necessariamente a do trabalho de difusão da língua, para a afirmação internacional da Língua Portuguesa? É politicamente acertado fingirmos que não vemos a crescente aproximação, neste e noutros domínios, dos países africanos de língua portuguesa ao Brasil, aproximação particularmente visível no caso de Angola? Mais uma e inquietante pergunta: se Angola e o Brasil se entenderem, como já foi sugerido, quanto à adoção de uma ortografia comum (podendo arrastar a adesão de outros países africanos e de Timor), em que posição fica Portugal? As respostas são tão evidentes que as interrogações que aqui formulo são quase retóricas.” (Por determinação do Presidente, o artigo será transcrito nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* e enviado a todos os Senhores Acadêmicos.)

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara agradeceu os elogios que lhe foram dirigidos, devidos mais ao peso da amizade do que ao mérito da avaliação. Observou que realmente o artigo de Carlos Reis é muito contundente. Uma das vozes mais autorizadas em Portugal em favor da Unificação Ortográfica, em contraposição ao deputado Vasco Graça Moura, que é a voz mais persistente contra a aprovação e vigência desse Acordo. Salientou, também, que as autoridades tanto brasileiras como portuguesas não se entendem. Portugal falava inicialmente em dez anos e agora o novo Ministro da Cultura

fala em seis anos. No Brasil há um problema com as editoras, porque o Ministério da Educação determinou que os livros a serem comprados em 2010 pelo plano de livros didáticos já estejam nessa ortografia; portanto são dois anos, enquanto outro contingente do mesmo ministério fala em três anos. O curioso é que todas as editoras então muito interessadas, porque todos os livros vendidos até então serão revendidos na nova ortografia. Há interesses comerciais muito fortes. No artigo de Carlos Reis há perguntas retóricas que vão pesar consideravelmente. Considera que a presença da Academia Brasileira de Letras nessa reunião, que a Assembléia da República chamou de Audiência Pública, é de grande importância para o destino da Língua Portuguesa, que hoje incontestavelmente está mais ligado ao Brasil do que a Portugal e aos diversos países africanos de língua oficial portuguesa.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse da honra e do prazer de oferecer à Biblioteca da Casa, em nome do Acadêmico José Mindlin, que teve a generosidade e a gentileza de procurar e mandar de São Paulo o livro *Debret – Estudos Inéditos*, escrito por Afonso Arinos de Melo Franco, há trinta e quatro anos atrás, em 1974. Trata-se de um livro patrocinado pela Metal Leve, empresa que José Mindlin dirigia naquela época. Lembrou que anteontem foi inaugurada a Grande Exposição Debret, no Rio de Janeiro, por ocasião das celebrações da chegada da Família Real ao Brasil. Discorreu sobre esse livro muito original em que Afonso Arinos coloca a obra do pintor francês no contexto do que era a vida artística e a história política do mundo na ocasião. Começou a escrevê-lo em Paris, em julho de 1974, porque lá teve acesso à galeria do Museu de Versailles, fechada ao público, e, pela primeira vez, dá a conhecer neste livro quatro quadros de Debret sobre a vida de Napoleão, em que o pintor segue o estilo e a intenção do seu primo Jacques-Louis David. Acredita ser uma contribuição que pode enriquecer a Biblioteca Lúcio de Mendonça da ABL e o faz com prazer e gratidão.
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco e evidentemente ao Acadêmico José Mindlin essa doação preciosa num momento de tanta celebração e memória na passagem do segundo centenário da chegada da Família Real ao Brasil e que constituiu também

uma evocação desses pintores, gravadores e escultores que integraram a Missão Francesa, hoje questionável.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin, por sugestão do Presidente, discorreu sobre o a sua estada em Paris, onde representou a Academia Brasileira de Letras no Salão do Livro, que este ano homenageou Israel. Na ocasião proferiu duas conferências, uma na Sorbonne III e a outra na Sorbonne IV, ambas sobre Machado de Assis. A primeira sobre Dom Casmurro e a segunda sobre as relações triangulares entre José de Alencar, Machado de Assis e Mário de Alencar. Registrou que teve a oportunidade de visitar o *stand* do Brasil no Salão do Livro, que estava repleto de obras machadianas, inclusive a coedição que a Academia promoveu de Alfredo Pujol sobre Machado de Assis. Relatou que a única nota dissonante foi a ameaça de bomba, que circulou no domingo, dia muito concorrido e que originou a evacuação em massa dos convidados, mas felizmente era apenas um boato. Na Sorbonne teve a notícia de que no Concurso Nacional para Agregação no próximo ano, encontra-se incluído no programa oficial para a Disciplina Língua Portuguesa e Cultura Brasileira o livro do Acadêmico Antonio Callado, *A Expedição Montaigne*. Tem certeza de que a ABL se regozija por ter conhecimento dos estudos que vão ser feitos em torno da obra de Antonio Callado na França.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse crer que não poderia transcorrer a sessão de hoje, ainda que breve, mas calorosamente, sem que se fizesse uma referência ao nonagésimo aniversário do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, com a lucidez e disposição de sempre, o que lhe parece uma característica sua: uma cabeça de jesuíta com um coração de franciscano. Esse homem de notável lucidez proporcionou aos seus leitores as melhores contribuições para a sociologia, como a *Introdução à Sociologia*, que é um clássico, a sua obra *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*, em suma numa obra numerosa tem pelo menos três livros que constituem marcos decisivos do pensamento social brasileiro. Considera interessante, numa breve referência, notar a coincidência de que devemos a dois jesuítas importante contribuição à nossa cultura. O Padre Vaz, recentemente falecido, que, a seu ver, foi o maior filósofo brasileiro, e o Acadêmico Padre Fernando Bastos de Ávila, vivo, e por muitos

e muitos anos essa figura brilhante de jesuíta. Sugeriu que a Academia saudasse com uma salva de palmas esta extraordinária figura.

- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe estas palavras muito oportunas e acrescentou na bibliografia citada um dos mais extraordinários livros que se publicaram em 2005, *A Alma de um Padre*, do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila.
- O Presidente, no capítulo das efemérides, passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo para recordar um pouco a vida e a obra de Menotti del Picchia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou que conheceu Menotti del Picchia um ano após a sua chegada ao Rio, em 1944. Nessa ocasião era repórter de *A Manhã* e, curiosamente naquele tempo ditoso, havia apenas cinco modernistas na Academia: Guilherme de Almeida, eleito em 1930; Ribeiro Couto, em 1934; Cassiano Ricardo, em 1938; Manuel Bandeira, em 1940; e Menotti del Picchia, em 1943. Conheceu-o, portanto, um ano após a sua entrada para a Academia. Recordou que, naquela época, Menotti del Picchia era quase um monstro sagrado da literatura brasileira, tinha uma projeção intelectual e também uma projeção na mídia. Era um escritor popular, pelo fato de ter escrito *Juca Mulato*, um livro que se tornou popularíssimo no Brasil. Acha que este livro deveria ser revisitado pela crítica brasileira, porque é um poema dramático que adota a forma polimétrica, uma antecipação do modernismo. Lembrou que quando Menotti del Picchia surgiu, 1916-17, o Brasil vivia uma época literária muito curiosa, marcada pelo declínio do parnasianismo, do simbolismo, do realismo e do impressionismo, de modo que era uma espécie de fusão de gêneros literários. Falou da sua participação na política e contou um episódio ocorrido numa viagem de trem com o Governador Júlio Prestes, em que no meio da noite o Governador manda parar o trem num lugar ermo, e fez descer o poeta, deixando-o exposto à garoa paulista por alguns minutos, e, em seguida, ordenou-lhe subir e disse-lhe: “De hoje em diante os meus adversários não poderão mais dizer que você foi eleito sem ter pisado nesse município”, porque ele havia sido eleito por aquele município. Disse ser essa a lembrança final da sua evocação sobre Menotti del Picchia.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo essa evocação de Menotti del Picchia. Acrescentou ser sempre oportuno se falar desse período um pouco nebuloso da nossa história literária, onde se tangenciam o que Alceu Amoroso Lima chamou de pré-modernismo e aquele modernismo de 1922 que começa com os moços paulistas. Na verdade, será sempre interessante voltar a esses tempos, porque hoje sabemos que não houve apenas um modernismo, mas sim muitos modernismos, sendo o mais importante de todos talvez o que tenha ocorrido no Nordeste. São coisas que, trazidas à luz, se tornam muito mais decifráveis do que há algum tempo. Convidou a todos para a mesa-redonda comemorativa dos 90 anos do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, às 17h30min, no Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras, da qual participam os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Alberto Venancio Filho e Tarcísio Padilha. E declarou encerrada a sessão.

RAZÕES DO ACORDO OU O DESTINO DO PORTUGUÊS

*Carlos Reis**

I. Existe uma contradição muito curiosa entre a forma como vivemos a nossa relação com a língua e os termos em que a postulamos como património colectivo. Essa contradição estabelece-se pela tensão entre duas tendências antagónicas que, mesmo com risco de algum esquematismo, procurarei brevemente caracterizar.

Por um lado, acentuamos a relevância e o significado de um uso do idioma dominado pela criatividade individual e pela inerente propensão para introduzir nas práticas linguísticas elementos de inovação, sobretudo naquilo que ao léxico diz respeito, mas também, algumas vezes, no que toca às articulações fonológicas – ou à “pronúncia”, para nos entendermos. Já quanto à ortografia, o caso muda de figura, uma vez que consabidamente impera na sua utilização uma bem estrita consciência do erro, apoiada por instrumentos – por exemplo, os prontuários ortográficos ou os correctores de texto informáticos – que servem justamente para regular as grafias.

No oposto e por outro lado, está o comprazimento com que proclamamos o Português como factor de agregação do mundo chamado “lusófono”,

* Publicado no *Jornal das Letras* do dia 12 de março de 2008

agregação atestada pela existência de uns supostos 200 milhões de falantes; um número que tende a oscilar, em função do maior ou menor entusiasmo de quem esgrime tão impressionantes milhões. É inquestionável, contudo, que, mesmo descontadas as ditas oscilações, a magnitude daquele universo dá que pensar; e não é menos evidente que ele se configura a partir de um património linguístico comum, cuja unidade é relativa, como, de resto, sempre acontece em circunstâncias e em legados culturais semelhantes.

Mas parece indiscutível que, num mundo que reiteradamente hoje reconhecemos como globalizado, a consolidação de grandes blocos geo-culturais pode ajudar a salvaguardar singularidades e diversidades, mesmo no interior desses blocos, em domínios que estão para além da língua, mas que com ela se articulam estreitamente: na literatura, nas práticas culturais não verbais, nos negócios, na diplomacia, nas organizações internacionais, na ciência, etc. Como quem diz: há idiomas cuja afirmação (se é que não sobrevivência, a prazo) depende também de opções estratégicas que ajudem a contrariar o poder hegemónico de duas ou três línguas com dimensão efectiva ou tendencialmente global.

2. As coisas começam a complicar-se quando, às vezes com alguma ligeireza e uma ou outra pitada de demagogia, ouvimos fazer a fogosa apologia da irrestrita diferenciação, dentro de um universo como aquele que aqui está em causa e que é o da Língua Portuguesa. Por outras palavras: quando, ao valorizarmos o enriquecimento idiomático determinado pelos usos excêntricos (num sentido não depreciativo do termo) do Português, erigimos esse poder criativo em regra (ou melhor: anti-regra), no limiar da total desregulação ou até mesmo aceitando-a acriticamente. Procurando ser mais explícito: a desagregação do idioma acelerar-se-á, se não se entender que a criatividade linguística de Ondjaki, de Mía Couto, de Lobo Antunes ou de Raduan Nassar se desenvolve num quadro próprio, que é o da criação literária, lá onde as normas morfossintácticas, os repertórios lexicais ou as convenções semânticas podem ser livremente subvertidos, sem controlo que se veja ou que se tolere.

Dir-se-á (e é verdade) que essa subversão é quase sempre inspirada pela capacidade de “escutar” a vibração da língua viva, a que é falada fora das academias,

com incorporação literária de modismos, de elementos dialectais e de variações sociolectais; a isto acrescento que aquilo que a literatura modeliza e às vezes deliberadamente deforma ou refigura, sob o signo de uma dinâmica inovadora inscrita no seu código genético, só lenta e cautelosamente é ratificado por uma consciência e por um uso colectivos, apoiados em procedimentos normativos. São eles que, por fim e goste-se ou não, asseguram a coesão possível de um idioma que, sem essa coesão, teria tantas «normas» quantos os seus falantes. Não é verdade que a nossa Academia das Ciências foi por muito tempo verberada por ter tardado a elaborar o dicionário com que outras Academias há muito tinham brindado os respectivos universos linguísticos?

É no equilíbrio instável entre as duas tendências — a inovadora e a conservadora — que as grandes línguas de cultura vão fazendo o seu caminho; e é da gestão ponderada daquele equilíbrio que depende a possibilidade de um idioma como o Português preservar alguma coesão, sem prejuízo da tal criatividade. Sabem-no bem os professores que quotidianamente convivem com a necessidade de explicar aos seus alunos que a famosa pontuação de Saramago ou o léxico de Guimarães Rosa têm razões estéticas que a razão gramatical e vernacular desconhece; e bem se diz que escritores que hoje são clássicos (um Garrett ou um Eça) no seu tempo foram algumas vezes apostrofados como ignorantes do vernáculo.

3. Quem teve a paciência para me ler até aqui já terá percebido para onde me encaminho: para a ponderação do Acordo Ortográfico à luz do que fica dito. Ou seja, em conexão directa com questões de índole histórica, sociolinguística e político-cultural, todas elas remetendo, por junto, para opções de estratégia linguística que são determinantes para a adequada resposta solicitada por aquelas questões. A consagração de um acordo ortográfico entre os países que têm em comum a Língua Portuguesa é, assim, uma opção estratégica de capital importância.

Sei bem que há razões e interesses de vária ordem, às vezes interligados, que podem interpor-se entre a grande razão estratégica que motiva o Acordo Ortográfico e a sua efectivação com sucesso. Razões de índole educativa, razões

de natureza económica (designadamente as que são invocadas pelo mundo editorial), razões de feição simbólica, razões afectivas, até mesmo razões técnico-linguísticas (por exemplo, apontando no acordo deficiências que podem certamente ser corrigidas). Todas elas merecem ser apreciadas; nenhuma delas chega, só por si, para pôr em causa as consideráveis vantagens de um instrumento que seguramente ajuda a decidir esta coisa muito simples: queremos ou não queremos que a Língua Portuguesa exiba a coesão relativa que ajude a viabilizar a sua existência plurinacional, multicultural e pluricontinental, com visível estatura e indiscutível estatuto na cena internacional e com as óbvias vantagens políticas, económicas e culturais daí decorrentes? Se queremos, então vamos em frente com o Acordo Ortográfico que outros países do universo linguístico português já entenderam ser inevitável; se não queremos, então esqueçamos o Acordo Ortográfico. Só que, depois, não haverá legitimidade para queixas ou recriminações, se o nosso isolamento linguístico vier a ser alguma coisa como o último reduto dos lusitanos encerrados numa pequena e recôndita aldeia resistente à mudança e ao moderado reajustamento da ortografia.

Falo, evidentemente, pensando no horizonte de décadas ou séculos (é essa a bitola por onde se mede o destino das línguas), não tanto olhando para o imediatismo dos negócios em curso e dos seus pontuais ganhos e perdas, muito menos atendendo a complexos de inferioridade cujo obscuro motor é a miopia que impede que se reconheça que o futuro da Língua Portuguesa depende hoje do Brasil, mais do que de Portugal.

4. Chegados a este ponto, convém lembrar algumas coisas simples, mas nem sempre presentes no espírito de quem ilustra esta discussão com dichotes, com engenhosos trocadilhos ou com a parcial invocação de exemplos às vezes absurdos por inverosímeis, tudo baseado na tão conhecida tendência portuguesa para reduzir a análise séria à ligeireza das opiniões de quem «acha» que um aeroporto deve ser aqui, porque sim, e não ali, porque não. Ainda recentemente a Prof.^a Maria Helena da Rocha Pereira chamou a atenção, num artigo publicado neste jornal, para os excessos de alguns argumentos esgrimidos contra o Acordo Ortográfico, a isso contrapondo a lúcida análise histórica que a sua autoridade académica bem sustenta.

Vamos às tais coisas simples.

Primeiro: um acordo é, por natureza, um acto positivo, envolvendo um sentido de entendimento que importa enaltecer e não menosprezar.

Segundo: um acordo não é uma dogmática unificação de procedimentos, com rigidez e com radicalidade, é um encontro de vontades, fundado no reconhecimento da dignidade das partes que o celebram, sem preconceitos, complexos ou reservas mentais.

Terceiro: um acordo, por ser um entendimento, implica disposição para o diálogo e para abertura, não o ensimesmamento em comportamentos autistas de qualquer espécie.

Quarto: um acordo implica o pragmatismo que leva a que se concorde no que é possível concordar, com o privilégio de posições comuns e sem prejuízo de diferenças e de singularidades que não põem em causa o essencial da concordância.

Por fim: se um acordo incide na ortografia, então reconheça-se que ele contempla aquele domínio da norma e da prática linguísticas que é mais convencional e susceptível de reajustamentos que o uso rapidamente incorpora.

Não tenham receio os educadores: o que está em causa neste acordo ortográfico é aproximar a grafia da articulação fonológica ou, noutros termos, o modo como escrevemos do modo como falamos. Há alguma desvantagem ou ofensa cultural, se passo a escrever “elétrico” em vez de “eléctrico”? Houve desrespeito pelo idioma de Alexandre Herculano, pelos legisladores do Liberalismo, pelos jornalistas do fim do século XIX ou pelos dignos cidadãos letrados seus contemporâneos, quando passou a escrever-se “fósforo”, “afeição” ou “exausto”, em vez de “phosphoro”, “affeição” ou “exhausto”?

5. Os partidários de uma concepção, digamos, libertária, individualista e sobretudo idealista do idioma argumentam, quando lepidamente decretam que o Acordo Ortográfico é desnecessário, que o Inglês também o não tem e passa muito bem sem ele. Para além de assim se omitir que provavelmente as

oscilações ortográficas em Inglês não serão assim tão acentuadas, falta aprofundar um pouco a questão e perguntar porquê. Se o fizermos, teremos uma resposta tão óbvia que chega a ser difícil entender como se não percebe coisa tão conspícua – sendo embora sabido que, como dizia um escritor português, “em Portugal o óbvio é que é difícil”. O Inglês não tem acordo ortográfico, porque simplesmente não precisa dele. E não precisa porque o seu esmagador poder linguístico é sobretudo um efeito de outros poderes que arrastam e praticamente impõem aquele poder linguístico: o poder político, o poder económico, o poder tecnológico, o poder cultural, etc. Numa palavra: o poder. À questão do Inglês não é raro juntar-se a do Espanhol que, diz-se assim sem mais, também não tem acordo ortográfico. Também aqui faltaria ir um pouco mais longe, entrando por terrenos de ponderação histórica e lembrando o seguinte: a forma como ocorreu a emancipação política da América Latina de colonização espanhola, conduzindo à fragmentação em cerca de uma vintena de países, permitiu a sobrevivência de Espanha como uma espécie de «metrópole» europeia e pós-colonial, com salvaguarda de um certo ascendente dessa «madre pátria», no plano linguístico; um ascendente que se reforça pelo labor de uma bem articulada e vigorosa política de difusão da língua, com a qual Portugal muito tem a aprender. Nessa política de língua intervêm entidades como o Instituto Cervantes ou a *Real Academia Española de la Lengua*, sendo inequívoco que esta última tem, no universo da Língua Espanhola, um prestígio normativo que a nossa Academia das Ciências infelizmente não detém. Acresce a isto (e sem que se deseje ou possa esgotar aqui o tema) que, nos nossos dias, a Espanha é também uma potência económica, o que ajuda a fazer do Espanhol (e já não apenas naquele vasto espaço pós-colonial, note-se) uma espécie de “inglês latino”. Mesmo e cada vez mais no Brasil, convém notar.

6. Em comparação com tudo isto, como fica a situação do Português? Tem Portugal a possibilidade ou até o direito de se manter agarrado a uma concepção conservadora da ortografia, como se ela fosse o inexpugnável baluarte da identidade portuguesa? Serão os interesses das editoras, por muita atenção que mereçam, absolutamente determinantes para condicionarem decisões de amplo alcance e alargado espectro cultural? E podem os portugueses (alguns portugueses) persistir em encarar

o Brasil como um parceiro menor neste processo ou até como um inimigo a quem se não deve «fazer cedências»? É curial ou inteligente ignorar o muito que o Brasil faz, por outras vias que não necessariamente a do trabalho de difusão da língua, para a afirmação internacional da Língua Portuguesa? É politicamente acertado fingirmos que não vemos a crescente aproximação, neste e noutros domínios, dos países africanos de língua portuguesa ao Brasil, aproximação particularmente visível no caso de Angola? Mais uma e inquietante pergunta: se Angola e o Brasil se entenderem, como já foi sugerido, quanto à adopção de uma ortografia comum (podendo arrastar a adesão de outros países africanos e de Timor), em que posição fica Portugal? As respostas são tão evidentes que as interrogações que aqui formulo são quase retóricas.

7. No ponto a que chegámos, este é seguramente um problema político. O Governo português tem ao seu dispor os instrumentos, os argumentos e sobretudo a legitimidade para fazer avançar o que há muito está decidido. Se o não fizer, estará a cometer, por omissão, um erro colossal, com gravíssimas e irrecuperáveis consequências para o que será o destino do Português, no tempo a vir.*

PS: Este texto já estava entregue para publicação, e até paginado, quando se soube que o Governo tinha aprovado a proposta do segundo protocolo modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Foi declarado também que seriam adoptadas as medidas adequadas para “garantir o necessário processo de transição, no prazo de seis anos”. É uma boa notícia com uma má notícia lá dentro. Um prazo de transição de seis anos afigura-se-me um prazo excessivamente alargado, capaz de diluir no esquecimento e na lassidão desse tempo longo uma medida que urge adoptar de forma corajosa e com a maior celeridade possível. Uma vez que a decisão será ainda submetida ao Parlamento e ao Presidente da República, espero que venha a haver condições para ponderar um prazo mais curto, na convicção em que estou de que só assim a dita aprovação e eventual ratificação serão conseqüentes.

* Sobre este mesmo tema, publiquei um artigo (“Falar como os Brasileiros”), na revista *Visão*, de 13 de Dezembro de 2007; um outro artigo (“Da ortografia como estratégia”) será publicado no jornal *Expresso*.

SESSÃO DO DIA 3 DE ABRIL DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 27 de março de 2008, que foi aprovada. Ao justificar sua ausência na última quinta-feira, informou que esteve em São Paulo na posse da escritora e amiga Ruth Rocha, na Academia Paulista de Letras, onde encontrou o Acadêmico José Mindlin e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Em seguida, o Governador José Serra ofereceu um jantar no Museu da Língua Portuguesa, ao qual compareceu também a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que se encontra excelente de saúde e disposição. Disse-lhe que em breve estará nesta Casa, o que é sempre motivo de alegria. Na ocasião, o Governador José Serra lastimou muito não ter podido aceitar o convite do Presidente Marcos Vinícios Vilaça para vir à

Academia no ano passado, e manifestou o desejo de visitar esta Instituição. Rati-
ficou o convite feito pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Na mesma ocasião,
conversou com os diretores da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, que
continuam interessados na parceria da ABL com a publicação do livro *Machado de*
Assis, de Alfredo Pujol, que saiu no ano passado, e também *Sonetos*, de Guilherme
de Almeida, em fase de impressão. Também estão interessados num convênio
com a Academia para a publicação das obras de Machado de Assis, em forma-
to popular, assunto para posterior discussão junto à Comissão de Publicações.
Comunicou que esteve hoje pela manhã com o Acadêmico Arnaldo Niskier na
reunião promovida por um grupo liderado pela Academia Paulista de História,
formado por várias academias paulistas, como a Academia Paulista de Letras, a
Academia Paulista Cristã de Letras e outras. Na abertura da sessão, o professor
Luiz Gonzaga Bertelli homenageou a Academia Brasileira de Letras, passando-
lhe a presidência de honra da sessão. Discorreu sobre essa reunião realizada num
auditório de mais de quinhentos lugares completamente lotado. Receberam nes-
sa sessão medalha em homenagem a Dom João VI.

- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou o lançamento do livro sobre Ma-
chado de Assis, intitulado *Machado de Assis, Ontem, Hoje, Amanhã e Sempre*, que
consta de citações tiradas da obra de Machado de Assis e numerosos artigos
de vários acadêmicos. Reiterou o apoio que a Academia deve dar ao orga-
nizador dessa obra, o poeta Luís Coronel, e também à empresa Zaffari, de
Supermercados, que financiou o volume e a sua distribuição. Solicitou ma-
nifestação da Academia junto a essa instituição no sentido de parabenizá-la
por esse lançamento magnífico.
- O Acadêmico Domício Proença Filho reiterou a proposta do Acadêmico
Moacyr Scliar e acrescentou que a rede de Supermercados Zaffari lançou
uma embalagem em homenagem ao centenário da morte de Machado de
Assis com a reprodução da sua foto.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou a opinião do Acadêmico Moacyr
Scliar e acrescentou julgar o trabalho de Luís Coronel meritório, não apenas
com relação a essa publicação, mas também às publicações sobre Guimarães

Rosa e Mário Quintana. Trata-se, portanto, de empreendimento que merece o nosso apoio.

- O Presidente agradeceu aos acadêmicos Moacyr Scliar, Domício Proença Filho e Carlos Nejar, mas lembrou que a Academia tem apoiado publicações patrocinadas por esse supermercado desde 2006, ainda na gestão do presidente Marcos Vilaça. Lembrou que Luís Coronel esteve na Academia e aqui foram lançados *Mário Quintana*, no ano seguinte, o *Guimarães Rosa* e o *Dicionário de Machado de Assis*. Salientou que esse apoio e parceria têm sido constantes por parte da Academia. O Presidente informou que dará conhecimento ao Dr. Luís Coronel dos pronunciamentos ocorridos nesta sessão sobre o seu trabalho.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a comemoração do centenário do Acadêmico Luís Viana Filho, em Salvador, onde teve a honra de representar a Academia Brasileira de Letras (Por determinação do Presidente o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Marco Maciel comunicou que fez realizar no Senado da República uma sessão em homenagem ao Acadêmico Luiz Viana Filho, por ocasião do centenário do seu nascimento. A reunião foi muito concorrida, falaram muitos oradores, e posteriormente fará chegar à Academia a ata daquela reunião, para que fique nos nossos arquivos. Comunicou a seguir que há um projeto de sua autoria, praticamente aprovado, em relação de 2010, ano do centenário de morte de Joaquim Nabuco. Acrescentou esperar que se converta em lei hábil, para que possam organizar celebrações compatíveis com a figura de Joaquim Nabuco que dizia ter, como única causa, a da Abolição. Deu notáveis contribuições ao país em diferentes campos, inclusive no da política. Citou *Um Estadista no Império*, obra que continua a ser uma referência para a compreensão da história da segunda metade do século XIX, contribuindo muito para o esclarecimento de algumas questões que foram suscitadas no Império e que, de alguma forma, permanecem presentes na história republicana.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por essa viagem que fez à Bahia para representar a Academia Brasileira de Letras na

cerimônia do centenário de nascimento de Luiz Viana Filho. Lembrou sua provável participação no processo de doação do terreno, onde ficava o pavilhão inglês. Em suas crônicas, Austregésilo de Athayde aludia à reação negativa do Presidente Castello Branco à doação desse terreno e dizia-lhe: “Athayde, você é um louco. Não vou doar coisa nenhuma.” No final do governo, segundo consta das suas memórias e artigos, Castello Branco, chamou Austregésilo de Athayde e disse: “Olha, tem uma pessoa mais louca do que você. Sou eu. Está aqui o decreto de doação do terreno”. É claro que com aquela cláusula de que não se poderia demolir o antigo prédio do pavilhão inglês. Acredita-se que nesse processo todo de convencimento do Marechal Castello Branco, o seu Chefe da Casa Civil, que era Luiz Viana Filho, deve ter tido uma participação decisiva. Finalizando, ressaltou que o centenário do nascimento de Luís Viana Filho será celebrado na ABL com uma conferência do Acadêmico Murilo Melo Filho.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho falou sobre a visita que fez à Acadêmica Zélia Gattai Amado que, por seu intermédio, pediu-lhe para que todos, seus confrades da Academia, que são sua segunda família, rezem por ela, pois está precisando muito da oração de todos. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da ABL*.)
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho por essa visita que fez em nome da Academia.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva comunicou que esteve em São Paulo na semana passada para o lançamento da nova edição dos livros de Jorge Amado. Registrou que teve a oportunidade de ver um belíssimo depoimento da Acadêmica Zélia Gattai, perfeito, lícido, com lembranças admiravelmente concatenadas de Jorge Amado, durante cerca de oito minutos. Depois, Paloma Amado contou-lhe como tinha sido feita aquela gravação, mas que a mãe tinha reagido muito bem. Aliás, a impressão que lhe ficou é de que ela estava bem disposta, alegre e rememorando Jorge de uma maneira muito sensível e oportuna. Ficou muito feliz em ter boas notícias de Zélia Gattai Amado.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara começou sua intervenção dizendo que a filologia vive. Registrou o lançamento, na Academia, do livro de um alemão que durante algum tempo viveu e trabalhou no Brasil. Chamava-se Oskar Nobiling, notável lusitanista que apresentou tese para a Universidade de Bonn sobre as cantigas de D. Joan de Guilhade, que para a época, início do século XX, era um trabalho exemplar. Escreveu quase sempre em alemão nas revistas alemãs e, agora, a editora da Universidade Federal Fluminense, juntamente com o apoio da Xunta de Galícia, resolve reunir esses dispersos num livro magnificamente apresentado. Pediu à Universidade, que o livro fosse enviado para os Acadêmicos, e acredita que já o estejam recebendo na próxima semana. Discorreu sobre o livro de Oskar Nobiling e todos os seus estudos publicados em São Paulo, em língua portuguesa e nas revistas alemãs, em alemão. Considera-se feliz porque a filologia progride, está viva e é sem dúvida nenhuma um grande manancial do qual os professores universitários estavam afastados.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet falou sobre o grupo Nós do Morro, que acredita tem a ver com a Academia. Discorreu sobre esta Associação sem fins lucrativos que há vinte e um anos atua na comunidade do Vidigal, no Rio de Janeiro. Nesse período, o grupo alcançou reconhecimento da sociedade brasileira, tendo sido agraciado com prêmios diversos, tais como Prêmio Shell, Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem, Prêmio Orgulho Carioca, menção honrosa da UNESCO e acaba de ser-lhe outorgado a Ordem do Mérito Cultural. Essa entidade dedica-se a várias atividades de natureza cultural, em várias áreas, sobretudo no campo do teatro. Registrou que essa associação tem sua sede no morro do Vidigal, comunidade carente, onde, curiosamente, um dos focos de interesse é a cultura erudita. Ultimamente têm participado de peças elaboradas, como “Dois Cavaleiros de Verona”, de Shakespeare, razão pela qual foram convidados pelo *Globe Theater*, de Londres, para participar da produção de uma nova versão de “A Tempestade”, de Shakespeare. Viajaram para Londres dois atores, o diretor e dramaturgo de Nós do Morro, Luiz Paulo Correa Castro, e o ator Luciano Vidigal. Isso em si já seria interessante como informação geral, mas acredita ter um interesse mais específico para a

Academia, que estendeu um braço cordial à cultura popular, principalmente na gestão do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Está entre os projetos desse grupo, para o ano de 2008, a encenação de “O Alienista”, de Machado de Assis. Não sei se será mantido o título, mas a base da peça será *O Alienista*. Tem a impressão de que nesse ano em que se celebra o centenário da morte de Machado de Assis seria interessante que a Academia, de alguma maneira, pudesse manifestar interesse pela atividade desse grupo.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu, em primeiro lugar, ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara por essa comunicação da nova edição do professor Oskar Nobiling e também informou à Academia que o Acadêmico Evanildo Bechara está viajando a Lisboa para uma Audiência Pública na Assembléia da República, a fim de discutir o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É um assunto que está em grande ebulição em Portugal. O Acadêmico Evanildo Bechara vai levar a posição da Academia Brasileira de Letras nesta audiência. Agradeceu também a comunicação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, porque a intenção dessa presidência é continuar a obra realizada na gestão do presidente Marcos Vinícios Vilaça, no sentido de encontrar nestas manifestações culturais populares algo que, de certa forma, a Academia possa assimilar. Informou também que a Academia tem uma programação já organizada. Está sendo levada a peça “Carolina”, indicação do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, às segundas e quartas, ao meio dia, e ainda as leituras dramatizadas. Certamente a ABL encontrará um espaço para apresentar o Nós do Morro. Sugeriu que montassem aqui “O Vidigal”, de Millôr Fernandes, uma adaptação do *Memórias do Sargento de Milícias*. Declarou que será com o maior prazer que a Academia fará contato com o grupo Nós do Morro.
- O Presidente disse que, antes de passar a palavra ao Acadêmico Antônio Olinto, para que este fale sobre Oliveira Viana, gostaria de ter uma definição do plenário sobre o problema de Oxford. Passou a palavra ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse que, como não esteve presente na sessão em que se discutiu a questão da resposta à carta, foi colhido de surpresa com a tendência, que notou na última sessão, de responder de uma maneira um tanto negativa à carta enviada pela Diretora do Departamento de Português da Faculdade de Línguas Medievais e Modernas da Universidade de Oxford. Fez uma retrospectiva das cartas trocadas entre a Academia e a Universidade de Oxford, na qual a Universidade atendeu à Academia em 99% dos casos, de maneira extremamente favorável. Introduziu apenas no parágrafo terceiro da resposta uma cláusula um tanto restritiva, que poderia ser melhorada através de uma resposta da Academia. Disse ter a impressão, que o teor da carta que será enviada pela Academia deveria primeiro manifestar satisfação pelo tom extremamente positivo com que a Universidade reagiu com relação às nossas demandas e pedidos. E, segundo, solicitar que a Universidade fosse um pouco menos evasiva com relação à matéria tratada no parágrafo terceiro, assumindo o compromisso de assegurar a filiação a um *College*, para facilitar alojamento e refeições.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho concordou plenamente com a reação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, pois as restrições feitas pela Casa são, na realidade, às quatro palavras: “a medida do possível”. Acha que a Universidade deveria retirar essas palavras e garantir a filiação a um *College*. Fazendo isso, eles atendem a 100% do que foi pedido pela Academia como condição para continuar o projeto. A seu ver, seria constrangedor para a Casa simplesmente dizer que isso não é suficiente.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva concordou com tudo o que foi dito pelos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e José Murilo de Carvalho. Está seguro de ser esta uma experiência que deve continuar a se repetir e, provavelmente, no futuro terá frutos melhores do que teve até agora. A seu ver, a Academia não pode ficar mal com relação à Universidade de Oxford. Vão ficar perplexos com a resposta da Academia, quando, na realidade, o que a Casa deseja é maior precisão sobre o aspecto de alojamento e de inscrição no sistema professoral da Universidade de Oxford.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse ter acompanhado toda essa discussão e queria se situar basicamente como uma pessoa que tem mais de cinquenta anos de vida universitária. A seu ver, há uma desproporção hierárquica que lhe causa espécie. A Academia Brasileira de Letras, com a sua expressão nacional e internacional, não pode estar discutindo convênios com o departamento de uma faculdade que não tem autonomia. Salientou que os custos da Academia se avolumaram, quer pelo aumento das suas obrigações com as bibliotecas, quer até pela conjuntura econômica do país. Assiste perplexo que a Casa vai gastar milhares de dólares com a Universidade de Oxford, que não é atribuição da ABL. Esse é um problema do Ministério das Relações Exteriores e do país. A seu ver não há coerência. Assinalou que acompanhou detidamente os resultados dos relatórios que foram trazidos pelos três Acadêmicos que lá estiveram: Sérgio Paulo Rouanet, Ana Maria Machado e José Murilo de Carvalho. Foi na época um investimento bem feito, mas, daqui para frente, não considera uma prioridade da Academia. Declarou-se inteiramente contrário à manutenção do convênio. Certamente, a Academia responderá de uma forma gentil e educada, como é a praxe da Casa.
- O Acadêmico Lêdo Ivo declarou ter estado em três feiras de livro, todas na América Hispânica: na República Dominicana, no México e na Nicarágua, e nesses países não encontrou nenhum livro de Machado de Assis. Indagou se esses US\$ 20.000 dólares (vinte mil dólares) previstos para serem aplicados num curso na Inglaterra não seriam melhor aplicados num convênio com uma grande editora latino-americana, que permitisse que os leitores da América Espanhola pudessem ler Machado de Assis, quase desconhecido em todo o continente. Ressaltou que a Academia está indo muito longe, quando perto o nome do maior escritor brasileiro é quase desconhecido. Salientou que em espanhol não há traduções de Machado de Assis. Disse que concorda inteiramente com o Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou o ponto de vista do Acadêmico Arnaldo Niskier e acrescentou que a observação do Acadêmico Ledo Ivo toca-lhe muito de perto, porque também participou de congressos e verificou que os brasileiros conhecem os latino-americanos, mas os latino-americanos

pouco conhecem da literatura brasileira e pouco se interessam em falar a língua portuguesa. No caso da Universidade de Oxford é algo muito distante. A seu ver, não sente nessa carta os 99% de apoio às intenções da Academia, porque na verdade eles estão pescando sem molhar os pés. O desejo da Academia é que Machado de Assis seja reconhecido primeiro na América Latina e que a língua portuguesa seja também amada pelos povos hispânicos.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet acredita que a questão poderia ser subdividida em duas: a primeira, de como responder esta carta, pois achou que apenas isso estivesse em jogo. Aparentemente se enganou. E a segunda questão é a do conceito em si, se existe ou não existe acordo com relação a conveniência de renovar o intercâmbio com a Universidade de Oxford. Disse ter se pronunciado apenas com relação ao modo como poderia ser feita uma resposta que não fosse totalmente incompatível com a carta de 10 de janeiro. Declarou-se a favor da manutenção da Cátedra. Lembrou que o artigo primeiro dos Estatutos da Academia diz que ela deve se dedicar ao culto da Língua e Literatura Brasileira, mas não diz, em nenhum momento, que essa ação deve se restringir ao território nacional. Como a Academia está inteiramente dentro do espírito, da filosofia dos Estatutos, seria oportuno que se estendesse a sua ação ao campo internacional.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho aduziu que todos os argumentos levantados contra o convênio seriam perfeitamente pertinentes quando foi discutida nesse plenário a carta enviada a Oxford. Naquele momento, sim, todos esses acadêmicos deveriam ter votado contra o convênio. Não lembra se os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Lêdo Ivo estavam presentes naquele momento. Mas a decisão foi aprovada por unanimidade no plenário. O plenário tem que se levar a sério. Se a proposta foi aprovada com essas condições, a Academia deve apenas solicitar a filiação garantida a um *College*.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier questionou a data da carta, 10 de janeiro, ocasião em que a Academia está em recesso.
- O Acadêmico Cícero Sandroni disse que a minuta da carta, preparada pelos professores que estiveram em Oxford, foi aprovada pela Diretoria e pelo

plenário, que havia se manifestado favorável ao acordo, nos últimos meses de 2007.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier voltou a levantar a questão, porque em quatro meses a situação econômica do país e mundial mudou para pior. Quem lê jornais está vendo a palavra recessão. Assinalou que não vê nenhuma incompatibilidade, sobretudo porque se fala da crise internacional, que a ABL se declare sem condições de arcar com o convênio. Ao contrário do que disse o Acadêmico José Murilo, acha que a Academia pode rever esse convênio para o próximo ano.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que sempre pensa num verso de Walt Whitman que diz assim: “Eu me contradigo? Pois muito bem, eu me contradigo” Acha que as circunstâncias e as necessidades criam as leis. E o momento atual mudou. Declarou que, respeitando a opinião dos confrades, é contra a renovação.
- O Acadêmico Lêdo Ivo voltou a falar sobre o convênio com Oxford, especialmente com relação ao item terceiro da carta. A seguir concordou com o Acadêmico Arnaldo Niskier no que toca ao nível de negociação entre a Academia e Oxford, que considera contrastante. Finalmente, abordou o problema da prioridade, embora isso não queira dizer que a Academia não aspire ver Machado de Assis reconhecido na Inglaterra, como o foi recentemente nos Estados Unidos no meio universitário, graças a um ensaio da Susan Sontag. E dentro desse problema de prioridade colocaria o da projeção do Machado de Assis na América Espanhola e, possivelmente, até na Espanha. Porque incomoda o fato de Machado de Assis não ser conhecido na América Latina, como deveria.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu muito pelas manifestações de carinho e de apoio que recebeu nesses três dias, em função do fuzilamento da sua secretária Maria Emília. Disse estar levantando o assunto não apenas pela violência cometida, mas pelo lado muito mais grave e que interessa a toda cultura brasileira, que é o problema da banalização da morte. Não precisa fazer o apólogo de Maria Emília, nem o que representou uma

senhora que sai a uma hora da manhã, porque a mãe se sente mal, toma o seu carro, leva o pai de volta para casa e, quando está voltando para o seu veículo, vê o carro sendo assaltado. Vai até os assaltantes e diz: “Olha, tem alarme”, e desarma o alarme para o carro poder ser assaltado. Volta para a calçada e, naquele momento, o alarme dispara e os bandidos lhe dão um tiro à queima-roupa. Em termos do que isso representa, é algo absolutamente extraordinário do ponto de vista da banalização da morte. Ao chegar à Academia, recebeu uma notícia de que já se sabe quais são os assassinos e de que indagaram se a remuneração é maior se entregarem os bandidos mortos. Esse fato ocorreu às 15h30min de hoje. É o justicamento no próprio âmbito do banditismo, em função dos seus asseclas e dos seus soldados. Isso mostra até que ponto estamos chegando neste horror inaudito, que é esta absoluta banalização da morte. Prosseguindo, comunicou que distribuiu a todos um volume do qual o Acadêmico Hélio Jaguaribe lhe deu a grande alegria de participar. Trata-se do seminário da Comissão de Alto Nível das Nações Unidas para Aliança das Civilizações. Salientou o trabalho de Néstor Canciani mostrando que não podemos trabalhar hoje a noção de diálogo das culturas apenas com o conceito antigo do multiculturalismo. É preciso pensar no interculturalismo, na medida em que há uma contra-ação e uma iniciativa na organização da memória social. Estamos começando a criar fundamentalismos massacrantes ou castradores da verdadeira memória social. Discorreu vastamente sobre o assunto tratado nesse seminário ao entregar este livro à Academia e aos Acadêmicos.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse que estava aguardando o desfecho do assunto relacionado com a Universidade de Oxford para se manifestar a respeito de mais essa contribuição do Acadêmico Candido Mendes. Disse tratar-se de mais um presente cultural que chega a todos, revelador dessa fecundidade com que Candido realiza um evento em dezembro e já agora, no começo do ano, se tem aqui a publicação, certamente de altíssimo nível. O que foi possível porque de um lado há o talento de homens como o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, e, de outro lado, há também a

fidelidade funcional da Senhora Maria Emília, que conheceu há décadas, sempre trabalhando pela cultura ao lado do grande intelectual. Acredita que, no momento em que a banalização da morte atinge esse nível paroxístico, a Casa deve manifestar-se de maneira fraterna com o colega, com a família enlutada, ficando o registro de que a Academia não é insensível à tragédia que estamos vivendo nestes dias.

- O Presidente informou que a discussão sobre o convênio com a Universidade de Oxford vai continuar em outra sessão e passou a palavra ao Acadêmico Carlos Heitor Cony.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony solidarizou-se com as palavras do Acadêmico Candido Mendes Almeida. Todos sentem não porque foi uma cidadã, mas, sobretudo, pela cidadã que foi, amiga de tantos anos da faculdade. Quanto à questão de Oxford, disse ter uma opinião um pouco mais estrutural. Lembrou o caso do homem que falava javanês, conhecido de todos. Na sua opinião, a cultura portuguesa e brasileira ainda não fazem parte do circuito internacional. Essa é a verdade dolorosa. Enquanto o país não tiver uma cultura elevada, de massa, não no sentido de massa fascista, mas no sentido de uma escolaridade que faça com que todos aprendam não só quem foi Machado de Assis, mas Casimiro de Abreu, Gregório de Matos e outros mais. O dia que aparecer alguém falando português na Ilha de Java, as pessoas saibam o que é português. Mas, de qualquer maneira, na situação em que estamos, somos javaneses.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva recordou ao Acadêmico Carlos Heitor Cony que nos séculos XV, XVI e XVII o português era a língua falada internacionalmente em Java e em toda aquela área da Ásia.
- O Acadêmico Moacyr Scliar, completando o que disse o Acadêmico Carlos Heitor Cony, salientou que o contato com outros países, com feiras de livros, editoras, etc., mostra que realmente a literatura brasileira perdeu o pouco espaço que tinha, porque o Brasil não é um país interessante. Não é um país onde estejam acontecendo coisas. Quer dizer, se nós tivéssemos um livro chamado *Dom Casmurro em Cabul*, provavelmente seria um *bestseller*. Enquanto

nós não tivermos isso, não podemos “cromar as orelhas”, como se diz no Rio Grande do Sul, e não vai acontecer nada. Enfatizou que é preciso, como disse o Acadêmico Arnaldo Niskier, conquistar o público interno. Quer dizer, o que precisamos é levar a literatura brasileira para os brasileiros, para essa gente que vive no imenso território brasileiro e que não tem nenhum conhecimento de quem foi Machado de Assis. Acha que precisamos de um plano de ação, esse plano de ação que determinasse prioridades e, dentro destas prioridades, que se pensasse primeiro no que é mais importante. E o importante é o Brasil.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar. Acha que não é um assunto para ser decidido nos próximos dias. Na sua opinião pessoal, a carta da Universidade de Oxford, que procura responder a carta da ABL, datada de 10 de janeiro, não especifica orçamentos. Acredita que a questão financeira também não é uma questão relevante, até porque o dólar caiu. A segunda questão levantada pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet indaga se a Academia quer ou não renovar o contrato, pois o acordo não continha uma cláusula pétrea. Finalizando, manifestou seu apoio ao Acadêmico Cândido Mendes de Almeida pelo trágico falecimento de sua Secretária, Senhora Maria Emília, que conhecia tão bem. Tantas vezes esteve no seu gabinete. Tantas vezes conversou com ela pelo telefone. Assim que soube telefonou, prestando toda a solidariedade. Ressaltou a tristeza para a Academia desse momento em que uma vida é tirada de maneira tão banal e salientou o absurdo dessa conspiração da execução das pessoas que praticaram o crime.
- O Acadêmico Lêdo Ivo ponderou que na sessão de hoje não se discutiu apenas o problema da renovação ou não deste convênio. O problema que foi levantado hoje foi o da prioridade desta operação da Academia.
- O Acadêmico Cícero Sandroni assinalou que não foi essa questão decidida. A questão é a resposta ao Departamento de Português da Universidade de Oxford. Numa próxima sessão será colocada em votação o que o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet considerou. O plenário é que vai decidir. A Diretoria é apenas cumpridora das vontades do plenário. Perguntou ao Acadêmico

Antonio Olinto se poderia deixar a sua fala sobre Oliveira Viana para a próxima semana, devido ao adiantado da hora.

- O Acadêmico Domício Proença Filho sugeriu uma carta solicitando esclarecimentos mais objetivos sobre a participação de Oxford, para que o Plenário não continue rediscutindo o discutido. Com os elementos que Oxford fornece e com uma explicitação mais clara e objetiva do que significa, em termos orçamentários e financeiros, a participação de Oxford e a contrapartida da ABL, facilitarão a discussão posterior do conceito.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho e salientou que vai examinar a sua sugestão. Antes de encerrar a sessão, agradeceu a presença de todos e informou aos senhores acadêmicos que hoje pela segunda vez vieram 27 acadêmicos, chegando ao nível recorde de presença. Nada mais havendo a tratar, convidou a todos para a mesa-redonda em homenagem aos 100 anos da Associação Brasileira de Imprensa no Salão Nobre do *Petit Trianon* e, em seguida, para o lançamento do livro *180 Anos do Jornal do Commercio – 1827-2007, de Dom Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*.

LUÍS VIANA FILHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE.

SENHORA e SENHORES ACADÊMICOS.

Designado por V. Ex.^a, estive neste último fim de semana em Salvador, onde o representei e esta Casa na homenagem prestada ao Acadêmico Luís Viana Filho, pelo transcurso do seu Centenário.

No Auditório da Universidade Federal da Bahia – inteiramente lotado, com mais de 500 pessoas presentes – foi realizada uma sessão solene, que contou com as presenças do Governador Jacques Wagner, dos ex-Governadores Roberto Santos, Waldyr Pires e Paulo Souto, além de parlamentares, diplomatas, catedráticos, jornalistas e estudantes.

Falaram quatro oradores oficiais: o Governador Jacques Wagner; o Jornalista Edvaldo Boaventura, presidente da Academia de Letras da Bahia; o Senador Luiz Vianna Neto, filho do homenageado, e eu mesmo a quem coube falar em nome da nossa Academia. Na ocasião, comuniquei que V. Ex.^a, SENHOR PRESIDENTE, já havia marcado o próximo dia 12 de agosto para a realização de uma Sessão Solene em homenagem à memória de Luís Viana Filho.

* Proferidas na sessão do dia 3 de abril de 2008.

Fiz, então, uma ligeira relembração dos 36 anos da presença, em nossa Academia, desse grande escritor baiano, que, segundo o Acadêmico Lêdo Ivo, aqui ao lado, foi saudado por Alceu Amoroso Lima, como “O Príncipe dos Biógrafos Brasileiros”.

Recordei a imagem que ele deixou entre nós, com seu caráter firme e doce, seu trato afável e carinhoso, sempre atento, respeitoso e gentil, mas, sobretudo a sua probidade pessoal, honradez, lealdade partidária e sua coerência política, fenômenos que andam, hoje em dia, cada vez mais raros e mais escassos na nossa pobre paisagem política.

E acrescentei que dele – de Luís Viana Filho – de seu exemplo de biógrafo honesto e competente, de político liberal, adversário dos radicais, de parlamentarista fiel e leal a Octavio Mangabeira, a João Mangabeira e a Raul Pilla, dele, Luís Viana Filho, nós Acadêmicos, estamos sentindo, como naquela homenagem, e sentiremos sempre, muita falta e saudades imensas.

VISITA A ZÉLIA GATTAI AMADO

Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho

SENHOR PRESIDENTE.

Mais uma palavrinha, com licença de V. Ex.^a e da paciência dos acadêmicos presentes.

É que aproveitei a minha presença em Salvador para visitar, em nome de todos nós, a nossa colega Zélia Gattai Amado.

Encontrei-a já instalada em seu novo e espaçoso apartamento, no bairro das Brotas, repousando num divã, alimentada permanentemente por um tubo de oxigênio, assistida por duas enfermeiras, uma à noite e outra durante o dia, mas lúcida e atenta a todos os detalhes que se relacionam com a Academia e conosco, através dos boletins e notícias que lê avidamente.

Os muitos remédios que lhe são ministrados diariamente conseguem dopá-la e ela dorme pesadamente durante toda a noite.

Conversamos mais de duas horas, durante as quais ela quis saber de tudo e de todos. Tinha recebido na véspera uma coleção dos seis livros de Jorge, editados pela Companhia das Letras.

Tem muitas saudades de todos nós e alimenta a esperança de que sua saúde melhore o suficiente para que ela volte a frequentar a nossa Casa. E concluiu:

“Peço a todos os membros da minha segunda família, que é justamente a minha Academia: rezem por mim, pois estou precisando muito de suas orações”.

MUITO OBRIGADO.

SESSÃO DO DIA 10 DE ABRIL DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 3 de abril de 2008, que foi aprovada. Pediu permissão ao plenário para inverter a pauta da sessão de hoje, iniciando-a pela celebração das efemérides. Passou a palavra ao Acadêmico Antonio Olinto.
- O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre a vida e a obra de Oliveira Viana, nascido no ocaso do Império, que serviu de tema a um dos seus livros mais representativos. Ocupante da Cadeira 8, sucedeu a Alberto de Oliveira. O Acadêmico lembrou o sociólogo e pensador político que tinha uma postura sacerdotal em tudo o que fazia, visível no estilo de vida e no seu trabalho de escritor. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto a breve exposição sobre Oliveira Viana. Ressaltou que Austregésilo de Athayde o sucedeu na Cadeira 8 com um belo discurso, em que o liberal analisava a obra de um pensador favorável a um governo forte. Depois, Austregésilo de Athayde foi sucedido por Antonio Callado e este por Antonio Olinto, nessa Cadeira fundada por Alberto de Oliveira, que teve como Patrono Cláudio Manuel da Costa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, após ter feito uma exposição de motivos, propôs a concessão da Medalha João Ribeiro ao editor Paulo Rocco. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente comunicou que a proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho será encaminhada à Diretoria e, dentro de duas sessões, voltará ao plenário para votação.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho solicitou ao Presidente que fosse também enviada a todos os acadêmicos o texto da sua proposta.
- O Presidente Cícero Sandroni estranhou a ausência do nome do livreiro Francisco Alves entre os citados, por ocasião da exposição feita pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, e o Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou o de Abrahão Koogan.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier falou da emoção durante a solenidade realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 9 do corrente, celebrando o centenário da Associação Brasileira de Imprensa, quando subiram ao palco mais de cem jornalistas de todos os tempos. Declarou que a essa emoção se juntou também à referência que Maurício Azedo, Presidente da ABI, fez ao Presidente Cícero Sandroni, que foi, além de Gustavo Lacerda, o autor mais citado na sua oração. Afirmou, como membro desta Casa, ter ficado muito orgulhoso da homenagem que a ABI, ali homenageada, não deixou de fazer à sua grande parceira na luta pela liberdade de expressão, que sempre foi a Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou sua participação na mesa-redonda em homenagem à Associação Brasileira de Imprensa, realizada na Academia Brasileira de Letras, ocasião em que ouviu todos os brilhantes discursos. Ressaltou que lhe foi outorgada, pela atual Diretoria da ABI, esta medalha de honra. Justificou a sua ausência no Teatro Municipal, porque não queria ser distinguido por uma Associação que o expulsou num momento em que estava sendo injustamente processado pelo Ministro da Guerra, por delito de opinião. Seu advogado o instruiu, na época, que pedisse ao Presidente da ABI para comparecer em juízo e depor a seu favor, dizendo que nada conhecia que o desabonasse profissionalmente e pessoalmente. Esse Presidente o ignorou, e disse ao advogado que não podia comprar uma briga com o Ministro da Guerra e que pretendia ainda propor a exclusão de seu nome entre os associados da ABI. Quem o ajudou nesse momento, ocupando o lugar do Presidente da ABI, foi Austregésilo de Athayde, que era Presidente da Academia Brasileira de Letras e que, não só compareceu para defendê-lo, como também levou em sua companhia o Acadêmico Alceu Amoroso Lima e o poeta Carlos Drummond de Andrade.
- O Presidente Cícero Sandroni salientou que o Acadêmico Carlos Heitor Cony fez muito bem em não comparecer à premiação da ABI, porque esta é uma mancha negra na história da Instituição. Ressaltou a importância da participação dos jornalistas na ABI, mesmo estando as redações distantes do centro da cidade.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou ainda que, em outras épocas, a Associação Brasileira de Imprensa reunia no seu restaurante, uma vez por semana, para um simpático almoço, a Ordem dos Velhos Jornalistas, e um dos jornalistas mais freqüentes era o Acadêmico Austregésilo de Athayde.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier salientou que, se a ABI teve alguém que não honrou a tradição da Casa, que sempre foi de culto à liberdade, em toda sua história ocorreu exatamente o oposto. Exemplificou com o nome do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, que lutou contra a Ditadura e a liberdade de imprensa e jamais teria outra atitude que não fosse a defesa de um jornalista.

Prefere ficar com a imagem da ABI, de Barbosa Lima Sobrinho, do que de alguém que um dia desonrou a grande tradição de defesa da liberdade.

- O Presidente Cícero Sandroni, de acordo com a Diretoria, propôs ao plenário a seguinte solução para o problema da Cátedra de Oxford. A Diretoria irá responder à carta que foi enviada à ABL, em resposta a carta do dia 11 de janeiro, da seguinte forma: a Universidade de Oxford não vai cobrar mais nada do que cobrava anteriormente. A Academia arcará com a despesa da passagem e hospedagem do Acadêmico durante dois meses, alojado de maneira digna. Salientou que a passagem será patrocinada pela TAM, convênio herdado na gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Esclarecido o problema, depois de uma carta que será enviada para Oxford sobre a questão da instalação do Acadêmico, à ABL caberá a despesa de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais), o que é diferente dos US\$ 30.000,00 (trinta mil dólares) cobrados anteriormente. Informou que o Convênio será renovado apenas por um ano, por experiência, e, se tudo der certo, prorrogado por mais tempo. Finalizando, perguntou aos Acadêmicos se todos haviam recebido o convite para um almoço por ocasião da cerimônia de premiação do Concurso de Monografias sobre Lima Barreto, para professores do exterior, a realizar-se no Itamaraty. Nesse almoço, oferecido pelo Ministro Celso Amorim, espera ter a oportunidade de conversar sobre o problema de Oxford no que concerne a essa empreitada de manter centros de estudos brasileiros no exterior, o que competiria ao Governo Federal. Entregará também ao Ministro Celso Amorim a relação dos 600 centros de estudos brasileiros com a finalidade de obter a colaboração desse Ministério, não só nesse convênio, também como na concretização do Instituto Machado de Assis, sonho de todo intelectual e que até agora não existe por causa da disputa entre os Ministérios da Cultura, Educação e Relações Exteriores.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho ressaltou que a proposta da Diretoria em relação à Cátedra de Oxford é perfeita.
- O Acadêmico Carlos Nejar, em face dessa nova perspectiva, apoiou a decisão da Diretoria.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe propôs que a amável disputa entre as instituições públicas que querem patrocinar o Instituto Machado de Assis se resolva, atribuindo o patrocínio à Presidência da República.
- O Presidente Cícero Sandroni pediu que os Acadêmicos sugerissem nomes para outorga da Ordem do Mérito Cultural, instituída pelo Ministério da Cultura e que tem por finalidade premiar personalidades, órgãos e entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, que se distinguiram por suas relevantes contribuições prestadas à cultura e que possui três classes: Grã-Cruz, Comendador e Cavaleiro. Informou ao Plenário que mandou fazer cópia para ser distribuída aos Acadêmicos dos artigos do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, sobre Cecília Meireles, e do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, “A Sabedoria do Equilíbrio”, matérias que foram articuladas pela Assessoria de Imprensa da ABL. Informou que esta assessoria encontra-se à disposição dos Acadêmicos. Fez distribuir também o discurso do Presidente Mário Soares ao receber o Presidente Fernando Henrique Cardoso na Academia das Ciências de Lisboa, onde há referências à Academia Brasileira de Letras. Convidou a todos para a segunda mesa-redonda sobre o Padre Antonio Vieira com a Professora Cleonice Berardinelli e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar. E encerrou a sessão.

OLIVEIRA VIANA

*Estudo do Acadêmico Antonio Olinto**

José Francisco de Oliveira Viana, nascido no ocaso do Império, e um de seus livros mais representativos tem precisamente esse título, sucedeu a Alberto de Oliveira na Cadeira 8, numa espécie de homenagem ao seu antecessor. Ambos fluminenses de Saquarema, ao longo dos anos de 1920 e 1930, amigos de Oliveira Viana insistiram em que ele se candidatasse à Academia. Entre eles, o que mais veementemente argumentava em favor dessa candidatura era Alberto de Oliveira. Morto este, decidiu José Francisco inscrever-se na vaga. Sociólogo e pensador político dos mais lúcidos deste País, tinha Oliveira Viana uma postura sacerdotal, visível em tudo o que fazia – no seu estilo de vida, no seu trabalho de escritor, em suas pesquisas, no modo como sentiu e entendeu o Brasil. O autor de instituições políticas brasileiras, cuja formação intelectual se deu em plena república, viu a terra dele, e nossa, como um todo, percebendo, em cada fase do desenvolvimento brasileiro, uma afirmação nativista um esforço de expansão que levava os colonizadores a esquecer o confinamento ibérico para pensar o novo território em termos de uma expansão maior e conseguiram, assim, ir além do limite de tordesilhas e estabelecer as bases de um país de dimensões continentais, de língua portuguesa, cercado de unidades políticas menores, de língua espanhola – todos porém de germe ibérico, romano-visigótico-árabe.

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 10 de abril de 2008.

Constatou Oliveira Viana que nossa elite se preocupava mais com o estudo minucioso da realidade europeia do que com a análise de acontecimentos brasileiros. Cito-o:

“Ainda somos um dos povos que menos estudam em si mesmos: quase tudo ignoramos em relação à nossa terra, à nossa raça, às nossas tradições, à nossa vida, enfim, como agregado humano independente.”

Entre o primeiro pós-guerra de nosso tempo, quando Oliveira Viana escreveu essas palavras, e hoje, muita coisa mudou. Pensamos bem mais brasileira-mente do que então, mas, do ponto vista histórico, ainda não nos demos conta de que a memória vence o tempo. Somos todos testemunhas, em nossos dias, de que uma boa parte da comunidade cultural brasileira desconhece a história do nosso Império e, quanto ao século XIX, sabe mais de Disraeli e Gladstone na Inglaterra e das transformações políticas francesas pós-1870 do que sobre os gabinetes Saraiva, Ouro Preto, Zacarias, Sinimbu, no Segundo Império Brasileiro. Há também nisso um velho patrulhamento da república e dos republicanos brasileiros contra o Império e tudo o que a ele dissesse respeito.

Quem de fato conhece hoje entre nós a história de nosso parlamentarismo e de que modo influenciou ele nas instituições políticas de que dispomos neste novo milênio?

A análise que Oliveira Viana fez dos partidos políticos de seu tempo não precisa de acréscimos: continuamos no mesmo ponto em que estávamos quando da queda do Gabinete Zacharias em 1868 – isto é, os partidos políticos não eram, como ainda não o são, intérpretes de uma diretriz de governo definida.

A obra-prima de Oliveira Viana é principalmente *Populações Meridionais do Brasil*, largo panorama de um povo em formação. Alfredo de Taunay classificou-o como “livro de sociologia aplicada à história”. Era mesmo na história que Oliveira Viana se apoiava para suas pesquisas, sabedor de que a história a tempo inamovível, mesmo quando morto. Ninguém se mostrou mais nacionalista nesses estudos do que ele. Basta que se atente para o modo como apresentava a evolução de nosso pensamento político e os acontecimentos por ela provocados.

Para ele, não existiam séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Havia apenas um tempo, o tempo brasileiro, concentrado no país, com exclusão de tudo o mais. Assim falava em século I, para definir o que ocorreu no Brasil entre 1501 e 1600. Os seiscentos seriam o século II. Tinha a opinião de que nosso século mais forte e mais significado fora o século III, o do ouro, do diamante, do Aleijadinho, o da conjuração mineira, o dos poetas Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, o de Tiradentes. De outro modo não pensou o professor C.R. Boxer, do *King's College*, da Universidade de Londres, que no excelente livro *The Golden Age of Brasil*, publicado 40 anos depois do mais conhecido trabalho de Oliveira Viana, chamava esse mesmo período de “Idade de Ouro”, no duplo sentido de ter sido o da grande produção do metal, mas também o da importância daquela conjuntura histórica da colônia. O ouro brasileiro enriqueceu setores decisivos da Europa de então e ajudou a financiar a revolução industrial da Inglaterra. O nosso século IV, de Dom João VI, da Independência, dos imperadores e das repúblicas, marcaria o começo do exercício de uma autonomia difícil, e foi no seu livro *O Ocaso do Império* que Oliveira Viana analisou esse período, tendo como lema o que diz no prefácio dessa obra: “...há os que historiam factos e os que historiam idéias. Neste livro, eu procuro de preferência historiar idéias”.

Seu objetivo era definir, de maneira precisa, o papel exercido na queda da monarquia pela idéia federativa, pela idéia republicana...

Assim, século XXI do resto do mundo, vivemos também no ano VI do Brasil, que Oliveira Viana entendeu como necessário para chegarmos a uma autoconsciência que nos permita usar o que temos na mistura racial, cultural, e comportamental, que nos formou.

CONCESSÃO DE MEDALHA JOÃO RIBEIRO

*Proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhores Acadêmicos.

Esta Casa sempre manteve as melhores relações com os nossos Editores e Livreiros.

Assim aconteceu no passado, entre vários outros, com José Olympio, José de Barros Martins, José Bertazo, Carlos Ribeiro, Alfredo Machado, Ênio Silveira e Alberto Abreu.

Assim acontece no presente com todos os editores brasileiros, entre os quais se destaca o nome de Paulo Roberto Rocco, um paulista que veio para o Rio ainda muito moço e que adotou esta Cidade como a querida terra do seu coração.

É um economista formado pela Faculdade Candido Mendes.

Iniciou-se na vida dos livros em 1967, como gerente-geral da Editora Sabiá, ao lado de Fernando Sabino e Rubem Braga, nela permanecendo cinco anos até 1972 e sendo depois Diretor de Produção da Editora José Olympio até 1975 e Diretor-Superintendente da Editora Francisco Alves até 1977.

* Apresentada na sessão do dia 10 de abril de 2008.

Mas o seu sonho era o de ser dono do seu próprio negócio e nesse mesmo ano de 1977 fundou a Editora Rocco, de sua propriedade e, posteriormente, fundou mais duas empresas diretamente ligadas à Editora: a Rocco Promoções e Empreendimentos para o ramo publicitário e a JPA, uma gráfica que imprime os seus próprios livros, como já aconteceu, entre outros, com os escritos pelos Acadêmicos Paulo Coelho, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Carlos Heitor Cony e os da escritora Clarice Lispector, além de grandes autores estrangeiros, como J. K. Rowling, da série Harry Potter, John Grisham, Tom Wolfe e Gore Vidal.

Um dos seus objetivos de vida era o de ser líder de sua própria classe e em 1999 foi eleito Presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros e reeleito para mais dois períodos de 3 anos cada, com o término do mandato previsto exatamente para este ano de 2008.

Coroou sua gestão à frente do Sindicato como Diretor-responsável pelo mais importante evento na área editorial, que foi exatamente, no Rio de Janeiro, a recente e vitoriosa Bienal Internacional do Livro, realizada com enorme sucesso, com a presença de centenas de Editores e de 650 mil visitantes.

Senhor Presidente.

O nosso Regimento é muito sábio quando, no Parágrafo Único do seu Art. 65, determina que, abre aspas “A Medalha João Ribeiro distinguirá pessoas ou instituições nacionais que se tenham notabilizado no âmbito editorial e cultural”.

E no Parágrafo Único deste mesmo artigo estabelece que, “a proposta para atribuição da Medalha João Ribeiro será feita por qualquer Acadêmico, justificadamente, e encaminhada à Diretoria, que a submeterá ao Plenário”.

É precisamente isto o que estou fazendo neste momento, Senhor Presidente, apresentando ao Plenário esta justificativa, para que a Academia conceda a Medalha João Ribeiro ao Editor Paulo Rocco, por ser de Justiça, e em reconhecimento aos serviços que ele, há vários anos, vem prestando ao livro brasileiro.

Senhor Presidente.

Tomo a liberdade de sugerir também que se encaminhe cópia desta minha proposta aos Acadêmicos em geral e em particular a uma Comissão designada, cujo parecer será posteriormente submetido à decisão deste Plenário.

Esta é a minha proposta.

SESSÃO DO DIA 17 DE ABRIL DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 10 de abril de 2008, que foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Tarcísio Padilha, que aniversaria hoje, dia 17; para a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, cuja data natalícia transcorre no dia 19 de abril e, também, para o Acadêmico Helio Jaguaribe, que aniversaria no dia 23 do corrente. Informou que se encontra na bancada ao lado de cada acadêmico a comunicação que a Academia Brasileira de Letras fez na Conferência Internacional de Lisboa na Assembléia da República, no dia 7 de abril, pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Solicitou, mais uma vez, ao plenário para inverter a pauta da sessão de hoje, iniciando-a pela celebração das efemérides. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho declarou que a Academia comemora hoje os 90 anos do nascimento do Acadêmico Josué Montello, ocorrido no dia 22 de agosto do ano passado. Considera impossível falar de Josué Montello em uma simples comunicação, propondo-se apenas a traçar rápidas pinceladas sobre sua vida e obra. Lembrou que, modesto estudioso de sociologia, esteve sempre interessado na ascensão social no Brasil. Falou sobre a família modesta de Josué, filho de um pastor protestante, que sentindo ser o Maranhão acanhado para seus interesses, foi para Belém do Pará, onde começou a ensinar, escrevendo nos jornais e preparando seu primeiro livro. Como o ambiente não lhe parecia adequado para a sua competência, obteve uma passagem e veio para o Rio de Janeiro. Chegou à cidade sem conhecer ninguém. Consta que da Praça Mauá veio à Rua Presidente Wilson para conhecer a Academia. Foi morar numa modesta pensão na Rua São João Batista e, a partir daí, começou o seu trabalho como jornalista e como escritor. Aprovado em concurso de títulos e provas para técnico de educação. Iniciou brilhante carreira como Diretor dos Cursos da Biblioteca Nacional, Diretor Geral da Biblioteca Nacional, Diretor do Serviço Nacional de Teatro, Diretor do Museu Histórico Nacional, quando organizou o Museu da República, Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Paris e Delegado do Brasil na UNESCO, onde muito contribuiu para que Brasília fosse considerada Patrimônio Cultural da Humanidade e, em certa ocasião, quando da comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, percebeu que o nome de Austregésilo de Athayde havia sido omitido; pediu então a palavra para ressaltar a importância do papel desse confrade. Discorreu sobre a obra romanesca do Acadêmico Josué Montello, acrescentando que seria difícil examiná-la em todo o seu conjunto. Referiu-se apenas àquelas que tiveram maior repercussão, a trindade maranhense, como *Noite sobre Alcântara*, *Cais da Sagração* e *Os Tambores de São Luís*, este retratando a saga do regime de escravidão. Lembrou ter Alceu Amoroso Lima afirmado que Josué Montello era o romancista que, de modo mais completo e magistral, sabia traçar o plano do romance e tinha a impressão de que qualquer episódio poderia ser por ele transformado num romance, exemplificando com os livros: *A Coroa de Areia*, que é um panorama da Coluna Prestes; *Antes que os*

Pássaros Acordem, episódio da ocupação nazista da França; e *o Baile da Despedida*, na sua opinião um dos mais interessantes romances dessa época. Ressaltou o rigor estilístico do Acadêmico Josué Montello, confirmando o comentário de Oscar Mendes ao dizer que o escritor era um dos maiores estilistas da literatura brasileira. Salientou a rica ensaística do autor e seus vários estudos sobre Cervantes, Antônio Nobre e Ricardo Palma, destacando ainda sua obra publicada na França: *Un Maître Oublié de Stendhal*. Finalizando, lembrou que Josué Montello foi candidato à Academia Brasileira de Letras na vaga de Cláudio de Sousa numa disputa com onze candidatos, na qual foi eleito no primeiro escrutínio com 19 votos, tomando posse aos 37 anos. Falou do Acadêmico que mais escreveu sobre a Academia e destacou os cinco textos que ele preparou para o volume dedicado ao centenário da Casa, na gestão da Acadêmica Nélida Piñon, estudo muito bem feito e que registra os vários momentos da Academia. Salientou, na sua presidência, a recuperação do Palácio *Petit Trianon* e a emenda regimental, de acordo com a qual a presidência só poderia ser ocupada por um ano, de modo que todos os Acadêmicos pudessem ocupá-la. Reorganizou, com a colaboração da Fundação Roberto Marinho, os jardins do *Petit Trianon*, introduziu a auditoria externa, e iniciou os registros dos imóveis da herança de Francisco Alves que, desde 1918, não tinha sido legalizada. (Por determinação do Presidente o texto escrito será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho. Registrou que conheceu o Acadêmico Josué Montello há muito tempo, quando, junto com o Acadêmico Antônio Olinto, se aventuraram na edição de uma revista de contos, para a qual contaram com o apoio decidido de Josué Montello, que os presenteou com uma grande novela intitulada “O Monstro”. Lembrou que Josué Montello se dizia mais velho do que o Acadêmico Austregésilo de Athayde pelo fato de dormir muito pouco.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho requereu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo “Nélida Ensaísta”, escrito pelo Acadêmico Antônio Olinto e publicado na *Tribuna da Imprensa* da semana passada. Neste texto, o Acadêmico faz uma análise do novo livro da Acadêmica

Nélida Piñon, *Aprendiz de Homero*. Ressaltou a figura humana, agradável, simpática e jovial, merecedora de todo afeto que, como pródiga e perdulária, esbanja todo o seu imenso arsenal de cortesia, doçura, alegria, otimismo e carinho.

- O presidente Cícero Sandroni agradeceu as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho e disse que elas representam o pensamento de todos os confrades.
- O Acadêmico Antônio Olinto informou que esteve na III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – “O Brasil no mundo que vem aí”. Teve a oportunidade de relatar as duas viagens que fez à China em 1977, quando proferiu duas conferências sobre Jorge Amado e Graciliano Ramos. Por ocasião da segunda, em 1991, perguntou ao Primeiro Ministro Deng Chiao Ping como ia mudar a China em 15 anos. Ele respondeu: “Muito fácil, primeiros cinco anos educação, educação, educação e um pouco de agricultura e segurança; segundos cinco anos: educação, educação e educação; terceiros cinco anos: educação, educação e educação. São quinze anos, e a China estará mudada e será um grande país”. Isto aconteceu, e aqui o Congresso discute exatamente o que representa e o que pode representar a China para o Brasil. Informou que estará em São Cristóvão, onde o Itamaraty vai lançar vários livrinhos de cordel e colocará a diplomacia perto do povo.
- A Acadêmica Nélida Piñon agradeceu as manifestações de afeto e apreço que tem recebido sempre desta Casa.
- O Acadêmico Lêdo Ivo falou sobre o livro *Aprendiz de Homero*, da Acadêmica Nélida Piñon que considera uma obra importante. É um livro de ensaios que demonstra ser a criação literária e poética uma eterna aprendizagem que só termina com a morte do escritor. Esta é a grande lição que Nélida Piñon dá a todos. Em suma, um livro de aprendizagem contínua. Ressaltou a qualidade da prosa da Acadêmica Nélida Piñon, cândida e majestosa. Lembrou que teve a honra de recebê-la na ABL e, durante a elaboração do discurso, recebeu cartas anônimas que diziam não ser Nélida Piñon brasileira. Salientou a presença do “eu” que percorre todo livro, um “eu” muitas vezes triunfante,

de uma escritora traduzida internacionalmente, e um “eu” pedagógico de quem ensina e conta a sua vasta experiência literária. Disse que foi um grande prazer e uma grande alegria ler este livro tão rico, proveitoso e amoroso que é o *Aprendiz de Homero*.

- A Acadêmica Nélide Piñon agradeceu comovida ao Acadêmico Lêdo Ivo e, acolhendo palavras tão generosas, pensa em sua família. Salientou sua felicidade ao ouvir o Acadêmico Lêdo Ivo ter falado na sua ambigüidade de cidadão, que foi uma razão de seu enriquecimento, ou seja, ter vindo de uma família espanhola. Lembrou que em seu discurso de posse começou dizendo que era brasileira recente. Até então julgava-se recente. Hoje guarda o olhar de nova cristã, mas não teve que abjurar nada. Contou o fato de que depois de ter sido eleita, corria o boato de que não era brasileira. Os acadêmicos reagiram a seu favor por conhecer seu caráter.
- O Presidente Cícero Sandroni deu notícias da Acadêmica Zélia Gattai, que passou por uma cirurgia delicada. Informou que participou, ao lado do Acadêmico Arnaldo Niskier e da Acadêmica Ana Maria Machado, da homenagem feita pela Fundação Getúlio Vargas ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e ressaltou o discurso primoroso do homenageado. Informou que a Academia já conseguiu o patrocínio da TAM para a passagem dos Acadêmicos à Universidade de Oxford. Informou também que visitou o Solar da Baronesa, em Campos dos Goytacazes. Esteve com o Reitor da Universidade do Norte Fluminense, que se interessou muito em retomar o comodato que foi feito na época do Acadêmico Darcy Ribeiro. Informou ainda que o Ministério da Inclusão Social também está interessado em fazer um comodato com a Academia para instalar no Solar da Baronesa uma instituição com o nome Casa Brasil-Angola. Deu notícias ao Plenário de que o Bradesco informou que vai continuar o patrocínio do “Seminário Brasil, brasis”, criado durante a administração do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. O Bradesco Seguros irá patrocinar o Portal da Academia Brasileira de Letras. Informou que a Netumar irá pagar à Academia R\$1.042.840,50 (um milhão quarenta e dois mil, oitocentos e quarenta reais e cinquenta centavos) de multa processual pela ocupação indevida do prédio da Rua Uruguaiana. Recebeu

a notícia do Sr. Heraldo Mota Pacca, que foi o advogado encarregado pelo Acadêmico Carlos Nejar, quando Presidente em exercício, para dar continuidade a um processo de mais de cinco anos.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que Acadêmico Alberto Venancio Filho teve participação fundamental nesse processo com a Netumar.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que o processo todo começou na administração do Presidente Josué Montello.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que teve a sorte de entregar o assunto Netumar a um bom advogado e pedir medidas drásticas, porque era uma pendência que estava se arrastando há muito tempo.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou que o Presidente da República sancionou ontem o projeto de Lei de autoria do Senador Marco Maciel que criou a Ordem Nacional das Comunicações Roberto Marinho. Uma homenagem à imprensa e, em particular, a um dos maiores de seus profissionais, o Acadêmico Roberto Marinho.
- O Presidente convidou a todos para a inauguração da exposição em homenagem aos 90 anos do Acadêmico Josué Montello, no Saguão do primeiro andar do Centro Cultural da ABL, e, amanhã, às 10h, para a conferência da Acadêmica Ana Maria Machado no Seminário Monteiro Lobato, no Teatro R. Magalhães Jr. Nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão.

JOSUÉ MONTELLO

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

Será impossível em poucas palavras abarcar a vida e a obra de Josué Montello, do grande intelectual e grande escritor, homem dedicado integralmente à cultura e dedicado acadêmico.

Um dos aspectos da vida de Josué Montello é destacá-lo como produto da mobilidade social do país. Nesta Casa em outra ocasião ressaltai idêntica situação de Antônio Houaiss, resultado do estudo em escola pública.

Há na mesma situação nesta Casa um grupo de filhos e netos de imigrantes com ascendência espanhola, judaica, árabe e italiana que também chegaram a esta Casa.

Trataremos, assim, resumidamente da vida, da obra e do acadêmico.

De fato, Josué, filho de um modesto pastor protestante, sentiu limitado o ambiente de São Luís e demandou para Belém, onde aos dezesseis anos já era professor, colaborador em jornais e escrevia o primeiro livro em colaboração com Nélio Reis.

O ambiente de Belém era também acanhado para ele e, conseguindo uma passagem de navio, chega ao Rio de Janeiro, sem nada e sem conhecer ninguém.

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 17 de abril de 2008.

Consta que da Praça Mauá veio até a Avenida Presidente Wilson para conhecer o prédio da Academia.

Entretanto, consegui do Presidente da Câmara Antônio Carlos apresentação para o nosso confrade Victor Viana, Diretor do Ensino Comercial do Ministério da Educação. Após esperar várias semanas para ser atendido, leu o Diário dos irmãos Goncourt, foi afinal recebido.

No processo de mobilidade social, há a destacar também a Instituição do sistema do mérito no serviço público federal pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Abrem-se vários concursos nacionais, inclusive para técnico de educação. Josué não tinha conhecimentos específicos, mas, com o auxílio de seu amigo Joaquim Ribeiro (filho do nosso confrade João Ribeiro) usa para a prova escrita o método de organização de pontos e como tese O Sentido Educativo da Arte Dramática.

A banca era constituída de grandes educadores: nosso confrade Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Almeida Júnior e Fernando Rodrigues da Silveira. Títulos ele não tinha, salvo como disse “os vinte anos”, mas a defesa foi tão brilhante que mereceu os louvores de Fernando de Azevedo e foi classificado e nomeado.

Inicia-se, assim, uma brilhante carreira administrativa: Diretor dos Cursos de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, Diretor da Biblioteca Nacional, Diretor do Serviço Nacional do Teatro, Subchefe da Casa Civil do Presidente Juscelino Kubitchek, Diretor do Museu Histórico Nacional e Organizador do Museu da República. Adido Cultural da Embaixada do Brasil na França, Delegado do Brasil junto à Unesco, quando contribuiu para o reconhecimento de Brasília como patrimônio cultural da humanidade e pronunciou-se sobre a atuação de nosso confrade Austregésilo de Athayde na comemoração da Declaração Universal dos Direitos do Homem; foi membro do Conselho Federal de Educação, idealizador do Conselho Federal de Cultura e leitor por indicação do Governo Brasileiro nas universidades de San Marcos (Peru), Lisboa e Madrid.

A obra romanesca de Josué Montello é extremamente extensa e não será possível examiná-la, neste momento, em todo o seu conjunto.

Refiro-me apenas aquelas que tiveram maior repercussão como a trilogia maranhense, *Noites sobre Alcântara*, *Cais de Sagração* e *Os Tambores de São Luís*. Este realmente foi aquele de maior repercussão, sendo na verdade a saga do regime de escravidão representada pelo preto Julião.

O livro mistura fatos ficcionais com fatos reais, tratando de dois grandes assassinatos da época, o crime da Baronesa de Guajará que matou cruelmente um escravo e de Pontes Visgueiro que retalhou a amante depois de matá-la. Cabe ressaltar que neste caso foi defendido por Franklin Dória, fundador da Cadeira 25.

Alceu Amoroso Lima falando a respeito de Josué Montello, diz que era o romancista que de modo mais completo e magistral sabe traçar o plano de romance. De fato, a impressão que se tem é que de qualquer episódio Josué Montello consegue transformar em romance.

Outra de sua característica é o extremo rigor no estilo confirmando o comentário de Oscar Mendes que Josué é um dos maiores estilistas da literatura de língua portuguesa.

Dizia ele:

“Cada romancista tem o seu processo narrativo. De minha parte o romance me habita, permanece em mim. Tenho a impressão que minhas personagens são reais, o que dá ao romance um grande poder de expressão”.

Josué Montello foi um acadêmico atuante, comparecendo às sessões, fazendo parte de comissões, apresentando propostas e dirigindo, numa certa fase, a *Revista Brasileira*.

A ensaística de Josué Montello também é extensa. Estudos de Antônio Nobre, Cervantes e Ricardo Palma. Destaco o livro publicado na França sobre Saint Real, *Maitre Oublié* de Stendhal. Leitor assíduo de Stendhal, Josué Montello lera a epígrafe do capítulo XIII do *Le Rouge et le Noir* “*Le roman c’est un miroir que l’on promène le long du chemin*”...

Ingressou na Academia disputando a vaga de Cláudio de Souza com outros candidatos. Pode-se bem imaginar como foi a disputa, da qual de modo surpreendente, foi eleito no primeiro escrutínio.

De sua campanha há vários fatos curiosos e me cinto a mencionar dois deles. Era também candidato o Professor Waldemar Berardinelli, ilustre médico, homem de cultura, mas que, aparentemente, só teria quatro votos de acadêmicos, que votariam em caso de desistência em Josué. Ele pagou uma consulta e ao ser introduzido à sala do médico que perguntou qual o seu problema, ele disse: o Sr. é candidato à Academia e, aparentemente, terá somente quatro votos. Homem do seu prestígio e de sua posição não deve passar por essa situação e sei que esses seus eleitores deverão votar em mim como segunda opção. E Waldemar Berardinelli entendeu a situação e fez a carta de desistência.

Deposto em 1945, Getúlio Vargas se recolheu à fazenda de São Borja e eleito Senador só compareceu ao Senado para fazer críticas acerbas à política econômica do Presidente Dutra. O Ministro da Fazenda Guilherme da Silveira, conhecendo o valor intelectual de Josué Montello, convocou-o, forneceu os dados econômicos e financeiros para a preparação de discursos de resposta que foram lidos no Senado pelo Senador Vitorino Freire, discursos que tiveram grande repercussão.

Candidato à Academia, Josué enviou ao acadêmico Getúlio Vargas a carta protocolar e pediu a um amigo seu, que era oficial de gabinete do Presidente, que também falasse com o Presidente. No final do expediente, este oficial de gabinete mencionou o assunto a Getúlio. Este depois de uma baforada no charuto, declarou: “Excelente escritor o Josué Montello, fez uns belos discursos contra mim que o Vitorino leu no Senado”.

Entretanto, Getúlio enviou os votos para Josué, mas que não foram computados, pois a eleição foi depois do suicídio de Getúlio.

Ao tomar posse, extremamente jovem, aos trinta e sete anos, para se justificar, iniciava o discurso referindo-se ao conto de Patrono, descrevendo episódio ocorrido entre os monges da Catedral e os frades menores de Paris, ambos

aspirando a primazia de tocar o sino ao nascer do sol. O Cardeal como árbitro, ouviu os litigantes e em encontro no dia seguinte, e depois de algumas considerações, a voz declarou: “Ouçam, aquele que acordar mais cedo, é esse que tange o sino”.

Ao recebê-lo, Viriato Corrêa disse: “Vou ser vosso advogado. Vou explicar e justificar ao país as razões de vossa entrada prematura na Academia”.

Fez trabalhos dedicados à história da Academia como o volume *Na Casa dos Quarenta, O Pequeno Anedotário, Do Silogeu ao Petit Trianon, Modernismo, Lúcio de Mendonça e os Primeiros Anos da Academia*, e destacou em especial cinco textos que escreveu para o volume do centenário, na presidência Nélida Piñon. São sínteses magníficas de vários momentos da Academia.

Josué Montello, saudou cinco confrades nos discursos reunidos em *Discursos Acadêmicos*, todos homens de letras, mas com outras atividades paralelas, como o jurista e homem público, o político, o professor de Direito e sociólogo, o crítico literário, o jornalista e o advogado. Em todos eles, traçou o perfil do homem de letras, ao lado dessas outras atividades.

Com a morte de Austregésilo de Athayde, seu nome surgiu como unanimidade para exercer a presidência da Casa. Em dois anos realizou tarefa meritória da qual posso destacar alguns pontos: a recuperação do Palácio *Petit Trianon*, com a destruição de um andar superior que destoava do conjunto, e a eliminação de residências nos fundos, que também não se coadunavam com o imóvel.

Reorganizou, com a colaboração da Fundação Roberto Marinho, os jardins da Casa e, do ponto de vista administrativo, instituiu a auditoria externa e o recebimento de aluguéis da herança de Francisco Alves e providenciou o registro.

NÉLIDA ENSAÍSTA

*Antonio Olinto**

O ímpeto que leva um escritor a fazer um poema difere do que o conduz a contar uma história e mais ainda quando busca o ensaio literário. O poema pede a visão instantânea de uma realidade insuspeita, que o poeta capta e procura colocar em ritmo adequado e palavras exatas. A narrativa, por sua vez, se subordina a leis do tempo, a um determinado decorrer de acontecimentos e, por avançada que seja sua técnica, através do contraponto, de cortes inesperados, de aprofundamentos psicológicos, a história, o enredo têm de ser contados, impondo-se à consciência de quem narra.

Já a ensaística abre o horizonte que está sob as palavras e estuda a raiz das coisas. Ler os ensaios de Nélide Piñon, no excelente volume *Aprendiz de Homero*, em que estuda as bases de uma atividade literária que levou “seu nome em âmbito universal”, é um privilégio.

Antes de tudo, vale louvar o estilo direto da autora, estilo de ensaísta das melhores, mostrando, argumentando, aprovando, opinando. Que a ensaística pertence também ao ramo da didática, não há dúvida, mas tem de ser uma didática não só fundamentada em pesquisas pessoais, mas servidas por uma linguagem de inteira personalidade literária. Este é o caso de Nélide Piñon, cujos trabalhos anteriores já pertencem à literatura de nosso tempo.

* Artigo publicado no jornal *Tribuna da Imprensa* do dia 8 de abril de 2008.

A luta pela palavra é, para o escritor, permanente, ao ponto de os ingleses se terem dado ao trabalho de contar que Shakespeare usou mais de oito mil palavras para escrever sua obra. O uso da palavra é o forte em Nélida Piñon, não só em seus muitos romances, mas também num livro de ensaios como *Aprendiz de Homero*, em que fala de si mesma como escritora.

Assim: – “Nasci escritora, nasci leitora. Os traços e as idiossincrasias, inerentes a ambos os estados, acompanham-me sempre. Já na infância, tinha apetite pelas palavras, escritas e faladas. Olhava os escritores de forma agradecida. Aqueles seres, responsáveis pelos livros de lombadas atraentes e capas coloridas, forravam o meu imaginário com feno e sonhos. Livros que me prorrogavam a existência e impediam que eu caísse nas malhas do banal”.

Muito boas suas considerações sobre a memória feminina que procurava guardar o ensinamento dos personagens dos livros que lia. Diz: “Afinal, aqueles autores, combalidos, sublimes, aventureiros, haviam escrito livros como *Dom Quixote*, *Crime e Castigo*, *Winnetou*, *Romeu e Julieta*, *O Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Via-os eu como deslumbrantes viajantes do espírito humano, inesgotáveis forjadores de enredos.”

Atinge Nélida Piñon, neste livro, novo terreno em sua obra, indo ao fundo mesmo dos motivos pelos quais escrevemos, revelando aspectos de um mundo real que existe no romance. O capítulo em que fala de Machado de Assis ilumina também a cidade em que nasceu e viveu, o Rio de Janeiro, que é o principal personagem de sua obra. Essa ligação entre o homem e sua cidade foi permanente.

Num tempo em que quase todos os escritores brasileiros faziam viagens à Europa, visitavam Lisboa e Paris ou viajavam pelo Brasil, iam a São Paulo, Ouro Preto e Recife, Machado de Assis passou os 69 anos de sua vida no Rio de Janeiro, do qual se afastou, por ordem médica, durante uma semana, para ir a Nova Friburgo. Foi, assim, um habitante permanente de sua cidade, à qual dedicou a quase totalidade das páginas que escreveu.

Nélida comenta: “... este burgo de Machado, o Rio de Janeiro, sanciona-lhe a história que ele elegeu contar. Ela autentica a trama alojada nas alcovas, no

interior das carruagens, como muitas vezes ocorre em seus romances. A cidade era a sua casa.”

Narra Nélida: “Machado de Assis elege o Rio de Janeiro como seu modelo literário. Sua imaginação instala-se na cidade... Para Machado de Assis, a cidade é poderosa manifestação poética. Um labirinto que favorece suas reflexões e do qual não quer sair, atraído pelas suas zonas de sombra. Passagem obrigatória para o fluxo da paixão humana”.

NÉLIDA PIÑON

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e senhores acadêmicos.

Para que fique devidamente registrado, requeiro a V. Ex.^a. a transcrição nos nossos *Anais* deste artigo “Nélida ensaísta” escrito pelo Acadêmico Antônio Olinto e publicado na *Tribuna da Imprensa* da semana passada.

Nesse texto, o nosso colega faz uma análise do novo livro de Nélida Piñon sob o título *Aprendiz de Homero*, editado pela Record, onde estão reunidos 24 ensaios, entre outros, sobre Mario Vargas Lhosa, Carlos Fuentes, Monteiro Lobato, Machado de Assis, a Bíblia e Ulysses, da *Odisséia*, exatamente de Homero.

Com sua descendência galega, Nélida orgulha-se de ser “uma escritora brasileira, que traz nas costas o sentir arcaico de quem aspira a brisa do nosso litoral”.

Segundo Antônio Olinto, no capítulo destinado a Machado de Assis, Nélida salienta o amor machadiano à Cidade do Rio de Janeiro, onde viveu 69 anos e de onde saiu uma vez, durante uma semana, por ordem médica, para ir a Nova Friburgo.

Para Machado, o Rio era a sua casa, seu modelo literário e sua inspiração poética.

* Proferidas na sessão do dia 17 de abril de 2008.

Com este seu novo livro, Nélida vem enriquecer a sua já rica obra, com os romances *A República dos Sonhos*, *A Casa da Paixão*, *Fundador*, *Guia Mapa de Gabriel Arcanjo*, *Madeira Feita Cruz*, *A Força do Destino*, *Tebas do Meu Coração* e *Vozes do Deserto*, além dos livros de contos: *Tempo das Frutas*, *O Jardim das Oliveiras*, *Sala de Armas* e *O Calor das Coisas*, quase todos já traduzidos para o inglês, o francês, o polonês e o espanhol.

Toda essa sua obra, desde o começo, assumiu uma posição de vanguarda e de renovação, no modelo do romance de idéias, com um texto e um estilo bem trabalhados, mordazes e irônicos, oscilando entre o encantado e o imaginário, na visão do homem presente e na antevisão do homem futuro.

Essa bibliografia tem lhe valido os Prêmios Walmap, Nestlé, Golfinho de Ouro, Mário de Andrade, Simon Bolívar, Juan Ruflo e Menendez Pelajo.

Este último prêmio, disputado por 29 candidatas de 13 países, foi pela primeira vez outorgado a uma escritora de língua portuguesa por um júri composto de ilustres intelectuais da Espanha e do México, com uma decisão unânime, na qual os juízes salientaram: “O extraordinário papel que Nélida vem desempenhando num magnífico trabalho de apreciação dos problemas individuais das criaturas, e de suas inquietações, como seres sociais, culturais e políticos, que podem aspirar a um mundo mais justo e mais humano”.

A Acadêmica Nélida Piñon, Senhores acadêmicos, é digna de todas essas consagrações, pelo seu mérito de escritora, sim, mas também pela sua maravilhosa figura como pessoa humana, agradável, simpática e jovial, merecedora de todo o nosso afeto que, como pródiga e como perdulária, esbanja todo o seu imenso arsenal de cortesia, doçura, alegria, otimismo e carinho.

E acontece que essa montanha de sentimentos está aqui bem perto de nós, em nossa Casa, ao nosso lado e à nossa disposição.

Trata-se de uma legítima legatária da herança deixada, no lado brasileiro, por Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Dinah e Rachel de Queiroz e, no plano internacional, pelas irmãs Anne e Charlotte Brontë, por Elizabeth Browning, por Françoise Sagan e Simone de Beauvoir.

Trata-se também da única mulher que até hoje, com brilho e competência, presidiu esta nossa ABL, justamente no ano do seu Centenário.

Trata-se ainda de uma vitoriosa escritora, mas, sobretudo de uma intelectual amiga, correta e respeitável, da qual esta nossa comum geração de brasileiros tanto se honra e tanto se orgulha.

SESSÃO DO DIA 24 DE ABRIL DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domicio Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, comunicou ao plenário que, em virtude dos feriados, a ata do dia 17 será apresentada juntamente com a de hoje, na próxima sessão. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico José Sarney, que aniversaria hoje, dia 24. Solicitou ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que fizesse um relato de como transcorreu a Conferência Internacional/Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na Assembléia da República em Lisboa.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara começou por dizer que, para a reunião na Assembléia da República, no dia 7 de abril, preparara um texto em que adiantava a disposição da ABL em aprovar as bases do Acordo Ortográfico para que se alcançasse a pretendida unificação do sistema gráfico da

língua portuguesa, solução que se vinha pleiteando havia quase um século. Diante, porém, de uma argumentação exposta em longo artigo publicado no número de 26 de março (9 de abril último do *Jornal de Letras* de Lisboa), de autoria do conhecido historiador Vitorino Magalhães Godinho, contra a aprovação do Acordo, preferiu o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, sem tom de polêmica, rebater as duas teses centrais em que se assentava a argumentação do nosso confrade português: a primeira diz respeito à ilegalidade de um ato tirânico do governo do seu país, que obrigava toda uma nação a alterar seu sistema ortográfico vigente em nome de uma discutível simplificação de normas tradicionais; a segunda tese consistiu em apontar erros técnicos nas bases do novo Acordo, conforme já o haviam denunciado muitos respeitáveis lingüistas da Universidade de Lisboa. No texto lido, na Assembléia da República, começou por declarar o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que, desde sempre, os Acordos Ortográficos de 1911 até nossos dias têm sido encomendados a uma seleta comissão de especialistas que, chegados a um consenso, apresentam ao governo, que os têm sancionado por ato legal, obrigando a que seus documentos oficiais e os livros destinados ao ensino adotem as normas recomendadas. Na defesa dessa presença do Governo para evitar o prejudicial fermento da indisciplina ortográfica nessa função social do sistema gráfico da língua escrita, lembrou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara um lúcido texto de Fernando Pessoa, até há pouco inédito e não datado, mas que fora redigido, com toda a certeza, depois da reforma de 1911, em que o excelso escritor defende a liberdade de qualquer pessoa grafar as palavras, como assim o desejar, nos textos de uso pessoal; mas, apresentando-os à divulgação, recomenda que essas palavras devam ser escritas conforme as normas oficiais, boas ou más, referendadas pelo governo. Assim, é discutível a tese de ilegalidade defendida pelo ilustre articulista. Quanto à segunda tese, a de certas deficiências apontadas pela crítica especializada, não as nega o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, mas acredita que, em nome de um bem maior que representa a unificação gráfica como passo positivo na política de difusão da língua e como testemunho de maturidade idiomática, não devem os países de expressão oficial de língua portuguesa perder esta oportunidade histórica, ficando para depois,

como sempre ocorre em Acordos dessa natureza, os melhoramentos que a prática e o bom senso forem apontando e exigindo. Acrescentou, ainda, que, estando em Lisboa, no dia 9 de abril, representou a Academia Brasileira de Letras na sessão de posse do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso como membro da Academia de Ciências de Lisboa. (O texto lido na Conferência Internacional de Lisboa na Assembléia da República de 7 de abril de 2008, será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho indagou se Vitorino Magalhães Godinho era Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva afirmou que sim, e que é também, em relação ao uso da língua portuguesa, muito exigente com os portugueses.
- O Acadêmico Moacyr Scliar, a propósito deste episódio, lembrou um trecho do livro do Lewis Carroll, *Alice no País do Espelho*, onde há um personagem que usa as palavras do jeito que quer. Alice lhe diz que a questão é saber se uma pessoa pode dar às palavras qualquer significado, e ele responde: a questão é saber quem manda. Ressaltou que há neste caso uma disputa de poder, muito diferente de outras que ocorrem no Brasil neste momento. Acrescentou que isso é o resultado da ascensão do país que começa a ser visto como um gigante imperialista.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que passou o feriado de ontem relendo Humberto de Campos, *Notas de um Diarista*, 2.^a série, publicado depois da sua morte. Declarou que metade do livro faz referência ao problema do Acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal, isso em 1935, ocasião em que as questões eram tratadas da mesma maneira, com as mesmas dúvidas e sem resultados. Considera uma coisa insolúvel querer unir duas línguas de dois povos diferentes: um incrustado dentro da Comunidade Européia, que já está mudando a fisionomia da língua portuguesa, e o Brasil, com esta extensão territorial e enorme expansão demográfica. A solução seria fazer uma língua portuguesa no Brasil e outra em Portugal. Discorreu sobre a participação de Humberto de Campos na comissão que tratava do Acordo o Ortográfico

e também sobre a sua obra. Salientou não querer desprestigiar o esforço do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva acrescentou que Humberto de Campos continua sendo um grande escritor e um dos melhores prosadores brasileiros.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou que estes problemas de língua são problemas que apaixonam e às vezes ultrapassam os limites da razão. Relatou um pequeno episódio ocorrido por ocasião de uma epidemia de *cholera morbus*, em Portugal, e contado por Cândido de Figueiredo sobre uma reunião convocada pela Academia de Medicina para discutir que ações profiláticas poderiam ser tomadas. Nessa primeira reunião, não se chegou a nenhuma solução, porque a discussão girou em torno da dúvida se *cholera morbus* era masculino ou feminino.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva chamou a atenção para um livrinho precioso de Marques Rebelo, *Cenas da Vida Brasileira*, onde há uma página “cenas da vida portuguesa”, que começa com o seguinte tópico: Portugal, país de oito milhões de habitantes que não se dão entre si. Acredita que a discussão sobre o Acordo Ortográfico entre os portugueses é muito mais viva do que a discussão entre brasileiros e portugueses.
- O Acadêmico Lêdo Ivo congratulou-se com as palavras do Acadêmico Carlos Heitor Cony sobre a literatura escondida de Humberto de Campos. Lembrou também que, quando surgiu a “dengue” no Brasil, houve uma grande polêmica: se era masculino ou feminino. Finalmente, chegaram à conclusão de que a doença era “a dengue” e o mosquito, “o dengue”.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu aos acadêmicos que participaram deste pequeno debate com o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, a quem agradeceu vivamente por ter se deslocado do Brasil para Lisboa, representando a Academia Brasileira nessa Audiência da Assembléia da República para a qual foi expressamente convidado. Declarou ter também a sua opinião pessoal, de leigo, mas lembrou que em breve seremos no Brasil duzentos

milhões de habitantes, enquanto em Portugal são uns dez milhões. Como disse o Acadêmico Moacyr Scliar, na referência a Lewis Carroll, a questão é saber quem manda. Não há dúvida de que são os 200 milhões de brasileiros. A seguir, informou que estará na Itália na próxima semana a convite da Academia della Crusca, onde fará uma pequena exposição sobre Machado de Assis. Deu ciência que vai assistir ao Seminário *per il Multilinguismo nell'Unione Europea*. Serão quarenta participantes que terão a palavra e, entre estes, não há nenhum de Língua Portuguesa.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet indagou ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre as dificuldades enfrentadas por outras línguas, como o francês e o espanhol. Com relação ao alemão, deu um breve depoimento a propósito do acordo que foi celebrado, há mais ou menos quatro anos, entre Áustria, Suíça e Alemanha, que não deu certo, mesmo sendo negociado, devidamente sacramentado e assinado por lingüistas competentes. Acredita que experiência semelhante não foi vivida nem com o francês nem com o espanhol. Essas experiências talvez ilustrem que o problema da unificação lingüística não é um problema de linguagem, mas um problema de ciência política, de sociologia ou antropologia. Partindo do princípio de Charles-Maurice de Talleyrand de “que a guerra é uma coisa séria demais para ser deixada aos militares”, acha que a linguagem é complexa demais para ser deixada apenas aos lingüistas.
- O Acadêmico Carlos Nejar lembrou ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet que os poetas também podem fazer parte desta comissão.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, respondendo ao Acadêmico Carlos Nejar, lembrou que na reunião feita em 1934 tomou parte o Acadêmico Olegário Mariano, e na de 1945 participou o Acadêmico Ribeiro Couto, dois grandes representantes da poesia brasileira. Sobre o que disse o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet observou que a sistematização é exclusivamente ortográfica, não se mexe na essência da língua e na sua fonética. Saliu que ainda não se chegou a uma solução plausível, porque o primeiro ortógrafo científico, que foi Gonçalves Viana, era um foneticista, que resolvia

problemas com base na fonética lusitana, e as reformas subsequentes vieram trazendo o ranço do foneticismo lusitano para que o brasileiro as acolhesse com toda facilidade, o que não ocorreu. Ressaltou que o mesmo acontece com o problema da colocação de pronomes, que é um problema de ritmo frasal. O Professor Said Ali, em 1895, já mostrara que é tão difícil para um português imitar um brasileiro, quanto um brasileiro imitar um português, pois o português de Portugal até o século XVII tinha um ritmo frasal igual ao brasileiro. A partir do século XVIII, houve uma intensificação da sílaba tônica em Portugal. A partir desse século, com a intensificação da sílaba tônica, os clássicos portugueses colocavam os pronomes como os brasileiros colocam, isto é, com uma preponderância da próclise. Finalizando, disse que o problema da ortografia já está na reta final e o Brasil tem mostrado muito bom senso para isso. O desacordo entre Brasil e Portugal é apenas de 10% pois os restantes 90% já foram perfeitamente resolvidos. Acha que a ortografia pode ser unificada, o que não implica mudança de pronúncia nas palavras. Salientou que a iniciativa brasileira é uma iniciativa de bom senso, e os portugueses acham que a iniciativa brasileira é uma questão de neocolonialismo brasileiro em relação a Portugal.

- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou que o primeiro documento do Acordo Ortográfico foi assinado pelos oito países que compõem a comunidade lusófona. Desses oito países só dois ratificaram em termos de parlamento. Perguntou ao Acadêmico Evanildo Bechara como ficam, na condução do problema do Acordo, os países africanos, uma vez que há uma reação maior do que a de Portugal em vários países que integram a comunidade lusófona.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho e pediu para que a resposta à sua pergunta fosse respondida na próxima sessão. Registrou que a Academia recebeu do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça um belo exemplar do livro *A História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Recebeu também, do Senhor Roberto Athayde, a doação das seguintes obras: *Brasil Pitoresco-Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, de Daniel P. Kidder, *Voyage au Brésil*, de M^{me} e M. Louis Agassiz, e *Corografia Brasileira*, de Aires do Casal, em dois volumes.

- O Acadêmico Antônio Olinto entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia a tradução do livro *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto: *The Patriot*, vertido para o inglês por Robert Scott-Bucleuch. Registrou que o Ministro das Relações Exteriores, Dr. Celso Amorim, fez o lançamento, na Feira de São Cristóvão do “Livro na rua”, com livros de Alexandre de Gusmão, Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, Gilberto Amado, Augusto Frederico Schmidt e Afonso Arinos.
- O Acadêmico Carlos Nejar apresentou o livro *Vozes Íntimas*, de Antônio Osório, da editora Assírio & Alvim, cuja capa é de Gonçalo Ivo, filho do Acadêmico Lêdo Ivo. Um volume precioso pela beleza gráfica e pelos depoimentos a respeito de vários autores que Antônio Osório faz para o prazer da leitura. Salientou a transcrição das cartas de Cecília Meireles a Maria Valupe, que era sua grande amiga.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho deu ciência à Casa que, na semana passada, o Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro lançou, no Teatro R. Magalhães Júnior, o Projeto do Centro de Cultura e Memória do Jornalismo. Ressaltou a importância da reunião para a classe jornalística do Rio de Janeiro, porque o Centro de Memória vai reunir um grande arquivo de documentos e de fotos que marcaram a trajetória da imprensa brasileira. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Arnaldo Niskier manifestou, no que toca ao Acordo Ortográfico, a sua preocupação e dúvida quanto ao início das operações do que será esse Acordo, porque sabe que o Ministério da Educação tomou a deliberação de comprar os livros didáticos, a partir do ano de 2010, já conforme os postulados do Acordo Ortográfico, pois o noticiário diz que Portugal aceita, mas exige um período de seis anos para a implementação.
- O Presidente Cícero Sandroni pediu ao Acadêmico Arnaldo Niskier, pelo adiantado da hora, que adiasse a sua fala sobre o Acadêmico José Veríssimo para a próxima sessão, no dia 30 de abril.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que esteve presente à reunião internacional sobre o Acordo Ortográfico o Senhor Godofredo de Oliveira Neto, representando o Ministério da Educação e que este disse, em alto e bom som, que o governo brasileiro implementaria a Reforma Ortográfica já a partir de 2009, e os livros didáticos que o Ministério da Educação compra às editoras só estarão obrigatoriamente de acordo com a Reforma em 2011.
- O Presidente convidou a todos para a conferência do Acadêmico Domício Proença Filho, sob o título “O Conto de Machado de Assis”, no ciclo “A Literatura de Machado de Assis”, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr. E encerrou a sessão.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL*

*Comunicado da Academia Brasileira de Letras
na Conferência Internacional de Lisboa*

Excelentíssimos Senhores,

Participe, desde o primeiro momento, do processo de que resultou o texto consubstanciado nas propostas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com a presença e atuação do eminente filólogo, o saudoso Acadêmico Antonio Houaiss, a Academia Brasileira de Letras aqui deixa consignado seu total apoio aos esforços de unificação ortográfica a ser adotada pelos países de expressão oficial em língua portuguesa.

Na óptica da Academia Brasileira de Letras, são tantos e tão diversos os benefícios de uma unidade ortográfica, que seria ocioso insistir nelas e explicitá-las perante um público de nível cultura qualificado que promove e que assiste a este ato oficial.

Pondo de lado subjetivas razões de ordem extralinguísticas que falam de um movimento neo-imperialista que pretende arrancar de Portugal a condição histórica do berço da língua portuguesa, e que baralham a momentosa questão de que aqui se trata, que é de política e de maturidade cultural da língua, move-se a Academia Brasileira de Letras em defesa da unidade ortográfica nos países

* Proferida na Assembléia da República, em 7 de abril de 2008.

de expressão portuguesa pelas mesmas razões e motivos por que defenderam essa unidade os mais competentes filólogos, lingüistas e pedagogos, bem como os mais representativos escritores das duas bandas do Atlântico. Estas razões e estes motivos se iniciaram nos esforços de uma reformulação científica do sistema gráfico do português, que viriam desaguar na *Ortografia Nacional*, em 1904, de autoria do extraordinário foneticista Gonçalves Viana, e nas *Bases para uma Unificação da Ortografia*, em 1911, a mais inteligente e fundamentada, nas linhas conceituais, de quantas propostas saíram até nossos dias. É desnecessário dizer que, na essência dessas *Bases*, estavam as idéias e lições de Gonçalves Viana.

Contra os defensores, no final do século XIX e no século XX, de uma intransigente obediência ao peso da tradição etimológica, partido a que se filiam, neste nosso século XXI, muitos adeptos, assim ponderava Gonçalves Viana, pelas páginas da *Ortografia Nacional*, com a sua autoridade de romanista e foneticista: “Não há vantagem neste francesismo anacrônico de conservar os exagerados vestígios da ortografia alatinada de nomes gregos, já abandonado em Espanha e nas nações escandinavas, e nunca seguido em Itália e nos países esclavônicos. Os dois idiomas cultos que mais se aproximam do português, pela sua fonologia e morfologia, são o italiano e o espanhol, e nestas denominações genéricas compreende grande parte dos diferentes dialetos românicos falados em Itália e em Espanha. Pelas ortografias destas duas nações é sensato que pautemos a nossa, simplificando-a, em vez de a complicarmos com as arrebiques inúteis, risíveis alguns deles, que vemos nos modos de escrever usados em França e Inglaterra, herança incômoda do pedantismo dos séculos XVI e XVII, que se pôde estabelecer, se bem que não sem protestos cordatos e enérgicos, porque nesses tempos a cultura literária era privilégio de poucos, uma prenda aristocrática, ou hierática” (p. 42).

A primeira preocupação de quem quer estudar cientificamente alguma coisa é determinar-lhe o horizonte da pertinência em relação a outras maneiras de conceber e visualizar essa coisa e, em seguida, delimitar-lhe o espaço de sua atuação. Já disse um filósofo, com muita propriedade, que conhecer é distinguir. De Gonçalves Viana a nossos dias, muito têm avançado as ciências da linguagem, e em alguns campos do seu progresso estão noções que se vinculam diretamente com as funções da representação gráfica dos fonemas na língua escrita.

As sucessivas reformas ortográficas não se têm dado conta de algumas dessas noções; por exemplo, têm colocado nos ombros da ortografia responsabilidades distintivas que não são propriamente da língua, mas do texto — da sua correta compreensão discursiva —, como quando, por exemplo, em certas condições para o emprego ou não do hífen, apelam os novos ortógrafos para o “sentimento do falante contemporâneo” quanto à consciência da perda ou não da noção de certas composições do tipo de *paraquedas* e *mandachuva*.

Não é sem razão que já se disse que a hifenização em português passou a ser um caso de infernização.

A grafia tem a função, no âmbito da língua, de transliterar para a escrita os fonemas, como unidades da língua falada. Ampliar-lhe essa responsabilidade para atribuir-lhe capacidade de captar a franja semântica que uma palavra pode adquirir graças ao entorno discursivo ou ao concurso a que, para esse franja, concorrem as outras palavras do texto, é confundir dois tipos de ortografia (nós chegaríamos a ampliar, dizendo dois sistemas de linguagem).

Nos nomes comuns e próprios abunda a possibilidade de explicitação dessas franjas semânticas: alguns que defenderam que, estética e pictoricamente, deveria ser a palavra *lágryma* escrita com *y* para melhor traduzir ao leitor a imagem da lágrima a cair pela face. Algumas escolas literárias aderiram a tais recursos gráficos. Podem também o *y* e as letras dobradas representar a profundidade no tempo e no espaço da raiz de uma árvore genealógica de vetusta família, como se fossem a única sombra do DNA familiar projetada aos pés da árvore de seus ancestrais.

Na tentativa de abortar os efeitos legais decorrentes da aprovação do presente Acordo Ortográfico, passou-se a defender a tese da ilegalidade dessa medida, sob a alegação de que um sistema de tal natureza não pode ser imposto à sociedade e aos escritores por um órgão de soberania, ou de qualquer outra instituição, ainda que seja uma Academia de Letras. Ora, o argumento é novo, porque todas as *Bases* ou *Acordos* da ortografia portuguesa, elaborados a partir de 1911 até nossos dias, resultaram de propostas de lingüistas, filólogos e escritores, que são sancionadas pelo Governo.

Por outro lado, cabe lembrar um lúcido ensaio em que o genial e complexo Fernando Pessoa discutiu este tema. O ensaio deve ter sido escrito pelos anos imediatos a 1911, e aí distingue dois tipos de prática ortográfica sempre vigentes: uma prática que denominou *cultural*, e outra que chamou *social*. Relembremos desse ensaio a seguinte passagem:

“Distingamos cuidadosamente entre o dever cultural e o dever social. O meu dever cultural é pensar por mim, sem obediência a outrem [...]; o meu dever cultural é registrar pela palavra escrita, grafando como entendo que devo, o que pensei. Assim se cria a cultura e portanto a civilização. Cessa aqui, porém, o que é puramente o meu dever cultural. Com a publicação do meu escrito estou já, simultaneamente, em duas esferas – a cultural e a social: na cultural pelo conteúdo do meu escrito; na social pela ação, atual ou possível, sobre o ambiente. O meu escrito contém elementos prejudiciais à sociedade ou à Nação? Se legitimamente e por mim o pensei, continuo cumprindo o meu dever cultural; meu dever social é que, consciente ou inconscientemente, não cumpra. São fenômenos distintos, dependentes, um, de minha contundência; outro, da minha consciência moral, se a tiver.”

Ora, a ortografia é um fenômeno puramente cultural: não tem aspecto social algum, porque não tem aspecto social o que não contém um elemento moral (ou imoral). O único efeito presumidamente prejudicial que estas divergências ortográficas podem ter é o de estabelecer confusão no público. Isso, porém, é da essência da cultura, que consiste precisamente em “estabelecer confusão” intelectual – em obrigar a pensar por meio do conflito de doutrinas – religiosas, filosóficas, políticas, literárias e outras. Onde essas divergências ortográficas produziram já um efeito prejudicial, e portanto imoral, é se o Estado admitisse essa divergência em seus documentos e publicações, e, derivadamente, a consentisse nas escolas [a seu cargo]. No primeiro caso, haveria um fermento de indisciplina, que nenhum governo pode ou deve permitir. No segundo, haveria, além desse mesmo fermento, de desnortear crianças, incapazes por o serem, de refletir ou analisar esses problemas. Eu, porém, não defendo – nem, presumo, defender alguém – o critério de que o Estado, onde tem ingerência, admita variações ortográficas.

Como o indivíduo, o Estado – que em certo modo é também um indivíduo – adota a – e uma só – ortografia, boa ou má, que entende, e impõe -a [sic] onde superintende – a não ser que, à laia das ditaduras totalitárias – quando superintende em tudo, o que não é já governo, mas tirania. O que de fato defendo, e pelas razões que expus, é que cada qual pode escrever com a grafia que entende ou achar melhor, salvo, naturalmente, em circunstâncias em que se entre na esfera da ingerência legítima do Estado” (*A Língua Portuguesa*, edição de Luísa Medeiros, Lisboa, Assírio&Alvim, 1997, pág 23-25). [Atualizou-se a ortografia, mas não a pontuação.]

Este primor de exposição oferece luz ao primeiro aspecto da discussão sobre a natureza e a abrangência da aprovação oficial de um Acordo Ortográfico: não é nenhum ato de tirania, nem constitui ilegitimidade a ingerência do Estado em, aprovando umas bases normativas de um sistema ortográfico, impedir o fermento da indisciplina gráfica nos seus documentos, nas escolas e nas agências de instrução que integram a sociedade. Isto não impede – como não tem impedido desde sempre – escolherem os escritores sua ortografia, ainda com “excentricidades”, ou até o homem comum grafar como aprendeu nos bancos escolares, passando incólume pelas sucessivas reformas ortográficas.

Aliás, esse foi o espírito que presidiu à reforma de 1911.

Vencida, cremos nós, a tese falsa de que a aprovação desse ato normativo por parte de órgão de soberania é irrita e nula, cabe indagar se as Bases e os critérios, em que se assenta este ato normativo, necessitam de um aprimoramento, como toda obra humana, orientados por alguns critérios hauridos em propostas anteriores e que não agasalharam orientações de estudos teóricos e descritivos mais recentes. Neste particular, lingüistas e filólogos têm mostrado à sociedade como melhorar o texto do Acordo Ortográfico e, tornando-o mais científico, fazê-lo mais econômico e coerente, retirando-lhe, ainda, os aspectos tecnicistas que dificilmente são assimilados por aqueles que têm de grafar as palavras do português. Entre outras, a contribuição exarada em *A Demanda da Ortografia Portuguesa*, organizada pelos doutores Ivo Castro, Inês Duarte e Isabel Leiria, saída em 1987, dá bem uma idéia do contributo possível ao atual Acordo.

Neste sentido, além dos integrantes das duas Academias, contam nossos estudos lingüísticos e filológicos com uma excelente reserva técnica de especialistas capazes de brindar a língua portuguesa com a unidade ortográfica que ostentam o italiano e o espanhol, principalmente este último, que superou e soube harmonizar as diferenças entre os seus 400 milhões de falantes e as propostas das suas 22 Academias de Língua.

Em nome, honra e memória de uma plêiade de estudiosos que iniciaram a investigação e a descrição de nossa língua desde os trabalhos seminiais de Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias, e M. Said Ali, chegando até nós com Lindley Cintra, Herculano de Carvalho, Rebelo Gonçalves, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Mattoso Câmara, esperamos que esta egrégia Assembléia de República implemente, agora ou para depois, as medidas, os esforços e os recursos que se fizerem necessários a esses pretendidos melhoramentos das Bases de unificação ortográfica da língua portuguesa. Se a proposta aprouver a esta egrégia Assembléia, saibam os Excelentíssimos Senhores que podem contar com a Academia Brasileira de Letras, conforme é a vontade do seu Presidente, o Acadêmico Cícero Sandroni.

SINDICATO DE JORNALISTAS PROFISSIONAIS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor presidente.

Senhora e senhores acadêmicos.

Na semana passada, o Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro lançou aqui no nosso Teatro Magalhães Júnior o Projeto do Centro de Cultura e Memória do Jornalismo.

Estavam presentes 450 profissionais da Imprensa, que ouviram discursos da jornalista Suzana Blass, presidente do Sindicato; de Ricardo Cora e Ágatha Messina, representantes do Governador Sérgio Cabral e do Prefeito César Maia; do Sr. Lúcio Pimentel, da Petrobras, patrocinadora do Centro; e de Suzana Taggiba, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, todos unânimes em agradecer a hospitalidade com a qual estavam sendo recebidos naquela hora.

Como Presidente da reunião, e representando V. Ex.^a, coube-me dizer, em seu nome, que aquela era uma reunião importante para a classe jornalística do Rio de Janeiro, porque o Centro de Memória, projetado naquela reunião, entre outras coisas, vai reunir um grande Arquivo de documentos e de fotos que marcaram a trajetória da nossa Imprensa, através do depoimento de repórteres que

* Proferidas na sessão do dia 24 de abril de 2008.

escreveram a nossa História e de jornalistas que deixaram seus nomes gravados para sempre na lembrança e nas páginas das revistas e dos jornais brasileiros, como David Nasser, Jean Manzon, José Leal, Luciano Carneiro, Joel Silveira, Mário de Moraes e Tim Lopes, entre muitos outros.

Acrescentei que aquele Centro de Memória será tão importante quanto o próprio Sindicato, cuja atuação foi marcante e decisiva em recentes campanhas, memoráveis e históricas, como as da exploração do petróleo, das “diretas-já” e do impedimento de Fernando Collor.

Terminei dizendo que era uma grande honra para todos os Acadêmicos, para o Presidente Cícero Sandroni e para mim mesmo (nós dois jornalistas profissionais durante tantos anos), era uma grande honra para nós, repito, estarmos reunidos com aqueles colegas ali presentes, desejando que todos eles fossem, na nossa Casa, muito bem-vindos.

SESSÃO DO DIA 30 DE ABRIL DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário as Atas das sessões dos dias 17 e 24 de abril de 2008, que foram aprovadas. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Arnaldo Niskier, que aniversaria hoje, dia 30, e para a Acadêmica Nélida Piñon, cuja data natalícia transcorre no dia 3 de maio.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier deu ciência ao Plenário que esteve no dia 29 de abril na Academia Brasileira de Filosofia para assistir à posse do grande advogado tributarista Ives Gandra Martins como membro efetivo daquela Casa. Ressaltou a bela saudação do Acadêmico Carlos Nejar que, com extrema felicidade, fez um discurso de grande conteúdo humanístico e uma defesa intransigente do direito de expressão. Informou que não representou a Academia no evento, porque não tinha autorização da Casa e também porque não é hábito do presidente daquela Academia convidar acadêmicos da ABL para sentar-se à mesa principal. No Capítulo das Efemérides, falou

sobre a brasilidade do Acadêmico José Veríssimo. Ressaltou o jornalista militante, crítico severo, prosador atento e objetivo na prática realista ao fazer o registro das cenas da vida amazônica. Homem interessado nos problemas da educação brasileira, criticava a sobrecarga dos nossos programas escolares; batia-se por um ensino normal melhor e mais adequado; lutava contra o abuso de uma “erudição gramatical impertinente e, ao cabo, inútil”, e valorizava a aquisição lingüística por intermédio da leitura, da introjeção dos padrões da nossa língua, através do falar, do ouvir, do ler e do escrever; citava ainda o ensino prático das ciências, numa visível defesa do verdadeiro método científico. Ressaltou da sua obra o cunho nacionalista, que ele procurou rastrear desde o início da literatura brasileira, na obra de poetas e ficcionistas nos quais soube detectar o sentimento da brasilidade. Foi ele que, em seu tempo, chegou à mais íntima comunicação com o espírito e a obra de Machado de Assis, notando o quanto ele trazia, no romance, no conto, na própria poesia, de original e único para a literatura brasileira. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). A seguir discorreu sobre o questionário dos alunos submetidos ao Enem, com perguntas do tipo “cor, raça e religião”, além da revelação do endereço particular. É um censo inédito, com claras demonstrações do que no Direito se convencionou chamar de “invasão de privacidade” ou talvez até uma atitude preconceituosa.

- O Acadêmico Carlos Nejar agradeceu sensibilizado as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier e ponderou que, se o Presidente da Academia Brasileira de Letras lá estivesse, com certeza o Presidente da Academia Brasileira de Filosofia não o convidaria para a mesa principal.
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier o belo e conciso retrato que traçou de José Veríssimo. Recordou que José Veríssimo foi um dos grandes Secretários-Gerais desta Casa e que muito participou nos primórdios de sua fundação. Agradeceu, ainda, aos Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar pela participação na posse do jurista Ives Gandra Martins na Academia Brasileira de Filosofia e salientou que quem saiu ganhando foi a memória do saudoso Acadêmico Miguel Reale.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho lembrou que, no dia 10 de abril de 1931, há 77 anos, morria em Nova York um dos maiores libaneses de todos os tempos: Gibran Khalil Gibran, ensaísta, filósofo, pintor, poeta e romancista nascido no norte do Líbano, escreveu uma obra literária em inglês e árabe, marcada pelo misticismo oriental e que alcançou popularidade em todo o mundo. Influenciado pela Bíblia, por Nietzsche e por William Blake, escreveu *O Profeta*, um livro famoso e traduzido em mais de 40 idiomas, sobre o amor, a moral e a natureza. Deixou uma importante bibliografia na qual se destacam, entre outros, os livros em árabe *As Procissões*, *As Almas Rebeldes* e *Temporais*, e, numa segunda fase, oito livros em inglês: *O Precursor*, *O Louco*, *Jesus*, *o Filho do Homem*, *Os Deuses da Terra* e mais duas obras para serem publicadas depois de sua morte: *O Errante* e *O Jardim do Profeta*. Sua memória foi homenageada com uma reunião no Consulado Geral do Líbano, na presença de dirigentes da Federação Líbano-Brasileira e da Associação Cultural Gibran Khalil Gibran, estendendo essa homenagem a Mansour Chalita, impossibilitado de comparecer por motivos de saúde. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a lembrança de Gibran Khalil Gibran, justamente numa hora em que estão em falta os verdadeiros profetas.
- O Acadêmico Antonio Olinto elogiou a conferência feita pelo Acadêmico Helio Jaguaribe no Itamaraty, onde falou sobre o Brasil, assunto muito difícil, principalmente por ter abordado o que há de irrelevante e relevante no Brasil, sob todos os aspectos. Salientou que, em conversa com o Embaixador Jerônimo Moscardo, combinaram em fazer uma série de conferências sobre o assunto de traduções de livros brasileiros no exterior, começando por Machado de Assis.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse que ficou muito tocado com a referência feita por Murilo Melo Filho sobre Gibran Khalil Gibran, grande poeta do Líbano, grande poeta levantino cujo livro maior é *O Profeta*, que o tocou muito na sua adolescência.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que, no dia 17 de abril passado, faleceu na Martinica o poeta Aimé Césaire. Grande figura da poesia do século XX e uma das influências mais marcantes na poesia de língua francesa. Foi o criador do conceito de negritude, adotado posteriormente por Leopold Sédar Senghor, no qual se valorizava no homem africano os valores do ritmo, da dança, do teatro e da música. Grande figura da literatura universal que não pode ficar esquecida nesta Casa.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet fez uma pequena referência ao Acadêmico José Veríssimo e salientou que ele foi um dos correspondentes mais fiéis de Machado de Assis. Teve a oportunidade de ler e reler as cartas, as quais constituirão uma das partes mais interessantes da publicação da *Correspondência de Machado de Assis*. Discorreu a respeito da resenha feita por José Veríssimo de *Dom Casmurro*, que foi lançado entre 1900 e 1901. Ao contrário do que se pensava, a tese sobre a não confiabilidade do narrador de *Dom Casmurro* não foi inventada por Helen Caldwell, e sim por José Veríssimo, que disse o seguinte: “Cego pelo amor e pelo ódio por essas duas paixões que costumam distorcer os fatos, possivelmente o relato que Dom Casmurro faz de sua relação com Capitu não tenha sido um relato verídico”. Finalizando, ressaltou o extraordinário crítico literário que foi José Veríssimo.
- O Acadêmico Domício Proença Filho registrou que a obra *Cabier d’un retour au pays natal*, de Aimé Césaire, está à espera de algum tradutor brasileiro. Tem sido consultado sobre isso por estudiosos na França, que lhe dizem não encontrar guarida em nenhuma editora no Brasil para a necessária e importante tradução de Aimé Césaire.
- O Presidente, em exercício, Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ter lembrado a premonição de José Veríssimo a respeito da tese, depois desenvolvida por Helen Caldwell e de muito sucesso nos círculos intelectuais. Parabenizou o Acadêmico Rouanet pela preparação do epistolário de Machado de Assis. A respeito das comunicações da Diretoria, deu ciência de que a Casa vai muito bem, com suas finanças em ordem e a programação cultural em dia.

- O Acadêmico Lêdo Ivo lembrou a contribuição de José Veríssimo à ampliação do horizonte intelectual brasileiro como crítico de livros estrangeiros. Salientou que a atual glória de Machado de Assis decorre, de algum modo, da atuação crítica de José Veríssimo. A sua *História da Literatura Brasileira* é a referência fundamental do seu empenho, que deslocou a posição de supremacia de José de Alencar. O Acadêmico Lêdo Ivo apontou a incompreensão crítica de José Veríssimo no tocante a Cruz e Souza, por ele rudemente atacado e hoje, graças a Roger Bastide, considerado um dos maiores poetas simbolistas do mundo, ao lado de Mallarmé e Stefan George.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, na semana passada, perguntou ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara como ficam, na condução do problema do Acordo Ortográfico, os países africanos, uma vez que há uma reação maior do que a de Portugal em vários países que integram a comunidade lusófona. Declarou ter tomado conhecimento de que há uma resistência muito grande, especialmente de Angola. A pedido do Presidente Cícero Sandroni, a resposta ficou para ser dada na sessão de hoje.
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, pediu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para fazê-lo nesta sessão.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que na reunião à qual compareceu não houve nenhuma informação nesse sentido, apenas a Presidente do IILP, Amélia Mingas, declarou não estar satisfeita ao ver seu país afastado das discussões ortográficas. Quanto à insatisfação por parte de alguns representantes africanos, no que diz respeito a estar a discussão da questão ortográfica adstrita a razões portuguesas e brasileiras, sem que eles sejam ouvidos em suas reivindicações, declarou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que o assunto não foi posto em discussão durante a Consulta Pública em Lisboa. No que diz respeito à entrada em vigor no Brasil, tão logo sejam concluídos os atos políticos por parte do nosso governo, informou que, durante à Consulta Pública promovida pela Assembléia da República, no dia 7 do corrente, em Lisboa, o representante oficial do Ministério da Educação, professor Godofredo de Oliveira Neto, anunciou que a decisão

do governo será recomendar a vigência do Acordo nos documentos oficiais e na imprensa escrita a partir de 2009, enquanto só se exigirá a implantação dele nos livros comprados pelo Ministério em 2011. A seguir, quis ouvir o plenário sobre o problema criado recentemente pela discussão e vigência da implantação eminente do *Dicionário Escolar*, elaborado pela Academia e entregue à Editora Nacional no prazo acordado em contrato. Está decidido no contrato que o referido Dicionário seria publicado segundo o sistema ortográfico vigente, acrescido de um suplemento em que seriam indicadas todas as mudanças exigidas pelo novo Acordo, caso este entrasse em vigência no Brasil. Em face de uma provável aprovação da reforma ortográfica dentro dos próximos meses, a opinião da Editora Nacional é de que seria arriscado agora uma publicação do *Dicionário Escolar* no sistema atual. Mais prudente será esperar mais um pouco, sem correr o risco de preparar uma edição fadada a ser superada pelas mudanças.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara por esse esclarecimento, que é preocupante, porque a rigor não há ainda uma decisão de última instância, ou seja, de Governo, quanto à adoção desta nova ortografia, e pronunciou-se favorável a uma pequena espera.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva esclareceu que, nas suas conversas com escritores africanos, não há entre eles nenhuma discussão sobre o Acordo que está sendo discutido entre Portugal e Brasil. O problema dos angolanos é com relação à grafia das palavras de origem kimbunda e umbunda, para que não percam a sua natureza africana. Deu alguns exemplos. Acredita ser este problema resolvido posteriormente, quando o Acordo já estiver em vigor.
- O Acadêmico Domício Proença Filho alegou que a unificação poderá nascer desunificada.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier fez uma rápida observação quanto ao prazo de seis anos exigido por Portugal para a implementação do Acordo, enquanto, no Brasil é sabido que este decreto, que pode vir em junho ou julho, estabelece um prazo de dois anos. Portanto, quando a Academia estudar a

implantação do Acordo Ortográfico, no caso do *Dicionário Escolar*, tem que levar em conta que não se trata de uma medida instantânea, pois sempre haverá um prazo de dois anos, o que é bastante razoável em matéria de livros didáticos para a implementação no Brasil.

- O Acadêmico Ivan Junqueira lembrou que tudo que estava ao alcance da Academia Brasileira de Letras foi feito, e que a questão agora é de Parlamento e Governo. Considera que o melhor é esperar até junho e julho para ver se este decreto será publicado. Só a partir de então, a ABL poderá dar uma resposta cabal à Editora Nacional.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que o Parlamento português está debatendo um problema que ele já havia aprovado, por ampla maioria, em 1991, e agora foi reaberto e provavelmente o será ainda, no espaço desses seis anos, mais duas ou três vezes.
- O Presidente declarou que, nada mais havendo a tratar, a sessão estava encerrada.

A BRASILIDADE DE JOSÉ VERÍSSIMO

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

José Veríssimo foi o primeiro ocupante da Cadeira 18, da Academia Brasileira de Letras. Jornalista militante, crítico severo, o Severíssimo, não poupou o sempre louvado Coelho Neto, e o seu *Rei Negro*; elegendo como *ex-libris* a inscrição Pelo Nome, procurou segui-la, não deixando sair-lhe fácil o elogio.

Para ele, a literatura brasileira era “a expressão de um pensamento e um sentimento que não se confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa.”

Em 1880, viajou pela Europa. Em Lisboa, tomando parte de um Congresso Literário Internacional, defendeu brilhantemente os escritores brasileiros, que vinham sendo severamente censurados, vítimas de injúrias feitas pelos interessados na permanência do livro brasileiro na retaguarda da literatura no Brasil. Voltou à Europa em 1889, indo tomar parte, em Paris, do X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, quando fez uma comunicação sobre o homem de Marajó e a antiga história da civilização amazônica. Sobre a rica Amazônia são também os ensaios sociológicos que escreveu nessa época, *Cenas da Vida Amazônica* (1886) e *A Amazônia* (1892).

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 30 de abril de 2008.

Foi um prosador atento, objetivo na sua prática realista, ao fazer o registro das cenas da vida amazônica. Homem interessado nos problemas da educação brasileira, criticava a sobrecarga dos nossos programas escolares; batia-se por um ensino normal melhor e mais adequado; lutava contra o abuso de uma “erudição gramatical impertinente e, ao cabo, inútil”, e valorizava a aquisição lingüística por intermédio da leitura, da introjeção dos padrões da nossa língua, através do falar, do ouvir, do ler e do escrever; citava ainda o ensino prático das ciências, numa visível defesa do verdadeiro método científico.

Criada a pasta da educação pública, logo após a proclamação da República, o seu primeiro ministro, Benjamin Constant, procedeu a reforma do sistema geral de ensino público. José Veríssimo discutiu, no *Jornal do Brasil* do primeiro semestre de 1892, as reformas introduzidas, delas fazendo uma crítica magistral, que depois acresceu como Introdução da 2.^a edição (1906) do seu livro *A Educação Nacional*. Não se deteve apenas nas enormes insuficiências da educação escolar como ele a conheceu e sentiu no seu Estado, o Pará; repassou, com límpida visão de sociólogo muito da realidade de uma vida doméstica e social do Brasil daquele tempo, com os vícios que a corrompiam, e que o secular regime da escravidão havia arraigado profundamente nos nossos costumes.

José Veríssimo trabalhou no *Pedagogium*, criado pelo governo federal, em 1890. Sua lição inaugural, que recolho da *Revista Brasileira*, de 1.^o de junho de 1895, assim termina:

“Todos os países cultos dão à pedagogia, no seu ensino oficial ou particular, um digno lugar. Nos Estados Unidos como na Alemanha, ela não é só ensinada nos estabelecimentos destinados especialmente ao preparo profissional dos mestres, mas professada nas universidades. A França, que a tinha já nas suas escolas normais, criou há poucos anos cadeiras de pedagogia nas suas faculdades de Letras. E, se países tais — e de todos os países de alta cultura se poderia dizer a mesma coisa —, possuem uma longa tradição pedagógica que têm como que derramada em seu ambiente a preocupação da educação e de seus métodos, julgam útil e proveitoso sistematizar nas escolas, nas faculdades e nas universidades a

arte da educação, parece-me que errados andamos tratando-a nós, que nada daquilo temos, com a desconsideração com que a tratamos”.

O grande crítico literário queria com isso significar o seu apreço à prioridade da educação. Quando lhe perguntaram a partir de que momento se deveria cuidar da educação de uma criança, José Veríssimo repetia o pensamento de Emerson: “Cem anos antes do seu nascimento!”.

José Veríssimo constitui-se com Araripe Júnior e Sílvio Romero a trindade crítica da era naturalista, influenciada pelo evolucionismo e pela doutrina determinista de Taine; mas seus pontos de vista e processos eram diferentes. Araripe Júnior, mais independente intelectualmente, com mais sensibilidade artística e mais estilo, mostrou até onde ia sua ligação com Taine, de cuja doutrina aceitava mais o fator *meio*, diferentemente de Sílvio Romero, que enfatizou a *raça* e foi um metodizador e um inovador, ao aplicar as suas doutrinas científicas a muitos dos fatos da nossa literatura, coordenando-os sobre uma base de doutrina social e demonstrando o que existia de mais ou menos organicamente ativo no desenvolvimento da nossa história literária. A crítica de José Veríssimo, por sua vez, é caracterizada por um constante espírito de equilíbrio e de ordem, a que ele juntava, não raro, um pensamento filosófico e moral para enriquecê-la de uma autoridade maior, reforçando o crítico no educador.

Acima de tudo, ressalta da sua obra o cunho nacionalista, que ele procurou rastrear desde o início da literatura brasileira, na obra de poetas e ficcionistas nos quais soube detectar o sentimento da brasilidade. Foi ele que, ao seu tempo, chegou à mais íntima comunicação com o espírito e a obra de Machado de Assis, notando o quanto ele trazia, pelo romance, pelo conto, pela própria poesia, de original e único para a literatura brasileira.

GIBRAN KHALIL GIBRAN

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE.

SENHORA e SENHORES ACADÊMICOS.

No dia 10 de abril de 1931, há 77 anos, portanto, morria em New York um dos maiores libaneses de todos os tempos: Gibran Khalil Gibran, ensaísta, filósofo, pintor, poeta e romancista, nascido no Norte do Líbano, que escreveu uma obra literária em inglês e árabe, marcada pelo misticismo oriental e que alcançou popularidade em todo o mundo.

Influenciado pela *Bíblia*, por Nietzsche e por William Blake, escreveu *O Profeta*, um livro famoso e traduzido em mais de 40 idiomas, sobre o amor, a moral e a Natureza.

Deixou uma importante bibliografia, na qual se destacam, entre outros, os livros em árabe: *As Procissões*, *As Almas Rebeldes* e *Temporais*, e, numa segunda fase, oito livros em inglês: *O Precursor*, *O Louco*, *Jesus*, *o Filho do Homem*, *Os Deuses da Terra* e mais duas obras para serem publicadas depois de sua morte: *O Errante* e *O Jardim do Profeta*.

* Proferidas na sessão do dia 30 de abril de 2008.

Com uma saúde fragilizada – Senhor Presidente – Gibran morreu jovem, com 48 anos de idade, seu corpo foi transportado para o Líbano e enterrado num local escolhido em vida por ele próprio: um antigo Convento, situado ao pé da floresta dos cedros, onde hoje está construído o Museu de Gibran, para exposição da sua pintura e dos seus livros.

Sua memória foi homenageada ao meio-dia de hoje, com uma singela reunião no Consulado Geral do Líbano, na presença de dirigentes da Federação Líbano-Brasileira e da Associação Cultural Gibran Khalil Gibran, que traçaram projetos de eventos nos próximos dias e que estenderam essa homenagem a Mansour Chalita, impossibilitado de comparecer por motivos de saúde.

Mansour Chalita foi um grande divulgador da obra de Gibran, recebendo o Diploma e a Medalha Machado de Assis, desta nossa Academia Brasileira de Letras, e a quem o nosso Presidente Austregésilo de Athayde não se cansava de enaltecer, como um importante elo na maior aproximação entre os povos árabes e a cultura brasileira.

SESSÃO DO DIA 8 DE MAIO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinicios Vilaça, Moacyr Scliar, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata da sessão do dia 30 de abril de 2008, que, após reparo feito pelo Acadêmico Lêdo Ivo, foi aprovada. Pediu, a seguir, uma salva de palmas para o Acadêmico Sábado Magaldi, que aniversaria dia 9 de maio, para o Acadêmico Antonio Olinto, cuja data natalícia transcorre no dia 10 do corrente, e para o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que comemora seu aniversário no dia 12 de maio. Prosseguindo, fez uma comunicação sobre a viagem do Presidente Cícero Sandroni à Itália e à França e que estará de volta ao convívio desta Casa na próxima terça-feira. Lembrou que, por iniciativa do Acadêmico Marcos Vinicios Vilaça durante a sua brilhante presidência, teve lugar a assinatura de um convênio entre a Academia Brasileira de Letras e a *Accademia della Crusca*, de Florença, que talvez seja a mais antiga do mundo, pois foi criada por volta de 1540. No Artigo I deste convênio, lê-se que as duas Academias têm

o objetivo conjunto de promover e trabalhar para valorizar as experiências lingüísticas da cultura italiana e brasileira. Visando tal objetivo, as duas Academias podem operar em parceria com outras instituições, entre as quais as universidades italianas e brasileiras e os Institutos Italianos de Cultura no Brasil. Ficou acordado que será realizado um encontro anual, alternadamente na Itália e no Brasil, no qual serão debatidos temas literários da atualidade. No próximo dia 10, o Presidente Cícero Sandroni fará uma comunicação sobre Machado de Assis. Soube pelo Presidente, com quem falou ontem, que a viagem tem sido um sucesso e que diversas instituições da União Européia já manifestaram seu desejo de realizar projetos com a ABL. Considera isto de uma importância fundamental para o desempenho da ABL no mundo internacional. Neste momento, o Presidente Cícero Sandroni zela exatamente por essa necessidade de ampliar o relacionamento da Academia com as instituições que nos são irmãs. A seguir, registrou o falecimento de Mário da Silva Brito, aos 91 anos de idade, ocorrido no fim da semana passado e de que só hoje a Academia tomou conhecimento. Falou da grande amizade que os uniu. Lembrou Mário da Silva Brito pelo seu papel de crítico, de poeta e, sobretudo, por sua atuação de historiador da literatura brasileira. A seu ver, o que ele escreveu sobre o Modernismo no Brasil e sobre a contribuição de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, e todos os intelectuais daquela época efervescente de São Paulo, continua insuperado, razão pela qual pede um comovido voto de pesar pela morte do amigo.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony secundou as palavras do Acadêmico Ivan Junqueira a respeito de Mário da Silva Brito, acrescentando que já lembrou a sua importância como um historiador da literatura brasileira. Lembrou o seu livro clássico, *História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Falou da sua convivência com Mário de Andrade e Menotti del Picchia, enfim com todo o grupo da Semana de Arte Moderna.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony estas palavras de apoio ao que acabou de dizer sobre este grande amigo que se foi.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se a tudo que foi dito pelo Presidente e pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony sobre Mário da Silva Brito, que organizou a publicação do seu primeiro livro editado por Ênio Silveira, que era seu fraternal amigo. Falou sobre o excepcional crítico e historiador, sobretudo do Modernismo e cuja trajetória intelectual, como poeta, escritor e editor, está injustamente esquecida. Mário da Silva Brito merece muito mais do que isso, pelo muito que fez pela literatura brasileira e pela Academia.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha, no Capítulo das Efemérides, ao discorrer sobre a vida e obra de Álvares de Azevedo, ressaltou que vários escritores se debruçaram sobre sua obra de poeta e sua contribuição à literatura brasileira, aspectos que se poderiam juntar aos emitidos por notáveis escritores. Ao concluir, disse que Álvares de Azevedo não careceu de muitos anos de vida terrena para alcançar a imortalidade de fato e de direito. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente em exercício, Acadêmico Ivan Junqueira, agradeceu a seu confrade esse riquíssimo perfil que traçou de Álvares de Azevedo, a voz mais alta da segunda geração romântica. Acrescentou que tudo que se disser sobre Álvares de Azevedo será sempre muito pouco, sobretudo quando se pensa numa definição de quem ele foi. Acredita que ele mesmo tenha se encarregado disso quando escreveu aquele verso esplêndido: “Foi poeta, sonhou e amou na vida”.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do artigo publicado no domingo, na *Folha de S. Paulo* sob o título “Libertem a língua”, do professor português Boaventura de Sousa Santos, que teve muitos contatos no Brasil. Trata-se de um cientista social que ressalta o problema da utilização da língua e aponta um fato muito interessante que tem passado despercebido. Em 1911, quando foi assinado o primeiro acordo ortográfico; nessa época, Portugal tinha o monopólio da Língua Portuguesa, motivo pelo qual está implícito no seu artigo que o

acordo deve ser abandonado, a fim de que se liberte a língua. A seguir, deu conhecimento ao plenário de uma comemoração ocorrida na Universidade de Yale, celebrando o centenário das conferências de Joaquim Nabuco naquela universidade em 1908. Lembrou que Joaquim Nabuco foi embaixador nos Estados Unidos a partir de 1905, e além da obra de política de aproximação que fez, inclusive trazendo para o Brasil em 1905 o Secretário de Estado Elihu Root, proferiu também várias conferências em universidades americanas, defendendo a cultura brasileira e portuguesa, e vários trabalhos sobre Camões. Só em Yale fez duas conferências. Desse Seminário, intitulado “Joaquim Nabuco at Yale”, participaram personalidades de grande valor, quatro brasileiros, um inglês e três americanos. O Dr. José Nabuco Filho, neto do homenageado, esteve no evento e ficou muito impressionado com a categoria do seminário. Considerou importante fazer este registro, na medida em que se aproxima o ano de 2010, quando a Academia deve comemorar a figura de Joaquim Nabuco.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a notícia trazida e a lembrança de que se aproxima o centenário de Joaquim Nabuco. Quanto ao artigo, determinou que fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Moacyr Scliar lembrou o Acadêmico Geraldo França de Lima, a quem teve a honra de suceder nesta Casa e cuja obra não conhecia, acrescentando que valeu a pena ter sido seu sucessor porque leu toda a sua obra, a qual muito o surpreendeu. Disse estar falando de um escritor que, de certa maneira, teve uma carreira atípica, nascido no interior de Minas, estudou Direito, trabalhou no Rio de Janeiro, depois voltou a Minas e se tornou professor de escola pública em Barbacena. Lembrou duas pessoas que ele conheceu e mudaram o seu destino: Georges Bernanos, líder cristão, que desde 1938 vivia no Brasil, que foi a consciência do seu tempo e de quem Geraldo se tornou grande amigo. Bernanos o influenciou muito. A outra pessoa muito importante na sua vida foi Guimarães Rosa, que encontrou, na casa de um amigo comum, os originais de um romance de Geraldo França de Lima intitulado *Uma Cidade na Província*, leu e no meio da madrugada telefonou à

D. Lygia, esposa de Geraldo, dizendo: “Ou muito me engano, ou estou diante de um grande romance.” E encarregou-se de levar a obra inédita ao editor Gumerindo Rocha Dórea, que a publicou com o título de *Serras Azuis*. Lembrou que o livro teve na época uma imensa repercussão, ganhou o Prêmio Paula Brito de Revelação Literária e mais tarde foi adaptado para a televisão. Discorreu sobre este livro e sobre a obra do Acadêmico Geraldo França de Lima. Declarou ser muito importante que Geraldo França de Lima seja evocado, inclusive do ponto de vista das escolas e que a sua obra seja lida, como é lido Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, porque ele dá um testemunho histórico e literário muito importante do Brasil.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar estas palavras de lembrança desse confrade com o qual muito conviveu nesta Casa e disse que tudo aquilo que Geraldo França de Lima escreveu sobre a província é absolutamente imorredouro. Acrescentou que Geraldo foi um prosador com uma vertente lírica admirável e um grande contador de histórias.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier registrou que no sábado, 3 de maio, o Suplemento do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, publicou um artigo muito bem escrito pelo Acadêmico Moacyr Scliar intitulado “Jornalismo é história”, no qual faz o registro dos 180 anos do *Jornal do Commercio*, ocorrido em 2007, e teceu considerações bastante judiciosas sobre a qualidade literária da obra escrita pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Pediu que este artigo fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu a participação do Acadêmico Arnaldo Niskier, lembrando o papel do *Jornal do Commercio*, um dos maiores jornais brasileiros de todas as épocas e associado nesta Casa ao Presidente Cícero Sandroni.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho subscreveu a exposição do Acadêmico Moacyr Scliar sobre o Acadêmico Geraldo França de Lima. Lembrou que, em 1993, Geraldo ficou cego, não faltava a nenhuma sessão da Academia e participava dos trabalhos. Recebeu Antônio Olinto, tendo decorado o discurso com que saudou este confrade. Acrescentou ainda que a saudade de Geraldo França de Lima é muito grande nesta Casa.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e passou a palavra a Acadêmica Ana Maria Machado.
- A Acadêmica Ana Maria Machado chamou a atenção da Casa para um livro que corre o risco de passar despercebido porque não foi lançado em edição comercial, mas acha que a Academia deve ter na sua Biblioteca e por este motivo quis ressaltar a qualidade desse livro. Trata-se de *Histórias que a Cecília Contava*, que considera precioso. Os organizadores Maria Selma de Carvalho, Ana Emília de Carvalho e o Acadêmico José Murilo de Carvalho, irmão de ambas, generosamente se escondem nos bastidores, com o tradicional recato mineiro, e cedem o proscênio da autoria a Maria Cecília de Jesus e Maria das Dores Alves, duas *contadeiras* de histórias populares. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais de Academia Brasileira de Letras*.)
- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu a Acadêmica Ana Maria Machado a lembrança que trouxe dessa obra tão importante e pediu à Casa que adquirisse um exemplar para que esse registro não fique em branco.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu as palavras da Acadêmica Ana Maria Machado e registrou que são comentários de uma mestra e contadora de história. Em relação ao que falou o Acadêmico Moacyr Scliar sobre Geraldo França de Lima, lembrou que o seu primeiro trabalho publicado foi sobre a luta de famílias em Barbacena, e é sobre isso que trata o Acadêmico Geraldo França de Lima em seu romance *Serras Azuis*. Uma luta que se reproduziu em vários pontos do país. Salientou que Geraldo França de Lima foi o que melhor transcreveu literariamente esse fenômeno social e político do Brasil. Cumprimentou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva pelo trabalho que tem feito, como Presidente da Comissão de Celebração dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil, que teve um de seus pontos altos na abertura da exposição dos quadros de Nicolas-Antoine Taunay, sob a curadoria de Lílian Schwartz. Ressaltou que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva está marcando a vida cultural do Rio de Janeiro com estes eventos por ele pensados e organizados.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva agradeceu as palavras amáveis do Acadêmico José Murilo de Carvalho e registrou que está havendo algo muito grave no mundo cultural brasileiro. Lembrou que, em 2002, o poeta e tradutor Ivo Barroso denunciou o plágio da tradução feita por Carlos Porto Carrero do livro *Cyrano de Bergerac* e também de *As Flores do Mal*, de Baudelaire. São plágios para o qual o editor não pode encontrar desculpas como pode encontrar para páginas em prosa, porque traduzir poesia é um ofício duro e difícil. Informou que um grupo de tradutores já levantou mais de 32 obras nas quais as traduções primitivas, como as de Otávio Mendes Cajado, Oscar Mendes, Mário da Silva Brito, Ligia Junqueira, Rachel de Queiroz, são republicadas por editoras com nome de outros tradutores. Salientou que, além dos tradutores não serem devidamente remunerados neste país pelo seu trabalho, só recebem pela primeira edição e, se a obra tiver êxito, não mais nas edições subsequentes. Comunicou que esse grupo de tradutores está pedindo uma posição da Academia Brasileira de Letras em torno deste assunto. Na sua opinião, acha que a Academia não deve simplesmente subscrever o documento enviado, mas preparar um documento próprio de repúdio ao plágio e à apropriação indébita do trabalho intelectual exercido por outros.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva o fato de trazer esta gravíssima denúncia. Informou que a Academia providenciará um documento pertinente para que esta questão não se agrave ainda mais. No que toca à sua atividade de tradutor, salientou que ainda não foi vítima desta trapaça, mas a qualquer momento, um tradutor pode se tornar vítima desse processo. Salientou que, se a tradução já é um eco daquilo que foi traduzido do original, numa tradução fraudada, esse eco se multiplicaria ao infinito. No que tange à tradução de poesia, lembrou a observação que fez Dante Milano na introdução que escreveu à sua própria tradução de três dos *Cantos do Inferno*: “Pode-se traduzir o que um poeta quis dizer, mas nunca o que ele disse”. Lamenta esse processo e não sabe qual a origem da fraude, mas certamente editoras desonestas consideram que certas traduções tenham caído em domínio público e então toda a matéria traduzida não tem dono. Salientou que à tradução compete uma autoria, o texto traduzido tem

um autor, e, infelizmente num país que depende tanto da tradução, os tradutores são mal remunerados. Lembrou que a tradução tem um papel histórico nesse país, pois ninguém desconhece que o povo brasileiro é monoglota e que depende das traduções para o conhecimento dos clássicos. Salientou que a Casa se sente na obrigação de apoiar e preparar um documento de apoio a todos os tradutores atingidos.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, em referência ao que foi dito pelo Presidente Ivan Junqueira, acha que existem três situações que devem ser incluídas neste documento. A primeira são as edições piratas. Algumas editoras se apropriam de uma obra e fazem esta edição. Lembrou que há alguns anos recebeu de um livreiro de Porto Alegre um exemplar de um livro seu, publicado na Colômbia, do qual não tinha a menor idéia de que estava sendo publicado. A segunda situação diz respeito aos textos da Internet onde há uma corrente de pensamento que acha que o texto é propriedade comum. A terceira é a cópia xerográfica, que representa um prejuízo para as editoras. Na sua opinião, deve ser uma manifestação de defesa ampla do Direito Autoral. Acha que a Academia não deve ficar na simples retórica, porque há órgãos governamentais encarregados da defesa do direito autoral.
- A Acadêmica Ana Maria Machado esclareceu que todas as questões levantadas pelo Acadêmico Moacyr Scliar são pertinentes, mas podem dilatar demais o foco em relação à questão dos tradutores. No momento, deve-se elaborar um documento apenas sobre o problema das traduções fraudulentas e, mais tarde, continuar discutindo sobre os outros temas, numa questão mais ampla, e que inclua o governo, porque o problema da tradução pirata tem uma premência e já está em campanha.
- O Acadêmico Moacyr Scliar observou que esse documento deve conter todos as outras questões levantadas por ele. Não acha prudente a Academia encampar apenas o problema das traduções piratas porque é um assunto cujos detalhes não se conhecem profundamente. São pessoas que estão fazendo denúncias. Conhece uma editora que foi denunciada e provou que era mentira, informando que vai abrir processo judicial contra os denunciadores.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva concordou com a Acadêmica Ana Maria Machado, pois acha que a Academia deve concentrar o foco no problema das traduções, sem especificar nem editoras nem casos concretos.
- O Presidente Ivan Junqueira ressaltou que a Academia apenas vai denunciar um tipo de conduta que é reprovável. Quanto aos problemas levantados pelo Acadêmico Moacyr Scliar, que são pertinentes, acha que essa discussão caberia numa próxima sessão, pois logo em seguida será realizado o Seminário “Brasil, brasis”.
- O Acadêmico Cândido Mendes de Almeida discorreu sobre as realizações da Academia da Latinidade que aconteceram em Rabat. É a continuação do diálogo entre a latinidade e o mundo islâmico, que começou em Teerã, continuou em Alexandria, foi até Istambul, prosseguiu em Baku e agora chegou a Rabat. Disse que ficou encantado ao verificar que, na área dos estudos sobre a africanidade, os trabalhos do Acadêmico Alberto da Costa e Silva são a referência para se compreender a África e o modo pelo qual se tem hoje um referencial transatlântico. Entregou aos Acadêmicos o livro *La Dialectique du Dialogue: la quête de l'interculturalité*, onde se dá conta dessa conferência, e referiu-se a dois problemas ligados ao Brasil. O primeiro é a diáspora mulçumana no Brasil, assunto mal conhecido. Na sua opinião, a Academia tem como uma de suas tarefas, dentro da miscigenação cultural brasileira, estudar o problema mulçumano no Brasil. Referiu-se ao trabalho de Paulo G. Pinto e ressaltou que há hoje cinco milhões de mulçumanos no Brasil que estão no Rio de Janeiro e no Paraná. Curiosamente, no Paraná são alimentados e desenvolvidos por um profundo proselitismo iraniano. As novas mesquitas paranaenses são financiadas pelo governo iraniano. E essa presença iraniana, dentro do mulçumanismo brasileiro, foi objeto de uma grande discussão de se saber o que é realmente uma crença e o que é uma ideologia, no desenvolvimento do mundo mulçumano no Brasil. Salientou a importância do trabalho de Mohammed Elhajji sobre uma visão nova de alguma coisa que falta à cultura brasileira, que é a importância da revolução dos Malês em 1835. Salientou a importância desse documento por enriquecer uma visão da cultura brasileira, e acha que se deve à Academia, sobretudo nas suas

últimas gestões, o modo pelo qual a africanidade passou a integrar o eixo da problemática brasileira.

- O Presidente Ivan Junqueira agradeceu os esclarecimentos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre sua participação na reunião em Rabat e, sobretudo, com relação a essa massa de mulçumanos no Brasil, que ignorava. A propósito do problema das traduções plagiadas, esclareceu que a decisão tomada por parte da Casa é de apoio aos tradutores que foram lesados.
- O Acadêmico Antonio Olinto falou sobre o Acadêmico Geraldo França de Lima, seu amigo do interior de Minas Gerais e ótimo romancista. Quando foi eleito escolheu-o para o saudar e ficou emocionado pelo fato do Acadêmico Alberto Venancio Filho ter lembrado o nome desse grande Acadêmico, que infelizmente passou os últimos anos de sua vida cego.
- O Presidente Ivan Junqueira convidou os presentes para o Seminário “Brasil, brasis” sobre “Amazônia: esplendor e agonia de uma floresta”, com a participação de Carlos Minc, Washington Novaes, Fernando Gabeira e Paulo Nogueira Neto. E também para o lançamento, a partir das 18h, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*, do livro *Luzes da Consagração*, de José Louzeiro, dedicado à vida e obra, como educador e jornalista, do Acadêmico Arnaldo Niskier, e deu por encerrada a sessão.

ÁLVARES DE AZEVEDO

*Estudo do Acadêmico Tarcísio Padilha**

A curta passagem de Álvares de Azevedo pela vida jamais pôde dissociar-se da presença da morte em seu percurso existencial e em sua obra poética.

O encontro do genial e trágico poeta romântico com a morte se deu quando ele ainda emergia para a vida, nos seus quatro anos. Ao contemplar, no leito, o irmãozinho inerte com o selo da morte, tentou falar-lhe. A morte, que tão cedo se instalou na alma infantil, ali resolvera fazer para sempre o seu ninho.

Aos nove anos, o poeta foi matriculado no colégio do Doutor Stoll. Logo domina o francês, o inglês, a história, a geografia e em todas as matérias: foi o melhor aluno da instituição. Assim se manifestou seu educador: “ele reúne... a maior inocência de costumes à mais vasta capacidade intelectual que já encontrei na América em um menino de sua idade”. Rio de Janeiro e São Paulo se alternam no período de formação do escritor prolífico. Frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, após concluir seus estudos básicos no Colégio Pedro II. Aqui teve como mestres Gonçalves de Magalhães, que o ensinou a percorrer os complexos labirintos do filosofar, e Calógeras a quem tanto ficamos a dever no domínio da História. Ao longo do curso de Direito, teve dois amigos: Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães. Formaram com Álvares de Azevedo um trio

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 08 de maio de 2008.

que até cogitou de publicar suas obras com o título de *As três liras*. O projeto não prosperou e sim a amizade, por vezes, manifestada de maneira jocosa. Assim é que, com poucos recursos, combinaram que o poeta Álvares se fingiria de morto para angariar dinheiro. Como ele era muito pálido conseguiu desempenhar bem o papel e o grupo pode amealhar uns bons trocados. Com isso, a ceia farta e concorrida coroou a noite criativa.

Nesta época, eram mestres dos três amigos, dentre outros, Veiga Cabral na área cível, e seu tio Silveira da Mota, no campo processual.

A formação humanística de Álvares de Azevedo forneceu-lhe os instrumentos para a grande empreitada literária a encetar. Registre-se uma forte pitada humorística que lhe cinzelou o perfil, expresso freqüentemente em caricaturas que não lhe granjearam popularidade. Vicente de Azevedo afiança: “é sabido que foi ele o introdutor do humor na literatura nacional”.

Álvares de Azevedo mergulhou na leitura dos clássicos, sinuosamente folheando os livros sagrados, a dramaturgia de Shakespeare, as obras de Goethe e, sobretudo, os poemas de Byron. Lamartine, Victor Hugo, Tasso, Leopardi, Heine e Vigny foram também seus companheiros nas noites de insônia donde decolava para as arremetidas da poesia com que pavimentou o seu definitivo lugar na galeria dos grandes nomes de nossa literatura.

Dedilhando sua lira, escreveu o poeta:

“Só levo uma saudade – é d’essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!”

No leito de morte, vemos sua mãe acompanhá-lo durante os últimos quarenta e cinco dias de vida. No supremo momento do viver-morrer, o jovem delicadamente afasta sua mãe, poupando-a do instante derradeiro, como a lhe dizer que, dela havendo recebido a vida, só ela não poderia viver-lhe a morte. É um desfecho de inequívoco sabor romântico.

O ultra-romantismo de Álvares de Azevedo revela um manifesto pendor para o subjetivismo, uma espécie de evasão metafísica, em que o sonho, a *rêverie* ocupam os espaços de seu ver-sejar. No fundo, a morte desempenha o papel principal, pela indefinição de seus contornos. Isto porque somente detectamos a morte do outro. A morte em si rompe os grilhões da racionalidade, altera todas as sistemáticas e tudo cria nesta transição especial, em que se esvaem todas as possibilidades de antevisão do que ela possa ser ou do que cuidamos que ela venha a ser. É o desconhecido que atormenta a inteligência brilhante do poeta, cuja fragilidade física prenuncia o desenlace precoce.

Nascido em 12 de setembro de 1831, na cidade de São Paulo, o poeta veio a falecer no Rio de Janeiro no dia 25 de abril de 1852. A menos de vinte e um anos se limitou uma vida que, após a morte, revelou ao mundo a magnitude de sua obra literária.

Foi intensa sua atividade intelectual na famosa Faculdade do Largo de São Francisco. A ele se deve a criação de sociedade Ensaio Filosófico e data desse período sua grande fecundidade literária. A universalidade de sua precoce cultura levou-o a realçar a independência poética brasileira frente ao influxo da pátria-mãe. Poesias, contos, discursos, cartas, peças de teatro, estudos literários integram o rico filão de obras que somente após sua morte merecerão a atenção da crítica e receberão o reconhecimento adequado.

Hoje, há forte tendência a se implantar o reino de uma espécie de imortalidade biológica, que obstrui o canal de compreensão da finitude do ser humano e instiga a recusa da morte.

A morte é uma tragédia meta-empírica, frisou Vladimir Jankélévitch. Transcende os parâmetros da vida sensorial e animal, alçando-se ao plano de sua superação, como destino calcado na vocação de cada ser humano. Daí se segue a ruptura da crítica que usualmente cerca aqueles que morrem. Desaparece o antagonismo e remanesce o retrato, agora sem retoques, que fixa em definitivo a feição ontológica de cada um de nós.

Foi na morte vivida conscientemente que Álvares de Azevedo melhor espelhou a sua obra literária. Deu-lhe plena substância, uma vez que o seu ser se

reconheceu na obra encetada. O que ratifica o sentir de Octavio Paz, para quem “os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia”.

O fluir da vida deu consistência aos versos pungentes que nos legou. Nele a existência não pode ser mensurada pelos anos vividos, mas pela intensidade do viver, do sorver cada minuto com voracidade, prenunciando a redução do tempo como imperativo do ritmo vital que se impôs. Há uma tensão dialética entre a vida que fremia em seu peito e a morte que ao longe, inexorável, clamava nas sombras por seus direitos. Dante o explicita em seu *opus magnum*, ao sentenciar: “do viver que é um correr em direção à morte”.

A afetividade peculiar de Álvares de Azevedo, ao que tudo indica, sempre o inibiu de se realizar no amor que ele, tão romanticamente, enalteceu. Confirma-se a tese de que o ultra-romantismo padece das vicissitudes oriundas da nebulosidade dos sentimentos, da impossibilidade de serem os mesmos encarados e, no caso de Álvares de Azevedo, vividos. La Rochefoucauld o reconheceu: “nem o sol, nem a morte podem ser olhados fixamente”. Há que se falar em um certo descompasso entre a elevação de sentimentos e um prosaísmo que se insinua na obra do jovem romântico. De um lado, pululam confissões do poeta repassadas de transparente pureza, páginas que destoam dessa harmonia afetiva, e até incidem na vulgaridade e, finalmente, o permanente aceno de sua companheira inseparável, a morte.

A verdade é que o poeta se inseriu plenamente na neurose do século do Romantismo, mera vítima do mal do século, consoante o atesta Hildon Rocha.

Amor e morte cifram o humano existir de Álvares de Azevedo, no sentir de Magalhães Júnior. É própria da era romântica a vertigem do apelo ao suicídio. A partir do Werther de Goethe, passando pelas *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, ou da *Indiana* de George Sand, Álvares de Azevedo absorveu o peso ontológico do nada e, referindo-se ao personagem central de Aldo, da mesma George Sand, assente: “por uma fria noite de inverno curvava a sua cabeça no abismo do suicídio”.

A passagem meteórica de Álvares de Azevedo pela terra dos homens robusteceu o romantismo de sua obra. Isto porque a morte jovem já é por si mesma

romântica. Parece que sua breve vida representou um prefácio da obra ainda mais opulenta que geraria, caso a sorte lhe houvesse alongado os anos.

Consciente do fim que se avizinhava, Álvares de Azevedo se confessou, recebeu a unção dos enfermos, pediu à sua mãe que se afastasse, tomou a mão de seu pai, beijando-a e exclamou: “Que fatalidade, meu pai!”

A glória de Álvares de Azevedo foi póstuma. Teixeira de Melo, Silvio Romero, José Veríssimo, Ronald de Carvalho, Agripino Grieco, Mario de Andrade e muitos outros reconheceram a sua contribuição à literatura brasileira.

Em 1853, saiu a lume o primeiro volume das obras de Álvares de Azevedo, nele se incluindo a *Lira dos vinte anos*. Machado de Assis não se conteve e exclamou: “foi a boa nova dos poetas”.

Com a palavra Silvio Romero: “em Álvares de Azevedo há um poeta lírico e o esboço de um crítico, de um dramata e de um conteur. O lirismo do jovem artista não é um simples lirismo melancólico à Lamartine. Há nele grande variedade introduzida por pinturas objetivistas, por cenas de costumes, por cantos políticos, por passagens humorísticas. Quando se fala em Azevedo vem logo à mente a idéia de um lacrimoso perpétuo. Pois é um grande erro. Há nele páginas de um objetivismo completo”. Com tal juízo de valor, a que se poderiam juntar os emitidos por notáveis escritores pátrios, cabe concluir que Álvares de Azevedo alcançou a imortalidade e não careceu de muitos anos de vida terrena para nela ingressar de fato e de direito.

LIBERTEM A LÍNGUA

*Boaventura de Sousa Santos**

A língua portuguesa deve ser deixada em paz, entregue à diversidade que torna possível que nos entendamos em português.

Sendo a ortografia uma pequena dimensão da vida da língua, seria legítimo esperar que não fosse necessário o acordo ortográfico ou que, sendo-o, pudesse ser celebrado sem dificuldade nem drama. No caso da língua portuguesa, assim não é, e há que refletir por quê.

A razão fundamental reside no fantasma do colonialismo inverso que desde há séculos assombra as relações entre Portugal e Brasil. Por séculos, a única colônia com propósitos de ocupação efetiva no império português, o Brasil, foi sempre e simultaneamente um tesouro e uma ameaça grandes demais para Portugal.

Após um curto apogeu no século XVI, Portugal foi durante toda a modernidade ocidental capitalista um país semiperiférico, isto é, um país de desenvolvimento intermédio, desprovido dos recursos políticos, financeiros e militares que lhe permitissem controlar eficazmente o seu império e usá-lo para seu exclusivo benefício. Teve, pois, de o partilhar desde cedo com as outras potências imperiais europeias, e foi por conveniência destas que ele se manteve até tão tarde.

* Sociólogo português, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal). Artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo* do dia 4 de maio de 2008.

A partir do século XVIII, Portugal foi simultaneamente o centro de um império e uma colônia informal da Inglaterra. À semiperifericidade de Portugal correspondeu a semicolonialidade do Brasil, tão bem analisada por Antonio Candido, a idéia contraditória de um país mal colonizado e superior ao colonizador, um país que resgatou a independência de Portugal e que, logo após sua própria independência, foi visto como uma ameaça aos interesses de Portugal na África.

A relação colonizador-colonizado entre Brasil e Portugal foi sempre uma relação à beira do colapso ou à beira da inversão. Até hoje. É essa indefinição que torna tão necessário quanto difícil o acordo ortográfico.

Do lado português, a posição ante o acordo assenta sempre na idéia de “rendição ao Brasil”, tanto para o aceitar como para o recusar. Em ambos os casos, o fantasma do colonialismo do inverso, em vez da idéia libertadora do inverso do colonialismo. Acontece que hoje a inconsequência do acordo tem consequências que não tinha, por exemplo, em 1911.

Em 1911, o acordo teve lugar entre dois países em que a língua portuguesa era a língua natural. No caso português, o colonialismo proibía que as línguas nacionais faladas nas colônias fossem um problema linguístico. No brasileiro, o colonialismo interno impedia que as línguas indígenas existissem. Portugal considerava-se o dono da língua portuguesa, mas, porque não o era de fato, o acordo só começou a ser implementado em 1931.

Hoje são oito os países de língua oficial portuguesa, e em seis deles a língua portuguesa coexiste com outras línguas nacionais, algumas delas mais faladas que o português. Nesses países, o contexto da política da língua é muito mais complexo.

Mexer no português só faz sentido se se mexer nas línguas nacionais, e mexer nestas, em países que há pouco saíram de uma guerra civil, pode ter consequências bem mais graves que as do drama bufo luso-brasileiro.

Por essas razões, deviam ser esses países a decidir o desacordo, mas pelas mesmas razões é pouco provável que aceitassem tal magnanimidade.

Nesse contexto, a língua portuguesa deve ser deixada em paz, entregue à turbulência da diversidade que torna possível que nos entendamos todos em português. Revejo-me, pois, no comentário irônico e contraditório de Fernando Pessoa aos acordos ortográficos, escrito em 1931, ano em que se implementava o acordo de 1911:

“Odeio... não quem escreve em orthographia simplificada, mas a pagina mal escrita, como pessoa propria, a syntaxe errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ipsilon, como o escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiisse.

Sim, porque a orthographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da translitteração greco-romana veste-m'a do seu vero manto regio, pelo qual é senhora e rainha”.

Apesar de transcrito na ortografia de Pessoa, foi difícil entender esse passo?

JORNALISMO É HISTÓRIA

*Moacyr Scliar**

Anos atrás resolvi escrever um romance biográfico sobre Oswaldo Cruz, o fundador da saúde brasileira, cuja trajetória científica e humana é absolutamente fascinante. Não seria, como logo constatei, uma tarefa fácil. Embora se trate de uma figura histórica ainda recente (morreu em 1917) e muito conhecida, sobretudo na área de saúde pública, quase toda a documentação sobre sua vida e seu trabalho encontra-se no Rio. Para lá me dirigi, pois. Primeiro trabalhei afanosamente na Fundação Oswaldo Cruz, onde está o arquivo do sanitarista. Mas eu queria ter também uma idéia de como esta polêmica figura tinha sido vista por seus contemporâneos. Fui então à Biblioteca Nacional e comecei a consultar os jornais da época. Queria saber principalmente sobre a Revolta da Vacina (1904) uma rebelião popular desencadeada pela vacinação obrigatória contra a varíola. Um jornal revelou-se particularmente informativo: o *Jornal do Commercio*, que, não por acaso, é o mais antigo diário em circulação ininterrupta na América Latina. Como o nome indica (e não é único: há um *Jornal do Commercio* em Recife e o *Jornal do Comércio* em Porto Alegre) está voltado para o noticiário econômico, mas, como acontece com outros jornais desse tipo (exemplo: o respeitável *Financial Times*), é uma fonte confiável de informações gerais. Teve entre seus colaboradores Rui Barbosa, o Visconde de Taunay, Afonso Celso, o Barão

* Artigo publicado no jornal *Zero Hora* do dia 3 de maio de 2008.

do Rio Branco. Em 2007, o *Jornal do Commercio* completou 180 anos, período durante o qual cobriu a história do Brasil. *De D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva* é o subtítulo do livro que descreve esta trajetória, *180 anos do Jornal do Commercio* (Ed. Quorum), de autoria de Cícero Sandroni.

Ninguém mais autorizado para fazê-lo. O paulista Sandroni formou-se em jornalismo no Rio (onde veio a residir), e trabalhou nos mais importantes jornais cariocas: *Tribuna da Imprensa*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*. Teve uma breve experiência política durante o Governo João Goulart, e chegou a presidir o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, cargo do qual foi afastado pelo golpe militar de 1964. Retornou ao jornalismo, e fundou a Edinova, que lançou importantes obras da literatura latino-americana e do então muito influente *nouveau roman*. Cícero também criou uma influente revista literária, *Ficção*, contando inclusive com a contribuição de escritores gaúchos: Sérgio Faraco, Tania Faillace e eu próprio. Em 1974, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo e tornou-se diretor-adjunto do *Jornal do Commercio*. É autor de vários livros de ficção e não-ficção: *O Diabo só Chega ao Meio-dia*, contos, Ed. Nova Fronteira, 1985, *O Vidro no Brasil*, ensaio histórico, Ed. Objetiva, 1989, *Austregésilo de Athayde, o Século de um Liberal*, Ed. Agir, 1998, *Cosme Velho*, ensaio literário sobre o bairro em que viveu Machado de Assis, Ed. Relume Dumará, 1999, *50 anos de O Dia, história do jornal*, 2002, *O Peixe de Amarna*, romance, Record, 2003. E é claro, o presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo que assumiu no final de 2007.

O *Jornal do Commercio* surgiu num importante momento da vida brasileira. Com a chegada da família real o Brasil mudou: abertura dos portos, estímulo às atividades industriais, criação de bancos, ativação do comércio, criação de cursos superiores. O país buscava adequar-se à nova era do liberalismo econômico e político trazido pela revolução industrial na Inglaterra e pelas revoluções francesa e americana. É então que Pierre-René-François Plancher de la Noé, famoso divulgador do pensamento iluminista na França (e perseguido por isso) chega ao Brasil e funda o *Jornal do Commercio* (cópia do francês *Journal du Commerce*). No início restringiu-se à área econômica; mas em 1828, e atendendo a pedidos, mudou o título para *Jornal do Commercio, Folha Commercial e Política*, ampliando a gama de

informações. Era, claro, um jornal conservador, mas influente, formando opinião, ditando hábitos e costumes. É exemplar o comentário que o jornal fez, a 16 de novembro de 1904, sobre a Revolta da Vacina. Critica os revoltos, cujos meios de protesto “são os menos sensatos que se pode imaginar”, levando à destruição da iluminação pública, interrupção do tráfego, “causando com isto maiores transtornos às próprias classes populares do que ao governo”. Mas reconhece também que a vacinação obrigatória é uma manifestação da “ingerência, já pesadíssima, da autoridade pública no seio da família e da liberdade individual”. É a clássica posição que os americanos denominam de “*one hand, on the other hand*”, ou seja, de um lado devemos considerar tais e quais argumentos, mas de outro lado devemos considerar também tais e quais argumentos. Uma no cravo, outra na ferradura, mas pelo menos os dois lados da questão são expostos. Jornais retratam a realidade diária; mas quando o fazem ao longo do tempo, acabam funcionando como peças documentais de primeira ordem.

Jornalismo, mostra Cícero Sandroni, é História com H maiúsculo.

HISTÓRIA QUE A CECILIA CONTAVA,
DE MARIA SELMA, ANA EMÍLIA E
JOSÉ MURILO DE CARVALHO (ORGS.)

*Palavras da Acadêmica Ana Maria Machado**

História que a Cecília Contava é um livro precioso. Seus organizadores, Maria Selma de Carvalho, Ana Emília de Carvalho e nosso confrade José Murilo de Carvalho, irmão de ambas, generosamente se escondem nos bastidores, com recato mineiro, e cedem o proscênio da autora a Maria Cecília de Jesus e Maria da Dores Alves, duas contadeiras de histórias populares (uma delas analfabeta). Legítimas representantes desse saber anônimo e coletivo que ajudou a nos fazer, a todos nós brasileiros, as duas vêm se somar a uma galeria que inclui figuras reais como a velha Totonha e José Lins do Rego ou ficcionais, como a Tia Nastácia, de Monteiro Lobato, ou Joana Xavier, de Guimarães Rosa. Como elas nos transmitem narrativas de um repertório oral tradicional que atravessou gerações e ajudou a compor o que somos, e ao qual tanto devemos. Reconhecer esse legado, com gratidão, não é uma das menores qualidades dessa obra.

Mas o livro vai além de uma coletânea comparável às de Sílvio Romero e Câmara Cascudo – para só citar os dois autores mais emblemáticos da área. Traz também um CD com o registro da gravação das histórias na própria voz

* Proferidas na sessão do dia 8 de maio de 2008.

de quem as contou, e a ele soma a transcrição desses relatos na forma em que foram contados, um subsídio precioso a estudos lingüísticos comparativos. E não fica aí. Em cuidado trabalho de pesquisa, em que o carinho e o respeito vestem de humanidade o rigor científico, os três irmãos cuja infância se encantou com as histórias vão atrás de registros documentais e fotos, incluindo uma iconografia significativa. Dessa forma, nos trazem essa obra que qualifiquei de preciosa, estabelecendo também a genealogia das contadeiras até onde foi possível descobrir, traçando os proprietários de escravos que foram senhores de seus ancestrais, incluindo as histórias das fazendas mineiras onde esses trabalhadores viveram, aventando hipóteses sobre possíveis transmissores europeus das versões originais dos contos narradores.

Mais ainda estabelece os pontos de contato entre as histórias contadas e outras versões existentes, no Brasil e na Europa, e inclui as pautas musicais dos trechos cantados.

Como se tudo isso não bastasse, *História que Cecília Contava* é um belo objetivo gráfico. O Instituto Cultural Amílcar Martins e a editora da UFMG, que o editaram, estão de parabéns por terem reconhecido a importância desse trabalho, cuja inclusão em nossa biblioteca recomendo com entusiasmo.

SESSÃO DO DIA 15 DE MAIO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olin-to, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Marcos Vinícios Vilaça, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 8 de maio de 2008, que foi aprovada. A seguir, comunicou que a próxima sessão será antecipada para quarta-feira, dia 21, em virtude do feriado de *Corpus Christi*, na quinta-feira. Justificou a sua ausência nas duas últimas sessões em que esteve na Europa. Agradeceu ao Acadêmico Ivan Junqueira que tão bem conduziu os trabalhos da Academia, como se pode ler pelas atas. Relatou que em Paris foi recebido pelo Embaixador José Maurício Bustani, por seu Ministro Conselheiro e pelo Secretário para Assuntos Culturais, Heitor Granfei. Comunicou que o Embaixador Bustani está muito interessado em divulgar e difundir a cultura brasileira contemporânea e antiga na França, e pediu a colaboração da Academia para um evento que

pretende realizar em homenagem a Machado de Assis, no próximo mês de outubro. Discutiram um programa básico, que posteriormente será distribuído aos Senhores Acadêmicos, para se realizar na Biblioteca do Brasil na França, na Maison du Brésil e na Cité Universitaire. O período previsto seria entre 6 e 12 de outubro, para um público universitário jovem e um público lusófono, distante da realidade de Machado de Assis. Informou que vai distribuir esse esboço de programa e acrescentou que o Embaixador Bustani insiste em que quatro acadêmicos participem do mesmo. O assunto ficará para ser discutido na próxima sessão. Em Roma, foi hóspede do Embaixador Adhemar Bahadian, que desenvolve um exemplar programa cultural na Embaixada do Brasil, no Palácio Dora Pamphili, com apresentação de música clássica e popular brasileira, filmes e exposições. Atualmente está apresentando uma exposição sobre a obra de Oscar Niemeyer. O Embaixador Bahadian pretende fazer um Seminário, talvez em novembro, sobre Machado de Assis e Guimarães Rosa, e propôs também um projeto de traduções de obras brasileiras na Itália. A idéia ficou para ser desenvolvida, mas crê que seria um excelente passo no sentido de divulgar a cultura brasileira e a nossa literatura na Itália. Não só de clássicos, mas também contemporâneos. Esclareceu que a relação das obras de literatura brasileira que foram apresentadas à Embaixada são de livros esgotados e que, com exceção de Paulo Coelho e Jorge Amado, não se encontram traduções de outros brasileiros. Lembrou que a Editora Fábula, da Sardenha, publicou o livro do Acadêmico Domício Proença Filho, e já havia publicado *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que está nas livrarias, além de um romance de Alberto Mussa. Mas é um projeto de um editor independente, que foi diretor do Instituto Italiano de Cultura em São Paulo, e que quer divulgar a literatura brasileira na Itália. Acrescentou algo que considera muito pessoal, pois esteve em Calci, que é a cidade dos seus avós paternos, onde foi muito bem recebido pelos Sandroni e também pelo Prefeito. Foi um dia muito importante, do ponto de vista sentimental. Em Florença, esteve na *Accademia della Crusca*, onde proferiu palestra sobre Machado de Assis. Assistiu também a uma discussão sobre o multilingüismo na União Européia. Com exceção de Portugal, todas as nações estavam presentes e discutiram a necessidade do fortalecimento das

línguas dos países sem grande expressão na área política. Sentiu que há um grande temor da expansão não só do inglês, mas também do alemão. Informou que o Comissário Geral para o multilingüismo na União Européia é um romeno, Leonard Orban, que presidiu as reuniões com grande firmeza e com uma decisão fundamental no sentido de fortalecer o multilingüismo na Europa. No final da reunião, a Vice-Presidente da *Accademia della Crusca*, Nicoletta Maraschio, fez uma saudação especial ao Brasil e à Academia Brasileira de Letras. Ao final desse Seminário, e respondendo à saudação que lhe foi feita, ponderou não haver representante de Portugal, que tem dez milhões de habitantes, enquanto na outra margem do Atlântico são cento e noventa milhões; na África são mais trinta milhões, e no Timor Leste outros tantos. Ficaram um pouco espantados com a sua suave ponderação, mas a anotaram. Em seguida, fez projetar para o Plenário um pequeno vídeo que mostrava a *Accademia della Crusca*, fundada em 1554, da qual participaram grandes escritores italianos e europeus, inclusive Galileu Galilei. Passou a palavra ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que vai ser discutido amanhã, na Assembléia da República, o Acordo Ortográfico de 1990 e que os intelectuais contrários à aprovação tomaram a iniciativa de apresentar na Internet um manifesto-petição assinado, na época, por quinze mil intelectuais, no qual atribuem ao Acordo qualidades, algumas negativas. Referiu-se ao artigo assinado por Sergio Barreto Mota, em que se repetem as mesmas adjetivações que qualificam negativamente o texto do Acordo Ortográfico. Considera que a Academia tem nesse Acordo participação fundamental, tendo em vista que a iniciativa do saudoso confrade Antonio Houaiss foi a mola mestra para o desenvolvimento e concretização dele. De modo que qualquer crítica toca profundamente à Academia. Isto aconteceu quando estava nos Açores, participando do III Encontro de Lusofonia, ocasião que aproveitou para mostrar a ausência de razão dos adjetivos que foram assacados contra o Acordo Ortográfico. Passou a ler o texto intitulado “Considerações em torno do Manifesto-Petição dirigido ao Senhor Presidente da República e aos Membros da Assembléia da República contra o novo

Acordo Ortográfico de 1990”, pelo qual faz a defesa do Acordo. (Por determinação do Presidente, este texto foi distribuído aos presentes e será incorporado aos *Anais da ABL*.)

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Com relação ainda à Accademia della Crusca, disse que recebeu o exemplar de n.º 400 de uma edição fac-similada de 500 exemplares da *Divina Comédia*, publicada, em 2000, por aquela instituição, a partir da edição original de 1595.
- O Acadêmico Lêdo Ivo falou sobre o lançamento, nesta tarde, das *Melhores Crônicas de Austregésilo de Athayde*, publicação da Editora Global, na coleção dirigida pela escritora Edla Van Steen. Estas crônicas foram escolhidas pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, que fez um trabalho de seleção realmente primoroso, abrangendo todos os aspectos da atuação cronística de Austregésilo de Athayde ao longo de sua longa carreira de jornalista, não apenas um dos maiores jornalistas de sua geração, mas um dos maiores de toda a imprensa brasileira. A primeira impressão que se tem na leitura deste livro é a de que não se encontra nestas primeiras crônicas o Austregésilo de Athayde do convívio com seus confrades, desencantado, que não acreditava em Deus e talvez nem acreditasse nos homens. Nelas se vislumbra um outro Austregésilo de Athayde, formador de opinião pública, batalhador dos grandes princípios humanísticos, da justiça e da liberdade, e foram estes valores que ele defendeu ao longo de toda a sua existência e os defendeu numa grande prosa. Lembrou o antigo seminarista do Seminário da Prainha, que durante a sua formação escolar aprendeu latim, aramaico, grego, estudou bem a *Bíblia* e conheceu todas as peças de Shakespeare. Foram esses conhecimentos largos e até impossíveis nos dias de hoje, com essas reformas educacionais que reduziram tanto o horizonte pedagógico brasileiro, que permitiram a Austregésilo de Athayde exercer o magistério jornalístico com tanta dignidade, paixão e grandeza. Ressaltou ser esse acontecimento que deseja registrar na sessão de hoje.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo sobre *As Melhores Crônicas de Austregésilo de Athayde*, que será lançado hoje, às 17h30min, no *Petit Trianon*.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do texto publicado na *Tribuna da Imprensa*, pelo confrade Antonio Olinto, sobre o livro *Luzes da Consagração*, escrito por José Louzeiro sobre a vida e a obra do Acadêmico Arnaldo Niskier, com apresentações de Jorge Amado, Josué Montello, José Sarney, Magalhães Júnior e Carlos Heitor Cony. Discorreu sobre os importantes depoimentos da vida de Arnaldo Niskier, nascido no berço público de uma Maternidade-Escola. Aos 16 anos de idade, iniciou-se no jornalismo, na *Última Hora*, transferindo-se depois, pela mão de Nelson Rodrigues, para a *Revista Manchete*, que ensaiava os seus primeiros passos e onde o conheceu pessoalmente, mantendo uma amizade e um carinho que duram mais de meio século.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho e ressaltou a exemplar figura do escritor José Louzeiro, que, apesar de todas as dificuldades, continua a trabalhar.
- O Acadêmico Antonio Olinto informou ao Plenário os encontros que tem acontecido na Prefeitura, a propósito da comemoração do Centenário de morte de Machado de Assis. Comunicou que será re-inaugurada a Biblioteca Popular Machado de Assis, em Laranjeiras, com uma série de quatro conferências, e lembrou que, entre os conferencistas, estaria o Senador Artur da Távola, que faleceu esta semana. Prestou homenagem ao homem de estado que o levou para a Prefeitura, onde está há vários anos dirigindo 28 bibliotecas populares.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto e ressaltou a figura do Senador Artur da Távola. Viveu exilado no Chile muito tempo, e era um jornalista dedicado à cultura brasileira, especialmente à música e à Rádio Roquette-Pinto, que ele renovou inteiramente.
- O Acadêmico Carlos Nejar registrou a sua alegria com a publicação do livro *As Melhores Crônicas de Austregésilo de Athayde*, uma figura ímpar, não só para todos que o conheceram, mas para o Brasil inteiro, pois foi um dos redatores da Declaração Universal dos Direitos Humanos e um dos poucos grandes homens que teve oportunidade de conhecer. Uma figura que o marcou com ensinamentos de amor ao Brasil e à Academia Brasileira de Letras. Falou

sobre o livro de José Louzeiro, uma justa homenagem ao Acadêmico Arnaldo Niskier, que é, sobretudo, um guerreiro e a quem a ABL deve muito. Finalizando, associou-se ao sentimento da Casa pelo falecimento do Senador Artur da Távola, figura ligada à cultura, à música e à política.

- O Acadêmico Affonso Arinos associou-se às palavras ditas sobre o Senador Artur da Távola e lembrou o convívio estreito e a admiração que tinha por quem tanto se dedicou à política e à cultura.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que Artur da Távola era um bom amigo e excelente conversador.
- O Acadêmico Domício Proença Filho registrou a homenagem à poesia do Acadêmico Ivan Junqueira no Pen Clube, com a conferência feita por Cláudio Murilo Leal. Assinalou o momento poético da solenidade com o registro do seu poema inédito “Ó Deâmbula Alma Inquieta”: “Ó deâmbula alma inquieta,/por que te moves às cegas/nesse ermo que se enovela /entre o que és e o que pareces?// Por que te pões tão secreta, /se debaixo de teus véus /todos logo te percebem /nos mil papéis que interpreta?//Por que temes, alma inquieta,/esse dia em que, perplexa, /souberes que não te hospedam /o paraíso ou o inferno?//Não te basta o que é terrestre/e se dá à flor da pele?/Por que buscas o mistério/no abismo que desconheces?//É por angústia que o anelas/ou só por gula das trevas/que, profundas, te apeteçam/ como as carcaças ao verme?//É pela luz que, feérica,/confias ver entre as vértebras /da solidão que te cerca/desde que ao mundo vieste?//Sê mais sábia, ó alma inquieta,/e concede que te levem/as águas em que navegas/sem bússola ou planisfério.//Sê mais sábia – e não esperes/que te curem das mazelas /esses deuses a quem rezas/e que, /surdos, te desprezam.”
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho a lembrança da magnífica conferência que fez Cláudio Murilo Leal sobre sua poesia.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça a edição fac-similar da primeira publicação feita, em 1881, pela

Imprensa Nacional, da obra *Memórias Posthumas de Braz Cubas*, do Acadêmico Machado de Assis, lançada, na época, para comemorar os 200 anos da criação da Imprensa Régia no Brasil.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva e ressaltou a importância desse livro do ponto de vista histórico e lexicográfico.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida discorreu sobre o livro *Relevância e Irrelevância*, do Acadêmico Helio Jaguaribe. Louvou a importância que se vincula profundamente a uma época que celebra o ano de 1968 e, dentro disso, o problema do sentido e da maturidade de uma cultura. O começo desse século está ligado ao aprofundamento da cultura, quando uma cultura amadurece ou, sobretudo, como se podem definir, de fato, os valores. Em que sentido um livro marca uma cultura e exprime essa identidade coletiva que emerge dentro de uma nação? Nesses critérios, está a sociologia da recepção de uma cultura. Salientou que o Brasil está em pulsão com a modernidade, e é isto o que representa o trabalho do Acadêmico Helio Jaguaribe. Ressaltou ainda que o Acadêmico é um vetor da maturidade da cultura brasileira. O Brasil não reconheceu ainda a importância de um estudo de história, mas, ao ler-se este livro em dois volumes, conclui-se que se trata do estudo mais importante já feito no Brasil do que seja a grande marca da modernidade. Ressaltou que Helio Jaguaribe não teve ainda o reconhecimento que este livro merece e que é maior do que uma geração; é um testamento, um recado de um Brasil que se agiganta na área da sociologia da recepção. Finalizando, sugeriu ao plenário encontrar um momento canônico para a celebração dos 85 anos do Acadêmico Helio Jaguaribe.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe agradeceu as generosas referências do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre seu livro.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier agradeceu as palavras ditas pelos Acadêmicos Murilo Melo Filho, Carlos Nejar e Antonio Olinto com relação ao que escreveu no jornal *Tribuna da Imprensa*. Os méritos todos são de José Louzeiro

que escreveu a história com uma competência extraordinária. Sobre o falecimento do Senador Artur da Távola, lembrou que teve o privilégio de ser seu amigo pessoal por duas razões. A primeira foi quando, no Governo Negrão de Lima, numa reunião inédita de deputados de tendências ideológicas distintas, como era o caso de Artur da Távola, Alberto Rajão, Ciro Curtis e Everardo Magalhães Castro, se reuniram e decidiram, por unanimidade, que a Assembléia Legislativa deveria aprovar a criação da primeira Secretaria de Ciência e Tecnologia do país, de que teve a honra de ser o primeiro presidente. Cassado em 1964, foi para a Bolívia, depois para o Chile, onde conheceu uma série de amigos. O segundo fato ocorreu em 1968, quando Artur da Távola voltou do exílio e, muito comovido, lhe confidenciou que não poderia imaginar que, depois de ter sofrido o que sofreu, os amigos trocassem de calçada para não ter de cumprimentá-lo. Finalizando, recordou que o primeiro emprego do Deputado Artur da Távola, quando voltou do exílio, foi na revista *Fatos & Fotos*, que pertencia às Organizações Bloch, da qual era chefe de reportagem. Lembrou que Artur da Távola nunca esqueceu disso e uma vez quando, há alguns anos, ao inaugurarem uma escola no Município de Nilópolis, ele disse que não poderia deixar de fazer justiça a um amigo que teve a coragem de lhe dar um emprego para continuar a viver com dignidade, que foi sempre característica de sua vida.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier por mais uma lembrança comovida do Senador Artur da Távola.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony encaminhou proposta da concessão da Medalha João Ribeiro a Lília Moritz Schwarcz, professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e professora visitante nas Universidades de Oxford, Leiden Brown e Columbia. Trata-se de uma intelectual que se notabilizou no âmbito cultural, com estudos e pesquisas que a tornaram uma das especialistas mais autorizadas no campo da história e da crônica do Rio de Janeiro, destacando-se o seu trabalho ao lado, entre outros, dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho.

- O Presidente declarou ao Acadêmico Carlos Heitor Cony que a proposta será encaminhada à Diretoria e, no prazo regimental, voltará ao plenário para votação. Convidou os presentes para o lançamento, na Sala dos Fundadores, do livro *Melhores Crônicas de Austregésilo de Athayde*, com seleção e prefácio do Acadêmico Murilo Melo Filho. E encerrou a sessão.

MANIFESTO CONTRA O ACORDO ORTOGRÁFICO

*Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara**

O noticiário da imprensa portuguesa veicula as razões que levaram numerosas personalidades da cultura do país a assinar o Manifesto-Petição contra o Acordo Ortográfico de 1990, a ser examinado pela Assembléia da República, provavelmente no próximo dia 15. No Acordo se propõe a unificação ortográfica nos países de expressão oficial de língua portuguesa.

É incontestável o peso e o prestígio, justamente alcançados, dos signatários do Manifesto-Petição; o que vamos tentar mostrar é o peso e autenticidade das críticas feitas ao texto do Acordo em discussão, segundo as declarações que se dizem extraídas do referido Manifesto-Petição e divulgadas pela imprensa.

O primeiro conjunto de críticas atribuído à proposta de reforma ortográfica diz que ela é “mal concebida” e “desconchavada”.

Ora, quem faz a história crítica das diversas propostas de reforma ortográfica em Portugal, percebe claramente que elas constituem um texto matriz a partir do estudo inicial de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu, entre 1885 e 1886, passando pelo livro seminal *Ortografia Nacional*, de Gonçalves Viana, saído em 1904 e, finalmente, consubstanciadas as idéias fundamentais na reforma oficial de 1911, referendada pelo governo português, consoante proposta assinada por

* Proferidas na sessão do dia 15 de maio de 2008.

um grupo dos mais conceituados filólogos da época, onde luziam os nomes de J. Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, J.J. Nunes, Gonçalves Guimarães, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, A.G. Ribeiro de Vasconcelos, entre outros.

De então a esta parte, as bases das reformas ortográficas que se sucederam, independentemente ou em conjunto, em Portugal e no Brasil, vieram tecendo esse texto matriz, ora reduzido, ora ampliado em aspectos secundários; mas, na essência, as linhas mestras garantiam o ideário e a concepção dos ortógrafos que, a partir de 1911, puseram o problema da reforma ortográfica no trilho da ciência lingüístico-filológica.

As bases que orientam a proposta de 1943 e, principalmente, de 1945 são filhas diletas dessa tradição do texto matriz. Nesta última, ressalte-se a erudição e a competência do saudoso ortógrafo Rebelo Gonçalves; na proposta de 1986, a participação desse mestre incomparável que foi L. F. Lindley Cintra.

O Acordo Ortográfico de 1986, retocado na proposta de 1990, graças às críticas e sugestões recebidas, pertence, inexoravelmente, a essa tradição científica, e, portanto, custa atribuir a ambos os textos qualificativos de “mal concebida” e “desconchavada”. Aceitá-los, sem um exame acurado, como está a exigir um Manifesto-Petição da natureza e propósito dirigido à Assembléia da República, representa, no mínimo, desmerecer o trabalho dos que, em Portugal, melhor fizeram para o estabelecimento e progresso das ciências da linguagem.

Pelas mesmas razões até aqui exaradas, não se há de aceitar a crítica, segundo a qual a reforma peca por apresentar-se “sem critério de rigor”. Pode-se dizer, em sã consciência, de uma reforma que não se caracteriza pelo critério de rigor, quando essa mesma reforma, publicado o texto de 1986, acolhe as críticas e sugestões que lhe chegam ao conhecimento, e os incorpora, quando possíveis, à nova redação de 1990?

Diz também o Manifesto-Petição que a proposta é “perniciosa, e de custos financeiros não calculados”. Ora, a crítica não se aplica, em rigor, só à reforma em discussão, mas a toda a série de reformas que se propuseram — e não foram poucas! — desde 1911 até nossos dias. Um inteligente e razoável prazo fixado

pelas autoridades e editoras tem minorado os custos financeiros de quem se considerou prejudicado.

Toda a motivação que tem justificado as sucessivas reformas ortográficas insiste em que elas pretendem garantir a defesa da língua e facilitar o estudo e ensino do idioma. Por isso, também parece não caber à presente proposta a declaração exarada no Manifesto-Petição de que ela é, “nas suas prescrições, atentatória da defesa da língua”.

Só num ponto concordamos, em parte, com os termos do Manifesto-Petição: quando declara que o Acordo, para servir de base a uma proposta normativa, contém “imprecisões, erros e ambiguidades”. Os doutos lingüistas da Universidade de Lisboa, professores de ambas as margens do Atlântico e especialistas de línguas africanas já apontaram nele falhas e sugestões. Mas isso tem ocorrido com todas as propostas de reforma, e elas têm sido aceitas e adotadas mesmo assim, com promessas de melhorias no futuro. A mesma reforma de 1911, que tem sido considerada a mais feliz de todas, tão logo foi oficialmente aprovada, mereceu palavras de elogio, mas também de receio da boa solução para alguns problemas da nossa rica fonologia das vogais e da flexão verbal. E essas apreensões partiam do alto saber de D. Carolina Michaëlis, signatária do texto da referida reforma.

As falhas que se podem apontar no Acordo Ortográfico, facilmente sanáveis, não devem impedir que a língua escrita portuguesa perca a oportunidade de se inscrever no rol daquelas que conseguiram unificação no seu sistema de grafar as palavras, numa demonstração de consciência da política do idioma e de maturidade na defesa, difusão e ilustração da língua da Lusofonia.

A necessidade de ações que melhorem a competência efetiva e reflexiva dos utentes do idioma não está, em rigor, na dependência direta de uma proposta de unificação ortográfica, mas sim de uma efetiva e inteligente vontade política dos órgãos governamentais, a que deve se juntar a colaboração das agências culturais de que dispõe a sociedade.

A LUTA DE UM EDUCADOR

*Antonio Olinto**

A base de tudo é o conhecimento, e a base do conhecimento é a educação. É por isto que, no Brasil de hoje, precisamos repetir o lema com o qual o líder chinês dos anos 80 do século passado, Deng Chiao-Ping, definiu como programa dos quinze anos seguintes de seu governo: educação, educação, educação. Com esse programa Deng Chiao-Ping transformou um país cheio de problemas de então na potência que a China é hoje.

No Brasil, quem assumiu a vanguarda, há já algum tempo, dessa campanha indispensável, foi Arnaldo Niskier, sobre quem sai agora uma biografia de José Louzeiro, *Luzes da consagração*, que narra a luta que o antigo menino dos Pilares empreendeu nos últimos decênios em prol de uma política de educação que transformasse este país grande num grande país.

Depois de uma infância em subúrbio pobre e de uma dedicação permanente ao estudo, já aos 33 anos era Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro e, em seguida, Secretário de Educação e Cultura: estava inteiramente integrado na luta que vem até hoje. No discurso com que o recebeu na Academia Brasileira de Letras, chamou Rachel de Queiroz a atenção para os vinte e oito livros que Arnaldo publicara até então. Estas foram suas palavras:

* Artigo publicado na *Tribuna da Imprensa* do dia 13 de maio de 2008.

“Todos os vossos livros contêm análises, diretivas, programas, visando ao aperfeiçoamento da educação brasileira”.

A história de Arnaldo Niskier e de sua família, bem como a história geral de uma concepção do mundo, na linha que nos vem de Abraão e da *Bíblia* aparecem com evidência no livro de José Louzeiro, junto com o relato das perseguições que seus descendentes sofreram em toda a parte. De tal modo ela se integra na existência do Brasil como país que o livro de Louzeiro acaba sendo também uma história do Brasil dos tempos do integralismo e de Getúlio Vargas, que foi quando nos aproximamos, em tempos recentes, de uma inaceitável e condenável política racial.

O livro faz um levantamento de todos os membros da família Niskier no Brasil, inclusive o do irmão mais velho, Odilon Niskier, que tem sua história própria, também como escritor que, sindicalista e membro do Partido Comunista Brasileiro, escreveu sobre problemas nossos. Dele disse Davy Bogomelete:

“Em toda geração existem 36 homens justos, graças aos quais o mundo sobrevive. Não fossem eles, Hitler teria vencido a guerra, a África seria de Idi-Amin, a América do Sul de Pinochet, ou seja, o mal estaria instalado no Mundo. E eu não tenho a menor dúvida de que Odilon Niskier, na geração dele, é um desses 36.”

O livro registra ainda a atitude de Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, segunda mulher de Guimarães Rosa, e do próprio Rosa, salvando judeus que desejavam emigrar para o Brasil (o que havia sido proibido pelo governo Vargas). Rosa era cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo, Alemanha, e Aracy, com o apoio do marido, fornecia vistos para que os judeus perseguidos viessem morar no Brasil.

Ao terminar seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, usou Arnaldo Niskier as seguintes palavras de Alcântara Machado: “Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.”

O prefácio do acadêmico Murilo Melo Filho começa com a citação de John Kenneth Galbraith: “A história dos grandes homens começa, geralmente em crianças humildes”. E segue: “Pude escrever este prefácio porque José Louzeiro, o autor deste livro, teve a gentileza de submeter previamente os seus originais à minha apreciação. Deliciei-me com a sua leitura da primeira à última página. Já conhecia o biografado Arnaldo Niskier há mais de meio século, quando nos encontramos e nos unimos num afeto comum, nascido na velha oficina de Bloch Editores, onde a *Revista Manchete* dava, então, os seus primeiros passos. Os ancestrais de Arnaldo têm raízes profundas em Ostrowiec, na Polônia dos cruéis tempos que antecederam à Segunda Grande Guerra, com as implacáveis perseguições de Hitler ao bravo povo judeu, até o seu êxodo para o Brasil, que adotaram como a sua segunda Pátria.” Em sua apresentação Júlio Niskier ressalta: “Em seu uniforme branco, Arnaldo dava os primeiros passos na admirável caminhada pelos estudos que o levariam a destinos que nem em sonhos poderíamos supor”.

Luzes da Consagração – Vida e obra do educador, escritor e acadêmico Arnaldo Niskier, de José Louzeiro, é uma edição Europa. Revisão de Carolina Rodrigues, capa e projeto gráfico de Isio Ghelman e fotos do acervo pessoal de Arnaldo Niskier. Orelhas de Jorge Amado, Josué Montello, José Sarney, R. Magalhães Jr., Nelson Rodrigues, Almirante Álvaro Alberto e Carlos Heitor Cony.

SESSÃO DO DIA 21 DE MAIO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral; Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Mindlin, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni declarou aberta a sessão dedicada a homenagear a memória da Acadêmica Zélia Gattai Amado, que faleceu na tarde de sábado, dia 17 de maio de 2008, em Salvador. O Acadêmico Antonio Olinto, designado pela Academia, a representou nos funerais, que se realizaram na tarde de domingo, dia 18. Comunicou que os Acadêmicos José Sarney, Evaristo de Moraes Filho, Ivo Pitanguy, Sergio Paulo Rouanet, João Ubaldo Ribeiro, Antonio Olinto, Marco Maciel e José Murilo de Carvalho enviaram mensagens por escrito que foram lidas e constarão de Ata e dos *Anais da ABL*.
- O Presidente Cícero Sandroni cumprindo a praxe da Instituição, na ausência do decano da Casa, Acadêmico José Sarney, iniciou a homenagem à

Acadêmica Zélia Gattai Amado passando a palavra ao Acadêmico Eduardo Portella. Falaram a seguir os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Marcos Vinícios Vilaça, Alberto da Costa e Silva, Lêdo Ivo, Carlos Nejar, Alberto Venancio Filho, Tarcísio Padilha, Ana Maria Machado, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Murilo Melo Filho, Carlos Heitor Cony, Ivan Junqueira, Evanildo Cavalcante Bechara, Moacyr Scliar, Antonio Carlos Secchin, Helio Jaguaribe, Nelson Pereira dos Santos, Domício Proença Filho e o Presidente Cícero Sandroni. (Por determinação do Presidente todos os textos lidos e os discursos aqui proferidos serão transcritos na Ata e nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni, ao encerrar a sessão de saudade da Acadêmica Zélia Gattai Amado, declarou vaga a Cadeira 23, e abertas as inscrições para a mesma. Esta Cadeira tem como Patrono José de Alencar, como Fundador Machado de Assis e sucessores Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol, Otávio Mangabeira, Jorge Amado e Zélia Gattai Amado. Informou ainda que as inscrições encerram-se no dia 21 de junho e a eleição está marcada para 21 de agosto de 2008.

SESSÃO DE SAUDADE DEDICADA À MEMÓRIA DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI

Sessão do dia 21 de maio de 2008

ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA

O Acadêmico Eduardo Portella disse que lembrar de Zélia Gattai Amado, não é para ele um ato ritualístico, que oscila entre o protocolo e a deferência. Conviveu com o casal Jorge e Zélia Gattai Amado por mais de cinquenta anos, numa convivência diária. Lembrou que a Acadêmica inaugurou um tipo de memorialismo, onde existem protagonistas diferentes, sendo evidentemente o protagonista principal Jorge Amado, e também um tipo de protagonismo onde o autocentramento, a tentativa de retocar a biografia não existe. Lembrou quando Ortega y Gacett disse que não escrevia livros de memórias, porque tinham sempre a função ou de edificar uma estátua, ou retocar um perfil histórico. Era um gênero que carregava consigo um volume grande de suspeita. Ressaltou que a Acadêmica Zélia Gattai Amado, além de ser companheira admirável, que não disputava cena com ninguém, foi alguém que criou um tipo de memorialismo peculiar, que oscila entre a reconstituição quase fotográfica dos personagens, da contracena memorialística, e o seu depoimento pessoal. O principal centro é a figura de Jorge Amado, um itinerário de sofrimentos e de opções ideológicas radicais num Brasil intolerante. Jorge Amado prestou serviços inestimáveis à sua opção ideológica e recebeu como retribuição uma espécie de condenação por parte das patrulhas ideológicas onde

imaginavam que, tendo Jorge renunciado a sigla partidária, teria renunciado também aos seus ideais. Ideais esse que a história foi modificando, de tal maneira que os grandes pensadores foram progressivamente se desligando da filiação partidária, mas não da militância democrática. Zélia Gattai faz esse memorialismo, deixa Jorge Amado como personagem central, e vale a pena voltarmos a Zélia. Tanto ao livro menos pessoal que é a obra *Anarquistas, Graças a Deus*, sua memória familiar e a memória também da recepção dos socialistas não filiados partidariamente, e por isso designados anarquistas, até as últimas lembranças da casa do Rio Vermelho que agora recolhe e junta para sempre as cinzas tanto de Jorge Amado, quanto de Zélia Gattai Amado. Salientou que, como amigo muito grande, sentiu um pesar enorme, a qualidade humana da Acadêmica é fundamental numa comunidade intelectual onde o exibicionismo e o narcisismo predominam de forma tão acentuada, poder conviver e recolher o exemplo de pessoas como Zélia Gattai Amado que não disputava cena com ninguém. Não era o que vulgarmente se chama pagão de pirata, aqueles que se colocam nas fotografias em posição satisfatória na esperança de que a posteridade possa reproduzir a fotografia. Nada do que se faça aqui na terra, além da obra propriamente dita a posteridade acolherá sem debate e sem discussão. Lembrou que Zélia Gattai e Jorge Amado, parceiros e companheiros inseparáveis que se terá que recorrer para reconstituir o itinerário do romance brasileiro contemporâneo e para saber também muito da intimidade do Jorge Amado, a essa escritora que se formou à sombra de Jorge Amado, mas sem imitar o Jorge. Deixou um pequeno registro constrangido e com a dificuldade de aceitar essa fatalidade.

ACADÊMICO ARNALDO NISKIER

Toca o telefone, no sábado chuvoso. É um repórter da *Folha de São Paulo* querendo um depoimento sobre Zélia Gattai Amado. “Como sabe, ela acaba de falecer em Salvador.” Eu não sabia de nada. Foi um tremendo choque. Refeito do susto, pude apenas dizer, no primeiro momento, que o Brasil acabava de perder uma grande escritora e uma grande mulher, companheira ideal de Jorge Amado, com quem viveu 56 anos.

Depois da ligação, recordo o quanto éramos amigos. Desde os tempos da Manchete, que o casal freqüentava com assiduidade, nas muitas vezes em que estava no Rio, segundo Jorge “aspirando os bons ares de Copacabana.”

Com a ajuda sempre preciosa de Zélia, inúmeras vezes conseguimos obter de Jorge a condensação dos seus romances que seriam lançados dali a tempos, o que configurava o que chamamos de “furo”. Só à Manchete era dado esse privilégio. Como Secretário Estadual de Educação e Cultura, no início dos anos 80, com a responsabilidade de comando do Teatro Municipal, sugeri a Dalal Aschcar a montagem do balé “Gabriela”, baseado no grande romance do autor baiano. Recebemos os direitos e foi um enorme sucesso. Como aconteceu com a minissérie na TV, outro grande êxito.

Zélia, sempre muito ativa, em geral ao lado da filha Paloma, estava sempre produzindo. Não se contentou em ser a mulher do consagrado escritor brasileiro. Ela mesma escrevia os seus livros – e fazia sucesso como aconteceu com *Anarquistas, graças a Deus*, também presente na programação de TV com uma belíssima minissérie. Foi uma grande memorialista.

Quando estive na Suécia, visitando a Universidade de Estocolmo, procurei na sua imensa biblioteca o que havia de Brasil, nas estantes. Dois livros chamaram a minha atenção: *A economia da América Latina*, de Celso Furtado, e *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Ambos em versão sueca. Ao contar esse fato a Zélia, num dos nossos encontros na Academia Brasileira de Letras, onde era muito querida, seus olhos brilharam, e ela sorriu, agradecida, pois jamais se cansou de admirar a obra do marido famoso.

Outro bom momento que cabe recordar foi a presença de Zélia e Jorge no casamento do meu filho Celso, na sinagoga da Ari, há 21 anos. Eles tinham acabado de voltar de uma viagem à antiga União Soviética. Jorge fez questão de comprar, em Moscou, um cápale (solidéu) multicolorido, bem judaico, que usou com muito orgulho e destaque. Quando elogiei o bom-gosto, ele piscou o olho, na hora dos cumprimentos, e confessou baixinho: “Você não sabia que os Amado são cristãos-novos?” Depois, numa sessão da ABL, a que compareceu de terno branco e cabelos da mesma cor, o autor de *Vêlhos Marinheiros*, provocado

pelo presidente Austregésilo de Athayde, contou a odisséia da sua família, desde a Península Ibérica, até chegar ao Nordeste brasileiro, primeiro em Sergipe, depois na Bahia.

A hora é de homenagear a memória de Zélia Gattai Amado. Todos sentiremos muito a sua falta. Ela honrou a Cadeira 23, que pertenceu a Machado de Assis.

ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Com a partida de Zélia a impressão é de que só agora a gente se despediu por inteiro do Jorge. Ela o alongou sempre. Zélia espichou a presença do ídolo e marido o tanto que lhe foi possível.

Juntaram-se novamente.

Os Vilaça foram compadres dos Amados e estes, padrinhos de Taciana Cecília. Por mais que importem no plano cultural, do modo mais amplo e, em particular, como escritores, queremos é falar dos amigos. Amigos, e isto já basta.

Eu e minha mulher costumamos dizer que gostamos de gostar. Gostamos de gostar dos Amados, como gente e para sempre, pois o sentimento se reserva a João Jorge e Paloma de agora em diante, particularmente.

O Brasil registrou nos últimos dias de como Zélia foi a alegria do marido, a guardiã do bem estar dos filhos, a aliada incondicional dos amigos.

Nossa relação foram estreitas e tenho orgulho em falar delas. Por exemplo: tratava-a por *Eunice*. Ela adorava. Isto, desde o dia, já bem distante, em que descobri que por *Eunice* se identificava ao telefone, sempre que lhe convinha não dizer quem de fato era.

Muita gente deixou recados para ela própria ou para Jorge com essa *Eunice*. Mas, logo possível, *Eunice* retornava o contato, para ninguém prejudicar.

Eunice existe. É gente da casa. Auxiliar da Zélia, co, quem cozinhava as delícias baianas da mesa enxundiosa. O “Estatuto” da casa dos Amados estabelecia

mesa sempre cheia. Esquecer como, os efós? Felizmente perenizados também nas telas de Calazans Neto e Carybé.

Eunice ajudou na acolhida a quem chegasse ao Rio Vermelho e, também por certo tempo, a Itapoá.

Foi com carga afetiva de grosso calibre que fiz parte dos animadores da sua candidatura à Academia, sucedendo ao marido e em episódio de puro ineditismo.

A alguém menos atento e mais preconceituoso tive de advertir: Zélia não irá ser Acadêmica por ser viúva do Jorge, nem está impedida de obter a glória da Academia por ser viúva do Jorge. Merece a “imortalidade” pela obra de escritora, uma memorialista de primeira. Genuína e heróica por não se seduzir pelo estilo do parceiro da vida toda. Permitiu-se a todas as outras seduções. Assim foi. Vitória consagrada, que deu aos seus confrades a doçura de uma excepcional convivência.

Zélia tinha as cicatrizes da vida dura, difícil em largo tempo. Mas eram cicatrizes só para ela, não exibia. Em lugar disso, o riso fraco, o beijo fraterno, a palavra doce, a fartura do carinho.

Neruda ao encontrá-la sempre pedia que lhe contasse *cuentos*. Neruda percebeu a riqueza da narrativa em Zélia e sabia explorar essa sua vertente. Zélia divertia e se divertia em contar casos. Parece fácil essa arte, mas, na verdade, é arte difícilíssima. Zélia tirava de letra.

Tomara não tenha esquecido nada e lá onde estiver com Jorge conte *cuentos*, muitos contos.

ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA

O Acadêmico Alberto da Costa e Silva salientou que com a morte da Acadêmica Zélia Gattai Amado, Jorge Amado morreu uma segunda vez, ou morreu definitivamente. O que mais o assombrava e admirava em Zélia Gattai era a sua alegria muito especial, porque era uma alegria carinhosa e que derramava

amizade, carinho e satisfação pelo ato de viver. Foi uma pessoa que gostou da vida, para quem a vida era realmente um objeto de beleza.

ACADÊMICO LÊDO IVO

Zélia Gattai entrou na Literatura Brasileira pela porta do amor. Esse amor que a sociedade midiática, em que respiramos, registrou de forma tão escancarada, por ocasião de sua morte.

Não se pode separá-la de Jorge Amado, de quem foi, por mais de meio século, a companheira devotada, e a quem deveu a sua própria revelação literária. Sempre os evocamos e imaginamos juntos, quer no horizonte familiar, quer nas viagens incontáveis.

Eles andavam sempre de mão dadas.

A esse convívio banhado de tintas românticas não faltou nem o selo do exílio nem a embriaguez da utopia.

A longa convivência com um dos nossos grandes e gloriosos clássicos a tornou escritora. E também converteu a sua condição de Ítala-brasileira numa baiana de quatro ou cinco costados.

Haveremos sempre de admirar o seu livro referencial, *Anarquista, Graças a Deus*, em que ela revive, de forma tão sedutora, o pequeno e turbulento mundo de imigrantes de sua infância e adolescência. E a sua obra considerável, em que a observação se casa à ternura e à doçura, e no realismo documental se expande um perdurável frescor lírico, justificou plenamente a sua acolhida nesta Academia, sucedendo ao seu grande amor.

De hoje em diante, Zélia Gattai, a amada Zélia Gattai Amado, está guardada em vários lugares: no jardim meio barroco de sua casa no Rio Vermelho, em nossos corações, companheiros do leitor anônimo, que haverá de mencionar o seu nome e livros com a mesma emoção que sentimos nesta hora de dor e de saudade.

ACADÊMICO CARLOS NEJAR

O Acadêmico Carlos Nejar lembrou de quanto Samuel Beckett, no seu livro *Fim do Jogo*, adorava as velhas perguntas. E não há pergunta mais antiga, mais pungente do que a da morte, porque dizia o poeta Mário Quintana que, quando nascemos já começamos a morrer. E vai se morrendo aos poucos, na medida em que também se vai vivendo e se vai amando. Zélia Gattai Amado cumpriu aquilo que Soren Abye Kierkegaard dizia em *Temor e Tremor*, ela era uma poeta do coração. Tinha memória de bem viver, quando só o coração sabe porque não foi memorialista da razão ou dos pensamentos, mas com a linguagem simples de sua gente. Teve o seu estilo próprio de criar contando histórias, as que a experiência inventa como se fábulas fossem e toda fábula tem um rastro de infância. Talvez Zélia escritora, sobretudo do livro memorável *Anarquistas, Graças a Deus* que relata toda uma época ligada a sua família e a São Paulo, a sua terra. Agora Jorge Amado e Zélia Gattai se encontram cheios de eternidade, o que faz lembrar Austregésilo de Athayde na palavra com que gravou os seus 95 anos, quando disse: “infeliz é quem não morre, porque viver também cansa.” E vive-se de morrer e morre-se para viver. Foi dito que ela não estava à sombra de Jorge Amado como escritora porque ela criou a sua própria sombra, entretanto, neste dia em que a lembramos com tristeza, a memória de Zélia Gattai permanece com sua contagiante alegria.

ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO

O Acadêmico Alberto Venancio Filho ressaltou que não teve intimidade com a Acadêmica Zélia Gattai Amado, como os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Eduardo Portella e Marcos Vinícios Vilaça, mas visitou o casal várias vezes, seja na casa no bairro do Rio Vermelho, na Bahia, seja em Paris. Era uma alegria, uma emoção e uma satisfação ver aquele casal unido, solícito, tentando sempre agradecer e recebendo os visitantes com a maior cordialidade. A esse propósito relembrou um fato, que não foi mencionado por nenhum dos antecessores, é que essa união de Jorge e Zélia nasceu numa reunião de escritores, o Primeiro

Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, no qual eles se conheceram. Sobre a obra de Jorge Amado, não teria muito a dizer, mas se associa ao que foi dito, com a proficiência de sempre, pelo Acadêmico Eduardo Portella e esclarecer que *Anarquistas Graças a Deus*, de Zélia Gattai Amado, além de uma grande obra literária é também um depoimento impressionante sobre o movimento anarquista no Brasil, que nunca foi convenientemente estudado. De modo que foi uma pena que Zélia Gattai Amado tenha, por tão pouco tempo, pertencido a esta Casa.

ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos.

Nunca privei da intimidade seja de Jorge seja de Zélia, mas os poucos encontros foram suficientes para que crescessem em mim uma amizade e confessa que o desaparecimento de Zélia o chocou muito como se fora uma pessoa com a qual tivesse convivido, quando efetivamente isto pouco ocorreu. Isto porque algumas qualidades dela e de sua obra o cativaram desde o primeiro momento. A memorialística de Zélia era um memorialismo sem narcisismo, à maneira do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, é invenção do desenho, ficções da memória. O traço mais marcante de Zélia é que ela era uma espécie de matriz da alegria contagiante. Ela porejava alegria e não houve percalço, não houve exílio, não houve sofrimento que pudessem conturbar esse oceano de alegria que era a figura desta senhora tão doce, tão suave, tão humana. Por outro lado, há caracterizar-lhe o perfil esta autoridade constante que estava no seu horizonte, hoje é tão comum o adentrar-se na própria interioridade, que muita vez não se percebe a existência do outro, não se olha para o outro, ela o tinha em caráter permanente e dedicação exclusiva. Sua casa era uma casa de portas e janelas abertas, a mesa sempre farta para receber aqueles que se acercavam da família Amado. Ela dispunha de uma sabedoria instintiva, longe do juízo de valor apressado, não havendo quaisquer resquícios de aconselhamento do outro. Havia a coragem de arrostar os desafios, do que deu prova o casal exilando-se ou sendo exilado, seja

para Tchecoslováquia ou para França. Além da alegria a que se referiu inicialmente, sublinhou a presença do amor, deste valor supremo da existência humana. Daí porque São João disse que Deus é amor. Foi a palavra que encontrou no vocabulário humano para significar a magnitude do ser, o ser absoluto. De todas as características breves que pensou, na moldura suave, na moldura de uma suave transgressora, como devem ser os artistas, não anarquistas, mas transgressores porque não aceitam as camisas de força dos convencionalismos. Zélia é o exemplo frisante dessa sadia, suave e meiga transgressora.

ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO

Além da co-irmã e amiga, da mulher solar e valente, cheia de alegria de viver e marcada por uma simpatia irradiante, a nossa querida Zélia que se foi, quero evocar Zélia Gattai como escritora que vai permanecer e que só agora, com a distância que se inaugura, começará a ser avaliada como merece. Memorialista, distingue-se pela recusa em literarizar seu texto com frases de efeito, e estabelece uma cumplicidade imediata com os leitores que a adoram e não apenas pelo duplo interesse de sua temática, recriadora da saga da imigração italiana e dos percalços e alegrias de ser companheira de Jorge Amado. Quando aos 63 anos começa a escrever, Zélia chega à literatura totalmente pronta, madura, senhora de um ofício que parecia estar descobrindo, mas já estava decantado. Graças a ele, na verdade, trazia uma contribuição muito original. Não partia de notas, diários, cartas ou pesquisas, mas de suas próprias recordações. Até mesmo no sentido etimológico: Trazia de novo ao coração o que vivera e daí passava à página escrita. Vinha com fina observação de repórter, memória privilegiada e linguagem de contadeira de histórias. Ciosa guardiã de uma história familiar e conjugal, soube dar às lembranças individuais a dimensão humana que transcende o indivíduo. Tinha plena consciência do privilégio que foi conviver com os grandes nomes da cultura do século XX, como Picasso e Neruda (para só ficar nos Pablos), mas não usava isso para se gabar ou humilhar o leitor. Pelo contrário, conseguia algo difícilíssimo: fazia com que tais evocações passassem por simples causos. Foi capaz de ver o permanente no quotidiano passageiro e

de transformar a experiência pessoal numa ponte para o encontro com o outro, graças também a uma linguagem viva, fluente e colorida, nascida do coloquialismo, mas não por ele empobrecida. Sem dúvida, uma escritora que ocupa um lugar ímpar em nossas letras, de que muito podemos nos orgulhar nesta Casa.

ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA

Emocionado associou-se ao pesar da Academia pelo falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado.

ACADÊMICO MURILO MELO FILHO

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Há, exatamente, um mês e meio, e por delegação de Vossa Excelência, Senhor Presidente, fui à Bahia, representar a Academia Brasileira de Letras nas comemorações do Centenário de Nascimento do Acadêmico Luís Viana Filho.

E aproveitei uma brecha na programação para visitar, em nome de todos nós, a nossa colega Zélia Gattai Amado.

Encontrei-a instalada em seu novo e espaçoso apartamento, no bairro de Brotas, repousando num divã e respirando por um tubo de oxigênio e assistida por duas enfermeiras, uma à noite e outra durante o dia, mas esperançosa de melhorar o seu estado de saúde.

Mostrava-se lúcida e atenta a todos os detalhes relacionados com a Academia em geral e com cada um de nós em particular, através das informações de nossos boletins.

Conversamos mais de duas horas, Senhores Acadêmicos, durante as quais ela falou sobre os seus livros: *Anarquistas Graças a Deus* (já na 40.^a edição), *Cittá*

di Roma, Jardim de Inverno, Um Chapéu para Viagem e Senhora Dona do Baile, mas falou também a respeito das obras sobre a sua vivência com Jorge Amado: *Códigos de Família*, *Memorial do Amor*, o romance *Crônica de uma Namorada*, *Jorge Amado: um Baiano Romântico e Sensual* e *A Casa do Rio Vermelho*, onde, justamente há poucos dias suas cinzas foram enterradas, ao lado das de Jorge, em volta de uma mangueira, naquela Casa, onde os dois viveram mais de 40 anos e que agora será tombada e transformada num memorial em sua homenagem.

Num tom de modéstia, Zélia comentou que quase todos esses livros já estavam completamente esgotados e acrescentou dados que anotei cuidadosamente, dizendo o seguinte:

- Nesses livros, eu relembrei as rocambolescas aventuras de nós dois na Mongólia, no Ceilão, na China, na União Soviética, além das passagens pela Bélgica, Alemanha, Dinamarca, Holanda, Itália e Estados Unidos, e da nossa amizade com Neruda, Ehreburgo, Nicolás Guílhén, Picasso, Sartre e Simone de Beauvoir.

Zélia era filha de dois imigrantes italianos: Ernesto e Angelina, passageiros do *Cittá di Roma* e teve uma infância vivida entre as primeiras manifestações político-partidárias em São Paulo.

Seu pai, anarquista, participava de um grupo de imigrantes que vieram para o Brasil, no fim do Século XIX. Sua mãe, católica, pertencia a uma família que já viera antes para o Brasil, logo após a Abolição da Escravatura.

Estávamos em 1940, quando Zélia, no rádio e pela primeira vez, ouviu a voz de Pablo Neruda, contra a guerra civil iniciada por Franco, que iria instalar na Espanha uma longa ditadura fascista. Neruda lia, então, um poema de dor e de protesto contra o assassinato de um amigo, o escritor e poeta Federico Garcia Lorca, fuzilado pelos franquistas espanhóis.

Em 1945, ela se aproximou de Jorge Amado, que, à distância, já muito admirava, com quem se casaria logo depois e de quem seria mulher e datilógrafa pelo resto da vida, durante 56 anos.

Em 1948, fugindo às perseguições da polícia brasileira, Jorge e Zélia resolveram viver em Paris. Dois anos após, e pretextando a intensa atividade política do casal, o governo o expulsa e lhe retira o *permis de séjours*, numa proibição que durou dezessete anos, e que só foi suspensa quando a Embaixada do Brasil levou o assunto ao conhecimento de André Malraux, Ministro da Cultura do Presidente De Gaulle, que, em 1967, revogou a proibição.

Seu sucessor, o Presidente Mitterand, fez ainda mais: durante uma bonita cerimônia no Palais d'Élysée, condecorou Jorge com a Legião de Honra.

Estava corrigida a injustiça. Jorge e Zélia voltaram a amar a França, como terra da liberdade, sempre tão importante às suas mentes e aos seus corações.

Dezessete anos antes dessa reparação, em 1950, Zélia e Jorge se asilaram em Praga, a convite dos escritores tchecos, residindo no Castelo de Dóbris, onde o casal passou a maior parte do seu exílio, durante o qual nasceu Paloma, que veio juntar-se ao irmão João Jorge.

De lá, foram a Budapeste, Bucareste, Londres, Paris (Prêmio da Latinidade), Roma (Prêmio Ítalo-Latino-Americano), Lisboa (Prêmio Luís de Camões), Sófia (Prêmio Dimitrof), Moscou (Prêmios Lênin e Neruda).

Pela ferrovia transiberiana, atravessaram a Índia e a Birmânia.

Num navio fluvial, pelo Rio Yang-tsé, chegaram a Nanquim e a Pequim, para conhecerem as Muralhas, a Ópera e o Palácio de Verão.

Juntos, correram mundos e conheceram os mais distantes e estranhos países.

Num navio-gaiola, atravessaram a floresta amazônica.

Numa tenda, em pleno deserto de Góbi na Mongólia, abrigaram-se de um vendaval de areias escaldantes.

Numa travessia do Mar do Norte, enfrentaram um perigoso maremoto.

Num avião Concorde, romperam a barreira do som.

Em outros céus e em surpreendentes cenários, descobriram os mais belos astros, firmamentos e estrelas.

Aos 63 anos de idade e sempre estimulada por Jorge, Zélia escreveu o seu primeiro livro. Vinte anos depois, consultada e aconselhada por amigos, entre os quais o nosso querido Eduardo Portella, Zélia, que já era da Academia Baiana de Letras e da Academia de Letras de Ilhéus, aceitou o convite de candidatar-se à mesma Cadeira 23 da ABL, que Jorge ocupara durante 40 anos, tendo como Patrono José de Alencar, como Fundador Machado de Assis e como Sucessores Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol e Otávio Mangabeira.

Elegendo-se para esta Casa, Zélia empossou-se exatamente há seis anos e por coincidência no dia 22 de maio de 2002. Era a nossa quinta mulher Acadêmica, depois de Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e, antes, de Ana Maria Machado, eleita após ela.

Em seu discurso de posse, recordou que tudo na vida lhe acontecera tarde: começara a dirigir carro aos 45 anos; escrevera seu primeiro livro aos 63; furara as orelhas aos 80; operara-se de apêndice aos 83 e agora era “imortal” aos 85.

E ali estava, não para substituir Jorge, porque achava que seu marido era simplesmente insubstituível, mas apenas para sucedê-lo.

Esta honrosa e inesquecível sucessão terminou há poucos dias, neste último fim-de-semana.

De todos os livros de memórias que Zélia escreveu, como excelente memorialista e narradora de histórias, no modelo de Margareth Mitchell e da nossa Rachel, restou-nos dela a imagem de uma paulista de nascimento e baiana de coração, cujos 92 anos de idade iriam completar-se daqui a poucos dias, exatamente no próximo 2 de julho, e que, em sua mocidade, se uniu a um jovem escritor, transformado depois num dos maiores romancistas brasileiros.

Mas restou-nos sobretudo o exemplo de um casal maravilhoso e autêntico, que nos ofereceu a inesquecível lição de uma família bem baiana e bem brasileira, a viver exclusivamente à custa dos seus direitos autorais e dentro dos mais altos padrões de honradez e dignidade.

Quando, há 50 dias, fui visitá-la em Salvador, e apesar do seu estado de saúde, saí da visita esperançoso de que ela conseguiria superar mais uma crise, das muitas enfrentadas nos últimos meses, e comuniquei esta esperança num relato feito durante reunião plenária da nossa Academia, na quinta-feira seguinte e que está gravado em nossos Anais.

Afinal – Senhor Presidente – por um desses curiosos desígnios do destino, eu estava sendo o último Acadêmico a falar com ela, ainda viva, que cinco dias depois, se internaria no Hospital e não mais ficaria acessível.

Nessa visita, Zélia confessou-me também que estava com muitas saudades de todos nós. E concluiu: “Murilo: Por seu intermédio, peço aos meus irmãos da Academia, que são a minha segunda família: Peço-lhes que rezem por mim, pois estou precisando muito da oração de todos”.

Transmiti esse apelo aos Acadêmicos, porque, com ele, Zélia parecia sentir que estava próxima do seu fim.

ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY

O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que participou várias vezes de debates junto a Zélia Gattai Amado e, antes dos debates, combinavam em fazer o campeonato de quem seria mais breve. Salientou que Zélia Gattai foi das mulheres que viveram ao lado de homens importantes. Ela possuía a faculdade de aceitar os amigos dos maridos. É muito comum nos homens famosos, terem mulheres que fazem seleção dos amigos. Zélia foi ao contrário, se dedicava aos amigos do Jorge Amado como se fossem amigos dela. Foi dela que recebeu uma das melhores homenagens que já teve na Casa, embora seja um Acadêmico novo o escolheu para colocar o Colar Acadêmico. Ficou muito emocionado e perguntou porque o escolheu e ela respondeu: “porque você me lembra muito Jorge Amado.” Ressaltou que essa lembrança de Zélia a fez não só admirável, mas uma pessoa muito querida.

ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA

O Acadêmico Ivan Junqueira salientou que é sempre muito difícil aceitar a partida de um confrade nesta Casa. Sobretudo de uma pessoa como Zélia Gattai que permaneceu tão pouco tempo entre nós, mas o tempo suficiente para que nós déssemos conta da grandeza de sua pessoa humana e da importância de sua contribuição à Literatura Brasileira. Quando se pensa em Zélia Gattai Amado, pensasse imediatamente em Jorge Amado que, como muito bem assinalou Portella, é um verdadeiro protagonista. Zélia sempre se colocou à sombra de seu grande marido, mas ainda encontrou tempo para escrever 14 livros entre romance, literatura infantil, biografia e sobretudo memorialística. Quando se pensa na memorialística mais recente de Afonso Arinos de Melo Franco, Gilberto Amado, Pedro Nava, Antônio Carlos Vilaça, se vê que essa vertente se torna notavelmente empobrecida com a morte de Zélia Gattai Amado. Seu destino foi singular porque desde a adolescência Zélia se envolveu muito com revolucionários, políticos, homens que tentavam de alguma maneira melhorar o Brasil. E foi assim que ela conheceu Jorge Amado e participando da história mais recente do nosso tempo, graças ao exílio entre 1948 e 1952, quando viveram na França e na Tchecoslováquia e onde conheceram escritores da estatura de Simone de Beauvoir, Renoir, Louis Aragon, Pablo Neruda, Nicolai Guilhem e outros. Tem a impressão que a literatura de Zélia ficará, como o livro excepcional que é *Anarquistas Graças a Deus*, seu primeiro livro escrito com 63 anos de idade. Zélia vai deixar muita saudade nesta Casa, embora tendo frequentado pouco, sempre que estava aqui era de uma alegria radiosa e era como se conhecesse cada um dos Acadêmicos há muito tempo.

ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA

No dia 22 de maio de 2002, abriram-se as portas desta Academia para receber como ocupante efetiva da Cadeira 23 a escritora Zélia Gattai.

Declarou-nos ela que, humildemente, viera trazida pelo brilho refulgente da estrela maior, de nome Jorge Amado. Mas já conhecíamos a força e o talento

do seu fazer ficcional e memorialista, e que, portanto, ela viria para prosseguir e honrar o rastro estelar do criador de uma galeria de personagens, que foram criados para ficar efetivos no patamar da Literatura Brasileira.

E o que passávamos a conhecer mais de perto era a figura do seu espírito e a delicadeza de seu convívio cordial e ameno. Seus passos vagarosos e sua voz doce e alegre eram convites para alargar a conversação e a vontade de tê-la junto a nós por mais tempo.

Os meandros insondáveis da vida não mas permitiram conservá-la por mais tempo entre nós, é aqui nos encontramos para lamentar sua ausência, que felizmente, pelo valor de sua obra ficcional e pela força de seu espírito, a estrela que nos trazer a escritora iluminará por muito tempo em nossos corações a companheira maravilhosa que cedo aprendemos a admirar e estimar.

ACADÊMICO MOACYR SCLiar

Minhas lembranças de Zélia Gattai datam da infância. Ela e Jorge Amado eram fraternos amigos e companheiros de lutas políticas de meu primo, o artista plástico gaúcho Carlos Scliar, aliás falecido no mesmo ano em que morreu Jorge. Quando o casal vinha a Porto Alegre, hospedavam-se na casa do pai de Carlos, Henrique Scliar, na Avenida Oswaldo Aranha. Eu era um gurizinho e minha mãe levava-me para ver o casal famoso. Só ver, porque eu, tímido, não me atrevia sequer a falar com eles. Nasceu daí uma prolongada e cálida amizade. Ao longo dos anos, encontrei Jorge e Zélia muitas vezes, na casa deles em Salvador (onde multidões os visitavam), em Paris, em eventos literários. Uma vez, a caminho de Buenos Aires, fizeram escala em Porto Alegre e fui vê-los no aeroporto, levando comigo meu filho Beto Scliar, que era bem pequeno. Jorge e Zélia nunca mais esqueceram do Beto e de vez em quando mandavam-lhe presentes. Depois, entrei na Academia Brasileira de Letras (um ano depois de Zélia, que se tornou acadêmica em 2002) e aí nos encontramos mais algumas vezes. Mas já então ela estava enferma, e a certa altura já não vinha mais às reuniões.

Zélia estreou tarde na literatura, já com 63 anos. Mas quando o fez foi um sucesso, com o livro de memórias *Anarquistas Graças a Deus*, adaptado inclusive para a televisão. Zélia era uma notável memorialista, como mostraram obras posteriores: *Um Chapéu Para Viagem*, de 1982, *Senhora Dona do Baile*, de 1984, *Reportagem Incompleta*, de 1987, *Jardim de Inverno*, de 1988. Escreveu ainda literatura infantil, romance e ensaio. Uma literatura amável, retratando a pessoa afetiva que ela era.

Em *Um Chapéu Para Viagem* Zélia lembrou suas visitas a Porto Alegre. Contou que ela e Jorge ficavam hospedados na casa de Henrique Sciar e que muita gente ia visitá-los, incluindo, em suas palavras, um menininho loirinho, bonitinho, que depois seria o escritor Moacyr Sciar. Zélia nunca esqueceu esse menininho. E eu também nunca a esquecerei.

ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN

A escritora Zélia Gattai ocupou uma Cadeira – a 23 – de singular trajetória na ABL. A partir de seu fundador – Machado de Assis – e de seu patrono – José de Alencar –, delinham-se duas grandes famílias literárias, a de sopro épico, com o patrono, e a de cunho introspectivo, com o fundador. Desde então, numa rara coincidência, os demais ocupantes da Cadeira estarão explicitamente associados a uma dessas duas vertentes. Ao fundador, sucederam, pela ordem cronológica, Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol e Octávio Mangabeira – todos os três, eméritos machadianos. Na sequência de Mangabeira, vieram Jorge Amado e Zélia Gattai. Com Jorge, a saga dos desvalidos e marginalizados conquista dignidade literária.

Zélia, de certo modo, concília a vocação para a sinfonia do mundo, tão nítida nos fios que unem Alencar a Amado, com um viés subjetivo, em que o eu, ao registrar o espetáculo externo, não se esquivava a falar também de si mesmo – daí o papel da memória em sua produção. Mas seria redutor vê-la apenas como memorialista – não só porque também escreveu ficção, como pelo fato de que a invenção é um componente intrínseco à memória.

Zélia Gattai lega-nos uma obra ao mesmo tempo despojada e sólida. Quando comentamos a simplicidade e a transparência da sua escrita, devemos precaver-nos contra a falsa suposição de que se trata de atributos espontâneos: na literatura, atingir a simplicidade é algo bastante complexo, fruto de refinada elaboração.

Assim é a arte de Zélia: fina e forte, à imagem da própria pessoa que a produziu. A comoção pelo seu desaparecimento demonstrou o quanto era amada pelos milhares de leitores que, como todos nós aqui nesta Casa, permanecerão, para sempre, “Zeliagattaístas, graças a Deus”.

ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE

O Acadêmico Helio Jaguaribe disse que não teve o prazer de conhecer a Acadêmica Zélia Gattai Amado, mas admirava sua obra e é solidário com as palavras de entusiasta recordação e saudosa memória que foram pronunciadas nesta Casa.

ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS

O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos desde que soube da morte de Zélia Gattai Amado o veio a mente a imagem do dia em que ela fez 90 anos. Estava participando de um maravilhoso almoço baiano com a presença de muita gente, admiradores de Zélia e de Jorge Amado que são uma boa parte da população da Bahia. Acredita também que estavam presentes os personagens de Jorge Amado. Lembrou quando passou pela sua frente a grande Gabriela servindo um quitute daqueles inesquecíveis. Essa imagem ficou como uma fotografia feita pela própria Zélia, porque como fotógrafa tinha uma qualidade e uma sensibilidade amorosa que era única. Seu principal personagem era o Jorge Amado, viu fotografias de uma exposição que fez na Bahia onde se sentia a presença de Jorge Amado. Não era só o Jorge isolado como cartão postal, era Jorge Amado na vida, com seus amigos, os encontros sociais, nesses espaços que ela criava na fotografia sempre sentiu um dinamismo amoroso. Como fotógrafa ela transmitiu essa disposição para amar todos os personagens que fotografou.

ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

O SIMPLES DIZER DE ZÉLIA*

Não temos, talvez, exemplo de casal como Jorge Amado e Zélia Gattai, na imagem que lhe quis dar a escritora que viemos de perder. É invariável a vinheta que nos deixou, entre viagens mil, o meio século da convivência exuberante no Rio Vermelho, em Salvador. Dele nasceu a escritora temporã, no seu dizer de ficar, em nossa literatura. Aí estão as histórias infantis, crônicas e romances. Mas Jorge cobrou da mulher, de logo, o estilo único da reminiscência, no seu relato fundador da chegada dos Gattai ao Brasil.

Anarquistas Graças a Deus nos dá de corpo inteiro, na força de sua coloquialidade, o raconto da migração italiana distinta do deslocamento anônimo para as nossas paragens. Fala-nos da chegada de uma Colônia Experimental Socialista, de professores, pequenos comerciantes, universitários e operários, como Francisco Arnaldo Gattai e Argia, avós de Zélia, a partir de Genova, em 1890, no *Città di Roma*. Era verdadeira brigada missionária, utópica, capitaneada por Giovanni Rossi, O Cardias, que cativou, nas conversas em Milão, a Carlos Gomes que levou o pedido de apoio ao Imperador, destronado meses antes da chegada dos idealistas colonizadores ao Paraná.

Ernesto Gattai, pai, só reforçaria a determinação anarquista, seus modos, canções e discursos, na radicalidade de florentino, em contraste com a mulher Angelina, católica do Veneto, que chega finalmente à Alameda Santos, no aconchego do bairro, e seu vinco italiano, até à “rapaziada do Brás”, nos anos 20 e 30. Este contágio irradiante, no relato do escritório da família continuada no intenso coloquial das lojas; dos cinemas, já na crise dos filmes mudos e do desarvoramento das suas orquestras; dos pontos do jogo do bicho, e das idas à rua, de Zélia e de suas irmãs ao carnaval, obrigadas, de hora em hora, a voltar à casa.

O livro nos deu esta épica única, em que as travessias de Gênova, dos Gattai como dos Dal-Col e outros brasões anárquicos, dizem deste estro da viagem

* Depoimento lido na sessão do dia 29 de maio de 2008.

sem volta, da odisséia do porão, do chicote dos primeiros capatazes, nas plantações de Curitiba e dessa conquista do centro de São Paulo, na paixão do comércio de automóveis e na prosperidade imediata que o patriarca deu aos seus, entre prazeres e novos medos urbanos, dos ladrões, do mítico Meneguetti, ao João do telhado, às peripécias, entre sonhos divinatórios de acerto no jogo do bicho, do começo do fascínio dos anúncios e do consumismo coquete, prometido pelos misteriosos frascos de elixires femininos.

O aparente desatavio da narrativa de Zélia – via-o Jorge – troca-se na artimanha deste seu contar definitivo. Acompanha o impropério, a interpelação, a alegria grossa em que sua gente, toda ao contrário da migração nos guetos alemães, alastra-se e constrói uma ribalta impressentida, nesse diálogo da sala de jantar passada ao colégio, ao giro do automóvel, ao passeio nos quarteirões alargados. Não é uma Zélia rival do marido a que perdemos, nem a da obediência estrita ao vaticínio de Jorge. Mas quem se apossou do seu relato, desde menina, atenta à memória da conversa de mesa, ou às apóstrofes do utopismo paterno, a escapar do pseudo-descuido do escrever, para a disciplina maior e severa, da verdadeira simplicidade.

ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO

Duas qualidades de Zélia Gattai mobilizam a minha admiração entusiasmada: a conhecida e sempre proclamada dedicação a Jorge Amado e a corajosa assunção da criação literária.

A primeira, fundada no relacionamento amoroso intenso, testemunhado por quantos, como eu, tivemos o privilégio do grato convívio com ambos. Amor florescente em tempo de madureza, iluminador de um percurso existencial marcado de plenitudes, mas também de ultrapassagens, que muitas foram as pedras do caminho. No alento, a tal ponto que é quase impossível pensar Jorge sem Zélia, Zélia sem Jorge. O seu discurso de posse nesta Casa deixa clara essa identificação. Aureolada por Paloma e João Jorge.

Na assunção da literatura, a marca da autenticidade. Um ato de coragem, diante da poderosa presença da arte de Jorge. Zélia, fiel a si mesma, optou por dizer-se. Trouxe para a letra escrita as suas vivências, numa linguagem pessoal, porque apoiada na riqueza de sua história de vida.

Na condução do traçado da escrita, sua reconhecida arte de contar histórias, a sua inclinação para iluminar o presente com a memória do passado e com a agudeza do seu olhar sobre a atualidade do cotidiano. Para além do mero registro.

E assim Zélia, disse de si mesma, disse da humanidade de Jorge, o homem, o amado, despojado das auras do mito, disse da Bahia e do Brasil. E foi sempre Zélia Gattai, sem deixar de ser Zélia Amado.

PRESIDENTE — ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI

A notícia que tive da existência de Zélia Gattai foi negativa. Aos onze anos de idade, em 1946, e no primeiro ano do ginásio, tinha uma colega chamada Eulália, menina triste que, segundo corria no ginásio, era filha de Jorge Amado que a abandonara ao separar-se de sua primeira mulher, mãe de Eulália. Nós, os colegas de Eulália, nos condoíamos e julgávamos Jorge um mau pai, por deixar sua primeira mulher e desinteressar-se pela a filha.

Narro esta lembrança de mais de sessenta anos para registrar como crianças e adolescentes podem ser cruéis ao julgar os adultos. Na realidade, Jorge era um pai extremo que, ao separar-se, colocara Eulália em um dos melhores colégios particulares do Rio de Janeiro no qual, ela, apesar do temperamento arredio, logo se destacou nos estudos.

Mas por algum tempo a idéia de que a moça paulista que conquistara o coração de Jorge Amado era uma destruidora de lares permaneceu entre os adolescentes que começavam a se interessar por literatura. Em um dos seus livros Faulkner afirmou que uma criança de dez anos é capaz do pior dos crimes e nós, aos doze e treze anos, leitores dos primeiros livros de Jorge, na nossa ignorância,

se não cometíamos um crime, mas julgávamos injustamente o escritor e sua companheira.

Com o tempo e a chegada da idade da razão – embora ainda hoje eu não tenha uma idéia precisa do que isso significa, a idade da razão, neste mundo tresloucado de hoje – entendi o que acontecera em fins de anos trinta e início dos anos quarenta entre Jorge e Zélia. Entendi que Eulália não fora abandonada e admirei com uma ponta inveja aquele intenso amor entre a anarquista graças a Deus e o marxista graças a Deus e os santos da Bahia também. Os dois viveram um romance que perdurou no tempo e no espaço, na Europa, França e Bahia e prossegue, na nossa lembrança e na nossa recordação e conosco ficará enquanto a memória não nos faltar.

Zélia foi uma companheira admirável, amorosa, estimulante, presente na vida de Jorge, vinda como se fosse presente para ele de um Deus em que eles não acreditavam, mas que acreditava neles. No exílio ou na glória esteve ao lado de Jorge e quando começou a escrever leitores e crítica perceberam logo a força do seu estilo inteiramente diferente da ficção voluptuosa de Jorge. Nesta sessão de saudade, sua obra memorialista e de ficção foi estudada e exaltada. E foi o seu trabalho literário, e não o fato de ser esposa de Jorge que a trouxe até aqui.

De Zélia recebi a lição aprendida por ela nas leituras da família: *perduto é tutto il tempo que in amore non si spende*. Este verso do poeta latino Torquato Tasso marcou sua vida no entendimento pleno do significado de suas palavras. O amor cantado pelo poeta da Jerusalém Libertada não se restringia ao amor do afeto, da paixão e do sexo, mas se estendia ao próximo, à humanidade. Era também paixão, compaixão, pelos injustiçados, pelos sofredores, pelos ofendidos e humilhados, e pelo Criador.

Zélia compartilhou este amor por Jorge com o seu semelhante. Não só na obra imortal que nos legou, mas também pelo convívio, pela sua presença, que iluminava esta Casa.

ACADÊMICO JOSÉ SARNEY

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Senhor Presidente, meus confrades,

A notícia da morte de Zélia Gattai é para todos nós, mas especialmente para mim, um sinal de enorme tristeza. Ela representou aqui a força da mulher brasileira, sua capacidade de criação e de acolhimento, em sua plenitude.

Nossa amizade durou muitos anos, desde que a conheci, de mãos dadas com Jorge Amado, no fim da década de 1960. Já estavam então juntos havia mais de 20 anos, e haviam enfrentado o exílio e desfrutado do convívio dos maiores nomes do século, Pablo Neruda, Nicolas Guillén, Pablo Picasso, André Malraux, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Ília Erenburg e tantos outros. De volta ao Brasil, puderam, entre assustados com a violência do Rio de Janeiro e esperançosos com a vida da província, fazer o retorno à Bahia cujo espírito já se confundia ao de Jorge.

Na casa da Rua Alagoinhas 33, no Rio Vermelho, Zélia era uma rainha. Oxum, diziam os baianos, deusa das águas e da faceirice. Sua beleza já era lendária. Tornara-se fotografa, grande fotografa. Da alegria da casa generosa, o centro do centro era a contadora de histórias, inigualável na mímica, na interpretação, na reprodução dos mais diversos idiomas e das mais diversas vozes – por exemplo da ópera de Pequim.

Zélia tinha mais de sessenta anos quando estreou como escritora. E que estréia que nós vimos! *Anarquistas Graças a Deus* é um marco na história de nossa memorialística: ao mesmo tempo um depoimento histórico e pessoal, nenhum outro o iguala no bom humor e na vivacidade da ousadia da jovem filha de imigrantes italianos que vêm ao Brasil fazer a aventura do sonho anarquista e da esperança no trabalho. E tendo estreado, Zélia não parou mais de escrever.

Mas quero contar agora a história da escritora, que todos conhecemos muito bem, e que nos honrou ao substituir seu marido na Cadeira de Machado de Assis.

Quero apenas dizer da imensa saudade, da falta que fará a todos nós, lamentar a perda do Brasil e também a minha perda pessoal. Só para ilustrar como ela

era importante para mim, conto que a convidei para ser Ministra da Cultura, quando fui Presidente da República; e, quando escrevi *O Dono do Mar e Saraminda*, ela foi uma das pessoas a quem submeti os originais.

Zélia e Jorge, vocês fazem uma imensa falta.

ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Embora com pequeno atraso, não poderia deixar de enviar minha mensagem de saudade de Zélia Gattai Amado há pouco desaparecida, com 91 anos de idade.

O seu principal gênero literário era de memorialista. Com extensa obra, a quase totalidade eram livros de memória. Estilo leve e suave, logo prendia o leitor. A sua estréia em 1979, *Anarquista, Graças a Deus*, ia além da história de sua família, abrangendo um largo tempo da própria história social. A década de 80 foi muito fértil, com escritos da mesma qualidade, tais como: *Um Chapéu para Viagem*, (1982); *Senhora Dona do Baile* (1984); *Reportagem Incompleta* (1987); *Jardim de Inverno* (1988); *Chão de Menino* (1992); *A Casa do Rio Vermelho* (1999); *Città di Roma* (2000). Neste mesmo período, publicou um romance, *Crônica de uma namorada* (1995).

Devido à sua boa qualidade literária, recebeu numerosas condecorações ao longo da vida, a partir da própria estréia, como o Prêmio Paulista de Revelação Literária. No ano seguinte (1980) foi premiada por esta Academia. Condecorações foram concedidas também na França, Portugal e Itália.

Pessoa amável, simpática, acolhedora e risonha, só tinha amigos. Por tudo isso, só deixou saudades entre todos que a conheceram pessoalmente. Daí o luto desta Academia pela perda da querida confrreira Zélia Gattai Amado.

ACADÊMICO IVO PITANGUY

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Conheci Zélia Gattai há mais de 40 anos. Estava eu na Bahia para uma ocasião muito especial, ia receber das mãos de Jorge Amado e Genaro de Carvalho na presença de Zélia, Marilu e Nair de Carvalho, o colar de Oba de Xangô fiado pela Mãe Senhora. Ocasião que ficou registrada pelas lentes de Zélia.

A partir daquele momento, Zélia cativou a Marilu, a mim e a todos que tiveram o privilégio de conhecê-la.

Em seus romances, podemos sentir pela elegância do estilo e pela força da narrativa, a presença marcante da memorialista.

Acredito que o convívio com Zélia, deu a Jorge um ponto de equilíbrio: lembro-me, há alguns anos atrás, quando me encontrava em Paris, recebi um telefonema de Zélia. Jorge estava muito nervoso, notara um pequeno tumor na face e precisava da minha ajuda. O tumor não era grave, mas Zélia sentindo a preocupação de Jorge pediu-me que o operasse naquele mesmo dia, o que fiz na clínica de um médico amigo que ficava em frente a minha casa em Paris.

A convivência com Zélia durante esses longos anos mostrou-me as camadas em que ela foi se compondo na sua vida de extraordinária escritora e de companheira de todos os seus amigos – pessoa admirável que neste momento lembramos.

ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET

(*Mensagem enviada por escrito.*)

A morte de Zélia Gattai põe um fecho à “reportagem incompleta”, para usar o título de um dos seus livros de memórias, que era, até então, a vida do casal Zélia-Jorge. Agora a morte completou a obra, unindo, no mesmo destino póstumo, as cinzas de ambos, espalhadas num quintal do bairro do Rio Vermelho, em Salvador.

Nessa reportagem completa, a personagem Zélia aparece com singular grandeza. Grandeza no plano afetivo, enquanto esposa de um marido famoso, durante muito tempo mal-visto pela direita e pela polícia, obrigada a partilhar sua vida difícil de exilado, na França e na Tchecoslováquia, e enquanto mãe querida de Luís Carlos, João Jorge e Paloma. Mas grandeza também no plano intelectual, pois como tantos já assinalaram, ela foi uma escritora por direito próprio, autora de uma das obras mais importantes de nossa literatura, como *Anarquistas Graças a Deus*, *Um Chapéu Para Viagem* e *Jardim de inverno*.

Como não creio no conceito de “escrita feminina”, penso que, ao escrever suas memórias de modo tão magistral, Zélia não estava fazendo memorialística feminina, do mesmo modo que Clarice Lispector não estava fazendo romance feminino quando escreveu *Perto do Coração Selvagem*. Zélia cultivava o gênero memorialístico e ponto final, e isso no mesmo nível de perfeição literária que Pedro Nava e Gilberto Amado.

Não me esquecerei nunca do jantar que Barbara e eu tivemos com o casal num restaurante perto de Lisboa, em que se misturavam temas que iam da Academia à política brasileira, com uma breve escala nos terreiros baianos, num sincretismo hospitaleiro que acolhia, com a mesma abertura de espírito, Marx e Xangô. Durante todo o jantar, Zélia cintilava de simpatia, contando casos, rindo muito, e mostrando que até na conversa ela sabia ser memorialista.

Querida Zélia, V. mereceu tudo, inclusive o título que alguma entidade lá em cima deve lhe ter conferido há muito tempo: o de ser a mais baiana de todos os ítalo-paulistas. Obrigado pela alegria que V. nos deu com sua vida e com seus livros. *A riverdeci*. Axê.

ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO

(*Mensagem lida pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.*)

Senhores Acadêmicos.

Não pude comparecer a essa sessão por dois motivos. O primeiro é uma questão de natureza particular, em nada relacionada com a Academia, seus membros e funcionários. O segundo é que, numa manifestação pessoal, com toda a certeza a emoção não me permitiria pronunciar-me adequadamente, ou mesmo chegar a falar. Serei muito breve, pois a família Amado faz parte tão entranhada de minha biografia que talvez somente um livro pudesse retratar meu relacionamento com ela. Perdi primeiro meu compadre e extraordinário amigo Jorge Amado e agora vai-se sua exemplar e admirável companhia, também minha comadre e amiga. Ele, digo com toda a convicção, um dos maiores romancistas de todos os tempos, ela memorialista sensível, de prosa suave e muitas vezes encantadora. Todo o Brasil sabe disso, o mundo sabe disso, não é necessária a repetição. Razão por que quero somente registrar minha profunda tristeza, meu sentimento de perda e orfandade, minhas saudades que nunca cessarão de doer.

ACADÊMICO ANTONIO OLINTO

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Por mais de 50 anos Jorge e Zélia fizeram parte de nossa vida, de Zora e minha, quando eles participaram de longas temporadas conosco no Brasil e lá fora. Viajamos juntos por toda a Europa – França, Portugal, Bélgica, Irlanda, Suécia, Noruega, Bulgária, Itália – mais tarde nos Estados Unidos e na Argentina – em toda a parte eu fazia conferências sobre a obra dos dois. Passamos longas temporadas na “Casa do Rio Vermelho” de Salvador, éramos ambos Obás na Casa de Mãe Senhora, do Ilê Apó Afonjá. E eles passavam temporadas conosco em Londres.

Primeiro morre Jorge, em seguida perdi minha Zora e agora Zélia nos deixa; é como o fim dos tempos. Resta-me a memória deles que seguirá comigo.

ACADÊMICO MARCO MACIEL

(*Mensagem enviada por escrito.*)

A Bahia, o Nordeste e o Brasil estão de luto, pois faleceu Zélia Gattai, viúva de Jorge Amado, escritora e acadêmica de mérito próprio.

Zélia Gattai era paulista de nascimento, filha de pai e mãe italianos, porém, brasileiríssima de Salvador, da Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados, como Gilberto Freyre disse, em um de seus raros poemas. Aliás, atribuiu-se a um baiano o papel de cupido do casal Zélia e Jorge Amado.

Segundo registra o *Jornal do Brasil*, a pedido de Jorge Amado o compositor Dorival Caymmi cantara para Zélia a canção “Acontece que eu sou baiano”:

Há tanta mulher no mundo,
só não casa quem não quer.
Por que é que eu vim de longe
pra gostar dessa mulher?

Na realidade, Jorge e Zélia Amado viveram juntos 56 anos. A morte de Zélia ocorreu quase sete anos após o desaparecimento de Jorge Amado. Tanto Jorge quanto Zélia viram os pais enfrentarem a dura vida de imigrantes, chegando despossuídos de tudo, sobretudo ela, exceto no amor à família e aos seus ideais.

Eles tinham opiniões políticas muito fortes, sem perder a ternura. Daí o primeiro livro de Zélia Gattai *Anarquistas, Graças a Deus*, com indignação social e carinho humano.

Zélia Gattai começara a vida intelectual como jornalista em São Paulo, quando conheceu Jorge Amado, então também se iniciando nas letras, porém nos romances que logo o tornaram famoso dentro e fora do Brasil.

Casaram-se e juntos enfrentaram longos exílios; Jorge Amado, recebendo muitos prêmios internacionais, e Zélia Gattai, fiel companheira, guardando o talento de escritora para livros futuros. Tanto ela quanto ele, depois reconheceram,

em entrevistas à imprensa e à televisão, que foi necessária a insistência de Jorge para Zélia assumir sua própria vocação de escritora.

O êxito foi imediato, com a estréia, do livro *Anarquistas, Graças a Deus*, traduzido em muitas línguas, tanto quanto a obra de seu marido, Jorge Amado. Os triunfos literários nunca tornaram orgulhosos os Amado. As memórias que Jorge não quis fazer, Zélia as realizou, na sucessão de livros sobre a residência do casal, no Rio Vermelho, bairro de Salvador. A casa recebeu o prestígio dos ocupantes e tornou-se ponto obrigatório da admiração de turistas vindos do mundo inteiro.

Após o falecimento de Jorge Amado, Zélia Gattai foi praticamente aclamada para sucedê-lo na mesma Cadeira da Academia Brasileira de Letras.

Aliás, um fato extremamente raro. Todo o Brasil acompanhou a decisão. Zélia tinha se tornado escritora de pleno direito, sua obra ingressara nas letras maiúsculas da literatura do Brasil, ela passou a receber convites pessoais para conferências e homenagens de muitos países.

A literatura brasileira não costuma cultivar muito o memorialismo. Esse gênero vem sendo incursionado, o que é bom, pois ajuda a definir nossa identidade de país marcado por enorme diversidade. A extensa obra de Zélia Gattai nesse gênero é uma de nossas brilhantes exceções. Somente no século XX Gilberto Amado e Pedro Nava tentaram-no e conseguiram, cada qual a sua maneira.

Zélia Gattai empreendeu um círculo memorialista cosmopolita pelas inúmeras viagens do casal; porém, permaneceu fiel à Bahia adotiva, calorosamente acrescentada ao seu São Paulo natal. Nisso se assemelha às recordações intelectuais sergipanas e recifenses de Gilberto Amado, diplomata de carreira. Embora radicado no Rio de Janeiro, ele, sergipano, produziu algumas de suas obras no Recife.

Convivi com Zélia Gattai na Academia Brasileira de Letras. Antes conhecera Jorge Amado. Residente em Salvador, ela vinha ao Rio sempre que podia. Mesmo com a idade e com a enfermidade, que aumentavam, ela nunca perdia o tranqüilo senso de humor, em nada diminuindo a firmeza afirmativa do seu caráter.

Zélia Gattai lega a todos nós uma mensagem de humanismo, confraternização das regiões do Brasil e dos povos de todo o mundo, acima de nossas fronteiras. Muito do memorialismo que escreveu foi em nações distantes, tornadas próximas pelo calor do coração com a luz da inteligência.

Zélia Gattai tinha sentimentos, porém não ressentimentos. Jamais escreveu uma palavra amarga, apesar das agruras que passou nos exílios, em companhia de Jorge Amado. É essa mulher forte que comemoramos não na morte, e sim na vida de exemplo que nos transmitiu. Enfim, como diz um provérbio latino, *eheu! fugaces labuntur anni*, ou seja, “ai de nós, fugazes escorrem, desaparecem os anos”.

ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO

(*Mensagem enviada por escrito.*)

Não conhecia pessoalmente Zélia Gattai até meu ingresso na Academia. Na ABL, só lhe falei, e rapidamente, umas duas vezes. Mas não foram poucas as vezes que ouvi de outros acadêmicos referências elogiosas a sua cordialidade e agradável convivência. De sua obra, guardarei sempre a lembrança de *Anarquistas, Graças a Deus*, que ano que vem completará 40 anos. Trata-se de importante capítulo da história da imigração e do movimento operário em São Paulo e de um comovedor documento humano.

SESSÃO DO DIA 29 DE MAIO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Muriilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário as Atas das sessões dos dias 15 e 21 de maio de 2008, que foram aprovadas. Informou que fará as comunicações na última parte da sessão e passou a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho para comunicar a doação, às Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia, de uma coleção com quase mil volumes.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho relatou que, por solicitação do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, procurou a Sra. Regina de Almeida Sá, que lhe transmitiu a decisão de, cumprindo a vontade deixada pelo seu tio Júlio Vieira de Sá, fazer doação às Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia de 971 livros, muitos dos quais em primeira edição, e de muitos acadêmicos, entre os quais Adonias Filho, Gilberto Amado e Jorge Amado, Alceu

Amoroso Lima, Cyro dos Anjos, Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, Clóvis Beviláqua, Olavo Bilac, Pedro Calmon, Roberto Campos, Afrânio Coutinho, Afrânio Peixoto, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, R. Magalhães Jr., Marques Rebelo, Afonso Arinos de Mello Franco, Luís Viana Filho, João Cabral de Melo Neto, Menotti del Picchia, Aurélio Buarque de Holanda, Josué Montello, Paulo Setúbal, Mário Palmério, Peregrino Júnior, Raul Pompéia, Miguel Reale, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Rachel de Queiroz, além de Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Gustavo Corção, Gilberto Freyre, Carlos Lacerda, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Pedro Nava. E ainda obras de Balzac, Bernanos, Baudelaire, Claudel, Cícero, Cervantes, Gide, Dostoievski, Humberto Eco, Freud, Gauthier, Ésquilo, Goethe, Gorki, Homero, Maurois, Papini, Rousseau, Rilke, Pascal, Neruda, Racine, Stendhal, Tagore, Platão, Petrónio, Marx, Gogol e Tchecov, entre outros. A entrega foi feita mediante a assinatura de um Termo de Doação.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pela comunicação desta valiosa doação feita à Academia Brasileira de Letras, especialmente às Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia e também pela correspondência dirigida à Sra. Regina de Almeida Sá, agradecendo em nome da ABL.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, impossibilitado de comparecer à sessão de saudade da Acadêmica Zélia Gattai Amado, prestou-lhe uma bela homenagem, falando sobre o casal Jorge Amado e Zélia Gattai e discorreu sobre a vida e a obra da Acadêmica que esta Casa acabou de perder. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado à Ata da sessão de saudade e aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho leu um texto do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho recordando o saudoso Acadêmico Geraldo França de Lima. (O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho sobre Geraldo França de Lima, e acrescentou que a Cadeira hoje vazia, ao lado do Acadêmico Alberto Venancio Filho, traz uma lembrança desse grande escritor.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou sua satisfação ao entregar, para a Biblioteca Rodolfo Garcia, em nome do autor, Edson Nery da Fonseca, o livro *Em Torno de Gilberto Freyre – Ensaios e Conferências*. Destacou que Edson Nery da Fonseca, bibliotecário de carreira, ao ir para Brasília foi convidado por Darcy Ribeiro a fim de organizar a Biblioteca Central da Universidade e do Instituto de Biblioteconomia. Aposentando-se, foi viver em Olinda, de onde a Academia o chamou para colaborar na organização da Biblioteca Rodolfo Garcia. Ressaltou que Edson Nery da Fonseca é um bibliotecário que ia além das fichas aos livros. Escreveu sobre muitos acadêmicos, como José Lins do Rego, Álvaro Lins e Manuel Bandeira, mas realmente a sua grande fascinação é por Gilberto Freyre. Considera Edson Nery da Fonseca um dos nossos maiores gilbertólogos, ao lado de outros notáveis, como os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Eduardo Portella e Marcos Vinícios Vilaça, sem falar em Nelson Pereira dos Santos, que fez um documentário excepcional sobre *Casa-Grande & Senzala*. Destacou que a obra de Edson Nery da Fonseca sobre Gilberto Freyre é enorme, abrangendo livros, opúsculos, prefácios e conferências, inclusive um livro muito original que é *Dicionário de Gilberto Freyre de A a Z*. Acrescentou, portanto, que é com muito prazer que atendeu ao apelo desse querido amigo para fazer a entrega deste livro à Biblioteca da Academia, com a dedicatória de agradecimento à Academia Brasileira de Letras pelas atenções que lhe foram dispensadas durante seu trabalho de seleção de livros para a Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Presidente agradeceu a entrega deste livro de Edson Nery da Fonseca para a Biblioteca Rodolfo Garcia, para a qual deu uma notável contribuição. Referiu-se à pessoa de convívio excelente e que deixou boas recordações desse período em que prestou serviços à Academia.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça intitulado “Rios da Vida”, que foi publicado no dia 7 de maio no *Jornal de Letras*, de Lisboa. Acrescentou que normalmente Marcos Vilaça escreve sobre Manuel Bandeira, Gilberto Freyre e Mauro Mota, mas nesse artigo há uma inflexão autobiográfica muito interessante, uma espécie de balanço de vida, quem sabe a promessa ou a semente de uma autobiografia por vir.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin a solicitação para que esse artigo seja incorporado aos *Anais da ABL*. Mas informou que todos os confrades receberam cópia desse excelente artigo, quase que a apresentação de uma futura autobiografia.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva registrou o falecimento, no dia 22 do corrente, em Teresina, do poeta H. Dobal. Disse ter certeza que, se Ivan Junqueira estivesse presente, se somaria a ele na expressão do mais profundo pesar pelo desaparecimento de um dos mais importantes poetas brasileiros. Informou que a sua morte se deu depois de uma longa enfermidade, que lhe devastou os dias há mais de dez anos. Mas permaneceu sempre fiel à poesia e à amizade. Foi um cantor do Piauí ensolarado e das personagens do sertão. Disse ter preparado um texto que trará na próxima semana, porque o poeta merece uma meditação mais severa. Declarou que quis deixar aqui a manifestação de seu enorme pesar pela morte de um amigo e de um grande poeta.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se ao que falou o Acadêmico Lêdo Ivo sobre os oitenta anos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Resaltou que tem pelo Acadêmico uma amizade que vem dos tempos de estudantes da Pontifícia Universidade Católica e uma admiração superior ao tempo desta amizade. Salientou o fato de Candido Mendes de Almeida ter elevado a um raro nível de excelência uma série de atributos que, isoladamente, faz dele uma pessoa excepcional. Referiu-se à sua fantástica lucidez, à sua capacidade intelectual absolutamente inusitada e a essa fulguração intelectual que o levou a nos dar contribuições de muita relevância a respeito de um conjunto de idéias que agruparia sob o título de humanismo transcendental.

Assinalou a capacidade de, através da Academia da Latinidade, promover, num mundo dominado pela língua inglesa e ocupado pela cultura anglo-saxônica, significativos esforços para mostrar que existe uma alternativa válida para o mundo saxônico, que é o mundo latino, ao qual ele próprio dá uma contribuição relevante, tendo mobilizado, através da Academia da Latinidade, em reuniões anuais, nos lugares mais interessantes do mundo, algumas das melhores mentalidades do nosso tempo. Finalizando, assinalou que a esta capacidade intelectual própria e a esta construtividade cultural existe, por debaixo do aspecto intelectual, um extraordinário empreendedor.

- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que transcorre no próximo dia 3 de junho uma efeméride que, além de tocar a todos os integrantes desta Casa, alcança, em sua amplitude, a cultura e a educação brasileiras. São os 80 anos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet discursou sobre os 80 anos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e lembrou que, depois, teve a sorte de ser convidado para participar da Academia da Latinidade e, sabendo que era o Acadêmico Candido Mendes de Almeida que estava por trás dessa instituição, descobriu que esta Academia não era voltada somente para as glórias da romanidade ciceroniana, mas também uma agremiação voltada para o presente, sobretudo para o futuro e para a realização do que foi tão bem descrito pelos Acadêmicos Helio Jaguaribe e Lêdo Ivo, como uma tentativa de estabelecer uma ponte entre o terceiro mundo em geral, sobretudo o mundo islâmico e o Ocidente, na medida em que a América Latina, na visão do Acadêmico Candido Mendes, pertencia ao que ele chama de um Ocidente não agressivo. Seria uma maneira de dar continuidade a essa vocação expansionista de Roma, não através da guerra, mas através do diálogo, da interlocução e da mediação entre culturas e civilizações. Não é por outra razão que recebeu do Secretário-Geral das Nações Unidas a incumbência de coordenar um dos projetos mais visionários das Nações Unidas: a Aliança das Civilizações, que se contrapõe ao livro de Huntington, cuja tese central é a do conflito das civilizações. Ressaltou que Candido Mendes, com essa

vocação extraordinária para o diálogo e a aproximação, acredita não no choque, não na guerra, mas no diálogo e na aliança das civilizações.

- O Presidente Cícero Sandroni ressaltou que surgiram naturalmente do plenário os três primeiros participantes da Mesa-Redonda sobre Candido Mendes.
- O Acadêmico Carlos Nejar, em face da manifestação sobre os 80 anos do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, disse o quanto Candido Mendes tem feito, não apenas pelo Brasil, como também por esse diálogo entre o Oriente e o Ocidente, muitas vezes mais universal do que regional, ou apenas nacional, porque a sua visão abrange o universo vivo do pensamento contemporâneo. Não é apenas uma inteligência infatigável a serviço das idéias. São idéias a serviço de um ato de fazer, o que é difícil hoje, num tempo cheio de palavras, em que o fazer é tão pouco visível, ainda mais na esfera intelectual. Saliu a semelhança do Acadêmico Candido Mendes de Almeida com o Acadêmico Darcy Ribeiro, que era ligado ao mundo do Brasil e ao mundo dos índios. Ressaltou que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida é ligado ao Brasil e ao mundo. O seu estilo caracteriza-se por uma mistura de Montaigne e François Rabelais, aquele Rabelais que marcou toda a literatura contemporânea e que, muitas vezes, usa metáforas inusitadas na sua prosa, que nunca se veria a não ser graças à pena de Candido Mendes. Falou de sua generosidade, do homem de pensamento e que está voltado para o futuro. Esse futuro que Voltaire dizia que era bárbaro, mas todos sabemos que é civilizável.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos lembrou que foi aluno do Acadêmico Candido Mendes de Almeida em 1958 no ISEB. Saliu que Candido Mendes de Almeida desenvolvia seu pensamento com tanta clareza, com tanta sedução, que suas aulas eram as mais disputadas e mais comentadas. Havia no Brasil certa confusão no plano da questão nacional. Ser nacionalista poderia significar ser a favor de um mundo socialista, não havia ainda uma visão mais clara nesse sentido. Lembrou a frase final da aula de Candido Mendes de Almeida a respeito da revolução cubana, quando ele finalizou a

aula dizendo que a revolução socialista nasceu na América Latina, mas numa geografia errada. Agradeceu a oportunidade de falar sobre Candido Mendes e de ter sido seu aluno.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida agradeceu aos Acadêmicos e lembrou que Antônio Houaiss perguntava por que todo Acadêmico só pode ouvir dois discursos, sendo o segundo sempre sobre o caixão. Salientou que, efetivamente, neste marco dos 80 anos, os sobreviventes o estão ouvindo antes que se feche o caixão. Ressaltou que a verdade é que a surpresa está marcada no que ouviu de tantos amigos, da ponta poética à ponta sociológica. O que representa este estar junto? Lembrou que Alceu Amoroso Lima lhe falou que a ABL é o lugar onde há cada vez mais a conversação da consciência brasileira. Registrou que este ano os octogenários serão maioria nesta Casa. Finalizando, comprometeu-se com a condição de que esta Academia Brasileira de Letras possa ser também a Academia Brasileira da Latinidade.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que o Acadêmico Candido Mendes de Almeida tinha o apelido de prefeito de Fernando de Noronha, por ser o homem mais avançado do Brasil.
- O Acadêmico Moacyr Scliar associou-se a todas as manifestações de alegria pelo aniversário do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e salientou que uma das coisas boas da ABL é ter a oportunidade de conviver com gente que faz a cabeça deste País. Registrou o artigo do Acadêmico Marco Maciel, publicado no jornal *Zero Hora*. Um artigo belíssimo sobre Zélia Gattai Amado. Assinalou que ontem, graças à escritora Laura Sandroni e à Acadêmica Ana Maria Machado, o Brasil tomou conhecimento dos 60 anos do falecimento de Monteiro Lobato. Um escritor que infelizmente está cada vez mais esquecido. (O artigo será incorporado aos *Anais da ABL*).
- O Acadêmico Domício Proença Filho associou-se às homenagens a Candido Mendes de Almeida e disse que se orgulha de ser seu contemporâneo. Deu notícias de sua presença e representação desta Casa na Ludwig Maximilians Universität de Munique, onde fez conferência no Instituto de Linguística Românica, tendo como tema a realidade lingüística do Brasil nos tempos

de D. João. Seguiram-se debates com alguns lingüistas e filólogos em torno da matéria destacada: a atual querela entre lingüistas e gramáticos e o novo Acordo Ortográfico.

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu o relato de sua participação nesse Congresso, onde o português do Brasil está tão celebrado e estudado. Comunicou ao Plenário que, por intermédio do Acadêmico Marco Maciel, o Senado da República solicitou que a Academia Brasileira de Letras cedesse a exposição sobre Machado de Assis, que vai ser inaugurada na ABL dia 20 de junho, para ser exposta no Senado.
- O Acadêmico Marco Maciel disse que o Senado arcará com os custos dessa exposição, que faz parte das comemorações do Centenário de Morte de Machado de Assis.
- O Acadêmico Cícero Sandroni deu notícia de que recebeu um relatório da Prefeitura do Rio de Janeiro sobre as atividades municipais em relação ao Ano Machado de Assis, assinado pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e pelo Presidente da Comissão, Antônio Olinto, sobre o “Rio de Machado de Assis”. Lamentou que várias iniciativas propostas não tivessem sido levadas a efeito. Comunicou que a Academia recebeu a visita do General de Brigada Marco Antônio de Farias, com um grupo de oficiais da Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial, que engloba os colégios militares de todo o Brasil. Entregou aos Acadêmicos o convite do Consulado da Armênia, em São Paulo, que está comemorando o centenário de nascimento do escritor William Saroyan, data incluída no calendário de eventos jubilares no ano de 2008 da UNESCO e que conta com a participação dos Acadêmicos. Deu notícias da saúde do Acadêmico José Mindlin, que se recolheu ao Hospital Albert Einstein apenas para repouso e que passa bem.
- O Presidente, ao encerrar a sessão, convidou os presentes para a segunda mesa-redonda do “Seminário Brasil, brasis”, sob a coordenação do Acadêmico Carlos Nejar, que versará sobre o tema “Megalópoles do terceiro milênio”, e do qual participam Alfredo Britto, Bárbara Freitag e Jaime Lerner.

RECORDANDO GERALDO FRANÇA DE LIMA

*Palavras do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho**

Embora ausente de comparecer às sessões da Academia, leio sempre com a devida atenção as atas dos seus trabalhos. E na reunião de 08 de maio último, por iniciativa de Moacyr Scliar, foi lembrado o muito saudoso Geraldo França de Lima, a quem Scliar sucedeu na Cadeira 31.

Concordo, alteando a voz, com tudo que foi dito a respeito do Acadêmico falecido em 22 de março de 2003. Cego há mais de dez anos nem assim deixou Geraldo de produzir literariamente. Publicou dois ou três romances, ditados à Ligia, sua mulher. Seu romance de estréia (1961) *Serras Azuis* foi aproveitado como novela de televisão, com muito sucesso.

Enchia os seus dias ouvindo música clássica num pequeno aparelho de som que lhe presenteei.

Entre seus grandes amigos, além de Bernanos e Guimarães Rosa, deve ser lembrado Juscelino Kubitschek a quem serviu em posto de confiança no Palácio do Catete.

Mineiro de Araguari incorporou à sua personalidade a história regional, transposta para os seus romances.

Recordar Geraldo é sentir lágrimas nos olhos e saudade pela perda do amigo e do admirado escritor, tão bem sucedido nesta Casa por Moacyr Scliar.

* Texto lido pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho na sessão do dia 29 de maio de 2008.

OS RIOS DA VIDA

*Marcos Vinícios Vilaça**

Os rios me acompanham a vida. Nasci, à beira do Tracunhaém, em Nazaré da Mata, zona da cana-de-açúcar, terra de engenhos que fizeram época na história sócio-económica do nordeste brasileiro. Criei-me em Limoeiro, a 70 quilómetros do Recife, às margens do Capibaribe, «espelho do meu sonhar», «papa-estrelas», como desse rio falaram os poetas. Rio do agreste pecuário de Pernambuco, minha província. Considero Pernambuco o umbigo do mundo. Não sou apenas pernambucano, sou pernambucanista. E ortodoxo. Esse rio banha o Recife, onde me fiz gente. E por fim, agora também sou morador, além do Recife, da cidade do Rio de Janeiro. Mais um rio. Sou um homem-margem. “Terceira margem”...?

Nascido em 1939, no ano vindouro me jubilearei no serviço público brasileiro. São 50 anos de actividades já computados. Passei por assessoria jurídica do Legislativo da minha província, pela docência na mais antiga Escola de Ciências Jurídicas do Brasil, a do Recife; pela coordenação nacional de programas inovadores no plano do desenvolvimento social; presidi a Legião Brasileira de Assistência (à época, a maior agência de desenvolvimento social da América Latina) e deixei belas marcas digitais desse trabalho. Passei pelo corpo directivo do também, àquele tempo maior, banco social

* Artigo publicado no *Jornal de Letras*, de Lisboa, no dia 7 de maio de 2008.

da América Latina, a Caixa Econômica Federal; pela secretaria particular da Presidência da República (com José Sarney) e agora actuo no Tribunal de Contas da União, na condição de ministro decano, após ter sido presidente. Nessa Corte dedico-me, como juiz, às exactidões. Sou um «barnabé» (barnabé é o termo usual para designar servidor público). Ganha-se pouco, trabalha-se muito, é gratificante e, de vez em quando, divertido. Como se vê, situações bem diversificadas, nessas actividades, mas há uma constante de Cultura e Acção Social em tudo que me tocou fazer.

As funções me proibiram a delícia de entrar no acaso e amar o efémero, mas felizmente não me ancoraram nas horas. Ao contrário, deram-me a libertação dos gestos. Nos armários da memória não há amarguras enlatadas por conta dos meus trabalhos. Ao contrário, há sensação do dever cumprido.

Carrego comigo a marca pesada de filho único. Não é bom ser filho único. É péssimo. Meus pais fizeram de tudo para evitar os infortúnios dessa condição. Pais esclarecidíssimos, os meus, mas sempre restou hipocondria, um certo egoísmo, algum sentimento de sofrer tutela exagerada. Não cumpri carreira político eleitoral. Sou democrata, mas nunca soube lidar com eleitor. Gosto, é claro, de público, mas não sou muito de multidão. Meu pai passou-me, de igual modo, o prazer do futebol. Tentei jogar e foi um horror. Desejava ser guarda-metas, acabei juiz! Em Portugal, sou Benfica. Torcendo pela seleção brasileira perco as estribeiras. Fanatismo exponencial. Meu pai ensinou-me, na escola onde fiz curso básico, português e latim. Fui orador de turma e espécie de «orador oficial». Presidi grémios literários, fundei, em Limoeiro, a Academia dos Novos. Não aprendi a nadar. Ainda hoje tenho inveja dos nadadores.

Como noivei e casei cedo, ainda universitário, registro pouco em política estudantil. Ensinei Direito Internacional Público, de 1964 a 1975, quando transferei residência para Brasília. No Recife, fui também Secretário de Estado duas vezes. Elegi-me para a Academia Pernambucana (AP) com 26 anos e aos 30 fui presidente. Consegui dar à Casa, após 70 anos de fundada, a sua sede própria. Trata-se de um belíssimo edifício classificado pelo Património Histórico. Ganchei de Gilberto Freyre o conceito: “Tão jovem e tão presidente”.

Proclamo fixação no plano intelectual: Gilberto Freyre. Ele, Machado de Assis e Manuel Bandeira são referências, entre os célebres brasileiros mortos, que norteiam meus passos. Dos vivos, não falarei. Gilberto foi o principal pensador brasileiro do século XX. Sociólogo com notável expressão literária. Um verdadeiro escritor. Um sábio. Fomos íntimos. Devo muito a ele. Já em política o débito aponta para dois nordestinos díspares. Paulo Guerra, um rústico, que governou Pernambuco exemplarmente e José Sarney, refinado escritor e acadêmico que presidiu o Brasil em fase difícilíssima e consolidou a democracia após regimes autoritários. Gilberto Freyre reinventou o Brasil, explicou-nos o Brasil. Tenho uma saudade danada dele. Também é grande a saudade do poeta Mauro Mota. Seus versos têm visível preocupação com o social, sua ensaística é preciosa. A passagem pelo jornalismo um primor de objectividade, sem politização.

Os pais facilitaram-me os livros. Li, talvez cedo demais, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Zê Lins do Rego, Eça e Machado. Antes, transitara por Monteiro Lobato. Gosto muito dos lusófonos africanos, em particular de Mía Couto, Agualusa, Pepetela, Germano Almeida, Onésimo Silveira. Fora do Brasil, além deles, Carlos Fuentes, Camus, Eliot, Tolstói, Lorca, Borges, Coetzee, Llosa, Neruda. Fui compadre de Jorge Amado, Josué Montello, Herberto Sales e li tudo deles em encantamento crescente. Encantamento que tenho também em relação a Camões, Eça, Pessoa, O'Neil, Zeca Afonso, Amália, David Mourão-Ferreira, Vergílio Ferreira. Observe-se que também não falei de portugueses vivos.

Já fui muito supersticioso, cheio de manias. Depois desfez-se tudo no instante em que meu coração e o da minha mulher passaram a vestir as lágrimas, com o sangrar diário na saudade de Marcantonio. Filho genial que pôs a arte contemporânea do Brasil no plano internacional (pergunte-se a Alexandre Melo, Cabrita Reis, Croft, Julião Sarmento). Perdemos-lo no frutífero calibre dos 37 anos. Hoje, as superstições servem apenas para me divertir. Não mais as levo a sério, como antes.

Não temo a morte. Temo as doenças. Suporto melhor cemitério que hospital. Ao sofrer cirurgia de revascularização nunca pensei que morreria. Apavorava-me o risco de sequelas incapacitantes. Me benzo todo de medo disto.

Minha mulher é a maior figura da família. Mulher fortíssima. Por me tolerar heroicamente apelidei-a de Nossa Senhora da Paciência. Sou orgulhoso do invejável casamento que fiz, dos dois filhos – Taciana Cecília e Rodrigo Otaviano – e dos seis netos. Uma, já na eternidade. Impecáveis. Junto a este, outro orgulho, o do que fiz como Secretário Federal da Cultura e como Presidente, tanto da AP quanto da Academia Brasileira de Letras (ABL). Inovei, não pelo gosto exótico da novidade, mas pela convicção de que interagindo se chega melhor à eficácia e à eficiência. Fui me encontrar com o povo, armado do senso selectivo. Acertei todas as vezes. Busquei a modernidade distinguindo-a do moderno, sabendo que a tradição é para exemplificar e não para meramente servir à repetição. Por vezes me desconheço. Pessoalmente sou pessimista, mas o administrador é desabotadamente optimista. Você tem que acreditar no que faz. Tenho de ABL a ideia de instituição voltada às humanidades e não exclusivamente às letras literárias. Na Secretaria da Cultura nunca consenti que se pensasse que cultura de massa fosse a mesma coisa que cultura popular, nem que se desatendesse à abertura da política patrimonial também para os bens imateriais. Cultura é ideia integradora. Cuidar de política cultural é cuidar da espessura do fazimento, é compreender a aventura da significação.

Adoro Lisboa. Melhor chamá-la de Lisóptima. Adoro Piódão, Sortelha, Monsaraz, Marvão e detesto certa arquitetura medíocre que, por exemplo, vem destruindo o Algarve. Sou orgulhoso do muito que Portugal me deu. Não entendendo, de jeito nenhum, é português que tem ciúme do Brasil. Ora, o Brasil e *Os Lusíadas* são as melhores criações de Portugal. Português deve se orgulhar do Brasil, do modo como somos diferentes, na maneira de como somos derivados. O Brasil não é dependente de Portugal, mas nunca deixará de ser uma lusitanidade. É isto que certos portugueses, felizmente poucos, não conseguem entender. Olha cá, isto me dá uma raiva danada. É coisa de cartografia incompleta. E quando falam mal da língua amada que praticamos, ainda me magoa mais. Sempre parte dos encasacados vernaculares, supondo que a língua deveria ser engessada. Língua paralisada não se compatibiliza com inteligência em acção. Ser diferente não é ser contrário.

Quando das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, coube-me o Comissariado brasileiro. Meu homólogo foi esse admirável intelectual e homem de ação, Ernâni Lopes. No Brasil e em Portugal, ao abrir oito reuniões temáticas em oito cidades diferentes, falei dessas minhas ideias, claramente, categoricamente. Meu amor à civilização portuguesa é amor altivo, sem subserviência. Amor cordial, sem perder a sinceridade. Não preciso de lições para amar Portugal.

Tenho consciência de que no momento próprio da chegada ao estuário do rio da vida (lá vem a ideia de rio, novamente), enlouquecido por gozar do paleio de vadio, vou observar o século com o seu protagonismo do conhecimento e vou poder dizer os versos de Pessoa, que em parte corroboram o personagem de Guimarães Rosa ao falar de que viver é perigoso: “Que da obra ousada é minha a parte feita/ o por fazer é só com Deus”.

Escrever para mim, hoje em dia, é um sacrifício. Protejo-me no conceito de Adorno de que o livro, que venha sem sacrifício, não tem interesse. Estou com grande preguiça. Andei o mundo todo e tenho obras traduzidas para espanhol, inglês, italiano, francês, alemão e japonês. Oportunidades contemplaram-me a curiosidade por ver gentes e terras, experimentando sabores, sons, luzes. Até as geleiras da Antártida não escaparam aos meus olhos; nem desertos; nem florestas; nem metrópoles ou lugarejos. De tudo que vi resultou um provinciano incurável. Ultimamente, não me basta dizer que sou pernambucano, quero que se saiba que sou mais, sou pernambucanista. Como já falei, por isso me orgulho e proclamo a pernambucanidade da qual sou composto.

80 ANOS DE CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Senhor Presidente,
Senhores Acadêmicos.

Está transcorrendo sob sigilo, por impiedosa determinação do interessado, uma efeméride que, além de tocar a todos os integrantes desta Casa, alcança, em sua amplitude, a cultura e a educação brasileiras.

São os 80 anos do Acadêmico Cândido Mendes de Almeida, a cumprir-se no próximo dia 3 de junho.

Ouso transgredir o silêncio imposto e dizer algumas palavras desataviadas sobre o admirável companheiro que, desde o seu ingresso nesta Academia, há 18 anos, se senta ao meu lado, o que me leva a respirá-lo com intensidade.

O nosso saudoso companheiro Celso Furtado costumava dizer-me que Cândido Mendes de Almeida era o homem mais inteligente que ele havia conhecido em sua vida. Deslumbrava-o sua torrencialidade discursiva, juncada de idéias e reflexões fervilhantes e fervorosas.

De mim para mim, e sem qualquer intenção reducionista, limito-me a afirmar que Cândido Mendes de Almeida honra plenamente, com a sua inteligência

* Proferidas na sessão do dia 29 de maio de 2008.

e cultura, a Academia Brasileira de Letras e o Brasil. Ele nos oferece, semanalmente, o espetáculo de um espírito em permanente e incessante ebulição. As intervenções desta sala são como lavas de um vulcão de idéias, percepções, pressentimentos, compreensões, entendimentos e reflexões. Ou águas desatadas de uma represa.

Ouso mesmo dizer que esse fluxo torrencial ultrapassa tudo o que ele tem consignado numa obra impressa por todos os títulos notabilíssima.

E lamento que Cândido Mendes de Almeida não tenha ao seu lado um Eckermann ou aquele James Boswell que soube guardar as idéias, pensamentos, lições e experiências do doutor Samuel Johnson, o Montaigne inglês.

Em suas manifestações nesta Casa, Cândido Mendes de Almeida costuma reger o seu discurso com algumas vigorosas batidas na mesa. Dir-se-ia que, com esses toques energéticos, que têm o mérito suplementar de assustar alguns dos nossos confrades sonolentos, ele se empenha em que despertemos para certas verdades do mundo e da vida material ou espiritual.

Não bastasse o brilho que, como um dos grandes expoentes do nosso cenário educacional, ele confere à sua Universidade – a Universidade Cândido Mendes – criou a Academia da Latinidade, que abriga tantas inteligências de fulgor internacional: um pequeno e luzido universo de pensadores políticos e sociais, economistas e cultorólogos. Essa Academia ambulante é decerto o bastião de sua atividade incansável de cavaleiro andante da Cultura. Ou melhor, cavaleiro voante, já que percorre o nosso planeta em jatos transcontinentais.

Nessa nova e já preclara instituição, Cândido Mendes de Almeida, a serviço de um pluriculturalismo planetário, afervora-se em promover o casamento entre cristianismo e islamismo, entre o Ocidente e o Oriente, entre a nossa civilização e aquela que se inicia nos escombros do Iraque.

Rudyard Kipling, o grande escritor inglês nascido na Índia, afirmou: “Ocidente e Oriente jamais se encontrarão”. Os que aceitam a observação de Kipling, fundada em sua visão pessoal de homem de dois mundos, certamente estampilharão de utópica a jornada cultural de Cândido Mendes de Almeida.

E haverão de ponderar que os vulcões também sonham. Mas os que confiam no poder da inteligência e da cultura em promover a mudança de um mundo que precisa ser mudado, e expulsar a serpente aninhada no coração dos homens, haverão de aplaudir sempre a sua atuação infatigável a serviço do diálogo e da convivência, da descoberta de domínios escondidos e da interlocução dos separados ou contrários.

Senhor Presidente,

Nossa Academia costuma festejar, com o rumor merecido, o transcurso das chamadas “datas redondas”. Cândido Mendes de Almeida, com sua modéstia monacal só comparável à do nosso companheiro, Padre Fernando Bastos de Ávila, o proibiu a nossa comemoração ruidosa. Mas aqui estamos todos, neste instante, para aplaudi-lo e felicitá-lo pelos seus 80 anos. Ele Cândido Mendes de Almeida, é uma honra, uma glória e ainda uma alegria desta Casa.

ANARQUISTA, GRAÇAS A DEUS

*Marco Maciel**

O Nordeste e o Brasil estão de luto, pois faleceu Zélia Gattai, viúva de Jorge Amado, escritora e acadêmica de mérito próprio.

Paulista de nascimento, filha de pai e mãe italianos, Zélia Gattai era, porém, brasileiríssima de Salvador, da Bahia de Todos os Santos e de quase todos os pecados, como Gilberto Freyre disse, em um de seus raros poemas.

A morte de Zélia ocorreu quase sete anos após o desaparecimento de Jorge. Viveram juntos 56 anos. Viram os pais enfrentarem a dura vida de imigrantes, chegando despossuídos de tudo, sobretudo ela, exceto no amor à família e aos seus ideais.

Zélia Gattai começara a vida intelectual como jornalista em São Paulo, quando conheceu Jorge Amado, que se iniciava na arte do romancismo. Casaram-se e juntos enfrentaram longos exílios. Ele, internacionalmente laureado; ela, fiel companheira, a cultivar o talento de escritora para livros futuros. Depois, ambos reconheceriam, em entrevistas à imprensa e à televisão, que foi necessária a insistência de Jorge para Zélia assumir sua própria vocação.

* Artigo publicado no jornal *Zero Hora* (RS), do dia 28 de maio de 2008.

Tinham opiniões políticas muito fortes, sem perder a ternura. Daí o primeiro livro de Zélia, *Anarquistas, Graças a Deus*. Fruto de indignação social e cariz humanístico, obteve êxito imediato, traduzido em muitas línguas, tantas quanto a obra de seu marido.

Após o falecimento de Jorge Amado, Zélia Gattai foi praticamente aclamada para suceder a ele na mesma Cadeira da Academia Brasileira de Letras. Fato extremamente raro, todo o Brasil acompanhou a decisão.

Os triunfos literários, porém, nunca tornaram orgulhosos os Amado. As memórias que Jorge não quis fazer, Zélia as realizou. A literatura brasileira não costumava cultivar o memorialismo. A extensa obra de Zélia Gattai nesse gênero é uma de nossas brilhantes exceções. Antes, somente Gilberto Amado e Pedro Nava tentaram-no e conseguiram, cada qual a sua maneira.

Hoje, contudo, esse gênero vem sendo mais incursionado, o que ajuda a definir nossa identidade de país marcado por enorme diversidade.

Zélia Gattai lega a todos nós uma mensagem de humanismo, confraternização das regiões do Brasil e dos povos de todo o mundo, acima de nossas fronteiras. Muito do memorialismo que escreveu foi em nações distantes, tornadas próximas pelo calor do coração com a luz da inteligência. Tinha sentimentos, porém não ressentimentos.

Jamais escreveu uma palavra amarga, apesar das agruras que passou nos exílios. É essa mulher forte que comemoramos não na morte, e sim na vida de exemplo que nos transmitiu. Enfim, como diz um provérbio latino, *eheu! fugaces labuntur anni*, ou seja, “ai de nós, fugazes desaparecem os anos”.

SESSÃO DO DIA 5 DE JUNHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Ana Maria Machado, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao dar início à primeira parte da sessão, submeteu ao Plenário a ata do dia 29 de maio, que foi aprovada. Deu a palavra ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin para saudar o Senhor Cláudio Lopes de Almeida, que doou à Academia Brasileira de Letras o arquivo do Acadêmico Filinto de Almeida.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou a satisfação de incorporar ao Centro de Memória da ABL o acervo do Acadêmico Fundador Filinto de Almeida, primeiro ocupante da Cadeira 3, hoje pertence ao Acadêmico Carlos Heitor Cony. Lembrou que Filinto de Almeida nasceu no Porto em 1857. Salientou que no ano passado se comemorou o sesquicentenário de seu nascimento e, por contingências, a Academia não pôde viabilizar o

processo da tramitação da doação no ano passado, o que seria mais expressivo em função da data redonda dos 150 anos de nascimento do Acadêmico. Ressaltou que foi o único brasileiro não nato que integrou o quadro de Membros Efetivos da Casa, pelo processo de naturalização que a República facultou aos portugueses a manifestação dos que desejassem manter a sua nacionalidade de origem; os que não se manifestassem passariam a ser automaticamente brasileiros, que foi o caso do Acadêmico Filinto de Almeida. Em parceria com a sua esposa, a escritora Júlia Lopes de Almeida, publicou o romance intitulado *A Casa Verde*, sob forma de folhetim, no *Jornal do Commercio*. Informou que esse precioso acervo hoje se incorpora ao Centro de Memória da ABL graças à generosidade de seu neto, Dr. Cláudio Lopes de Almeida. Pediu que fosse projetado o vídeo do discurso do Acadêmico Filinto de Almeida, como grata surpresa aos familiares.

- O Dr. Cláudio Lopes de Almeida disse que conviveu com Filinto de Almeida, seu avô, até os 14 anos. As coisas que sabe de seu avô são ou foram transmitidas pelo seu pai, ou provenientes de acervos guardados pela Senhora Margarida Lopes de Almeida, que foi uma mulher das artes, escultora, mas que, na realidade, se celebrou como declamadora no mundo todo, principalmente no Brasil, França e colônias portuguesas. Finalizando, salientou que teve muito prazer em doar este acervo à Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a doação e ressaltou que a Academia estará sempre aberta aos familiares do Acadêmico Filinto de Almeida. Fez uma pequena pausa para as despedidas. Ao dar início à segunda parte da sessão, pediu uma salva de palmas para os aniversariantes: Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que aniversaria no próximo dia 10, e para o Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que aniversariou no dia 3. Fez uma comunicação ao Plenário sobre os próximos eventos das quintas-feiras: no dia 26 de junho, a inauguração da Exposição “Machado Vive”, começando com uma sessão cuja oradora será a Acadêmica Nélide Piñon; o aniversário da ABL será comemorado no dia 17 de julho, com a entrega dos prêmios da Academia, sendo orador o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; em setembro, no dia 29, ainda sem horário, haverá a comemoração oficial do centenário

da morte de Machado de Assis, tendo como orador o Acadêmico Eduardo Portella. Pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do discurso do Acadêmico Marco Maciel, pronunciado no Senado Federal, sobre o *Protocolo Modificativo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*. Distribuiu aos Acadêmicos um *e-mail* do Acadêmico Paulo Coelho sobre o problema que ocorreu em torno de sua biografia e pelo fato de a Academia não ter permitido o lançamento de seu livro na Casa. Comunicou que, na última sexta-feira, esteve em São Paulo para participar de reunião na Academia Paulista de Letras, à qual compareceram 20 acadêmicos. Deveria fazer uma palestra sobre Machado de Assis, mas foram tantas as intervenções às quais teve que responder que acabou sendo um grande diálogo entre a Academia Brasileira de Letras e Academia Paulista de Letras. Pediu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva que lesse o parecer do Prêmio ABL de Poesia.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva leu o parecer do Prêmio ABL de Poesia, que propõe a concessão do referido prêmio ao livro *Discurso Urbano*, do escritor Izacyl Guimarães Ferreira. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Lêdo Ivo leu o parecer do Prêmio ABL de Ficção, que propõe a concessão do referido prêmio ao escritor José Alcides Pinto, pela obra *Tempo dos Mortos*. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho leu o Parecer do Prêmio ABL Infanto-Juvenil, que propõe a concessão desse prêmio à obra *O Olho Bom do Menino*, de Daniel Munduruku. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Ivan Junqueira leu o Parecer do Prêmio ABL de Tradução, que propõe a divisão do Prêmio aos tradutores Agenor Soares dos Santos e Leonardo Fróes. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier leu o parecer do Prêmio Francisco Alves, que propõe a divisão do mesmo entre os Professores Paulo Nathanael Pereira de Souza, para contemplar a área da Educação, e a Carlos Eduardo Falcão

Uchoa, para contemplar a área de Língua Portuguesa, com o livro *Ensino da Gramática*.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que, segundo o Regimento Interno da ABL, o Prêmio Francisco Alves deve ser atribuído a uma monografia sobre o ensino fundamental no Brasil ou sobre a língua portuguesa.
- O Presidente colocou em votação o Parecer da Comissão do Prêmio Francisco Alves, que foi aprovado.
- O Acadêmico Moacyr Scliar leu o Parecer do Prêmio Machado de Assis para conjunto da obra com a indicação de três nomes.
- O Presidente submeteu à votação os nomes apresentados pela Comissão. Encontravam-se presentes 23 Acadêmicos. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Lêdo Ivo e Murilo Melo Filho. O Presidente procedeu à votação para a escolha, entre os três candidatos apresentados, e o nome sufragado pelo plenário foi do escritor Autran Dourado.
- O Presidente declarou, oficialmente, que o Prêmio Machado de Assis de 2008 será concedido ao escritor Autran Dourado.
- O Acadêmico Ivan Junqueira apresentou um breve relato da sua viagem a Lisboa, onde, a convite da Faculdade de Letras da Universidade da capital Portuguesa, fez para os alunos de licenciatura na disciplina de Literatura Brasileira duas palestras sobre Machado de Assis, intituladas: “Uns braços: nenhum abraço”, onde abordou a contística de Machado de Assis. No dia seguinte, falou sobre Machado de Assis cronista, para os alunos de pós-graduação no Seminário de Literatura Brasileira. Relatou que a presença a estas conferências, seguidas de debates, estava em torno de 30 a 40 pessoas, incluindo o Embaixador junto a CPLP, Lauro Moreira, que tomou a palavra para dizer o que está sendo feito em prol da divulgação das obras de Machado de Assis em Portugal. Declarou ter sido obrigado a concordar com ele no que diz respeito ao trânsito limitado de Machado de Assis entre os leitores portugueses. Acrescentou que Machado de Assis pertence às grades curriculares, mas isto não significa que esteja sendo lido em Portugal como

o deveria. Declarou que o depoimento do Embaixador Lauro Moreira foi algo doloroso e profundamente verdadeiro, quando abordou o problema de pouca divulgação de Machado em Portugal. Agradeceu às Professoras Vânia Chaves e Clara Rowland, que o introduziram junto ao alunado português, conseguindo reunir um público expressivo do ponto de vista universitário. Acredita que as palestras até certo ponto despertaram algum interesse, porque, nos debates, foram feitas perguntas bastante instigantes e cabíveis; todos sabiam que esta Academia se empenha, de uma maneira notável, na comemoração do centenário da morte do grande patrono desta Casa. Comunicou, ainda, ter participado da 78.^a Feira Internacional do Livro de Lisboa que esteve quase por não acontecer. Discorreu sobre a briga entre a Associação Portuguesa dos Editores de Livros e a União de Editores Portugueses. Esclareceu que esta União está inteiramente dominada por um empresário, Sr. Miguel Paes do Amaral, presidente do grande grupo Leya, que acabou de comprar 17 editoras entre 2007 e 2008, e lança anualmente no mercado português cerca de 80 milhões de livros. Disse que esteve na abertura e nos dois dias que se seguiram, com um público realmente muito grande. Comentou, a seguir, uma opinião colhida junto a intelectuais, professores, transeuntes, gente de loja e de restaurante sobre o repúdio intensíssimo do povo português à implantação do Acordo Ortográfico. Declarou ter tido a impressão de que 80% da população portuguesa são contra o acordo, mas não sabe muito bem do que se trata. Há uma confusão muito grande no que seja língua portuguesa e a representação escrita da língua. Ressaltou tratar-se de um conservadorismo alarmante. Foi informado de que se pretende levar à Assembléia da República um abaixo-assinado popular de repúdio à implantação do acordo que já tem quarenta e cinco mil assinaturas. Acrescentou ser isso uma constatação um tanto surpreendente, mas talvez nem tanto a partir do instante em que se conhece essa posição de reação do povo português a qualquer acordo em que o Brasil tenha tido um papel muito importante. A seguir, pediu permissão ao Presidente para propor um voto de pesar pelo falecimento do escritor José Alcides Pinto, indicado para o Prêmio ABL de Ficção de 2008, que morreu vítima de atropelamento por uma moto no dia 3 do corrente, às vésperas de receber um prêmio com o qual tanto

sonhou. Lembrou que conheceu José Alcides Pinto em 1995, apresentado pelo escritor cearense Floriano Martins, e passaram a se corresponder muito intensamente, e sempre que vinha ao Rio, sozinho ou com sua filha Jamaica, ia à sua casa, estabelecendo-se entre eles uma profunda relação de amizade e de admiração, que se traduziu num ensaio que escreveu sobre Alcides Pinto, publicado pela primeira vez em *Fúrias do Oráculo*, antologia da obra de Alcides que saiu em 1999. Como nos textos escritos o que se tenta dizer sobre os outros se apresenta de uma forma mais cristalizada e definitiva, leu um pequenino texto desse ensaio para que os Acadêmicos que não conheceram o autor avaliassem a dimensão da perda recentemente ocorrida. Discorreu sobre a obra literária de José Alcides Pinto, que é imensa, e a partir dela passou a ser conhecido, sobretudo no Ceará, como um dos raros autores malditos da literatura brasileira em virtude de sua índole transgressora. Lembrou alguns dos seus livros que lhe parecem capitais, como: *Cantos de Lúcifer* (1954), *Acarauá – Biografia do Rio* (1979), *O Dragão* (1964), *O Criador de Demônios* (1967), *Estação da Morte* (1968), *Verdes Abutres da Colina* (1974) e a célebre *Trilogia da Maldição*, que reúne *O Dragão*, *Verdes Abutres da Colina* e *João Pinto de Maria* (1999) e *Tempo dos Mortos* (2007), romance a que o Acadêmico Lêdo Ivo se referiu e com o qual receberia o Prêmio de ABL de Ficção.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier disse que tem acompanhado pela imprensa portuguesa o que está se passando em relação à reação ao Acordo Ortográfico. Tem verificado um dado estratégico, de suma importância, que depois da exposição do Acadêmico Ivan Junqueira, se pode também refletir a respeito. Portugal, durante muitos anos, como parte de sua política colonialista, impôs às nações africanas toda a sua cultura, não só a língua, mas a cultura de um modo geral. Editoras portuguesas praticamente impuseram, sobretudo em Moçambique e em Angola, uma sucessão de obras didáticas, incluindo dicionários, com aquele aspecto natural do que é a representação escrita da língua portuguesa naquelas plagas. Há uma orquestração para reagir ao Acordo por parte desses editores, sob a alegação de que o Brasil tem o maior interesse no mercado português, sobretudo moçambicano e angolano, porque algumas das maiores editoras de didáticos do nosso país já estão

adquiridas por grupos financeiros espanhóis. Não se pode ser ingênuo a ponto de considerar que o povo português não entendeu o nosso desejo, que vem de tantos anos, de querer uma língua unificada. O que existe é um interesse comercial de não perder o mercado, com o medo de que esse mercado seja incorporado aos haveres dessas grandes editoras de São Paulo, com capitais espanhóis, que já estão preparando dicionários para também invadir a África. Acha importante estar alerta a respeito disso, porque é desconfortável ler num jornal de Lisboa comentários sucessivos de agressão ao Brasil, achando, inclusive, que o trabalho do Acadêmico Antônio Houaiss constitui um conjunto de bizarrices, além de erros e equívocos. Há um interesse comercial por trás dessa manifestação de resistência aos postulados do Acordo e, por trás disso tudo, existe o interesse comercial do mercado africano, porque faltou dizer que os governos, mesmo depois da independência daqueles países, continuaram a comprar das mesmas editoras portuguesas. Os livros de Portugal continuam sendo vendidos nos países da África de fala lusófona, da mesma forma como antes, quando eram colônias de Portugal. Finalizando, disse que não é uma manifestação popular de baixo para cima; é, na verdade, um interesse comercial, de cima para baixo.

- O Acadêmico Ivan Junqueira salientou que a observação do Acadêmico Arnaldo Niskier é absolutamente procedente, mas que não existe apenas um movimento de cima para baixo; existe também um movimento de baixo para cima, porque as pessoas do povo, com as quais conversou, não estão suficientemente informadas do que pretendem os editores e os livreiros de Portugal.
- A Acadêmica Ana Maria Machado salientou que o Acadêmico Arnaldo Niskier levantou uma questão importantíssima e que é bom ter em conta. Há três dias soube por um editor brasileiro que, considerando também os livros didáticos, atualmente 70% dos livros vendidos no Brasil são de uma editora só e, embora se apresentem com selos diferentes, pertencem ao mesmo grupo espanhol. São presenças muito fortes, concentradoras e representantes desses grupos, que estão se sentando à mesa para elaborar a formulação de políticas dentro das comissões e dos comitês que orientam a política de livro didático. Discursou sobre sua participação na Feita do Livro

de Lisboa, que tinha muito público, mas estava muito desorganizada. O *stand* brasileiro montado pela Biblioteca Nacional estava muito bem feito e bem cuidado, e nele participou de encontros e conversas com crianças. A Acadêmica relatou também que fez uma conferência sobre Machado de Assis, representando a Academia, na abertura de um ciclo de palestras organizado pela Missão Brasileira à Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa. O tema foi *Machado de Assis: Diálogos*. Foi num pequeno auditório na própria Missão, estava lotado, e vários embaixadores estavam presentes, a começar pelo anfitrião, Embaixador Lauro Moreira. A participação do público foi boa com várias perguntas ao final.

- O Presidente Cícero Sandroni ressaltou a importância da presença do Acadêmico Ivan Junqueira e da Acadêmica Ana Maria Machado em Lisboa, participando de várias atividades em defesa da língua e da literatura nacional. Ressaltou que isso faz parte da missão da Academia Brasileira de Letras, ou seja, enviar Acadêmicos para um país irmão que está com esse problema do Acordo Ortográfico praticamente resolvido, mas com todos os problemas econômicos e comerciais que não são apenas de Portugal, como disse a Acadêmica Ana Maria Machado, mas também do Brasil. Ressaltou que os capitais espanhóis estão dominando várias editoras; no Brasil a editora Santilhano, que tem uma série de selos, está ligada ao jornal *El País* e ao Banco Santander. É um problema comercial, financeiro, que vem da globalização e sua mistura de capitais. Sua impressão pessoal sobre o destino do Acordo Ortográfico é de que, sendo o Brasil um país que se aproxima de 200 milhões de habitantes e tem uma vocação de grande potência, não vê muita inteligência das editoras portuguesas. No momento em que aderirem ao Acordo Ortográfico vão poder continuar atuando em Moçambique, Angola, Cabo Verde e Timor Leste da mesma maneira que o Brasil, e aí entra o problema da competência, que é tão elogiada no sistema capitalista.
- O Acadêmico Evanildo Bechara ressaltou que tem ouvido muitas críticas ao Acordo em virtude de nele haver muitos erros, muitos enganos e muitas impropriedades. É preciso ressaltar que este Acordo repete 80% do Acordo de 1945, que é o Acordo que vigora em Portugal e se o Brasil está neste Acordo

é porque fez muito mais cedências do que os portugueses. Se computarmos, comparando o Acordo de 45, que é o que vigora em Portugal, com o de 43, que é o do Brasil atual, vamos ver que o Brasil cedeu muito mais em favor da unificação do que Portugal. Nós perdemos vários acentos diacríticos, engolimos duas flexões de formas verbais que não ocorrem na tradição culta do Brasil, absorvemos uma simplificação, que é o único ponto aceitável do Acordo, no emprego do hífen, mas aceitamos muitas exceções e duplicidades que poderiam ser simplificadas. Salientou que vê na crítica ao Acordo exclusivamente o lado comercial, e não o lado científico, porque isto é passar um atestado de ignorância a uma equipe muito valiosa da Academia das Ciências de Lisboa e uma equipe do Brasil, chefiada por um Acadêmico de um talento e de uma cultura como Antônio Houaiss. Do ponto de vista científico, acha que não há erros, há apenas a má vontade, em virtude de, se confirmada a unificação, o Brasil se aproximar desse monopólio de que falamos na sessão. Do ponto de vista científico, este Acordo já assinado e aprovado em algumas instâncias governamentais tem os seus enganos, os seus erros, como todos os acordos ortográficos. Ressaltou que um Acordo Ortográfico não é feito para a geração que o promove, mas para as gerações posteriores. É pena que a língua portuguesa perca esse momento histórico de acertar o passo com as línguas cultas do mundo, que são faladas em diversas regiões, mas são escritas da mesma maneira. De modo que essa intransigência incontestavelmente fará com que o Brasil e Portugal percam o trem da História.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier ressaltou que dessas leituras sistemáticas sobre o que a imprensa portuguesa anda a falar, há um pormenor que lhe parece essencial, inclusive para a Academia Brasileira de Letras. Declarou estar na moda perguntar: como vai haver um Acordo Ortográfico sem que antes se imprima o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*? Primeiro, haveria de existir o *Vocabulário Ortográfico*, tanto aqui quanto lá, para que depois então se fizesse a implementação do Acordo. Como aqui no Brasil já se tem o *Vocabulário Ortográfico* em pleno vigor e com sucessivas edições, tem a impressão de que talvez fosse um bom momento para adaptá-lo rapidamente aos ditames do Acordo, para que esse argumento morresse na origem.

- O Presidente Cícero Sandroni disse que a quinta edição do *Vocabulário Ortográfico*, já que a quarta está esgotada, será com base no novo Acordo Ortográfico.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que, quando chegou a Portugal pela primeira vez, e lá viveu de 1960 a 1963, os autores mais lidos e mais vendidos eram brasileiros: não havia um só escritor português, exceto Eça de Queiros e Camilo Castelo Branco, que tivesse as tiragens de José Lins do Rego, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e outros. O público português não tinha interesse por Machado de Assis; o interesse dos leitores se concentrava nos autores brasileiros que discrepavam dos costumes portugueses.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva mais este acréscimo de informações sobre a situação da literatura brasileira em Portugal. Registrou a alegria e a satisfação da concessão do Prêmio Machado de Assis ao escritor Autran Dourado, um grande autor, um grande romancista que merece este prêmio. Nada mais havendo que tratar, deu por encerrada a sessão.

SESSÃO DO DIA 12 DE JUNHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 5 de junho de 2008, que foi aprovada por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ariano Suassuna, que aniversaria no próximo dia 16. Pediu permissão ao plenário para inverter a ordem da sessão e deu a palavra ao Acadêmico Antônio Olinto para falar, no Capítulo das Efemérides, sobre Otávio de Faria.
- O Acadêmico Antônio Olinto salientou que, num ano de tantas comemorações como as dos centenários de morte de Machado de Assis, de nascimento de Guimarães Rosa, de Luís Vianna Filho e de um dos melhores romancistas deste país, Otávio de Faria (1908-1980), torna-se urgente um levantamento da arte da ficção brasileira, como parte de um movimento geral de cultura que justifique a existência de um povo. Acrescentou que um romance como

O Senhor do Mundo, de Otávio de Faria, é um livro – mesmo tomado individualmente, como conjunto separado da *Tragédia Burguesa* – daqueles que honram qualquer literatura. (Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antônio Olinto a lembrança do grande romancista e Acadêmico Otávio de Faria. Salientou que esse grande escritor, no centenário de seu nascimento, não poderia ser esquecido. Lembrou que no mês de julho haverá uma conferência especial sobre o grande romancista a cargo do Acadêmico Eduardo Portella. Passando às comunicações da Diretoria, informou o recebimento da carta da Embaixatriz Michèlle Corrêa da Costa, com o discurso do Embaixador José Maurício Bustani e um CD Rom da apresentação do livro do saudoso Acadêmico Sergio Corrêa da Costa na Maison de l'Amérique Latine. Encaminhou também a 2.^a edição da versão francesa do último livro *Crônica de uma Guerra Secreta*, que saiu na França, no mês de abril passado, sob o título *Le Nazisme en Amérique du Sud – Chronique d'une Guerre Secrète 1930-1950*, e duas importantes resenhas sobre a obra. Informou que recebeu dois *e-mails*: o primeiro do Presidente da Fundação Quixote, Cinéas Santos, informando que o sucesso da 6.^a edição da SALIPI (Salão do Livro de Piauí), deveu-se, em grande parte, ao brilho dos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e Evanildo Cavalcante Bechara. O segundo *e-mail* era da Senhora Kathrin Rosenfileld para agradecer a hospitalidade da Academia. Finalizando, comunicou que recebeu uma carta do Senhor Agenor Soares dos Santos, manifestando seu desvanecimento pela honra que representou a concessão do Prêmio ABL de Tradução. Recebeu comunicações de condolências pelo falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, recebeu do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, da Assembléia do Estado da Bahia, e um ofício do Senador Garibaldi Alves Filho, no qual participa que o Senado Federal, por requerimento do Senador e Acadêmico José Sarney, inseriu, em Ata da Sessão de 26 de maio do corrente, Voto de Pesar pelo falecimento da escritora Zélia Gattai Amado. (O texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). Do Tribunal de Contas

da União também recebeu cópia do pronunciamento feito pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, na sessão extraordinária da Primeira Câmara, manifestando pesar pelo falecimento da Acadêmica Zélia Gattai. Discorreu sobre o seu contentamento em ver o Teatro R. Magalhães Jr. repleto de crianças e jovens para assistir a peças curtas de Artur Azevedo. Registrou a sua alegria ao ver as crianças rindo e se manifestando com interesse. Colocou em votação a proposta da concessão da Medalha João Ribeiro à Senhora Lília Moritz Schwarcz, que foi aprovada. Passou a apresentação dos Pareceres dos Prêmios ABL de Ensaio, História e Ciências Sociais e Cinema.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida leu o parecer do Prêmio ABL de Ensaio, que propõe a concessão do referido prêmio ao livro *1808*, do escritor Laurentino Gomes. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony leu o Parecer do Prêmio ABL de Cinema, que propõe a concessão do prêmio a Jurandir de Oliveira, pelo roteiro do filme *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. O Presidente submeteu o Parecer ao Plenário, que o aprovou.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho leu o Parecer do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais. Após criterioso exame da produção bibliográfica do ano, decidiu-se que o prêmio não deve ser concedido.
- O Presidente Cícero Sandroni lembrou que os prêmios deste ano serão entregues na sessão do dia 17 de julho, quando se comemorará o centésimo décimo primeiro ano de fundação da Academia Brasileira de Letras, sendo o orador, na ocasião, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho deu ciência ao Plenário que, convidado pelos Srs. Júlio César Machado e Osmar Casagrande, Presidente e Diretor da Fundação Cultural do Estado do Tocantins, esteve na Cidade de Palmas, onde foi recebido pela Academia Tocantinense de Letras e proferiu, para os estudantes da Universidade Federal, conferência sobre a ABL e o seu livro *Testemunho Político*. (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.)

- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pela sua disposição de viajar em nome da Academia Brasileira de Letras. Informou que recebeu a vigésima primeira inscrição para a Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Trata-se da escritora Palmerinda Vidal Donato. Informou que mandou distribuir uma cópia da carta da professora Cleonice Berardinelli inscrevendo-se à Cadeira 23 e outra retirando a candidatura. Considera ambas as cartas uma pequena jóia da correspondência que a Casa tem recebido, sublinhando a delicadeza de sentimentos e a maneira elegante com que a professora se inscreveu e depois retirou a inscrição.
- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou o lançamento da obra *O livro das Emoções*, do escritor e diplomata João Almino, que está fazendo uma bela carreira literária com romances como *Idéias para onde Passar o Fim do mundo*, indicado ao Prêmio Jabuti e ganhador do Prêmio do Instituto Nacional do Livro e do Prêmio Candango de Literatura; *Samba-Enredo* e *As Cinco Estações do Amor*, que recebeu o Prêmio Casa de las Américas 2003. Salientou que João Almino é um escritor que está colocando Brasília no mapa literário do Brasil, porque, pela primeira vez, um escritor usa a Capital Federal como cenário de uma ficção, e nesse sentido é um escritor inovador, que merece o reconhecimento desta Casa.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Moacyr Scliar a entrega do livro do Diplomata João Almino à Biblioteca Rodolfo Garcia.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que a Prefeitura do Rio de Janeiro começou a comemorar o Ano Machado de Assis. A primeira conferência será feita na Biblioteca Machado de Assis sobre o tema *O Ciúme em Shakespeare e em Machado de Assis*. Essa conferência será publicada pela Prefeitura.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a comunicação do Acadêmico Antonio Olinto a propósito da programação comemorativa do centenário da morte de Machado de Assis e declarou que o mundo todo está festejando Machado de Assis e convidando a Academia para participar destas comemorações. Informou aos Acadêmicos que a Academia tem convite do

Embaixador Bustani, para ir a Paris, em setembro, e está organizando uma semana Machado de Assis e Guimarães Rosa; recebeu também convites para Madri e Roma, onde também serão realizadas festividades em torno de Machado de Assis, e considera importante que a Academia se faça representar nestas comemorações. Em novembro haverá em Lisboa o encontro anual da Academia Brasileira de Letras com a Academia das Ciências de Lisboa, mas até o momento o Presidente Adriano Moreira, sempre tão atento, não enviou os temas que serão discutidos na ocasião.

- O Presidente Cícero Sandroni, antes de encerrar a sessão, convidou os presentes para a mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Evânildo Cavalcante Bechara, no Salão Nobre da Academia, com a participação dos Professores Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Ricardo Cavaliere e Rosalvo do Valle. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

O SENHOR DO MUNDO

*Estudo do Acadêmico Antonio Olinto**

Um ano de tantas comemorações (centenário de morte de Machado de Assis, centenário de nascimento de Guimarães Rosa, o de Luís Vianna Filho e o de um dos melhores romancistas deste país: Otávio de Faria) exige um levantamento da arte da ficção brasileira como parte de um movimento geral de cultura que justifique a existência de um povo.

Um romance como *O Senhor do Mundo*, de Otávio de Faria, nos põe dentro da obra de arte no seu mais alto sentido. As proporções do livro — mesmo tomado individualmente, como conjunto separado da *Tragédia Burguesa* — são das que honram qualquer literatura. E somos, logo de início, obrigados a falar do “esquema” e do “não-esquema” em romance. Poucos escritores contemporâneos, de qualquer país, terão como Otávio de Faria, um esquema tão fundo e tão vasto. *Tragédia Burguesa* é composto pelos romances: *Mundos Mortos* (1936), *Os Caminhos da Vida* (1939), *O Lodo das Ruas* (1942), *O Anjo de Pedra* (1944), *Os Renegados* (1947), *Os Loucos* (1952), *O Senhor do Mundo* (1958), *O Retrato da Morte* (1961), *Ângela, ou As Areias do Mundo* (1963), *A Sombra de Deus* (1966), *O Cavaleiro da Virgem* (1970), *O Indigno* (1973) e *O Pássaro Oculto* (1979). Publicou ainda os ensaios como *Cristo e César* (1937), *Fronteiras da Santidade* (1940), *Dignificação do Faroeste* (1952), *Pequena Introdução à História do Cinema* (1964), *Novelas da Masmorra*

* Apresentado no Capítulo das Efemérides na sessão do dia 12 de junho de 2008.

(1966) e a peça teatral “Três à sombra da cruz” (1939). Contudo, no desenrolar de seus planos de narrativa, ninguém parece mais afastado de um esquema do que ele.

O Senhor do Mundo faz parte de uma das muitas correntes, paralelas ou trançadas, que percorrem a *Tragédia Burguesa*. É a que tem o nome de *Os Caminhos da Santidade* e começou no quarto romance da série, *O Anjo de Pedra*. No final do volume, quando Padre Luís chega ao ponto máximo de sua provação, ficamos sabendo que essa vereda particular do mundo criado por Otávio de Faria terá uma continuação, no décimo segundo romance do esquema, *O Indigno*. O caráter sinfônico – não apenas no sentido musical, mas também no de padrões que se cortam, que se afastam, que se buscam da *Tragédia Burguesa* contribui para eliminar, ainda mais, as dissimulações desse tempo particular a que pertence a ficção e onde as seqüências de acontecimentos se encadeiam num plano de criação em que o previsível, do ponto de observação em que se coloca o romancista, não prescinde do livre-arbítrio de seus personagens.

Cada participante de *O Senhor do Mundo* é uma pessoa, com problemas particulares que interessam ao romancista, mas, ao mesmo tempo se integra num plano geral em que só os destinos contam. Padre Luís vive ligado a muitas vidas e delas faz motivo de todos os seus atos. O que deseja é salvar almas e, por isso, já desvia o romancista o curso do chamado romance “neutro”, em que a descrição procura cingir-se a um trabalho de câmara cinematográfica, que mostra apenas, sem opinião, sem intervenção. Desde o problema de Arnaldo, está o padre envolto em destinos e neles tentando intervir. O cerne do romance, porém, é Reni, uma grande criação particular do mundo geral de Otávio de Faria. A menina que sabe que vai morrer e que tem muito daquela ingenuidade demoníaca dos livros de Dostoiévski, deixa no romance a mais funda marca. Os outros, Alfredo, Franco, Dona Ana, os padres do patronato, são destinos também e o romancista não os abandona de todo, mas é no Padre Luís e em Reni que se concentra. A luta é entre os dois. O conflito (pois é de conflito que se trata, conflito da mais antiga espécie, daquela que os gregos percebiam e que o Cristianismo desenvolveu no conceito do pecado), o conflito é o da condenação contra o que tenta salvar.

Essa identificação chega a tal ponto que Otávio de Faria tem a coragem de fazer uma coisa que amedronta a maioria dos romancistas contemporâneos: entrar no romance e dele participar, como autor, como homem. De vez em quando, o destino de sua gente lhe toca tão de perto que o narrador com ele se confunde. No momento em que Reni chega ao fim do caminho, o romancista penetra afoitamente no romance: “Ainda a vejo nesse instante de pensamento. Ainda a vejo, enfim liberta dos inúteis cuidados e das dúvidas atrozes, pobre ser abandonado, flor de pecado, tentação e maldade. Ainda te vejo, sim, minha pequena doentia Reni, e me pergunto (ao te ver, pouco depois, coberta de lírios que são mentiras vivas no teu corpo que é pecado e só pecado), ainda me pergunto que estranho destino trouxe para o teu sangue, originariamente puro, esse tremendo veneno que à tua volta destruiu toda serenidade e toda alegria, manchando com o negror da indelével calúnia o que de mais claro havia nas águas das fontes onde bebias? Sim, ainda te vejo, minha pequena e tormentosa Reni, pranteada como uma mártir, acreditada sob palavra, e minha vista ainda se embaça ao evocar o teu vulto, insatável e evanescente. E a madrugada virá e o sol iluminará o teu quarto, e muitas outras madrugadas virão e em cada uma delas o sol tornará a iluminar o teu e o meu quarto, antes que me seja dado colocar em termos claros e inequívocos o mistério irremovível de tua natureza... A fraqueza humana? O simples pavor do ‘único animal que sabe que tem de morrer’? Ou, unicamente, essa realidade singular: o demônio – a presença dissimulada do Senhor do Mundo?”

Num romance como *O Senhor do Mundo* a linguagem deixa de ter tanta importância. E volto a pensar em Tolstói, não que Otávio de Faria escreva mal. O que acontece é que as manipulações técnicas desaparecem diante da grandeza – pequena e misericordiosa grandeza – do livro. Os elementos de composição, as distorções e os exageros, que aparentemente não existiam em Tolstói, também faltam a Otávio de Faria. Seus olhos de escritor estão postos muito longe e não podem pensar em recursos exclusivamente literários. Até que *O Senhor do Mundo* faz alguns torneios no tempo e, com a inclusão do caso de Arnaldo, provoca um como que contraponto. Nada disso, porém, conta. O que importa é a superação do inútil que esse estranho romancista consegue promover em seu livro, construindo, sem os falsos conceitos de construção, a mais séria obra de ficção da literatura brasileira contemporânea.

PESAR NO SENADO FEDERAL

*Palavras do Acadêmico José Sarney**

Zélia tinha mais de sessenta anos quando estreou como escritora. E que estréia nós vimos! *Anarquistas Graças a Deus* é um marco na história da nossa memorialística: ao mesmo tempo um depoimento histórico e pessoal, nenhum outro o iguala no bom humor e na vivacidade da ousadia da jovem filha de imigrantes italianos que vêm ao Brasil fazer a aventura do sonho anarquista e da esperança no trabalho. E tendo estreado, Zélia nunca mais parou de escrever.

Mas não quero contar agora a história da escritora que todos conhecemos muito bem e que nos honrou ao substituir seu marido na Cadeira de Machado de Assis.

Quero apenas dizer da minha imensa saudade, da falta que fará a todos nós, lamentar a perda do Brasil e também a minha perda pessoal. Só para ilustrar como ela era importante para mim, conto que a convidei para ser Ministra da Cultura, quando fui Presidente da República; e, quando escrevi *O Dono do Mar* e *Saraminda*, Zélia foi uma das pessoas a quem entreguei para ler os originais.

Zélia e Jorge fazem parte do meu universo sentimental e fazem uma imensa falta.

* Na sessão plenária do Senado Federal, pedindo inserção em ata de um voto de pesar pelo falecimento da escritora Zélia Gattai Amado.

Sr. Presidente, eram essas as minhas palavras na tarde de hoje. Quero também comunicar à Mesa que apresentei, para ser votado pela Casa, um voto de pesar pelo falecimento de Zélia Gattai, o que deverá ser comunicado à família para demonstrar esse sentimento do Senado brasileiro. Muito obrigado a V. Ex.^a por sua tolerância e pela tolerância do colega que está inscrito.

ACADEMIA TOCANTINENSE DE LETRAS

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Na semana passada, fiz uma longa viagem à Cidade de Palmas, no Estado do Tocantins, onde atendi a um convite da Fundação Cultural e da Secretaria Estadual de Educação, para ali falar sobre o Centenário de Machado de Assis e sobre o aniversário no próximo dia 17 de julho, conforme V. Ex.^a já comunicou a este Plenário.

Tive um agradável encontro com os escritores e poetas daquela longínqua região do país, reunido na Academia Tocantinense de Letras, justamente no dia em que a jovem e pioneira cidade de Palmas festejava os seus 19 anos de fundação.

Recebi um tratamento principesco, Senhor Presidente, com um carinho e uma hospitalidade, simplesmente comovente.

Deixei com todos os acadêmicos de Tocantins uma sugestão, que logo aceitaram e muito agradeceram, para que pleiteassem junto ao governo do Estado

* Proferidas na sessão do dia 12 de junho de 2008.

a doação de um dos milhares de lotes e de áreas ainda vazias e livres, onde pudessem construir a sede própria da sua Academia.

E fizeram eles questão de agradecer também a nosso esforço físico de estarmos ali presentes, inaugurando com eles um intercâmbio cultural que muito os honra, dignifica e enobrece.

Muito obrigado.

SESSÃO DO DIA 19 DE JUNHO DE 2008

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, estiveram presentes os Acadêmicos: Ivan Junqueira, Secretário-Geral, Alberto da Costa e Silva, Primeiro-Secretário; Nelson Pereira dos Santos, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sérgio Paulo Rouanet; Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Ana Maria Machado, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Domício Proença Filho, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marcos Vinícios Vilaça, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Cícero Sandroni, ao iniciar a sessão, submeteu à discussão do Plenário a Ata do dia 12 de junho de 2008, que foi aprovada por unanimidade. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que aniversaria no próximo dia 30.
- O Presidente Cícero Sandroni comunicou que, na próxima quinta-feira, dia 26 de junho, às 17h30min, se realizará a solenidade de inauguração da Exposição “Machado Vive!”, com discurso da Acadêmica Nélide Piñon. Neste dia não haverá sessão plenária. Distribuiu ao Plenário a carta da Universidade de Oxford, datada do dia 10 de junho de 2008, respondendo à correspondência da Academia Brasileira de Letras, do dia 15 de abril. Por ser uma carta que deixa a Academia sem condições de prosseguir os entendimentos

com a Universidade, submeteu ao Plenário minuta da carta resposta, preparada pelo Secretário-Geral, Acadêmico Ivan Junqueira, e pelo Presidente para ser aprovada.

- Fizeram observações sobre a carta de Oxford os Acadêmicos Ivan Junqueira, Alberto Venancio Filho, Alberto da Costa e Silva e Arnaldo Niskier.
- Após algumas sugestões, o Presidente distribuiu a resposta à carta de Oxford aos Acadêmicos, pedindo-lhes que fizessem as observações necessárias para serem discutidas na próxima sessão.
- O Presidente distribuiu folheto com as atividades culturais do ano de 2008, não só para a divulgação, mas também para mostrar às empresas que patrocinam o que a ABL está fazendo pela cultura brasileira, uma vez que todas as atividades são absolutamente gratuitas. Essas empresas contribuíram para a manutenção do teatro, especialmente a Petrobras, que estava comprometida em financiar a reforma do mesmo. Em função de todos os problemas, como a greve do Ministério da Cultura, não foi possível obter esse financiamento. A Petrobras, por interferência direta do então Presidente da Casa, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, concordou em fornecer uma verba para a manutenção do teatro. O Bradesco financia o Seminário “Brasil, brasis”, e o BNDES está financiando, com quase cento e cinqüenta mil reais, a exposição “Machado Vive!”, em homenagem ao centenário de morte do escritor. Informou ainda que a TAM está fornecendo passagens para o deslocamento dos acadêmicos, não só para o exterior como também para os vôos domésticos, mais uma vez por influência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida propôs fazer um ensaio na Academia Brasileira de Letras sobre um aspecto fundamental da obra de Machado de Assis, que é o instinto da nacionalidade. Considera esse tema de grande dimensão política e histórica, e gostaria de dar essa contribuição para o Ciclo de Conferências da Casa.
- O Presidente Cícero Sandroni registrou a carta do poeta Leonardo Fróes, agradecendo a concessão do Prêmio ABL de Tradução, que o recebeu

juntamente com o tradutor Agenor Soares dos Santos. Informou que a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás enviou correspondência relatando a proposição de autoria do Deputado Ozair José, lamentando a perda da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Lembrou que, amanhã, dia 20 de junho, se realiza a Missa de 30.º dia do falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, na Igreja de Santa Luzia, às 11h. Informou que Paloma Amado não poderá comparecer.

- O Acadêmico Antônio Olinto falou sobre a Missa, realizada na Bahia pelo 30.º dia do falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, e salientou a beleza de tambores tocando lá fora, porque, tanto na Bahia como na Nigéria, o tambor é um instrumento religioso. Lembrou que o dia 21 de junho é o dia do nascimento de Machado de Assis e, nessa ocasião, a Prefeitura reinaugura a Biblioteca Machado de Assis, em Botafogo, onde proferirá conferência sob o título “O ciúme em Shakespeare e Machado de Assis.”
- O Presidente agradeceu as informações do Acadêmico Antônio Olinto e a sua disposição de viajar à Bahia e representar a Academia na Missa de 30.º dia do falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva registrou a visita, na Academia Brasileira de Letras, onde foram recebidos por ele e o Presidente Cícero Sandroni, de três professores da Brown University e do Diretor da Biblioteca John Carter Brown, daquela Universidade, que é uma das mais ricas em matéria de livros da época colonial das Américas. Visitaram todas as instalações da ABL, demorando-se nas duas bibliotecas, e disseram, no fim da visita, que foi esta a instituição que mais os impressionou, pela organização, pela natureza do trabalho que fazia e pela qualidade de suas instalações. Registrou que foi uma visita muito interessante e ficaram de preparar um projeto de convênio com a ABL, a fim de que a Casa facilite o acesso de seus arquivos para eventuais pesquisadores da Brown University e, também, na troca de informações sobre livros antigos das duas bibliotecas.
- O Acadêmico Moacyr Scliar, sobre o mesmo assunto, lembrou que foi professor visitante na Brown University e ressaltou que existem poucas

universidades que se dedicam tanto à cultura brasileira quanto a Brown University.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que o professor Thomas Skidmore lecionou na Brown University até se aposentar. Grande estudioso da cultura e da história brasileira, publicou vários livros sobre o Brasil e foi realmente um pioneiro dos estudos brasileiros nos Estados Unidos.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin manifestou seu júbilo pela presença da obra de cinco acadêmicos entre os 50 livros semifinalistas do Prêmio Portugal Telecon. Entre mais de 400 obras, houve uma triagem, por votação de críticos e professores de todo o país, e nada menos do que 10% desse contingente, pertence aos Acadêmicos Ivan Junqueira, Alberto da Costa e Silva, Moacyr Scliar, José Murilo de Carvalho e Lygia Fagundes Telles.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelo seu olhar sempre atento de bibliófilo e pesquisador da vida literária brasileira.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier informou que teve a oportunidade de assistir a um debate do qual participaram os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Sergio Paulo Rouanet e o Professor Cláudio Murilo Leal, no Shopping Leblon, sobre Machado de Assis. Ficou empolgado com o interesse do público que lotou a platéia e o andar térreo, onde foi colocado um telão. Ressaltou que é sempre um aprendizado ouvir falar de Machado de Assis e que foi uma sessão histórica, pelas revelações trazidas a público pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet a respeito da infância do autor, que não é muito conhecida. Da mesma forma, o Embaixador Alberto da Costa e Silva foi muito aplaudido, porque, com muito bom humor e com a ironia típica do próprio Machado de Assis, fez uma digressão muito profunda a respeito do que Augusto Meyer escreveu sobre o autor. Esclareceu que o debate foi uma promoção do Jornal *O Globo* e ganhou a noite tendo ouvido o que ouviu dos confrades e também do poeta Cláudio Murilo Leal.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou a excepcional publicação do Caderno *Prosa & Verso* do jornal *O Globo* do último domingo, dedicada a Machado de Assis, onde as esplêndidas reportagens com os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Sergio Paulo Rouanet são da maior importância.
- O Presidente Cícero Sandroni salientou que foi uma grande cobertura que obteve a Academia por influência dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Alberto da Costa e Silva e a parte da entrevista do funcionário Alexei Bueno. A repercussão do jornal *O Globo* de hoje mostra o que foi esse momento tão importante ressaltado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Presidente convidou os presentes para o lançamento dos livros *Sonetos*, de Guilherme de Almeida, e *Clarice: Fotobiografia*, de Nádia Battella Gotlib, além de *Sol e Terra – Sinfonia do Desbravador*, de Daisaku Ikeda, Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras. Nada mais havendo que tratar, deu por encerrada a sessão.

DIA 26 DE JUNHO – NÃO HOUVE SESSÃO PLENÁRIA – PORTANTO NÃO TEVE ATA.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVIII – N.º 01

Em 10 de janeiro de 2008

NOTÍCIA DA ACADÊMICA ZELIA GATTAI AMADO – No dia 4 de janeiro, a Acadêmica Zélia Gattai Amado recebeu em sua casa o Embaixador da Itália no Brasil, Michele Valensise, que entregou à escritora o título máximo de Grande Ufficiale dell’Ordine della Stella della Solidarietà Italiana, conferido pelo próprio presidente italiano, Giorgio Napolitano.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Comemorase amanhã, dia II do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Nejar, que ocupa a Cadeira 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – De 20 de janeiro a 13 de fevereiro, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará em Portugal, na Espanha e na Itália, período em que fará palestra em Coimbra e Roma.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 3 de janeiro, às 22 horas, no programa “Comentário geral”, da TV Brasil, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin deu depoimento sobre a poesia de Oswald de Andrade. Acaba de ser publicado pela Editora Global o livro *Romantismo*, na série “Roteiro da poesia brasileira”, com organização e introdução do Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Pela Objetiva, saiu o livro *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, com estabelecimento de

texto efetuado por este Acadêmico. O seu livro *Escritos Sobre Poesia & Alguma Ficção* foi um dos escolhidos pela Fundação Biblioteca Nacional para o projeto de constituição de bibliotecas básicas para os municípios brasileiros. Editado pela EDUERJ em 2003, será reeditado em janeiro de 2008.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que ocupa a Cadeira 25 do Quadro dos Membros Efetivos.

VOTO DE APLAUSO – O Presidente do Senado Federal, Senador Garibaldi Alves Filho, informou que aquela Casa aprovou, na sessão do dia 10 de dezembro de 2007, Voto de Aplauso, proposto pelo Senador Arthur Virgílio, ao jornalista e acadêmico Cícero Sandroni, pela sua eleição para a presidência da Academia Brasileira de Letras.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que ocupa a Cadeira 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

COMISSÕES PERMANENTES – As Comissões de Contas, de Publicação e Lexicografia ficam assim constituídas: Comissão de Contas – Nélida Piñon, Marcos Vinícios Vilaça e Tarcísio Padilha; Comissão de Publicações – Antonio Carlos Secchin; José Murilo de Carvalho e José Mindlin; Comissão de Lexicografia – Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante Bechara e Alfredo Bosi.

D. QUIXOTE EM MINAS – Depois do lançamento na Biblioteca Nacional, no Rio, o livro *D. Quixote para Crianças*, adaptado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, será apresentado ao público de Belo Horizonte, no próximo mês de março. As ilustrações são do pintor Mário Mendonça (Edições Consultor). Deverá ser no Palácio das Artes.

PRÊMIO SÃO SEBASTIÃO DE CULTURA – No próximo dia 22 de janeiro, o Acadêmico José Mindlin receberá, na Casa Julieta Serpa, o Prêmio São Sebastião de Cultura, na categoria Ação Cultural. A Academia Brasileira de Letras foi agraciada com o mesmo prêmio, categoria especial, e será entregue no mesmo dia ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

ANO XLVIII – N.º 02

Em 24 de janeiro de 2008

VISITA DO CÔNSUL DA ALEMANHA À ACADEMIA – O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, juntamente com os Acadêmicos Ivan Junqueira e Evanildo Bechara, receberam, no dia 9 de janeiro, a visita oficial do novo Cônsul Geral da Alemanha, Sr. Hermann Erath, que se fez acompanhar da Sra. Maria do Carmo Wölny. O Cônsul, entusiasta das Letras e da Música, mostrou-se interessado em colaborar com a ABL e propôs a realização de uma série de eventos em parceria com o Consulado Alemão.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Comemora-se amanhã, dia 25 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Domício Proença Filho, que ocupa a Cadeira 28 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – De 18 a 22 de fevereiro, a Academia Brasileira de Filologia fará realizar a SEMANA NACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA para comemorar os oitenta anos do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – No último dia 11, nas dependências da Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, o Acadêmico Ivan Junqueira foi entrevistado no programa Comentário Geral, da TVE Brasil, sobre o seu livro *O Outro Lado*. Participaram da entrevista o colunista Ancelmo Góis, o historiador Chico Alencar, o cronista musical Tárík de Souza e o poeta Geraldinho Carneiro, entre outros.

A PAIXÃO SEGUNDO CALLADO – Acaba de ser lançado o documentário “A Paixão Segundo Callado”, narrado pelo próprio acadêmico, seus familiares, colegas e especialistas. Além do filme, com duração de 57 minutos, o DVD possui oito capítulos que ajudam a ilustrar o universo do saudoso escritor.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Em março, a Editora Desiderata publicará duas antologias apresentadas e organizadas pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin: *Ruas da Cidade*, de Manuel Bandeira, e *Flores e Jardins*, de Cecília Meireles. Pela sexta vez, nos últimos seis anos, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi eleito o “professor homenageado” da turma Português-Literaturas da Faculdade de Letras da UFRJ. A cerimônia de formatura ocorrerá dia 7 de março, no Fundão.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – De 22 de janeiro a 15 de fevereiro, a Acadêmica Ana Maria Machado estará em Portugal e na Inglaterra. Fará uma palestra em Leiria, na abertura de um congresso sobre leitura, literatura e cidadania. Terá reuniões de trabalho em Lisboa, Londres e Cambridge.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – A Prefeitura da cidade de Orgosolo, Sardenha, e a Associação Terra Gramsci, em colaboração com o Archvio Antonio Pigliaru, a International Gramsci Society, o *Istituto Italiano per gli Studi Filosofici* e o Tansito Atlantico convidaram o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos a fazer parte, de 2 a 7 de fevereiro, do programa cultural Contrapunto – Sardenha – Sertão e Gramsci-Ramos. Nelson apresentará seus filmes, “Vidas Secas” e “Mermórias do Cárcere”.

O MINISTRO GILBERTO GIL NA ABL – O Presidente Cícero Sandroni recebeu, segunda-feira, dia 21, na Academia Brasileira de Letras, o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, e o Diretor Geral do Google no Brasil, Alexandre Hohagen, para uma videoconferência em que foi anunciada a criação de um canal exclusivo do You Tube que abrigará toda a obra daquele artista, na primeira parceria desse tipo no Brasil.

ANO XLVIII – N.º 03

Em 14 de fevereiro de 2008

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ABL – A primeira sessão plenária da Academia Brasileira de Letras este ano será no dia 6 de março.

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, terá início, no dia 11 de março, às 17h30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versará sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A primeira conferência será proferida pelo Prof. Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre o tema “1808: o início do império informal britânico no Brasil”.

VISITA DO CÔNSUL DA POLÔNIA À ACADEMIA – O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmico Cícero Sandroni, recebeu, no dia 23 de janeiro, a visita oficial do Cônsul Geral da Polônia, Sr. Dariusz Dudziak, que propôs à Academia a realização comum, do Consulado Geral da Polônia com esta Casa, de uma exposição

comemorativa dos 150 anos do nascimento do escritor polonês Joseph Conrad Korzeniowski.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA — Por proposta do Conselho da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios, foi outorgada ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a Condecoração do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios, no Grau de Grã-Cruz, como reconhecimento por seus relevantes serviços prestados à cultura jurídica e ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. A solenidade de entrega desta comenda será realizada no dia 27 do corrente mês, às 20 horas, no Auditório Master do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, às 20 horas, em Brasília.

NOVO LIVRO DO ACADÊMICO PAULO COELHO — Sob o título *A Bruxa de Portobello*, foi lançado em 2006, pela Editora Planeta, o mais novo livro do Acadêmico Paulo Coelho.

APRENDIZ LEGAL — Hoje, dia 14 de fevereiro, no auditório da Secretaria de Trabalho e Renda de Macaé, o Acadêmico Arnaldo Niskier, Presidente do CIEE/RJ, lançará o programa APRENDIZ LEGAL, em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Destina-se a jovens de 14 a 24 anos (incompletos).

ACADÊMICO LÊDO IVO NA NICARÁGUA — Incumbido pelo Itamaraty de representar o Brasil no IV Festival Internacional de Granada, o Acadêmico Lêdo Ivo viajou no dia 9 do mês corrente, para a Nicarágua. Além de sua participação nesse evento, que reúne representantes de cinquenta países, o Acadêmico Lêdo Ivo cumpre uma programação em que figuram um recital de poesia e um depoimento sobre a sua criação poética, no Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Manágua.

DOAÇÃO DE LIVROS DAS COLEÇÕES ACADÊMICAS - Por solicitação do Ministério das Relações Exteriores, a ABL acaba de fazer a entrega ao Embaixador Jeronimo Moscardo, Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão, de 900 livros das coleções acadêmicas. Os volumes serão distribuídos por 30 (trinta) missões diplomáticas do Brasil no exterior, ficando à disposição de estudantes e pesquisadores.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar — O Acadêmico Moacyr Scliar deu, em Petrópolis, RJ, palestra sobre a criatividade literária. No Centro Cultural Ação da Cidadania (Rio) abriu a série de palestras “Leitura em ação”. Esteve presente também na apresentação da peça teatral “A mulher que escreveu a Bíblia”, no Teatro dos Quatro,

adaptada do livro de mesmo título, de sua autoria. A convite do Ministério da Saúde, em São Paulo, proferiu palestra sobre “Saúde e comunicação”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Dia 5 de março, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, estará na USP, integrando a banca examinadora da tese “A poética do engenho: a obra de João Cabral sob a perspectiva canavieira”, de Éverton Correia.

ANO XLVIII – N.º 04

Em 28 de fevereiro de 2008

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ABL – A primeira sessão plenária da Academia Brasileira de Letras este ano realizar-se-á na próxima quinta-feira, dia 6 de março.

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, terá início no dia 11 de março, às 17h30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versará sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A primeira conferência será proferida pelo Prof. Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre o tema “1808: o início do império informal britânico no Brasil”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário e serão proferidas no dia 18 de março por Lília Moritz Schwarcz sobre “Os franceses e D. João VI”; no dia 25 de março, por Lorelay Kury sobre “A ciência na época de D. João VI”; e, no dia 1.º de abril, a conferência de encerramento será proferida por Lucia Bastos sobre “D. João VI: de infante português a imperador do Brasil”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Transcorreu no dia 18 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico Lêdo Ivo, que ocupa a Cadeira 10 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Realiza-se hoje, dia 28, às 18 horas, o lançamento do livro *80 anos – Homenagem: Evanildo Bechara*, editado pela Nova Fronteira e organizado por Dieli Vesano Palma, Maria Mercedes Saraiva Hackerott, Neusa Barbosa Bastos e Rosemeire Leão Silva Faccina.

ACADÊMICO LÊDO IVO NO FESTIVAL DE GRANADA – O Acadêmico Lêdo Ivo foi o único poeta de língua portuguesa presente no IV Festival Internacional de

Poesia de Granada, que reuniu naquela cidade histórica da Nicarágua representantes de cinquenta países. Os eventos, assistidos por milhares de pessoas, foram efetuados em praças públicas e átrios de igrejas e conventos. À sessão inaugural, presidida pelo vice-presidente da Nicarágua, Senhor Jaime Morales Corazo, e na qual o Acadêmico Lêdo Ivo deu o seu primeiro recital, compareceu a senhora Vitória Cleaver, Embaixadora do Brasil.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET –
Comemorou-se no dia 23 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que ocupa a Cadeira 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Come-
morou-se no dia 26 de fevereiro, o aniversário natalício do Acadêmico Cícero Sandroni, que ocupa a Cadeira 6 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer partici-
pou, nos dias 21 e 22 de fevereiro, de conferência na Universidade de Yale, nos EUA, sobre “Nuclear Weapons – *The Greatest Peril to Civilization* – A Conference to Imagine our World without them”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BE-
CHARA – Comemorou-se no dia 26 do corrente mês, o aniversário natalício do Aca-
dêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que ocupa a Cadeira 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

XXXI SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS – O Sócio Correspondente
da Academia, Prof. Claude L. Hulet, comunica e convida seus confrades da Academia Brasileira de Letras para o XXXI *Symposium on Portuguese Traditions*, na UCLA, Universida-
de da Califórnia, nos dias 19 e 20 de abril de 2008, que este ano homenageia Machado de Assis.

ANO XLVIII – N.º 05

Em 6 de março de 2008

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ABL – A Academia Brasileira de Letras reinicia
nesta data as suas atividades, com a primeira sessão plenária do ano.

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, terá início no dia 11 de março, às 17h30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versará sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A primeira conferência será proferida pelo Prof. Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre o tema “1808: o início do império informal britânico no Brasil”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário e serão proferidas, no dia 18 de março, por Lília Moritz Schwarcz sobre “Os franceses e D. João VI”; no dia 25 de março, por Lorelay Kury sobre “A ciência na época de D. João VI”; e, no dia 1.º de abril, a conferência de encerramento será proferida por Lúcia Bastos sobre “D. João VI: de infante português a imperador do Brasil”.

400 ANOS DO PADRE ANTONIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, a Academia Brasileira de Letras comemora, com duas mesas-redondas, os 400 anos do Padre Antonio Vieira. Da mesa-redonda do dia 8 de abril, às 17h30min, participam: Alcir Pécora, Marco Lucchesi, João Adolfo Hansen e Luiz Felipe Baeta Neves e, no dia 10, no mesmo horário, participam Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O Acadêmico Sábato Magaldi e a escritora Edla van Steen foram convidados para participar do XXXI Symposium on Portuguese Traditions, na Universidade da Califórnia, Los Angeles, em abril deste ano.

ISRAEL – O Acadêmico Arnaldo Niskier visitará o Estado de Israel, durante o mês de março. Estará nas cidades de Tel Aviv, Jerusalém, Eilat e Haifa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 15, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo para participar, como convidado especial, do IX Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica, que terá lugar de 14 a 16 de Março no WTC Hotel. Na ocasião falará sobre: “REX MORBUS – Como lidar com o paciente importante”. Dia 28, o Acadêmico Ivo Pitanguy fará uma conferência sobre Perspectivas na Cirurgia do Envelhecimento, no “VII Simpósio de Medicina Antienvelhecimento”, que se realizará entre 27 e 28 de março, no Hotel Intercontinental do Rio de Janeiro.

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL – O Acadêmico Arnaldo Niskier será um dos palestrantes do Seminário Nacional de Qualificação Profissional, que será realizado no dia 23 de abril, na sede da Fecomércio, no Rio. O patrocínio é do Senac Rio e do CIEE/RJ.

LANÇAMENTO – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 13 de março, às 17h30min, na Sala José de Alencar, o lançamento de *Toda Poesia de Machado de Assis*, por Cláudio Murilo Leal, edição da Record.

EXPOSIÇÃO – Está marcada para o dia 13 de março, quinta-feira, às 19h30min, na Galeria Manuel Bandeira, a abertura da exposição de “Alfonso Reyes, o caminho entre a vida e a ficção”.

HOMENAGEM A JORGE AMADO – No dia 19 de março, quarta-feira, às 17h 30min, realizar-se-á, no Teatro R. Magalhães Jr. mesa-redonda sobre a reedição da obra do Acadêmico Jorge Amado, pela Cia. das Letras, seguida da mostra do filme “Tenda dos Milagres.”

ANO XLVIII – N.º 06

Em 13 de março de 2008

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será antecipada para o dia 19, quarta-feira, em virtude dos feriados da Semana Santa.

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, teve início no dia 11 de março, às 17h30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versará sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre o tema “1808: o início do império informal britânico no Brasil”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário e serão proferidas, no dia 18 de março, por Lilia Moritz Schwarcz sobre “Os franceses e D. João VI”; no dia 25 de março, por Lorelay Kury sobre “A ciência na época de D. João VI”; e, no dia 1.º de abril, a conferência de encerramento será proferida por Lúcia Bastos sobre “D. João VI: de infante português a imperador do Brasil”.

TODA POESIA DE MACHADO DE ASSIS – LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, dia 13 de março, às 17h30min, na Sala José de Alencar, o lançamento de *Toda Poesia de Machado de Assis*, por Cláudio Murilo Leal, edição da Record.

EXPOSIÇÃO – Realiza-se hoje, dia 13 de março, quinta-feira, às 19h30min, na Galeria Manuel Bandeira, a abertura da exposição “Alfonso Reyes, o caminho entre a vida e a ficção”.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Acadêmico Eduardo Portella proferirá a Aula Inaugural dos Cursos de Letras da UFRJ, no próximo dia 18, às 11 horas, quando falará sobre o tema “Reinventando a Democracia”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY – Comemora-se amanhã, dia 14, o aniversário do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que ocupa a Cadeira 3 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Comemora-se no dia 17 de março, segunda-feira próxima, o aniversário natalício do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que ocupa a Cadeira 15 do Quadro dos Membros Efetivos.

LANÇAMENTO – Acaba de sair, pela Editora Ática, a 8.^a edição revista e atualizada de *A Linguagem Literária*, do Acadêmico Domício Proença Filho.

HOMENAGEM A JORGE AMADO – No dia 19 de março, quarta-feira, às 17h 30min, realizar-se-á, no Teatro R. Magalhães Jr., mesa-redonda sobre a reedição da obra do Acadêmico Jorge Amado, pela Cia. das Letras, seguida da mostra do filme “Tenda dos Milagres”.

REPRESENTAÇÃO – O Acadêmico Domício Proença Filho representou a Academia Brasileira de Letras na cerimônia de comemoração dos 200 anos do Batalhão Naval, no Forte São José, Comando do Corpo de Fuzileiros Navais.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – O Acadêmico Tarcísio Padilha proferiu, no dia 10 do corrente mês, a Aula Inaugural da Universidade Católica de Petrópolis, sobre o tema “Modernidade e tradição”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Amanhã, dia 14, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin fará conferência sobre *D. Casmurro*, na Universidade da Sorbonne.

ANO XLVIII – N.º 07

Em 19 de março de 2008

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, teve início no dia 11 de março, às 17h 30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versa sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A primeira conferência foi proferida pelo Prof. Leslie Bethell, da Universidade de Oxford, sobre o tema “1808: o início do império informal britânico no Brasil”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. No dia 18 de março, a conferência foi proferida por Lília Moritz Schwarcz sobre “Os franceses e D. João VI”; no dia 25 de março, será proferida por Lorelay Kury sobre “A ciência na época de D. João VI”; e, no dia 1.º de abril, a conferência de encerramento será proferida por Lúcia Bastos sobre “D. João VI: de infante português a imperador do Brasil”.

HOMENAGEM A JORGE AMADO – Realiza-se hoje, dia 19 de março, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., mesa-redonda sobre a reedição da obra do Acadêmico Jorge Amado, pela Cia. das Letras, seguida da mostra do filme “Tenda dos Milagres”.

MESA-REDONDA SOBRE O ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Realizar-se-á no próximo dia 27 do corrente, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, a mesa-redonda comemorando os 90 anos do Pe. Fernando Bastos de Ávila, com a participação dos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Alberto Venancio Filho e Tarcísio Padilha.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MOACYR SCLIAR – Comemora-se no próximo domingo, dia 23, o aniversário do Acadêmico Moacyr Scliar, que ocupa a Cadeira 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

CIEE – O Acadêmico Arnaldo Niskier vai inaugurar no dia 26 de março, às 18h, em Petrópolis, a nova sede do Centro de Integração Empresa-Escola. Ficará na Avenida D. Pedro I, n.º 374 - Centro.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL - No dia 28 de março, sexta-feira, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr. o primeiro concerto da Série Música de Câmara, comemorando os 200 anos da chegada da Família Real no Brasil – Um passeio musical da Europa no Brasil, com o Grupo Re-toque, do qual participam: Helder Parente, voz e flauta-doce; Laura Rónai, flauta; Mário Orlando, fagote; e Sula Kossatz, espineta.

TEATRO - Durante o mês de abril, às terças, quartas e quintas-feiras, às 12 horas, será encenada, no Teatro R. Magalhães Júnior, a peça *Carolina*, de Pablo Sanábio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VILAÇA – A Prefeitura de Limoeiro (PE) vai implantar este ano o Centro Cultural Marcos Vilaça, no prédio onde funcionou a Rádio Difusora, pertencente ao Sistema *Jornal do Commercio*. Em Limoeiro, o Acadêmico estudou o curso básico e é a cidade onde viveram seus pais. Trata-se de um complexo com biblioteca, cine-teatro e galerias de arte.

HOMENAGEM À ABI - A Academia Brasileira de Letras realiza no dia 3 de abril, às 17h 30min, no Salão Nobre, no *Petit Trianon*, uma sessão comemorativa do centenário de fundação da ABI. A seguir, haverá o lançamento do livro *180 anos do Jornal do Commercio*, do Acadêmico Cícero Sandroni, na Sala dos Fundadores.

400 ANOS DO PADRE ANTONIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, a Academia Brasileira de Letras comemora, com duas mesas-redondas, os 400 anos do Padre Antonio Vieira. Da mesa-redonda do dia 8 de abril, às 17h 30min, participam: Alcir Pécora, Marco Lucchesi, João Adolfo Hansen e Luiz Felipe Baeta Neves e, na do dia 10, no mesmo horário, tomam parte Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar.

ANO XLVIII – N.º 08

Em 27 de março de 2008

200 ANOS DA CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Coordenado pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e José Murilo de Carvalho, teve início no dia 11 de março, às 17h 30min, o primeiro ciclo de conferências da Academia, que versa sobre os “200 anos da Família Real no Brasil”. A conferência de encerramento será proferida, no dia 1.º de abril, por Lúcia Bastos sobre “D. João VI: de infante português a imperador do Brasil”.

MESA-REDONDA SOBRE O ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Realizar-se hoje, dia 27 do corrente, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, a mesa-redonda comemorando os 90 anos do Pe. Fernando Bastos de Ávila, com a participação dos Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Alberto Venancio Filho e Tarcísio Padilha.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL - Amanhã, dia 28 de março, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr. o primeiro concerto da Série Música de Câmara na ABL, comemorando os 200 anos da chegada da Família Real no Brasil – Um passeio musical da Europa no Brasil, com o Grupo Re-toque, do qual participam: Helder Parente, voz e flauta-doce; Laura Rónai, flauta; Mário Orlando, fagote; e Sula Kossatz, espineta.

HOMENAGEM À ABI - A Academia Brasileira de Letras realiza no dia 3 de abril, às 17h 30min, no Salão Nobre, no Petit Trianon, uma sessão comemorativa do centenário de fundação da ABL. A seguir, haverá o lançamento do livro *180 anos do Jornal do Commercio – 1827-2007*, do Acadêmico Cícero Sandroni, na Sala dos Fundadores, no Petit Trianon.

400 ANOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, a Academia Brasileira de Letras comemora, com duas mesas-redondas, os 400 anos do Padre Antônio Vieira. Da mesa-redonda do dia 8 de abril, às 17h30min, participam: Alcir Pécora, Marco Lucchesi, João Adolfo Hansen e Luiz Felipe Baeta Neves e, na do dia 10, no mesmo horário, tomam parte Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – Atendendo a convite do Embaixador Mauro Vieira, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça cumpriu agenda cultural em Buenos Aires, no último final de semana, junto ao Centro de Estudos Brasileiros, instituição ligada à representação diplomática do nosso país na Argentina.

TEATRO – Durante o mês de abril, às terças-feiras, quartas e quintas-feiras, às 12 horas, será encenada, no Teatro R. Magalhães Júnior, a peça “Carolina”, de Pablo Sanábio.

CINEBIOGRAFIA DE CELSO FURTADO – O Fórum de Ciências e Cultura da UFRJ realizou no dia 18 de março, no Salão Moniz de Aragão, a pré-estréia do filme “O Longo Amanhecer – cinebiografia de Celso Furtado”, de José Mariani. Após a exibição houve debate com o diretor do longa; com os economistas Aloísio Teixeira, Carlos Lessa, Maria da Conceição Tavares, e com Rosa Freire d’Aguilar Furtado, Presidente Cultural do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

CONTOS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – A editora Global acaba de lançar a 3.^a edição de *Melhores Contos de Lêdo Ivo*, seleção e introdução do saudoso acadêmico Afrânio Coutinho. A coleção *Melhores Contos*, que abrange a contística nacional desde Machado de Assis e João do Rio até a atualidade, é dirigida pela escritora Edla van Steen.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado encontra-se na Itália desde o dia 25 do corrente, onde fará conferências sobre literatura e participará da Feira Internacional do Livro Infantil de Bologna. Volta a tempo para participar da homenagem a Monteiro Lobato, na ABL, dia 18 de abril.

ANO XLVIII – N.º 09

Em 3 de abril de 2008

HOMENAGEM À ABI - A Academia Brasileira de Letras realiza hoje, dia 3 de abril, às 17h 30min, no Salão Nobre, no *Petit Trianon*, uma sessão comemorativa do centenário de fundação da ABI. A seguir, haverá o lançamento do livro *180 Anos do Jornal do Commercio -1827-2007*, do Acadêmico Cícero Sandroni, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*.

MEDALHA D. JOÃO VI – Hoje, dia 3 de abril, em São Paulo, os Acadêmicos Cícero Sandroni e Arnaldo Niskier receberam, pela manhã, das mãos do Dr. Luís Gonzaga Bertelli, Presidente da Academia Paulista de História, a Ordem do Mérito Cultural D. João VI.

400 ANOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA – Sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha, a Academia Brasileira de Letras comemora, com duas mesas-redondas, os 400 anos do Padre Antônio Vieira. Da mesa-redonda do dia 8 de abril, às 17h30min, participam: Alcir Pécora, Marco Lucchesi, João Adolfo Hansen e Luiz Felipe Baeta Neves e, na do dia 10, no mesmo horário, tomam parte Maria Clara Bingemer e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – O Acadêmico Tarcísio Padilha proferiu, no dia 24 de março, a conferência de abertura do 5.º Encontro Nacional dos Corregedores de Tribunais de Contas do Brasil sobre “Ética Pública”.

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, terá início no dia 15 de abril, às 17h30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versará sobre a “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. No dia 24 de abril, excepcionalmente na quinta-feira (em função do feriado) a conferência será proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, a conferência estará a cargo do Acadêmico Eduardo Portella

sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência será ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência será de responsabilidade do escritor espanhol Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis”; e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será proferida por João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO — O Acadêmico Alberto Venancio Filho foi convidado pela Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministra Ellen Gracie, para pronunciar a conferência sobre o “STF na República Velha”, no Seminário “Juízes e Tribunais: Perspectivas da História da Justiça no Brasil”, que se realizou no dia 28 de março, no Centro Cultural da Justiça Federal

HOMENAGEM A LUIS VIANA FILHO — Em Sessão Especial do Senado Federal, o Acadêmico Marco Maciel saudou o transcurso do centenário de Luís Viana Filho: “Plurívoca personalidade que tanto enriqueceu a paisagem humana de nosso país, Luís Viana Filho foi cidadão de dois mundos: o *vir probus*, no território da política, e o escritor, que tanto contribuiu para adensar a cultura brasileira, especialmente no sáfaro campo da biografia”.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO LUÍS VIANA FILHO NA BAHIA — No último dia 28 de março, realizou-se, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, uma sessão solene em homenagem ao Centenário de Nascimento do Acadêmico Luís Viana Filho. Discursaram na ocasião o Governador Jacques Wagner, o jornalista Edivaldo Boaventura, presidente da Academia de Letras da Bahia, o Senador Luís Viana Neto, filho do homenageado, e o Acadêmico Murilo Melo Filho, que falou em nome da Academia.

VISITA AO IWC — Em sua recente viagem ao Estado de Israel, o Acadêmico Arnaldo Niskier visitou o Instituto Weizmann de Ciências, onde conheceu diversos trabalhos de pesquisa ali realizados, sobretudo no campo das ciências médicas.

ANO XLVIII — N.º 10

Em 10 de abril de 2008

400 ANOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA — Sob a coordenação dos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Ivan Junqueira a Academia Brasileira de Letras comemora, com duas mesas-redondas, os 400 anos do Padre Antônio Vieira. Da mesa-redonda do dia 8 de

abril, às 17h30min, participaram: Alcir Pécora, Marco Lucchesi, João Adolfo Hansen e Luiz Felipe Baeta Neves e, na de hoje, dia 10, no mesmo horário, tomam parte Cleonice Berardinelli e os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar.

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, terá início no dia 15 de abril, às 17h30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versará sobre “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência será proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. No dia 24 de abril (excepcionalmente na quinta-feira em função do feriado), a conferência será proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, estará a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência será ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência estará a cargo de Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis”, e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será da responsabilidade de João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

MEDALHA DO MÉRITO ADMINISTRATIVO – A Fundação Getúlio Vargas, pela sua Academia de Ciências da Administração, confere, pela primeira vez, a sua Medalha do Mérito Administrativo. O agraciado é o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. A outorga se dará a 17 do corrente, na sede daquela instituição.

OS JOVENS E A EDUCAÇÃO – Nesta data, 10 de abril, às 9h, em São Paulo, o Acadêmico Arnaldo Niskier fez palestra sobre “Os jovens e a educação”. Foi no auditório do CIEE/SP (Rua Tabapoã, 450).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho esteve representando a Academia na comissão julgadora do Prêmio da Fundação Conrado Wessel, em São Paulo, nos dias 7 e 8 do mês em curso.

VISITA AO IWC – Em sua recente viagem ao Estado de Israel, o Acadêmico Arnaldo Niskier visitou o Instituto Weizmann de Ciências, onde conheceu diversos trabalhos de pesquisa ali realizados, sobretudo no campo das ciências médicas.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MARCOS VILAÇA – A Galeria dos Acadêmicos Honorários da Academia Amazonense de Letras será enriquecida em breve com a outorga do título ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY — Hoje, dia 10 do corrente, o Acadêmico Ivo Pitanguy está em Milão para participar, como Presidente de Honra, do Face&Body Congress 2008, a convite da European Association of Aesthetic Surgery . Após sua conferência, que versará sobre o tema: *Evoluzione del Face Lifting: Filosofia ed Esperienza*, será homenageado pela Comunidade Européia na pessoa da Europarlamentar Honorável Cristina Muscardini por “sua contribuição à Cirurgia Plástica, através de técnicas inovadoras e do ensino da especialidade e da divulgação da Cirurgia Estética no mundo”. Do dia 20 a 24, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Genebra para participar na qualidade de jurado, do Rolex Awards Enterprise, que premia a cada dois anos projetos enviados do mundo inteiro e cujo objetivo é a melhoria da qualidade de vida do planeta e, conseqüentemente, a do ser humano.

ANO XLVIII – N.º II

Em 17 de abril de 2008

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS — Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 15 de abril, às 17h30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. No dia 24 de abril (excepcionalmente na quinta-feira em função do feriado), a conferência será proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, estará a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência será ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência estará a cargo de Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis, e a conferência de encerramento, no dia 20, será da responsabilidade de João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

MEMÓRIA LITERÁRIA DE JOSUÉ MONTELLO — Realiza-se hoje, às 17h30min, no Saguão do Centro Cultural da ABL, a abertura da Exposição “Memória Literária de Josué Montello”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA — Comemora-se nesta data o aniversário natalício do Acadêmico Tarcísio Padilha, que ocupa a Cadeira 2 do Quadro dos Membros Efetivos.

ABL E A FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL – Amanhã, 18 de abril, Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil, realiza-se, de 10h às 17h, na Academia Brasileira de Letras uma jornada em homenagem a Monteiro Lobato, sob o título “Monteiro Lobato e sua obra”, coordenado pela Prof. Dra. Laura Sandroni. Às 10h 30min falará a Acadêmica Ana Maria Machado sobre “Uma Herança de Lobato”; às 13h, a conferência estará a cargo do jornalista e escritor J. Roberto Whitaker Penteadó sobre “O que seria de nós sem Lobato? (Uma wikipalestra); às 14h, a escritora e professora Marisa Lajolo discorrerá sobre “Monteiro Lobato escritor de cartas”. Às 16h, haverá a apresentação do monólogo “Livro”, de Lygia Bojunga, encenado pela própria autora.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES – Comemora-se no próximo dia 19 de abril o aniversário natalício da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que ocupa a Cadeira 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM DO MÉXICO AO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Encontro dos Poetas do Mundo Latino, que se realiza no México, abrangendo festivais e feiras de livros na Cidade do México, em Morelia e Patzcuaro, que homenageia anualmente um expoente de poesia latino-americana, será dedicado este ano ao Acadêmico Lêdo Ivo. Esse encontro, sempre em outubro, é promovido por um conjunto de instituições governamentais e culturais do México, entre as quais se destacam o Ministério das Relações Exteriores, a Universidade Nacional Autônoma do México e o Instituto Nacional de Belas-Artes. Conta habitualmente com a participação de mais de 50 poetas convidados da América Hispânica, do Canadá, da França, da Itália, de Portugal, da Espanha e de outros países de língua latina.

NOTÍCIA DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon assumiu o posto de Conselheira do Conselho Consultivo da Fundação Santillana do Brasil, juntamente com o Acadêmico José Sarney, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o Deputado Paulo Renato Santos e o Senador Cristóvão Buarque. Seu discurso de inauguração foi em São Paulo, no dia 11 de abril de 2008.

HOMENAGEM DA MARINHA – O Comando da Marinha homenageou em Brasília com almoço de honra, na última terça-feira, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Ministro do Tribunal de Contas da União. Presidiu o ato o Almirante Álvaro Luiz Pinto, Secretário-Geral da Força, estando presentes membros da alta oficialidade naval do Brasil.

ANO XLVIII – N.º 12

Em 24 de abril de 2008

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será antecipada para o dia 30 de abril, quarta-feira, em virtude do feriado de 1.º de Maio, Dia do Trabalho.

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 15 de abril, às 17h 30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. Hoje, 24 de abril (excepcionalmente em função do feriado), a conferência será proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, estará a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência será ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência estará a cargo de Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis, e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será da responsabilidade de João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

HOMENAGEM AO BARÃO DO RIO BRANCO – Realiza-se na Fundação Alexandre de Gusmão, no Palácio do Itamaraty, às 11h, do dia 28 de abril próximo, a conferência do Acadêmico Helio Jaguaribe sob o título “Um Roteiro”, dentro do ciclo “Encontros com o Barão”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Professor José Murilo de Carvalho foi agraciado com o título de Pesquisador Emérito do CNPq. Segundo o portal do CNPq, “o título é concedido anualmente a pesquisadores brasileiros ou estrangeiros que prestaram relevantes contribuições para o país. A premiação é concedida como reconhecimento ao renome, junto à comunidade científica, e pelo conjunto de sua obra científico-tecnológica. Os agraciados de 2008 receberão o título, com correspondente diploma de Pesquisador Emérito do CNPq, durante cerimônia solene de comemoração do aniversário do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – que este ano será realizada no dia 30 de abril, em Brasília”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – Comemorou-se ontem, dia 23, o aniversário natalício do Acadêmico Helio Jaguaribe, que ocupa a Cadeira II do Quadro dos Membros Efetivos.

MACHADO DE ASSIS NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS – No Ciclo Machadoiano de Palestras, na Academia Carioca de Letras, a conferência do dia 28 de abril, às 17h, será proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “Atualidade da Obra Machadoiana” e a do dia 5 de maio, no mesmo horário, estará a cargo do Acadêmico Antonio Carlos Secchin.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – Comemora-se hoje, dia 24 de abril, o aniversário natalício do Acadêmico José Sarney, que ocupa a Cadeira 38 do Quadro dos Membros Efetivos.

PROMOÇÃO – O Acadêmico Arnaldo Niskier foi promovido na Ordem do Mérito Militar. Recebeu a homenagem no dia 18, na sede do Comando Militar Leste.

CONVITE PARA MISSA DE SAUDADE DE ZORA SELJAN – O Acadêmico Antonio Olinto convida para a missa da saudade que será celebrada às 10 horas de sábado, dia 26 de abril, na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana, na Praça Serzedelo Corrêa, 36.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO ROBERTO MARINHO – O Presidente da República sancionou projeto de lei de autoria do Senador Marco Maciel que dá o nome do jornalista Roberto Marinho à Ordem do Mérito das Comunicações. A iniciativa data de 6 de junho de 2004 e recebeu a designação de Lei nº II.655/2008.

ANO XLVIII – N.º 13

Em 30 de abril de 2008

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 15 de abril, às 17h 30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “A Literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 24 de abril foi proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, esteve a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência será ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência estará a cargo de Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis”, e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será da responsabilidade de João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no próximo dia 8 de maio, sob a coordenação e exposição do Acadêmico Murilo Melo Filho, o I.º Seminário Brasil, brasis de 2008 sobre “Amazônia: esplendor e agonia de uma floresta”. Participantes: Carlos Minc, Washington Novaes, Fernando Gabeira e Paulo Nogueira Neto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer participou, no dia 18 de abril de 2008, do “Taller de Reflexión sobre Tendencias Políticas Regionales”, realizado em Lima, Peru, a convite da CAF-Corporação Andina de Fomento.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Comemora-se hoje, dia 30 do corrente, o aniversário natalício do Acadêmico Arnaldo Niskier, que ocupa a Cadeira 18 do Quadro dos Membros Efetivos.

MACHADO DE ASSIS NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin fará no dia 5 de maio, às 17h, a conferência de encerramento do Ciclo Machadiano de Palestras, da Academia Carioca de Letras.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Comemora-se no próximo dia 3 de maio o aniversário natalício da Acadêmica Nélide Piñon, que ocupa a Cadeira do Quadro dos Membros Efetivos.

FEIRA DE BOLONHA – Entre os livros brasileiros selecionados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil para serem expostos na Feira de Bolonha (Itália) figura o recém-lançado *D. Quixote para Crianças*, adaptado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, com ilustrações de Mário Mendonça.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça acaba de ser distinguido pelo Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro com o título de “Benemérito”. A decisão da Diretoria e do Conselho Deliberativo foi tomada por unanimidade, e o ato formal de outorga acontecerá a 14 de maio, na sede daquela instituição.

LANÇAMENTO – Será lançado no próximo dia 8, quinta-feira, a partir das 18h, no *Petit Trianon*, o livro de José Louzeiro intitulado *Luzes da Consagração* (Editora Europa). É dedicado à vida e obra, como educador e jornalista, do Acadêmico Arnaldo Niskier.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho estará de 2 a 12 de maio, em Munique, onde, a convite da Ludwig-Maximilians-Universität, pronunciará conferências sobre Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

ANO XLVIII – N.º 14

Em 08 de maio de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 8 de maio, sob a coordenação e exposição do Acadêmico Murilo Melo Filho, o “I.º Seminário Brasil, brasis” de 2008 sobre “Amazônia: esplendor e agonia de uma floresta”. Participantes: Carlos Minc, Washington Novaes, Fernando Gabeira e Paulo Nogueira Neto.

LANÇAMENTO – Realiza-se hoje, dia 8, quinta-feira, a partir das 18h, no *Petit Trianon*, o lançamento do livro de José Louzeiro intitulado *Luzes da Consagração* (Editora Europa). É dedicado à vida e obra, como educador e jornalista, do Acadêmico Arnaldo Niskier.

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 15 de abril, às 17h 30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 24 de abril foi proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril, esteve a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência foi ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência estará a cargo do escritor espanhol Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis”; e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será da responsabilidade de João Roberto de Faria, sobre “O teatro de Machado de Assis”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Comemora-se amanhã, dia 9, o aniversário natalício do Acadêmico Sábato Magaldi, que ocupa a Cadeira 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

MELHORES CRÔNICAS – *AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE* – Realiza-se no próximo dia 15 de maio, quinta-feira, às 17h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento de *Melhores Crônicas*

— *Austregésilo de Athayde*, da Global Editora, com seleção e prefácio do Acadêmico Murilo Melo Filho.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTÔNIO OLINTO — Comemora-se no próximo dia 10 o aniversário natalício do Acadêmico Antônio Olinto, que ocupa a Cadeira 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA — O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça acaba de ser distinguido pelo Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro com o título de “Benemérito”. A decisão da Diretoria e do Conselho Deliberativo foi tomada por unanimidade, e o ato formal de outorga acontecerá a 14 de maio, na sede daquela instituição.

FESTIVAL DE POESIA DE HAVANA — O Acadêmico Lêdo Ivo é um dos presidentes do XIII Festival Internacional de Poesia de La Habana, que se realiza em Cuba na última semana deste mês. Esse festival, um dos mais importantes da América Hispânica, é dedicado este ano à poesia dos povos originários da América e à poesia da Ásia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTÔNIO CARLOS SECCHIN — Em sessão de 10 de abril, o Conselho Deliberativo do Real Gabinete Português de Leitura outorgou ao Acadêmico Antônio Carlos Secchin o título de “Benemérito” da Instituição.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA — Transcorre no próximo dia 12 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que ocupa a Cadeira 9 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGENS — No Rio, os Acadêmicos Nélida Piñon e Arnaldo Niskier foram homenageados na Casa Julieta Serpa, por motivo de aniversário.

ANO XLVIII — N.º 15

Em 15 de maio de 2008

MELHORES CRÔNICAS — *AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE* — Realiza-se hoje, dia 15 de maio, às 17h30min, no *Petit Trianon*, o lançamento de *Melhores Crônicas — Austregésilo de Athayde*, da Global Editora, com seleção e prefácio do Acadêmico Murilo Melo Filho.

SESSÃO ANTECIPADA — A sessão da próxima semana será na quarta-feira, dia 21 de maio, em virtude do feriado de Corpus Christi, na quinta-feira, dia 22.

A LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS — Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 15 de abril, às 17h 30min, o segundo ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “A literatura de Machado de Assis”. A primeira conferência foi proferida pelo Acadêmico Alfredo Bosi sobre o tema “O romance de Machado de Assis”. As demais conferências se realizam sempre no mesmo horário. A conferência do dia 24 de abril foi proferida pelo Acadêmico Domício Proença Filho sobre “O conto de Machado de Assis”; no dia 29 de abril a palestra esteve a cargo do Acadêmico Eduardo Portella sobre “A crônica de Machado de Assis”; no dia 6 de maio, a conferência foi ministrada por Cláudio Murilo Leal sobre “A poesia de Machado de Assis”; no dia 13 de maio, a conferência esteve a cargo do escritor espanhol Antonio Maura sobre “A crítica de Machado de Assis”; e a conferência de encerramento, no dia 20 de maio, será da responsabilidade de João Roberto de Faria sobre “O teatro de Machado de Assis”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA — O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça presidiu, segunda-feira, a reabertura das Galerias Marcantonio Vilaça, no Espaço Cultural Sérgio Porto, perante um enorme público, em particular jovens artistas. A obra da Prefeitura do Rio foi dirigida pelo Secretário das Culturas do Município, Ricardo Macieira. A exposição aberta na ocasião teve curadoria de Luis Cancel, Secretário de Cultura de San Francisco (USA).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY — De hoje, dia 15, ao dia 17 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy participará, na qualidade de Presidente de Honra, do XVI Encontro da Associação dos Ex-Alunos do Professor Ivo Pitanguy (Aexpi), que acontecerá na 38.^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia e no Hotel Sofitel Rio.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA — O Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul concedeu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o título de Doutor *Honoris Causa*, daquela Universidade, pelos relevantes serviços prestados à Cultura Brasileira.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON — A Acadêmica Nélida Piñon embarcou para Europa no dia 5 do corrente mês, onde fará palestras na Espanha e também será presidente do júri do Prêmio Extremadura à Criação, outorgado no dia 9 de maio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL — O Senado Federal aprovou projeto de lei, de autoria de Marco Maciel, que institui 2010 como “Ano Nacional Joaquim Nabuco”. Principal líder abolicionista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Nabuco faleceu em 1910. “Ao celebrarmos o centenário da morte de Nabuco, o ano de 2010 torna-se excelente tempo para refletirmos a perenidade de sua obra e seu legado libertário e liberal”, afirma o Acadêmico Marco Maciel. A proposição segue agora para apreciação da Câmara dos Deputados.

NOVA FRIBURGO — O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve em Nova Friburgo, no dia 12 de maio, para falar à Câmara dos Dirigentes Lojistas sobre “Qualificação Profissional”.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR — O Acadêmico Carlos Nejar será tema na Universidade Complutense, de Madri, Espanha, no dia 20 de junho do corrente, na semana dedicada à Literatura Brasileira. O poeta e crítico Prof. Frank Estévez Guerra fará uma conferência sobre a obra e a *História da Literatura Brasileira* do gaúcho Nejar, e, nos demais dias, realizar-se-ão conferências sobre Clarice Lispector, pelo Prof. Antonio Maura, e sobre Jorge Amado, pelo Dr. Roberto Carballo.

ANO XLVIII – N.º 16

Em 21 de maio de 2008

FALECIMENTO DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO — Faleceu, sábado, dia 17 de maio, em Salvador, a Acadêmica Zélia Gattai Amado, que ocupava a Cadeira 23 do Quadro dos Membros Efetivos.

SESSÃO DE SAUDADE — Realiza-se hoje, às 16 horas, a sessão de saudade em homenagem à memória da Acadêmica Zélia Gattai Amado.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GUIMARÃES ROSA — Coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, terá início no dia 27 de maio, às 17h 30min, o terceiro ciclo de conferências da Academia, que versará sobre o “Centenário do nascimento de Guimarães Rosa”. A primeira conferência será proferida por Kathrin Rosenfield sobre o tema “O ‘estrangeiro interno’, de João Guimarães Rosa”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 3 de junho será proferida por Luis Roncari sobre “Patriarcalismo e dionisismo no santuário do Buriti Bom”; no dia 10 de junho, a palestra estará a cargo de Per Johns sobre “A viagem em busca do

‘quem das coisas’”; No encerramento, dia 17 de junho, as conferências serão ministradas por Adriano Espindola e Vilma Guimarães Rosa sobre “De *Magma* a *Ave, palavra*”.

CONVITE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS AO PRESIDENTE DA ABL
– O Presidente da ABL foi convidado para realizar palestra sobre Machado de Assis na Academia Paulista de Letras, dia 30 de maio, sexta-feira. A reunião da Academia Paulista de Letras realiza-se normalmente às quintas-feiras, mas foi transferida para a sexta, excepcionalmente, para não coincidir com a da ABL.

MESA REDONDA – AS LINGUAGENS DO CONFLITO – 40 ANOS DO MOVIMENTO 1968 – Realiza-se no dia 27 maio, próxima terça-feira, às 19 horas, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda “As linguagens do conflito – 40 anos do movimento de 1968”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará em Lisboa de 24 de maio a 1.º de junho, a fim de participar da Feira Internacional do Livro que se realiza na capital portuguesa, onde ministrará, a 26 e 27 daquele mês, as conferências “Uns braços: nenhum abraço” e “Machado de Assis cronista”, a convite da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Deverá ainda fazer outras palestras em Coimbra, tendo sempre como tema a obra de Machado de Assis, cujo centenário da morte se comemora neste ano.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – Hoje, dia 21, na sede da Fecomércio, o Senac Rio e o CIEE promovem o “I Seminário Nacional de Educação Profissional”, que terá a coordenação Geral do Acadêmico Arnaldo Niskier.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Amanhã, dia 22 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em São Paulo para participar da XXVIII Jornada Paulista de Cirurgia Plástica, que terá lugar no Hotel Maksoud Plaza. Na ocasião falará sobre “Cirurgia do Rejuvenescimento Facial Enfatizando o Aspecto Natural da Face”. De 27 a 31 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Lisboa como convidado de honra da World Academy of Anti-Aging Medicine para participar do 1.º Congresso Anual da entidade. O Acadêmico Ivo Pitanguy fará conferência sobre o tema “ Helping to preserve the dignity of the body during the aging process”.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se na quinta-feira, dia 29 do corrente, a segunda mesa-redonda do “Seminário Brasil, brasís”, sob a coordenação do Acadêmico

Carlos Nejar, que versará sobre “Megalópoles do terceiro milênio”, do qual participam Alfredo Britto, Bárbara Freitag e Jaime Lerner.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA CONDECORA ACADÊMICO – O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou decreto promovendo a Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. A outorga, em ato solene, ocorrerá em Brasília, no Dia da Marinha.

HOMENAGEM A D. LOURENÇO – No dia 30, no Colégio São Bento, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizará palestra sobre “D. Lourenço de Almeida Prado, o Educador”.

ANO XLVIII – N.º 17

Em 29 de maio de 2008

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 29 do corrente, a segunda mesa-redonda do “Seminário Brasil, brasís”, sob a coordenação do Acadêmico Carlos Nejar, que versará sobre “Megalópoles do terceiro milênio”, do qual participam Alfredo Britto, Bárbara Freitag e Jaime Lerner.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GUIMARÃES ROSA – Coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, teve início no dia 27 de maio, às 17h 30min, o terceiro ciclo de conferências da Academia, que versa sobre o “Centenário do nascimento de Guimarães Rosa”. A primeira conferência foi proferida por Kathrin Rosenfield sobre o tema “O ‘estrangeiro interno’, de João Guimarães Rosa”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 3 de junho será proferida por Luis Roncari sobre “Patriarcalismo e dionisismo no santuário do Buriti Bom”; no dia 10 de junho, a palestra estará a cargo de Per Johns sobre “A viagem em busca do ‘quem das coisas’” No encerramento, dia 17 de junho, as conferências serão ministradas por Adriano Espindola e Vilma Guimarães Rosa sobre “*De Magma a Ave, palavra*”.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antonio Torres, Nelson Valente,

Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas e Embla Rhodes.

ORADOR – Hoje, dia 29, a ADESG/RJ prestou homenagem à Associação Brasileira de Imprensa. Na dupla condição de jornalista e esguiano, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou a respeito do papel da imprensa na democracia brasileira.

CONVITE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS AO PRESIDENTE DA ABL – O Presidente da ABL foi convidado para realizar palestra sobre Machado de Assis na Academia Paulista de Letras, amanhã, dia 30 de maio. A reunião da Academia Paulista de Letras realiza-se normalmente às quintas-feiras, mas foi transferida para a sexta, excepcionalmente, para não coincidir com a da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira encontra-se em Lisboa até o dia 1.º de junho, participando da Feira Internacional do Livro que se realiza na capital portuguesa, onde ministrou, nos dias 26 e 27, as conferências “Uns braços: nenhum abraço” e “Machado de Assis cronista”, a convite da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fez ainda outras palestras em Coimbra, tendo sempre como tema a obra de Machado de Assis, cujo centenário da morte se comemora neste ano.

MESA REDONDA SOBRE “AS LINGUAGENS DO CONFLITO – 40 ANOS APÓS 1968” – O Instituto Italiano de Cultura, com a participação da Academia Brasileira de Letras, realizou no dia 27 do corrente mês, às 19 horas, mesa-redonda sobre “As linguagens do conflito – 40 anos após 1968”. Sob a coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, Presidente da ABL, falaram o filósofo italiano Gianni Vattimo, a representante indígena Yakuy Tupinambá, os Professores Massimo Di Felice e Andréa Lombardi.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy encontra-se em Lisboa até o dia 31 do corrente, como convidado de honra da World Academy of Anti-Aging Medicine para participar do I.º Congresso Anual da entidade. O Acadêmico Ivo Pitanguy fez conferência sobre o tema “ Helping to preserve the dignity of the body during the aging process”.

HOMENAGEM A D. LOURENÇO – Amanhã, dia 30, no Colégio São Bento, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizará palestra sobre “D. Lourenço de Almeida Prado, o Educador”.

ANO XLVIII – N.º 18

Em 5 de junho de 2008

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GUIMARÃES ROSA – Coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, teve início no dia 27 de maio, às 17h30min, o terceiro ciclo de conferências da Academia, que versa sobre o “Centenário do nascimento de Guimarães Rosa”. A primeira conferência foi proferida por Kathrin Rosenfield sobre o tema “O ‘estrangeiro interno’ de João Guimarães Rosa”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 3 de junho foi proferida por Luis Roncari sobre “Patriarcalismo e dionisismo no santuário do Buriti Bom”; no dia 10 de junho a palestra estará a cargo de Per Johns sobre “A viagem em busca do ‘quem das coisas’” No encerramento, dia 17 de junho, as conferências serão ministradas por Adriano Espindola e Vilma Guimarães Rosa sobre “*De Magma a Ave, palavra*”.

DOAÇÃO À ACADEMIA – Na sessão plenária de hoje, por intermédio do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, o Doutor Cláudio Lopes de Almeida fará a doação à Academia Brasileira de Letras do arquivo do Acadêmico Filinto de Almeida.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antonio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira e Reynaldo Valinho Alvarez.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA – Comemorou-se no dia 3 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que ocupa a Cadeira 35 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 12 de junho, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Participam os Professores Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Ricardo Cavaliere e Rosalvo do Valle.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 2 de junho, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu a conferência “Viagem em torno de Capitu” no Salão do Livro do Piauí, em Teresina. No dia 4, na Jornada Machado de Assis da Faculdade de Letras da UFRJ, apresentou a palestra “Em nome do pai”. No dia 7, fala sobre o centenário de morte de Machado de Assis, na II Bienal de Crônicas Rubem Braga, em Cachoeiro de Itapemirim.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 2 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy esteve em São Paulo para receber o Prêmio Medicina 2008, outorgado pela Fundação Conrado Wessel. Amanhã, dia 6 de junho, Ivo Pitanguy participará em Belo Horizonte, do IX Simpósio de Cirurgia Plástica organizado pelo Hospital Mater Dei. Falará sobre o tema: “Cirurgia do Contorno Corporal”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Comemora-se no próximo dia 10 o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que ocupa a Cadeira 19 do Quadro dos Membros Efetivos.

CAXIAS – No dia 18 de junho, o Acadêmico Arnaldo Niskier irá inaugurar, em Caxias, uma nova unidade do Centro de Integração Empresa-Escola. Falará sobre “Educação Profissional e Humanismo”.

HOMENAGEM A CARLOS CASTELLO BRANCO – O Tribunal de Contas da União, ao atender proposta do Ministro Marcos Vinícios Vilaça, prestou nesta semana homenagens ao Acadêmico Carlos Castello Branco, no 15.º aniversário de sua morte. Na ocasião também foi lembrada sua esposa, a Ministra Elvia Castello Branco, primeira mulher a ocupar essa posição em Tribunal Superior no Brasil.

POLÍTICAS PÚBLICAS – O Acadêmico Arnaldo Niskier falou na UERJ para os 300 participantes do I Seminário sobre Políticas Públicas focadas na humanização de postos de trabalho: diversidade, exercício da cidadania e inclusão social. Foi no dia 2 de junho.

ANO XLVIII – N.º 19

Em 12 de junho de 2008

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE GUIMARÃES ROSA – Coordenado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, teve início no dia 27 de maio, às 17h30min, o

terceiro ciclo de conferências da Academia, que versa sobre o “Centenário do nascimento de Guimarães Rosa”. A primeira conferência foi proferida por Kathrin Rosenfield sobre o tema “O ‘estrangeiro interno’ de João Guimarães Rosa”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 3 de junho foi proferida por Luis Roncari sobre “Patriarcalismo e dionisismo no santuário do Buriti Bom”; no dia 10 de junho, a palestra esteve a cargo de Per Johns sobre “A viagem em busca do ‘quem das coisas’”. No encerramento, dia 17 de junho, as conferências serão ministradas por Adriano Espindola e Vilma Guimarães Rosa sobre “De *Magma* a *Ave, palavra*”.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antonio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Reynaldo Valinho Alvarez, Octavio de Melo Alvarenga, Marcos Santarita e João Carlos Zeferino.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Comemora-se no próximo dia 16 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Ariano Suassuna, que ocupa a Cadeira 32 do Quadro do Membros Efetivos.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Realiza-se hoje, dia 12 de junho, às 17h30min, no Salão Nobre do Petit Trianon, mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Participam os Professores Carlos Eduardo Falcão Uchôa, Ricardo Cavaliere e Rosalvo do Valle.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Dusseldorf, de 11 a 15 de junho, na qualidade de convidado especial do 7th Dusseldorf Breast Cancer Conference. Na ocasião apresentará conferência sobre: “My Contribution to the Aesthetic Surgery of the Breast”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – O Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi convidado para participar do Seminário Fernando Pessoa, a se realizar no King’s College, de Londres, no mês de dezembro, e que reunirá um total de 20 renomados críticos e professores especialistas na obra do poeta português.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélida Piñon proferiu palestra na UERJ, no dia 10 de junho, ocasião em que também participou do lançamento de um DVD que aborda aspectos de sua obra. Nos dias 18 e 24 do corrente dará entrevista no programa Sempre um Papo, respectivamente em São Paulo e Belo Horizonte. No dia 30 de junho estará no MAM às 20 horas, a convite do SNEL.

LANÇAMENTOS NA ABL – Realiza-se no próximo dia 18, às 17h30min, no *Petit Trianon*, o lançamento de *Sonetos*, de Guilherme de Almeida. No dia 19 do corrente mês, às 17h30min, também no *Petit Trianon*, será lançado o livro *Sol e Terra – Sinfonia do Desbravador*, de Daisaku Ikeda, Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras.

QUARTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, terá início no dia 24 de junho, às 17h30min, o quarto ciclo de conferências da Academia, que versará sobre os “Aspectos da Literatura Machadiana I”. A primeira conferência será proferida pelo escritor português Helder Macedo sobre o tema “A cigana e o mulato”.

VIII FEIRA DO LIVRO DE RIBEIRÃO PRETO – Os Acadêmicos Evanildo Bechara e Carlos Nejar foram convidados para a VIII Feira do Livro de Ribeirão Preto, onde proferiram conferências, o primeiro sobre o tema “A língua é o que os seus falantes fazem dela”, e o segundo sobre “A criação literária”.

ANO XLVIII – N.º 20

Em 19 de junho de 2008

LANÇAMENTOS NA ABL – Realiza-se hoje, dia 19 do corrente, às 17h30min, no *Petit Trianon*, o lançamento dos livros *Sonetos*, de Guilherme de Almeida, e *Clarice: Fotobiografia*, de Nádia Battella Gotlib, além de *Sol e Terra – Sinfonia do Desbravador*, de Daisaku Ikeda, Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Letras.

MISSA DE 30.º DIA DO FALECIMENTO DE ZÉLIA GATTAI AMADO – Realiza-se amanhã, dia 20 do corrente, na Igreja de Santa Luzia, às 11 horas, a Missa de 30.º dia do falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado.

QUARTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, terá início no dia 24 de junho, às 17h30min, o quarto ciclo de conferências da Academia, que versará sobre “Aspectos da Literatura Machadiana I”. A primeira

conferência será proferida pelo escritor português Helder Macedo sobre o tema “A cigana e o mulato”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 1.º de julho será proferida por Luiz Paulo Horta e José Miguel Wisnik sobre “A Música em Machado de Assis”; no dia 8 de julho, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre “A Paisagem em Machado de Assis”; no encerramento, dia 15 de julho, a conferência será ministrada pela Acadêmica Nélida Piñon sobre “O Rio de Janeiro na Ficção Machadiana”.

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “MACHADO VIVE!” – Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 26 de junho de 2008, às 17h 30min, a abertura da exposição “Machado Vive!”, com palestra da Acadêmica Nélida Piñon.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres, Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Reynaldo Valinho Alvarez, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino e Palmerinda Vidal Donato.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS HOMENAGEADA NO TOCANTINS – Convidado pelos Srs. Júlio César Machado e Osmar Casagrande, presidente e diretor da Fundação Cultural do Estado de Tocantins, o Acadêmico Murilo Melo Filho esteve na cidade de Palmas, onde foi recebido pela Academia Tocantinense de Letras e fez, para os estudantes da Universidade Federal, uma conferência sobre a ABL e o seu livro *Testemunho Político*.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Após participar da Bienal Rubem Braga em Cachoeiro do Itapemirim, com uma palestra no dia 8, a Acadêmica Ana Maria Machado, teve um encontro dia 16 com alunos do Instituto Benjamin Constant, no Rio, incluindo leitura de trechos de seus livros e discussão com a platéia. Dia 18, a Acadêmica esteve no Centro Cultural Ação da Cidadania para debater seu romance *Tropical Sol da Liberdade* com a comunidade, no quadro de um ciclo de atividades sobre 1968.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA – Realiza-se na terça-feira, dia 24 de junho de 2008, às 18h30min, na Pequena Galeria do Centro Cultural Candido Mendes, o lançamento do livro *Candido Mendes: a Aventura da*

Consciência, ensaios em homenagem aos seus oitenta anos, com organização de Maria Isabel Mendes de Almeida e Enrique Rodríguez Larreta.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Realiza-se no dia 27 de junho, mais um concerto da Série Música de Câmara na ABL – “A Música que Machado Ouviu” (Clube Beethoven). Álvaro Siviero, piano; Winston Ramalho, violino; Fabio Presgrave, violoncelo. Obras de Liszt, Schumann, Tchaikovski e Mendelssohn.

MACHADO – Na Academia Paulista de Letras, no dia 12 de junho, a Acadêmica Lygia Fagundes Telles realizou palestra sobre “Capitu”. Foi apresentada pelo Acadêmico José Nalini, presidente da APL.

ANO XLVIII – N.º 21

Em 26 de junho de 2008

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “MACHADO VIVE!” – Realiza-se hoje, dia 26 de junho de 2008, às 17h30min, no Salão Nobre da Academia, a abertura da exposição “Machado Vive!”, com palestra da Acadêmica Nélide Piñon.

QUARTO CICLO DE CONFERÊNCIAS – Coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira, teve início no dia 24 de junho, às 17h 30min, o quarto ciclo de conferências da Academia, que versa sobre “Aspectos da Literatura Machadiana I”. A primeira conferência foi proferida pelo escritor português Helder Macedo sobre o tema “A cigana e o mulato”. As demais conferências se realizarão sempre no mesmo horário. A conferência do dia 1º de julho será proferida por Luiz Paulo Horta e José Miguel Wisnik sobre “A Música em Machado de Assis”; no dia 8 de julho, a palestra estará a cargo do Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre “A Paisagem em Machado de Assis”; no encerramento, dia 15 de julho, a conferência será ministrada pela Acadêmica Nélide Piñon sobre “O Rio de Janeiro na Ficção Machadiana”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – Comemora-se no próximo dia 30 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que ocupa a Cadeira 26 do Quadro dos Membros Efetivos.

CANDIDATOS À CADEIRA 23 – Concorrem à Cadeira 23, vaga com o falecimento da Acadêmica Zélia Gattai Amado, os Srs. Luiz Paulo Horta, Jeff Thomas, Antônio Torres,

Nelson Valente, Marcelo Henrique, Ricardo Cravo Albin, Isabel Lustosa, Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, Marco Aurélio Lomonaco Pereira, Ziraldo Alves Pinto, Blasco Peres Rego, Paulo Hirano, Valter Escravoni Alberto, Fábio Lucas, Embla Rhodes, José Paulo da Silva Ferreira, Reynaldo Valinho Alvarez, Octavio de Melo Alvarenga, João Carlos Zeferino, Palmerinda Vidal Donato, Felisbelo da Silva e Marylena Barreiros Salazar.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL — Realiza-se amanhã, dia 27 de junho, mais um concerto da Série Música de Câmara na ABL — “A Música que Machado Ouvia” (Clube Beethoven). Álvaro Siviero, piano; Winston Ramalho, violino; Fabio Presgrave, violoncelo. Obras de Liszt, Schumann, Tchaikovski e Mendelssohn.

PRÍNCIPE NARUHITO — No Palácio Laranjeiras, no dia 24 de junho, os Acadêmicos Cícero Sandroni e Arnaldo Niskier, a convite do Governador Sérgio Cabral, compareceram ao almoço em homenagem a sua Alteza Real, o Príncipe Naruhito, herdeiro do trono japonês.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS — Realiza-se no próximo dia 3 de julho, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasis” sobre “Cultura e Violência”. Coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, terá como palestrantes José Gregori, Michel Misse e Paulo Saboya.

JARBAS PASSARINHO PROFESSOR HONORIS CAUSA — O ex-Ministro da Educação e Cultura, Acadêmico Jarbas Passarinho (Academias Paraense e Brasiliense de Letras) foi distinguido pela Universidade do Parlamento Brasileiro com o título de professor honorário, em sessão ocorrida no Plenário do Senado. O Acadêmico Marcos Vilaça teve sua presença destacada pela Presidência do Congresso Nacional.

ALÉM DA PORTARIA — Com prefácio do Acadêmico Arnaldo Niskier, será lançado no dia 28 de agosto, na ABL, o livro *Para Além da Portaria*, do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Edições Consultor.

LEITURAS DRAMATIZADAS — Prossegue no Teatro R. Magalhães Jr. A programação de Leituras Dramatizadas. De 18 a 25 de junho, às 15 horas, Silvia Eleutério leu *Desencantos*, de Machado de Assis; de 2 a 9 de julho, a Cia. de Atores de Laura Dias apresenta “O Mambembe”. Dentro da mesma programação, no dia 17 de julho, às 18h 30min, a leitura de *Capitu – Memórias Póstumas*, de Domício Proença Filho, será feita pela atriz Fernanda Montenegro.

ENCONTRO COM O BARÃO – O Acadêmico Candido Mendes de Almeida fará, no próximo dia 30 de junho, às 10h, conferência intitulada “Nossa identidade, temporã e inteira”, dentro do programa “Encontros com o Barão”, da Fundação Alexandre de Gusmão, no Palácio do Itamaraty.